E se o seu marido fosse
o grande amor de outra pessoa?

NOSSA MÚSICA





"Uma visão fascinante sobre amizade,
família e a fragilidade da vida." – *The Lady*

DANI ATKINS

AUTORA DE *UMA CURVA NO TEMPO*


NOSSA
MÚSICA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



DANI ATKINS

ARQUEIRO

Título original: *Our Song*

Copyright © 2016 por Dani Atkins
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Ana Kronemberger e Rachel Rimas

diagramação: Eloísa Fróes

capa: Jenny Richards S&S arts dept

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A89n

Atkins, Dani
Nossa música [recurso eletrônico]/ Dani Atkins; tradução de Raquel Zampil. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: Our song
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-726-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

17-41378

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Ralph,
por ser a melodia da minha música.

CAPÍTULO 1

Muitas coisas poderiam ter mudado o desfecho daquela noite.

Ele poderia ter ido trabalhar de carro em vez de deixar que a esposa o usasse. No entanto, ela não teria chegado a tempo para a apresentação de Natal na escola. E ele sabia quanto era importante para Jake que pelo menos um dos pais estivesse na plateia no dia de sua estreia na peça. Ele era esse tipo de pai.

Poderia ter ido para o pub. Mas ele não teve a menor dificuldade para escolher entre passar o tempo bebendo com colegas de trabalho e voltar para casa, para sua linda mulher. Absolutamente nenhuma. Mesmo depois de sete anos de casamento, não queria perder um só momento com ela. Jamais ia querer. Ele era esse tipo de marido.

Poderia ter ignorado as crianças que lhe pediram ajuda enquanto ele cruzava o parque. Poderia ter lhes dito que seu cachorro conseguiria sair sozinho do lago congelado. Porém, ao ver a expressão de terror nos olhos do animal que tentava escapar do buraco no gelo, soube que teria que resgatá-lo. Ele era esse tipo de homem.

~

A menina não devia ter mais de 9 anos; o garoto parecia ser mais novo que Jake, seu filho. Tinham surgido em disparada por entre as árvores que ladeavam o caminho, agarrando-o pelo braço e falando, ou melhor, gritando frases sem sentido. Por um momento de loucura, ele pensou que estivessem tentando roubá-lo. Chegou a se imaginar abrindo a porta de casa e contando à esposa que fora assaltado por crianças – e, a propósito, querida, como foi o *seu* dia? Mas não era de dinheiro que elas estavam atrás, ele logo percebeu, embora tivesse levado algum tempo para entender o que de fato queriam, porque ambos choravam histericamente.

– Ei, calma. Qual é o problema? – perguntou ele, dirigindo-se à menina.

– Por favor, o senhor pode ajudar a gente? Aconteceu uma coisa com Marty e Todd. O senhor pode vir?

A menina o puxava pelo braço, tentando tirá-lo da trilha e levá-lo pelo estreito bosque coberto de neve. Ele conhecia bem o parque, que frequentara na infância, onde disputara partidas de futebol na adolescência, e agora o usava como atalho para ir e vir da obra em que vinha trabalhando. Não havia nada além de árvores ali, exceto um grande lago com alguns barcos que delimitava a área do parque.

Um arrepio percorreu seu corpo e não tinha nada a ver com a baixa temperatura daquele dia.

– Ei, calma – pediu ele, resistindo ao puxão surpreendentemente forte. – Respire fundo e me conte o que aconteceu. Quem são Marty e Todd e onde eles estão?

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, a garota falava tão rápido que parecia que cada palavra colidia na anterior:

– Marty é nosso irmão mais velho. A gente estava brincando com Todd perto do lago, e eu disse para Marty que ali não era seguro, mas ele falou que não tinha problema, e aí Todd correu de costas e acabou no meio do lago, e primeiro pareceu que estava tudo bem, porque a água está congelada, mas depois o gelo rachou e ele caiu e não conseguiu sair. Aí Marty foi ajudar Todd e caiu também.

– Mostre onde eles estão – ordenou o homem, já começando a correr em direção às árvores.

As crianças, um pouco mais calmas agora que haviam encontrado um adulto para tomar conta da situação, foram atrás dele.

– Vocês estão aqui com alguém? Seus pais ou outra pessoa? – perguntou ele, as palavras saindo abruptas, firmes, acompanhadas por uma nuvem de vapor.

Ele já censurava os adultos que tinham permitido que essas crianças corressem tamanho perigo. Nem em um milhão de anos ele deixaria Jake ir para o parque desacompanhado. Seu jeito superprotetor às vezes incomodava a esposa, mas olhe só o que podia acontecer quando os pais deixavam os filhos sozinhos: eles caíam em lagos congelados.

Aguentem firme, garotos. Estou chegando.

Ele irrompeu do meio das árvores, parando na margem do lago.

Instintivamente, abriu os braços para barrar as crianças que corriam ao seu lado e impedi-las de escorregar pela pequena inclinação coberta de neve e ir parar no gelo.

– Olhe eles ali! – exclamou a garota, estendendo um braço trêmulo para indicar, a cerca de 15 metros, dois pontos onde a superfície fina de gelo havia rachado e Marty e Todd tinham caído.

Os olhos do homem correram de uma fenda à outra no gelo, avaliando a situação. Era ruim, mas não tanto quanto temera. Do buraco mais distante veio uma série de latidos curtos e agudos quando Todd avistou sua família. Mas a maior preocupação do homem estava no outro buraco, onde um garoto que parecia ter uns 11 anos tentava manter os cotovelos na instável borda de gelo. Ele chorava, apavorado, e ainda assim olhava para trás a todo instante, tentando ver o cãozinho de estimação que se debatia na água gelada para se manter na superfície.

– Aguente firme, filho. Mantenha os cotovelos no gelo e tente não bater muito as pernas. Estou indo buscá-lo! – gritou o homem, tirando o casaco acolchoado e jogando-o na margem coberta de gelo.

O rosto do menino estava branco de medo, com as sardas em seu nariz, uma lembrança distante do verão, destacadas feito respingos de tinta marrom em uma tela branca.

– P-por f-favor, pegue o Todd p-primeiro – implorou o garoto, batendo os dentes. – Ele está na água há mais tempo do que eu.

O homem não respondeu, não queria deixar o garoto ainda mais agitado. Ele olhou novamente para o cão. O animal lutava freneticamente, tentando escalar as bordas irregulares do gelo, que lembravam os dentes afiados de um esqueleto. A mandíbula da morte. O homem estremeceu.

– Pessoas primeiro, cachorros depois – proferiu ele ao se encaminhar, com cuidado, à superfície escorregadia do lago, que mais parecia de vidro.

Firmou o peso em um pé, preparando-se para recolhê-lo rápido se o gelo estalasse ou se partisse debaixo dele. Tudo permaneceu quieto e sólido, então ele foi em frente.

Quinze metros que mais pareciam quilômetros. Depois de dois ou três passos, notou a mudança sob suas pesadas botas de trabalho. O que de início parecera sólido e seguro agora apresentava uma consistência esponjosa. Ele fez

uma pausa, olhou para trás, para as duas crianças na margem, e abriu um sorriso breve e tranquilizador. Bem devagar, foi se abaixando, primeiro se agachando, depois ficando de quatro, até por fim se deitar no gelo. *Distribua o peso*, disse a si mesmo, tentando lembrar-se de qualquer outro conselho que já tivesse ouvido para uma situação como aquela. Mas o único que lhe vinha à cabeça era: *não faça isso*. Ele soltou o ar ruidosamente pela boca e trincou os dentes.

Começou a se arrastar até o garoto, lutando contra o ímpeto de se apressar, pois sabia que o gelo era instável e traiçoeiro. Sua impressão era que estava ali havia horas, mas só podiam ter se passado minutos. Ele enfim se viu perto o bastante para agarrar uma das mãos cobertas com luva de lã.

– Segure firme – instruiu, já enroscando os dedos nos punhos ossudos do menino para dar mais firmeza. – Vamos tirar você daí já, já.

Era uma promessa que ele rezava para que pudesse cumprir.

Ele se preparou, e até mesmo o cão ficou em silêncio, como se também se desse conta da importância do momento. O homem puxou o mais forte que pôde, tentando não se preocupar com a possibilidade de o garoto sofrer uma luxação ou se ferir nas bordas afiadas do gelo. Esses problemas poderiam ser resolvidos. Mas, se Marty escorregasse e afundasse sob a superfície gelada, talvez já não fosse possível ajudá-lo.

O garoto voou da água como um peixe no anzol. Da margem, as crianças menores comemoraram de alegria. O homem trincou de novo os dentes. Ainda não estavam a salvo.

– P-podemos t-tirar Todd agora? – pediu o garoto.

O homem sacudiu a cabeça brevemente enquanto começava a deslizar para trás centímetro a centímetro, em direção à margem, puxando o menino.

– Primeiro vamos levar você para terra firme. Depois nos preocupamos com seu cachorro – replicou, torcendo para que a mentira acalmasse o garoto até que estivesse fora de perigo.

Marty era magro, mas estava encharcado e não conseguiria seguir sozinho. E o risco de hipotermia em um corpo tão franzino era muito provável.

O homem sentiu um alívio enorme quando por fim empurrou o garoto para fora do gelo, uma sensação que lhe acometera pouquíssimas vezes na vida, talvez só comparável ao momento em que lhe disseram, na sala de parto, que as duas pessoas que mais amava no mundo estavam bem. Ele pegou seu grosso

casaco acolchoado e envolveu o menino, esfregando energicamente o corpo frágil e trêmulo para reativar a circulação.

– Você está bem? Consegue respirar? Está machucado? – perguntou o homem, já tirando o telefone do bolso do casaco.

– Não. Só frio – disse o garoto, com os lábios azulados. – Obrigado. O senhor vai voltar para pegar o Todd agora, não vai?

A ligação para o serviço de emergência se completou naquele momento, e ele aproveitou para apenas erguer a mão para o menino, adiando a resposta enquanto pedia uma ambulância. Mas seus olhos revelaram suas intenções. Ele sempre fora um péssimo mentiroso. As duas crianças menores se juntaram ao irmão, os três olhando para o membro da família que continuava em perigo. Eles conversaram de forma apressada, em sussurros urgentes, mas ainda assim o homem demorou a perceber o que estava acontecendo. Foi só quando viu Marty livrar-se do casaco que o envolvia que ele se deu conta dos planos do menino.

– O senhor não vai ajudar o Todd a sair da água, não é? – perguntou o garoto, a voz trêmula.

Três rostinhos o fitavam, cada um deles implorando para que ele afirmasse que iria.

– Ele é um cachorro – argumentou o homem, já se dando conta da inutilidade de tentar fazê-los entender.

– É *claro* que ele é um cachorro – replicou o menino mais novo, com um olhar depreciativo e a voz desdenhosa. – Mas o senhor tirou Marty. Por que não pode tirar o Todd?

Os olhos dos três o perfuravam. O homem olhou de volta para o lago e percebeu que os valentes esforços do animal pareciam diminuir à medida que ele ficava mais gelado e fraco. Grandes pedaços de gelo se soltavam sob suas patas frenéticas sempre que ele se aproximava da borda, fazendo-o mergulhar de volta nas profundezas glaciais.

– Ele vai conseguir sair sozinho – disse o homem, exibindo uma confiança que na verdade não sentia. – Os cachorros são espertos. Dê só um minuto a ele.

O menino que ele tinha acabado de resgatar o encarou com inegável decepção.

– O senhor *tem* que ajudar o Todd, senão ele vai se afogar ou morrer congelado – alegou, com uma certeza inabalável. – E, se o senhor não vai buscá-

lo, então eu vou.

Marty se moveu em direção à margem do lago congelado. O homem o conteve sem dificuldade. O corpo frio e ossudo se debateu, tentando se libertar.

– Então eu vou – declarou a irmã, determinada, aproximando-se da borda do gelo mais do que seria prudente.

– Ou eu – acrescentou o mais novo.

O homem deixou escapar um murmúrio de desespero. Ele podia impedir um deles, mas não os três.

– Todd! – gritou o garoto, contorcendo-se nos braços do homem.

As crianças arquejaram em uníssono quando seu cachorrinho de estimação desapareceu sob a superfície da água. Depois de dez agonizantes segundos, sua pequena cabeça peluda reapareceu, e foi nesse momento que o homem soube que não tinha opção, porque ele vira a expressão de derrota nos olhos do animal. Ele estava desistindo.

– Merda – disse o homem, olhando à sua volta à procura de outra solução, outro adulto. Mas não havia.

Sabia que o que estava prestes a fazer era uma péssima ideia, mas qual era a alternativa? O gelo o havia sustentado antes, sustentaria outra vez. Assim ele esperava.

Ele se voltou para as três crianças, que agora choravam. Pousou a mão forte e firme nos ombros das duas mais velhas.

– Muito bem. Ouçam com atenção. Vou tentar ajudar o Todd, mas com uma condição.

Três cabeças assentindo já prometiam que concordariam com qualquer coisa que ele pedisse.

– *Ninguém*, repito, *ninguém* deverá dar sequer um único passo nesse gelo. Ninguém, exceto eu. Entendido? O que quer que aconteça, vocês três devem ficar bem aqui, onde estão, até eu voltar. Prometem?

Os olhos dos três estavam arregalados de terror, mas novamente eles assentiram. O homem lançou um último e esperançoso olhar para os arredores, só que no fundo não esperava encontrar mais ninguém andando na margem do lago àquela hora. Ele ergueu a cabeça para o céu. Em quinze minutos estaria tudo escuro. Se ele ia mesmo cometer aquela loucura, então não tinha muito tempo.

Tornou a pisar no gelo.

O táxi o deixou na esquina, a uma curta caminhada da loja de departamentos.

– Aqui está bom, companheiro?

O homem deixou de lado os e-mails e ergueu os olhos da tela. As calçadas da Oxford Street estavam cheias de pessoas fazendo compras de última hora – o que já era de se esperar, pois faltava menos de uma semana para o Natal.

– Sim, está ótimo – murmurou o homem, guardando o telefone e puxando uma cédula da carteira.

Ele nem olhou para o valor mostrado no taxímetro, apenas entregou a nota e falou automaticamente:

– Fique com o troco.

O taxista sorriu e foi logo guardando o dinheiro no bolso, para o caso de o homem ter entregado a cédula de valor mais alto por engano.

– Feliz Natal, companheiro – disse o motorista, quando o homem já se encontrava do lado de fora.

O passageiro se limitou a assentir, sua atenção agora voltada para o que havia atraído seu olhar quando eles pararam na esquina. Diante da loja de departamentos à qual ele se dirigia havia uma pequena banda de metais, ou orquestra, ou conjunto (ele nunca entendera a diferença). Qualquer que fosse o nome, havia pessoas com uma variedade de instrumentos musicais, posicionadas em um grande semicírculo atrás de estantes de partitura e seguindo os movimentos entusiasmados dos braços do maestro. O som de canções natalinas enchia a rua, abafando o trânsito de Londres e colocando um sorriso de nostalgia até em quem preferia não parar para ouvi-las.

Ele se pôs a caminhar na direção da loja, atrapalhado pelo fluxo da multidão. No entanto, após apenas 20 metros, uma desconfortável sensação de aperto e sufoco atingiu seu peito como um pequeno cometa flamejante. Foi tão súbita e inesperada que ele parou de repente, e um homem com tatuagens, piercings e jaqueta de couro que vinha logo atrás se chocou com ele.

– Não dá para parar assim no meio da rua, cara! – vociferou o tatuado, alheio ao espírito natalino que contagiava a multidão reunida pela música.

– Desculpe – murmurou ele, mais preocupado com a recorrência daquele estranho sintoma do que com a ira do homem.

Ele estava ficando doente, sem dúvida. Era a terceira vez em dois dias que sentia aquilo. Estendeu a mão, apoiou-se no poste e esperou que o mal-estar passasse. Estava frio; a previsão do tempo anunciara que poderia nevar à tarde e à noite. No entanto, ele de repente sentiu um calor extremo. Teve que lutar contra o impulso de arrancar o caro sobretudo de lã e o paletó. Tocou os lábios, nem um pouco surpreso ao sentir pequenas gotas de suor. Droga. Devia ter pegado aquela gripe que vinha se espalhando pelo escritório. Era muito azar ficar doente logo no recesso de fim de ano. Bem, ainda tinha uma semana antes da viagem – devia ser tempo bastante para se recuperar. Ele sorriu e tateou o bolso interno, onde as passagens para Nova York – uma surpresa para a esposa – estavam escondidas. Ela vinha querendo voltar lá havia séculos, mas ele sempre dava uma desculpa e adiava. Mas qual era o sentido de trabalhar tanto, como ambos faziam, se não pudessem esquecer os compromissos um pouco e se dar um presente de vez em quando? Tornou a sorrir, imaginando a expressão dela quando visse o que ele tinha feito. Reservara um hotel de luxo, comprara lugares excelentes para um espetáculo da Broadway e estava preparado, munido de paciência, para deixá-la visitar a cidade inteira sem correria ou fazer compras até cansar. Se isso não fosse amor verdadeiro, então ele não sabia o que era.

Em menos de um minuto, a estranha sensação em seu peito havia passado. Fez uma anotação mental para comprar uma caixa de paracetamol e se misturou mais uma vez ao fluxo de pedestres. Havia muitas pessoas em torno do grupo musical, algumas cantarolando, por isso ele demorou um pouco a alcançar as portas de vidro giratórias da loja. Precisou parar e esperar sua vez por algum tempo. Ele estava de costas para o conjunto e, mesmo não sendo músico – longe disso –, quando as notas do trompete soaram altas e claras atrás dele, reconheceu o instrumento. Mais uma vez ele experimentou aquela compulsão familiar, que, mesmo após tantos anos, não conseguia ignorar. Sua cabeça se virou e seus olhos foram direto para a pessoa que tocava o reluzente instrumento de metal. Era involuntário, um reflexo; ele fazia isso sempre que estava em um show, um concerto ou qualquer apresentação ao vivo. Era como se as notas do trompete o chamassem feito o canto de uma sereia. Fazia isso havia muitos anos, provavelmente faria para sempre. Seu olhar se elevou até o rosto do músico que

soprava o instrumento na agitada rua de Londres. Não era ela. Nunca era.

Quando entrou na loja, a cortina de ar quente que jorrou das saídas de ventilação lhe deu a impressão de estar em uma estufa. O coquetel de fragrâncias de centenas de perfumes e cosméticos que circulava por ali só aumentou essa sensação. Por um instante ele lamentou a decisão de fazer compras no meio do dia, mas sua agenda estava cheia de compromissos até que o escritório fechasse para o Natal; aquele era o único tempo livre que teria pelos dias seguintes.

Foi seguindo pela loja, impelido pelo fluxo de clientes, até que encontrou o departamento que procurava. Havia vantagens em ter mais de 1,80 metro e, sem dúvida, poder ver acima das cabeças de uma multidão era uma delas. Ele conseguiu contornar as pessoas indecisas e as que olhavam cada peça à venda, evitou o jato de uma colônia que não tinha o menor interesse em experimentar e encontrou o balcão de joias que procurava.

Estava em busca de outro presente de Natal para a esposa. Seria o último a se juntar à coleção de embrulhos de lojas sofisticadas que ele já escondera no fundo de seu armário. Ambos costumavam exagerar um pouco nos aniversários, nas bodas e, é claro, também no Natal. Seria fácil imaginar que faziam isso para compensar algo que faltava em suas vidas, mas a verdade era bem mais simples: ele simplesmente gostava de mimá-la.

Parou diante da deslumbrante coleção de joias assinadas que se encontrava trancada em um gabinete de vidro. Estava orgulhoso por ter lembrado que, alguns meses antes, ela comentara ter gostado daquela coleção em particular. Mas ele não esperara que houvesse tantas peças a escolher. Ia precisar de ajuda.

– Posso ajudá-lo?

Ele ergueu os olhos e sorriu para a vendedora, que, por sua vez, observou com atenção o homem alto de olhos azuis penetrantes e incrivelmente bonito parado diante do balcão. Ela retribuiu seu sorriso com mais interesse. O homem não percebeu, mas ela se aproximou um pouco mais e seu olhar mudou ao encará-lo. Não era uma reação incomum. Não que ele fosse arrogante nem convencido, só que costumava atrair as mulheres; nunca tivera muito trabalho nesse aspecto. *Exceto uma vez*, lembrou-lhe uma voz que ele sempre tentava ignorar. Apagou aquela centelha de lembrança como faria com uma chama, antes que se espalhasse. *Maldito trompete*, pensou, irritado.

– Sim, por favor. Estou procurando um presente para a minha esposa.

A balconista não abaixou a cabeça a tempo para disfarçar a decepção.

– Em que exatamente estava pensando? Temos pulseiras e cordões lindos que acabaram de chegar. Gostaria de começar por eles?

O homem assentiu com um leve dar de ombros, e a vendedora riu.

– Não se preocupe. Ajudamos muitos maridos a escolher um presente especial para a esposa. Tenho certeza de que encontraremos algo perfeito para ela.

Quinze minutos depois, ele continuava longe de decidir. Correu um dedo por dentro do colarinho ao se abaixar para examinar as joias expostas no veludo azul. Estava ficando quente no interior da loja e ele se perguntou se não teriam aumentado o aquecimento. Além disso, a lâmpada que pendia logo acima do balcão para realçar as joias irradiava calor sobre sua cabeça. Ele havia começado a transpirar, o corpo inteiro encharcando-se com um suor pegajoso, e desejou que tivesse parado para comprar o paracetamol antes de escolher o presente. Tinha certeza de que estaria melhor se tivesse tomado um ou dois comprimidos.

De repente, tudo que desejava era sair logo daquela loja supercara, superquente e superlotada. Ele não só queria como *precisava* de ar fresco. Sentia a pulsação forte e rápida em seu pescoço e, quando falou, teve que fazer um esforço monumental para se manter respirando.

– Vou levar este aqui – disse, indicando aleatoriamente um dos cordões.

– Ótima escolha – elogiou a vendedora, erguendo a joia. – Gostaria que embrulhasse para pres... – Ela hesitou, a voz subitamente cheia de preocupação: – Está se sentindo bem?

Ele tentou encontrar um sorriso tranquilizador, mas o esforço provocou uma estranha dor aguda em seu maxilar.

– Estou bem – mentiu, apoiando um braço no balcão, porque de repente não confiava que suas pernas suportariam o peso do corpo. – Só está um pouquinho quente aqui.

– Gostaria de um copo d’água ou algo assim?

O homem aquiesceu, querendo conservar o ar em seus pulmões, que pareciam estar lutando para fazê-lo respirar. *Que tipo de gripe é esta?,* pensou ele, preocupado.

Ele nem mesmo ouviu a mulher pedir a uma de suas colegas que buscasse um copo d’água, porque estava preocupado demais em não tombar ali mesmo no

corredor e se transformar em um espetáculo diante da horda de consumidores.

– Tem uma cadeira logo ali adiante – disse a vendedora, tocando de leve em seu cotovelo e indicando uma cadeira de veludo vermelho ao lado do balcão.

– Não, está tudo bem – respondeu ele, alheio ao fato de que suas palavras saíam de lábios que já se tornavam azulados.

Agora a atendente estava preocupada *de verdade*.

– O senhor gostaria que eu chamasse o gerente? Ele pode perguntar pelo alto-falante se há algum médico na loja...

– Por Deus, não – pediu o homem, enfático. – É só uma gripe. Vai passar em um minuto.

A mulher pareceu ter sérias dúvidas em relação a isso. Olhou à sua volta para ver se tinham trazido a água, mas não havia ninguém ali a não ser os clientes, amontoados como um cardume de carpas ao ser alimentado.

– Pegue – disse a vendedora, estendendo-lhe uma garrafinha de água que tirou da própria bolsa, sob o balcão. – Ainda não abri.

– Obrigado – murmurou o homem, com a voz fraca.

Uma das mãos dele ainda estava apoiada no balcão, sustentando o peso do corpo, de forma que foi difícil abrir a garrafa, mas por fim o frágil lacre plástico se rompeu, fazendo com que a tampa saísse voando. No entanto, ele não bebeu a água, porque, quando sua mão trêmula levava a garrafinha aos lábios, uma dor súbita e intensa esmagou seu peito. Foi como se um cinto de aço o envolvesse e apertasse cada vez mais. Pontos cinzentos dançaram diante de seus olhos e ele largou o frasco, derramando uma pequena torrente de água no display das joias.

O homem tombou praticamente no mesmo instante em que a garrafa chegou ao chão.

Ally

Dizem que o olfato é o mais eficiente dos sentidos quando se trata de evocar emoções e lembranças. Acho que concordo com isso. Porque, para mim, o cheiro de nuggets estará para sempre associado a más notícias. Na verdade, talvez eu devesse esclarecer que, não exatamente nuggets, mas nuggets queimados. Eles estavam no grill, um dos lados já dourado, o outro quase bom, quando a batida

soou à minha porta. Por um segundo pensei que ele tivesse esquecido as chaves, mas então me lembrei de tê-lo visto tirá-las de manhã do molho que tinha também as chaves do carro.

Distingui os vultos de duas pessoas por trás do vidro fosco da porta da frente. Olhei ao redor, em busca de minha bolsa. Era cedo demais para a visita de cantores natalinos – a noite ainda caía – e as silhuetas eram bastante altas, mas hoje em dia, quando não estão de uniforme escolar, a maioria dos adolescentes parecem adultos.

No entanto, não eram adolescentes, tampouco faziam parte de um coro natalino. Mas estavam de uniforme. Assim que abri a porta, tiraram o quepe ao mesmo tempo, como se tivessem praticado aquele gesto na academia de polícia feito atletas de nado sincronizado. *Por que eles fazem isso?*, uma parte da minha mente perguntou, enquanto minha mão ia até a boca, como se preparada para abafar um grito. A outra mão já se apoiava no batente da porta.

– Sra. Taylor?

Fiz que sim com a cabeça.

– Sra. Alexandra Taylor?

E por que eles fazem isso também? Por que duas perguntas em vez de uma? Por que perder tempo quando era óbvio que eu era a pessoa que eles procuravam, a julgar pelo sangue que se esvaía do meu rosto.

– Qual é o problema? É o Joe? Aconteceu alguma coisa?

Que pergunta idiota: claro que alguma coisa havia acontecido. Estava lá, nos olhos deles, nos quepes cuidadosamente enfiados debaixo do braço, na pausa que fizeram antes de responder.

– Receio que tenha acontecido um acidente – falou o policial mais alto e um pouco mais velho.

Olhei para o outro homem, como se ele pudesse ter notícias diferentes, mas ele só parecia desconfortável e nervoso. Dava para ver que era a primeira vez que fazia aquilo.

– Mas o carro está *comigo* – aleguei, porque esse era sempre o meu medo quando as estradas estavam cobertas de gelo.

– Não foi um acidente de carro – disse o policial com gentileza, como se a má notícia pudesse de alguma forma ter diminuído minha capacidade mental. Na verdade, provavelmente era o que tinha acontecido. – Podemos entrar?

Eu queria dizer não, porque eu não queria que nada daquilo fosse real. Eu queria fechar a porta – até mesmo batê-la – em seus rostos jovens e solidários e dizer que tinham chegado à casa errada, à mulher errada, ao homem errado.

Eu cambaleei de volta para o hall de entrada e eles me seguiram, um deles estendendo a mão para segurar meu cotovelo e me equilibrar.

– Joe. O que aconteceu com ele? Que tipo de acidente? Ele...

– Seu marido está vivo. Ele foi levado para o Hospital St. Elizabeth. A última informação que recebemos é que seu estado é crítico. Ele ainda está inconsciente.

O cheiro de farinha de rosca queimada vinha da cozinha e chegava até o hall, permeando as palavras quase incompreensíveis.

– Os paramédicos conseguiram reanimá-lo no local, mas ainda não sabemos por quanto tempo ele ficou sem respirar.

Joe sem respirar? Aquilo tinha que ser um terrível engano. Joe respirava bem. Um pouco ruidoso à noite, às vezes, mas eu até gostava daquele barulho. Ele era *excelente* em respirar.

– Não estou entendendo. O que aconteceu com o meu marido? – gritei, agarrando o policial pelas mangas de seu casaco azul e sacudindo-as como se quisesse arrancar a resposta dele.

– Desculpe, devíamos ter explicado. Ele se afogou, Sra. Taylor – foi a resposta totalmente inconcebível.

Em algum lugar bem distante, o alarme de fumaça da cozinha começou a soar.

Charlotte

– Papoula Furiosa ou Luz Vermelha? – perguntou a manicure, com um sorrisinho.

Avaliei os dois frascos na mesa diante de mim. Minha mão pairou acima deles, movendo-se para a frente e para trás, antes de pegar o tom de vermelho mais escuro.

– Acho que uma viagem a Nova York merece uma cor mais ousada – decidi, entregando o vidro a ela.

– Você tem *muuuuita* sorte. – A manicure suspirou, sacudindo o esmalte com vigor. – Eu vou ficar surpresa se meu namorado me der algo além de um kit de produtos de higiene comprado no supermercado. Ele nunca pensaria em me surpreender com uma viagem.

Eu me remexi na cadeira, um pouco constrangida por ter deixado meu segredo escapar para uma garota que eu mal conhecia, que só via no salão. Mas eu precisava contar para alguém. Estava tão entusiasmada que queria compartilhar a notícia, e não podia deixar que David descobrisse que eu tinha lido o e-mail que ele se esquecera de apagar e que confirmava o itinerário da viagem que ele me daria de Natal. E eu não tinha bisbilhotado: praticamente dera de cara com ele enquanto procurava outra coisa. Não sou o tipo de mulher que *fica vasculhando o e-mail do marido. De verdade*, *meritíssimo.* Sorri ao me visualizar no banco dos réus. Talvez uma vez... mas havia muito tempo, em outra vida, de outra eu. Uma pequena e incômoda lembrança emergiu do nada para furar minha bolha de bom humor, arrastando-me de volta a uma noite não tanto tempo antes assim. Fazia só um ou dois meses, na verdade, que os murmúrios do meu marido durante o sono me acordaram no meio da noite. Contraí os músculos involuntariamente, fazendo a manicure passar o esmalte vermelho-vivo fora da unha que lixara até ficar perfeitamente oval.

– Desculpe.

Ela ergueu os olhos e conseguiu esconder o ar de irritação enquanto consertava o defeito.

Eu tivera sorte por conseguirem me encaixar tão em cima da hora, mas eu era uma cliente assídua, então haviam dado um jeito. Pelo menos não tinha que me preocupar em escapulir do trabalho. Essa é a vantagem de ter o próprio negócio: o chefe é sempre muito flexível em relação a coisas assim.

Eu não duvidava nem por um minuto de que David houvesse planejado esse fim de ano até o último detalhe. Ele era um mestre da organização em tudo que fazia. Precisava ser, com o trabalho que tinha. Não haveria nenhum documento faltando, nenhum seguro de viagem inválido, nenhum passaporte expirado. Mas no fim das contas ele ainda era um homem e não imaginaria a necessidade de manicure, pedicure e, claro, de uma boa depilação antes que qualquer mulher que se preze pudesse sair de férias.

Não que eu tivesse a intenção de deixá-lo saber que eu havia descoberto

sobre nossa viagem pós-natalina a Nova York. David ficaria arrasado se eu arruinasse a surpresa, principalmente porque ele, como era óbvio, tivera muito trabalho para me dar esse presente perfeito. Eu não ia fazer nada que estragasse o momento. O que significava que eu passara bastante tempo diante do espelho do banheiro nos últimos dias, praticando minha cara de surpresa e encantamento, até ter certeza de que podia transmitir a mistura certa de assombro e entusiasmo.

Eu me vi sorrindo outra vez, esperando a primeira camada de esmalte secar. A manicure tinha razão: eu era uma garota de sorte. Vi de relance meu reflexo em um dos muitos espelhos do salão. Correção: mulher, não garota. Quando você sai da casa dos 20, é bem provável que já não possa se agarrar ao título de *garota* por muito mais tempo. Olhei de novo para o meu reflexo e me perguntei se David tinha razão, se eu não aparentava a idade que tinha. Meu cabelo louro tinha um corte irregular e estiloso que acompanhava o contorno do meu rosto e seguia a linha do maxilar. Eu fizera luzes sutis para dar o aspecto de que tinha acabado de voltar de férias na praia. Tinha tempo e dinheiro para gastar com maquiagem, manicure, spray de bronzeamento e limpeza de pele. Eu sabia que parecia anos mais jovem que muitas mulheres por quem eu passava na rua, mulheres que deviam ter a mesma idade que eu. Mulheres que pareciam estressadas e preocupadas com a vida enquanto empurravam carrinhos de bebê pelas calçadas, apressadas para chegarem às casas de babás ou creches, arrastando crianças pequenas que pareciam desprovidas de qualquer senso de urgência. Sorte, muita sorte a minha.

Na metade da segunda demão de esmalte, a sonolenta música ambiente foi interrompida por um ruído brusco vindo dos meus pés. Olhei para baixo e senti minha bolsa de couro escuro vibrando, como se uma minúscula criatura estivesse aprisionada dentro dela.

– Desculpe – falei. – Esqueci de tirar o som.

– Não se preocupe – assegurou a manicure, fazendo uma pausa com o pincel no ar antes de continuar: – Quer atender?

– Não. Vou deixar ir para a caixa postal. Simplesmente ignorar.

Porém, o telefone não parou. Instantes depois, quando a pessoa que ligava já teria sido encaminhada para a caixa de mensagens, o aparelho tornou a tocar. Olhei para a bolsa, a testa franzida, como se isso fosse o suficiente para fazer a pessoa desistir.

– Tem *certeza* de que não quer atender? – perguntou a manicure.

Baixei os olhos para minhas unhas vermelhas brilhantes, abertas em leque sobre a mesa como as pontas das asas de uma borboleta exótica. Eu não poderia tocar em nada por pelo menos dez minutos sem arruiná-las.

– Não. Quem quer que seja pode esperar – declarei.

Mas aparentemente não podia, porque não demorou nem um minuto para que o telefone voltasse a vibrar.

– Sinto muito – desculpei-me.

A garota se deteve para atarraxar a tampa do extrabrilho que tinha acabado de aplicar.

– Não se preocupe. Acontece o tempo todo. Quer que eu atenda, porque o esmalte ainda está fresco?

Existe algo um tanto perturbador em observar outra mulher vasculhar sua bolsa, e eu fiquei muito contente quando ela encontrou o telefone, colocou-o na palma da mão e espiou a tela.

– David – leu. – É o seu...

– Marido, sim – concordei, mordendo o lábio.

Ele provavelmente imaginou que eu ainda estivesse no escritório, porque eu não havia contado que tiraria algumas horas para me preparar para uma viagem sobre a qual não deveria saber.

– Você se importa de só dizer a ele que estou ocupada e que ligo de volta em vinte minutos?

David não conhecia todos os membros da minha equipe, portanto, com sorte, pensaria que estava falando com uma das funcionárias juniores e não desconfiaria de nada.

– É claro – replicou ela, apertando o botão para aceitar a chamada.

– Não diga nada sobre onde estou – sussurrei no instante em que ela abriu a boca para falar. – E absolutamente nada sobre Nova York – acrescentei, numa urgência cheia de pânico.

Recostei-me na cadeira sentindo-me culpada, como se tivesse sido pega traindo David ou algo assim, o que era loucura. Como se eu algum dia fosse *capaz* de fazer isso.

– Alô. Não, não é ela. Infelizmente ela não vai poder atender agora.

Seguiu-se um breve silêncio e, como eu observava a manicure com atenção

enquanto ela mentia para o meu marido em meu nome, percebi o exato momento em que ela ficou ciente de que alguma coisa estava errada. Seu rosto ficou vermelho.

– O que foi? O que ele disse? – perguntei, com urgência.

A manicure segurou o telefone junto ao meu ouvido.

– Não é ele, é uma mulher.

Não havia nenhuma razão para pensar nisto, mas, naquele breve milissegundo em que me debrucei sobre a mesa, o nome dela foi o único que passou por minha cabeça. A manicure continuava a segurar o telefone.

– Alô, quem é? – perguntei, percebendo a dureza em minha voz.

– Meu nome é Marie. Trabalho na loja Sunderson's. É a Sra. Williams?

Enquanto eu confirmava minha identidade à mulher, meu cérebro percorria uma lista de possíveis razões para aquele telefonema. E optou pela única que parecia lógica: David devia ter perdido o telefone e essa mulher o encontrara em algum lugar. Gostei dessa solução; fazia sentido.

– Sra. Williams, seu marido me pediu que ligasse para a senhora...

– Ele pediu? Desculpe, mas não estou entendendo – interrompi, minha teoria indo por terra e se despedaçando.

– Ele veio à loja comprar uma... Bem, isso não é importante... Mas ele... ele se sentiu mal.

No tempo que levei para arrancar o telefone da manicure – borrando as unhas –, uma série de imagens cruzou em disparada minha mente: David empurrando para o lado a comida na última noite, mal tocando-a; David tendo que parar entre os lances de escada para recuperar o fôlego ao subir até nosso apartamento; seu rosto ao me dar um beijo de despedida naquela manhã, a cor um pouco mais pálida do que de hábito.

– David está aí? Pode passar o telefone para ele, por favor?

– Não posso fazer isso agora, Sra. Williams – disse a mulher com um pequeno ruído sufocado, parecendo estranhamente estar chorando.

O medo caiu sobre mim como um manto.

– Por que não? Onde ele está? Ele está aí?

A mulher hesitou antes de responder:

– Sim, mas ele não pode falar agora.

– Por que não?

– Porque os paramédicos estão com ele – continuou a mulher, desconhecida. – Estão colocando seu marido na maca agora.

– Paramédicos? Por que ele precisa de paramédicos? – Havia um pânico genuíno em minha voz agora. – Por que ele está numa maca? Por favor, me diga o que aconteceu com ele.

Eu podia ouvir alguém falando ao fundo, e a mulher levou um segundo ou dois para responder:

– Acabaram de me dizer que vão levá-lo para o St. Elizabeth e que a senhora deve encontrá-los lá.

– Por que estão levando David para o hospital? Não estou entendendo. Ele só está gripado ou algo assim.

A mulher pareceu quase se desculpar por ser ela a me dar as más notícias. Era mais do que errado que eu fosse a última a saber.

– Não creio que seja uma gripe, Sra. Williams – disse a mulher, gentil. – Não quero alarmá-la, mas acho que seu marido sofreu um ataque cardíaco.

CAPÍTULO 2

Ally

Câmera lenta. Tudo estava acontecendo em câmera lenta. Quase como se *eu* houvesse submergido. Mas não tinha sido eu, tinha? Fora Joe, debaixo d'água no meio do lago congelado. O que ele estava fazendo lá? Como aquilo tinha acontecido? Os policiais não souberam me dizer, o que parecia ridículo, quase negligente, na verdade. Eles deviam saber que seria a primeira coisa que eu perguntaria. Alguém devia ter se encarregado de descobrir.

– Sra. Taylor? A senhora está bem?

Que pergunta idiota. É claro que eu não estava.

– Sim, sim... Eu só estou... Eu...

Eu tinha a sensação de que fora arrancada da tranquilidade de minha noite e levada para as aterrorizantes profundezas do pesadelo de outra pessoa. Isso não podia estar acontecendo de verdade, podia? O policial mais velho já devia ter lidado com muitos casos de familiares em choque, porque parecia saber bem o que fazer. Ele pôs as mãos em meus braços para me amparar e falou com uma voz firme e comedida:

– Pare um segundo. Respire. Depois vamos resolver tudo aqui para que possamos levá-la para o hospital.

– Eu... Eu estou com o carro, o carro do Joe. Posso ir sozinha.

– Não acho que seja uma boa ideia – explicou o policial, de forma gentil. – A senhora não está em condições de se sentar ao volante. Além disso, podemos levá-la até lá bem mais rápido. Ninguém vai nos deter por excesso de velocidade.

Ele tinha razão: o importante era ir até Joe o mais rápido possível. Ele precisava de mim. Porém, mais do que isso, eu precisava dele; fora sempre assim e sempre seria. Peguei minha bolsa e olhei à minha volta em busca do casaco,

sem enxergá-lo pendurado em um dos ganchos na parede.

O segundo policial, que eu nem mesmo notara que havia desaparecido, voltou da cozinha naquela hora, acompanhado por uma nuvem de fumaça que cheirava a comida queimada.

– Desliguei tudo, mas seu jantar virou carvão – advertiu-me.

– Não é meu, é do meu filho... – Parei de súbito, horrorizada. – Jake! – gritei, como se o tivesse deixado em um carrinho de bebê e, por distração, seguido para casa sem ele.

Como pude ter esquecido que ele estava na sala, vendo televisão, esperando o jantar, esperando que o pai chegasse em casa, esperando a reconfortante rotina que havia se estilhaçado junto com o gelo sob os pés de Joe?

– O que digo a ele? – perguntei aos dois homens, como se o uniforme que usavam lhes desse todas as respostas. – Devo levá-lo para o hospital comigo?

Percebi a indisfarçada solidariedade no rosto de ambos.

– Tem alguém que possa ficar com ele, um parente ou vizinho, talvez...?

Meus pais moravam a uma hora de carro dali e os de Joe haviam se mudado para o litoral havia vários anos, após se aposentarem. Vínhamos planejando passar o verão com eles e Joe havia prometido que esse seria o ano que ele ensinaria Jake a nadar. “É algo útil para toda a vida, e ele precisa saber como se virar na água”, dissera. Um soluço abriu caminho em minha garganta. Com tato, os dois policiais nada disseram enquanto eu lutava para recuperar o controle.

– Alice. Ela mora aqui ao lado. Talvez possa ajudar.

– A senhora pode explicar a situação para o seu filho e eu falo com a vizinha – ofereceu-se o policial. – Qual delas: a da esquerda ou a da direita?

Enquanto meus pés me levavam, vacilante, em direção à sala, ouvi o tema musical de abertura do desenho animado favorito do meu filho.

– Jake – chamei, minha voz nem de perto tão firme quanto eu queria que estivesse.

Eu não queria assustá-lo, mas isso era quase impossível, visto que eu mesma estava apavorada. *Ficou sem respirar.*

– Jake, querido, você pode desligar a televisão rapidinho?

Ele me olhou, confuso, como se eu tivesse acabado de fazer o pedido mais ridículo que se poderia imaginar.

– Preciso falar com você.

– Não dá para esperar, mãe? É o meu episódio favorito – argumentou, com aquela mistura de choramingo e fala mansa que só quem tem menos de 8 anos consegue fazer.

Olhei para a tela.

– Você já viu este, e eu preciso conversar com você. Tenho uma coisa importante para dizer.

Com relutância, Jake apertou o botão *mute*, tirando o som da TV.

– É sobre Papai Noel? – perguntou ele, num tom ansioso. – Porque Tommy Jackson, da minha turma, disse que a mãe dele falou que Papai Noel não existe. Você não vai dizer isso, vai? Ele *existe*, não é?

Fitei seus olhos azuis tão confiantes e senti um aperto no peito. *Não faça isso conosco, Deus*, pensei, quase desafiadora, *não vá ferir o coração dele, não ouse fazer isso*.

– Sim, Jakey, é claro que ele existe – garanti, usando o apelido que, segundo ele me dissera recentemente, não lhe servia mais, agora que tinha crescido.

Ajoelhei-me ao lado dele no tapete meio gasto e tentei puxá-lo para o meu colo. Ele se contorceu, balançando os bracinhos magros, resistindo, mas logo se aconchegou no contorno familiar do meu corpo.

Alisei seu cabelo escuro, tirando-o dos olhos. Ele precisava de um corte. Eu vinha pretendendo marcar uma hora para ele no meu cabeleireiro havia semanas, mas ele esperava que Joe o levasse para fazer algo mais moderno – que eu provavelmente odiaria – na barbearia local. Eu o abracei um pouco mais apertado do que deveria.

– Jake, preciso dar uma saída – falei, com delicadeza.

Ele parou de tentar ver o que Bart Simpson fazia na tela muda e se virou para mim, surpreso.

– Agora? – perguntou. – Mas está quase na hora do jantar.

Eu assenti e tive que engolir em seco várias vezes antes de poder continuar:

– Eu sei, amorzinho, mas Alice, que mora aqui do lado, vai ficar com você. Tenho certeza de que ela vai fazer algo gostoso para você comer.

– Mas aonde você vai? Você nunca sai a essa hora. Você não vai dar aula, vai?

Ele sabia meus horários quase tão bem quanto sabia o horário de seus programas favoritos na TV. Eu dava aulas particulares de música três tardes por

semana, mas na maior parte das vezes os alunos vinham à nossa casa. Era mais fácil assim.

– Não, Jake. Eu tenho que ir ao hospital.

– Por quê, mamãe? Você está doente? – perguntou ele, a voz cheia de preocupação.

Veja só o que vai acontecer, Deus. Melhor voltar atrás. Mude tudo agora mesmo antes que seja tarde. Faça com que tenha sido um engano terrível. Faça com que tenha sido outro Joe Taylor que fez o absurdo de tentar cruzar um lago congelado. Não o nosso.

– Não, Jakey. Não sou eu. É o papai. Ele teve... Ele sofreu um pequeno acidente e foi para o hospital para poder melhorar.

– Que acidente?

– Ele... Ele caiu no gelo.

Não era mentira, mas também não era a mais pura verdade. Jake não precisava saber de tudo. Ainda não.

– Mas ele está bem, não é?

Ficou sem respirar.

– Ah, tenho certeza de que ele vai ficar bem – assegurei-lhe, a mentira queimando minha garganta, minha língua e meus lábios. – Mas preciso ir vê-lo e... e não permitem que crianças entrem na enfermaria dele.

Mais uma mentira para a pilha.

– Então Alice vai ficar com você – acrescentei – e, depois que visitar o papai, vou voltar para casa e contar a você como ele está.

Ouvi um clique e ergui os olhos. Minha vizinha Alice Mathers estava parada no vão da porta. Ainda usava os chinelos felpudos cor-de-rosa e seu velho avental com babados nas bordas. Lutava para não chorar.

– Oi, Jake. Posso me sentar aí com você? – perguntou ela, vindo até nós dois.

Ela não me disse nada, não precisava. Pegou minha mão e a apertou.

– Pode ir – disse-me, movendo os lábios sem emitir nenhum som.

Meus próprios olhos se encheram de lágrimas e, por um breve momento, nos fitamos, impotentes.

– Não sei quanto tempo vou demorar – desculpei-me.

Ela dispensou minhas palavras.

– Vai demorar o tempo que for preciso. Não se preocupe conosco. Vamos

ficar bem.

Ela olhou para o desenho animado que tremeluzia na televisão.

– Jake e eu vamos ver em que travessura esse tal Bert se meteu, depois vamos preparar alguma coisa para ele comer.

– Bart. O nome dele é Bart – corrigiu Jake, com uma risadinha.

Meu sorriso foi lacrimoso. Alice era ótima com ele. Tinha três netos, o mais novo mais ou menos da idade do nosso filho, então sempre sabia as coisas certas para fazer e dizer.

– Ok, Jake, estou indo – avisei, dando um abraço apertado nele e um beijo em sua bochecha.

Ele escapuliu e pulou com entusiasmo no sofá, como se estivesse em um trampolim. Joe sempre o repreendia por isso.

Ficou sem respirar.

– Tchau, mamãe. Diga para o papai melhorar logo.

Assenti vigorosamente.

– Ligue do hospital – sussurrou Alice, dando-me um abraço apertado, porém breve, como se ela soubesse que meus nervos frágeis não poderiam suportar um prolongado.

– Joe é forte e saudável, ele vai sair dessa – disse ela, com a voz embargada.

Mordi o lábio com tanta força que pude sentir o gosto ferruginoso de gotículas de sangue.

Os policiais estavam à minha espera no corredor.

– Tudo pronto?

– Sim. Por favor, podemos ir logo?

Mas antes que eu passasse pela porta, fui detida por um grito do meu filho.

– Espere, mamãe, espere.

Ele disparou ruidosamente escada acima e atravessou o corredor do andar superior pisando forte e fazendo o teto inteiro vibrar com seus pezinhos. Instantes depois, corria escada abaixo em minha direção. Meus braços o envolveram quando ele me estendeu um leãozinho de pelúcia muito surrado e muito amado. Era o brinquedo de que ele ainda precisava para dormir, o que ele tinha que esconder quando os amigos vinham para brincar ou passar a noite. E que não podia ficar fora da mala em nenhuma viagem de férias e se mantinha junto a Jake toda noite.

– Leve o Simba para o papai. Ele sempre ajuda quando fico doente. Simba vai ajudar papai a melhorar, eu sei que vai.

Fui embalando nos braços aquele leãozinho ligeiramente sujo por todo o caminho: enquanto seguia até o carro de polícia e depois, dentro dele, enquanto disparávamos em direção ao hospital, deixando as ruas para trás em um borrão.

Charlotte

Levantei-me de um salto.

– Preciso ir.

Já estava a meio caminho da porta quando me dei conta de que não pegara meus pertences e de que não tinha a menor ideia de onde ficava o hospital, muito menos de como chegar lá. Felizmente, a equipe do salão assumiu o controle e alguém saiu para me conseguir um táxi em meio à neve que começava a cair, enquanto a garota que estivera pintando minhas unhas pegava meu casaco e me ajudava a vesti-lo.

Peguei três cédulas de 20 libras na bolsa e as enfiei em sua mão.

– Não sei se é suficiente – falei.

– Não se preocupe, podemos acertar da próxima vez – garantiu ela, acompanhando-me até a porta. – E tente não se preocupar. Tenho certeza de que seu marido vai ficar bem. Meu pai colocou três pontes de safena depois de infartar no ano passado e está muito bem agora.

Sei que ela queria me tranquilizar, mas, correndo na direção do táxi preto à minha espera, achei suas palavras mais preocupantes do que confortadoras. O pai dela devia ter uns 60 anos, mas David tinha apenas 31. Ele se cuidava, alimentava-se bem, não fumava e frequentava a academia duas ou três vezes por semana. Qualquer problema cardíaco deveria ainda levar décadas para bater à nossa porta.

O trânsito intenso me afligia, com ruas congestionadas no trajeto para o hospital. Estávamos parados no engarrafamento fazia quase cinco minutos e, se eu tivesse alguma noção de onde o hospital ficava, teria fugido do táxi e corrido a toda pelas ruas cobertas por flocos de neve. Em vez disso, porém, inclinei-me para a frente e bati na divisória de vidro.

– Preciso chegar ao hospital o mais rápido possível. Existe algum outro caminho que você possa pegar?

– A senhora não vai ter um bebê aí atrás, vai? – brincou o taxista, com um sorriso atrevido.

Ele não tinha a menor ideia de que sua brincadeira irreverente seria a gota d'água para mim, mas logo percebeu, pois minha expressão mudou e as lágrimas que eu vinha tentando suprimir conseguiram encontrar uma saída. O humor de sua frase era tão negro quanto a pintura de seu táxi.

– Meu marido teve um ataque cardíaco – repliquei, o tremor em minha voz igualado apenas ao de meu lábio inferior. – Preciso chegar ao hospital com urgência.

– Ah. Desculpe. Eu só estava brincando. Não sabia que era uma emergência de verdade.

Ele se empertigou no banco e seus dedos manchados de nicotina seguraram o volante com mais firmeza. Creio que existam duas coisas que taxistas sempre sonham ouvir: *Siga aquele carro* e *É uma emergência*.

– Talvez seja melhor prender o cinto aí atrás – avisou o motorista enquanto virava o carro numa rua lateral estreita.

Eu mal notei a viagem vertiginosa pelas sinuosas ruas de Londres. Minha cabeça estava em David. Como isso podia estar acontecendo com ele? Conosco? Todas as vezes que fechava os olhos, eu tentava imaginar meu marido forte e cheio de energia de repente tão fraco e incapacitado que precisou ser colocado em uma maca e levado de ambulância. Aquilo não fazia sentido, e meu cérebro paralisado pelo medo simplesmente não conseguia equacionar essa imagem com o homem que havia me carregado no colo até nosso quarto ainda na semana anterior e me deitado na cama. "Pensei que fôssemos sair...", eu dissera, vendo-o tirar a gravata, atirar para um lado a camisa e abrir o zíper da calça do terno feito sob medida. "Estou sem apetite", ele grunhira, faminto, enquanto se deitava em cima de mim. "Felizmente, só para comida", acrescentara, mordiscando a curva do meu pescoço daquela maneira que ele sabia que me deixava enlouquecida.

Como, em menos de sete dias, aquele homem forte e apaixonado podia ter se transformado em alguém que precisava sair de maca de uma loja de departamentos? Não dava para entender.

Não creio que jamais tenha me sentido mais agradecida em ver alguma coisa

do que aquela primeira placa sinalizando a proximidade do hospital.

– Mais dois minutos – confirmou o motorista do táxi, olhando de relance para trás, o que, considerando a velocidade em que vinha dirigindo, provavelmente não deveria fazer.

Paramos na entrada principal da Emergência e, por mais grata que eu me sentisse por termos chegado, relutei em saltar do táxi. Assim que descesse e passasse por aquelas portas de vidro, tudo seria real. David seria um paciente, uma pessoa doente deitada em uma cama de metal, um nome escrito com uma caligrafia apressada em um quadro branco na enfermaria. Ele já não seria só meu; não seríamos mais só nós dois.

– Não posso ficar parado aqui – alertou-me o taxista, sem jeito. – Esta entrada é exclusiva para ambulâncias.

Como se para ratificar suas palavras, uma parou bem à nossa frente, a sirene ainda gemendo.

– Desculpe – falei, levando minha mão trêmula à maçaneta, e saí para a tarde gelada, descobrindo, surpresa, que já escurecia.

Um paramédico correu até a traseira da ambulância que tinha acabado de chegar e escancarou as portas. Senti meu corpo inteiro enrijecer de medo enquanto esticava o pescoço, tentando ver quem seria retirado dali. Uma pequena equipe médica irrompeu do prédio e entrou em ação da maneira que eu vira em inúmeras vezes na TV. Só que dessa vez não era só faz de conta. Dessa vez a vida de alguém estava mesmo em jogo. Seria a de David? Eu me senti nauseada e tonta, e não só porque prendia a respiração, assustada, enquanto o paciente era tirado do veículo e levado às pressas na maca para dentro do hospital.

Enquanto corriam, captei alguns fragmentos das informações que eles trocavam: “homem com hipotermia, idade”, “congelado”, “sinais vitais”, “temperatura central”. A única coisa que pude distinguir na pessoa na maca, envolta por muitos cobertores vermelhos, como num casulo, foi uma mecha de cabelo louro-claro. Não era David.

– A senhora vai ficar bem? Tem alguém aí para encontrá-la? Quer que eu estacione e entre junto?

As palavras do taxista quase me fizeram desmoronar outra vez.

– Não, mas obrigada. É muita gentileza da sua parte. Vou ficar bem.

Acrescentei uma observação mental: *assim que souber que está tudo certo com ele*.

Foi a primeira vez que vi um taxista londrino parecer arrependido pelo valor da tarifa, mas paguei sem pensar duas vezes.

– Boa sorte para a senhora e seu marido – disse ele com a voz rouca, dando tapinhas em minha mão, meio constrangido, ao me entregar o troco.

Eu senti que ele ainda me observava quando atravessei as portas, entrando na Emergência. Só deu a partida quando o som de uma sirene anunciou a chegada de outro paciente.

Minhas pernas tremiam tanto quando me aproximei do balcão principal da recepção que parecia que eu tinha passado meia hora fazendo exercícios pesados. Mas nenhuma atividade física jamais cobrira a palma de minhas mãos com uma desagradável camada de suor nem fizera meu coração bater tão forte a ponto de eu mal conseguir ouvir outra coisa que não o sangue latejando em meus ouvidos. O medo era a única coisa capaz de fazer isso. E eu estava apavorada. Minha tortura foi prolongada um pouco mais porque as duas recepcionistas estavam ocupadas com ligações telefônicas e, embora eu só tivesse esperado por um ou dois minutos, no momento em que uma delas colocou o fone no gancho e ergueu os olhos, meus níveis de ansiedade disparavam além de qualquer limite. Eu teria chegado tarde demais?

– Desculpe tê-la feito esperar. Posso ajudar?

Finalmente. A voz trêmula que saiu da minha garganta foi tão diferente do meu tom costumeiro que mal consegui reconhecê-la.

– Recebi uma ligação informando que meu marido... David Williams... seria trazido para cá de ambulância. Pode me dizer onde encontrá-lo, por favor?

Tenho certeza de que a mulher não estava de má vontade, mas para mim foi uma agonia sem fim o tempo que ela levou para buscar o nome de David no sistema.

– Desculpe, o programa é novo e ainda estamos nos acostumando – explicou, enquanto esperava que a tela à sua frente respondesse.

Eu era boa com computadores, era parte do meu trabalho, e tive que me esforçar para não puxar o teclado para mim numa tentativa de acelerar o processo. Em geral eu não era assim, mas o estresse pode fazer coisas estranhas com uma pessoa quando alguém que ela ama está em perigo.

Por fim a tela indicou a resposta. Observei a mulher enquanto seus olhos examinavam a informação. Linhas de texto se refletiam nas lentes de seus óculos, porém não havia como decifrá-las. O que não foi difícil distinguir, porém, foi a súbita gravidade estampada em seu rosto ao verificar o estado de David. De repente, passei a respirar com mais dificuldade. Eu estava em pânico.

– Sra. Williams, seu marido deu entrada aqui com suspeita de infarto do miocárdio. Ele foi trazido para a Emergência e no momento está prestes a ser transferido para a UTI.

– Posso vê-lo?

Ela franziu a testa, como se meu pedido fosse um problema, e, sob o medo e o terror, uma centelha de raiva cintilou em mim. Ninguém ia me impedir de ficar ao lado de David, não me importavam quantas regras ou protocolos hospitalares eu tivesse que quebrar.

– Em geral, pedimos aos parentes que esperem até que o paciente tenha sido transferido e acomodado na UTI – explicou, então viu minha expressão. – Mas deixe-me ver se consigo alguém para levá-la até a triagem antes que ele seja transferido.

– Obrigada – murmurei, agradecida.

A recepcionista apanhou o fone e digitou alguns números. Apurei os ouvidos, tentando em vão captar a conversa, o que ficou ainda mais difícil quando uma família chegou ao balcão. Ergui os olhos para um casal que abraçava os três filhos pequenos, que choravam ruidosamente.

– Só vou perguntar a essa moça simpática se ela pode nos informar alguma coisa – disse o homem ao menino mais velho, que estava enrolado em um cobertor e era o que mais chorava. – Não é culpa sua, Marty. Você não é o responsável, mas precisa se acalmar agora.

Precisava mesmo, pensei, imaginando se estariam ali por causa de um parente idoso. Então a recepcionista sorriu com gentileza para mim e abandonei de imediato qualquer pensamento voltado à família.

– Ok, boas notícias, Sra. Williams: alguém virá em um instante para levá-la até ele.

– Obrigada. Muito obrigada – falei, fungando.

Vi um sorriso de solidariedade no rosto da mãe no grupo ao meu lado. Éramos todos vítimas naquele lugar e, embora nenhum de nós estivesse ferido,

todos sofríamos.

Para chegar à área em que David estava, fui guiada por uma enfermeira jovem o bastante para que seu uniforme desse a impressão de que estava a caminho de uma festa à fantasia. Eu sempre me sentira muito mais confiante quando a equipe médica tinha idade suficiente para ter mais do que alguns meses de experiência. Torci para que o médico responsável por David fosse bem mais velho.

Não fosse pela enfermeira, eu teria passado direto pelo leito de David. Mas, para ser justa, quando o vira pela última vez, apenas oito horas antes, ele não estava conectado por fios, tubos e eletrodos a uma série de máquinas assustadoras. Ele também não tinha aquele tom cinzento que mal parecia humano. Havia outra enfermeira ao lado da cama, ajustando os finos tubos que entravam nas suas narinas e bloqueando parcialmente sua visão. Fiquei feliz por ter um momento para me recompor e afastar a esperança de que o problema dele não passasse de um caso mais complicado de indigestão. Não despenderiam tanto esforço por algo que alguns antiácidos pudessem resolver.

Aproximei-me, passando pelas enfermeiras.

– Ei, rapaz – chamei-o.

Os olhos dele estavam fechados, mas se abriram quando ele ouviu a minha voz.

– Charlotte – respondeu uma voz que fingia ser a de David.

Eu conhecia todas as suas vozes: a profissional; a do motorista impaciente; do filho preocupado telefonando para a mãe; e a *minha*, grave e sexy, mais rouca e suave quando ele falava só comigo. E essa versão fraca e tênue definitivamente não era uma delas. Peguei a mão dele, hesitando quando vi algo que parecia um pregador de roupas preso a um dos dedos, mas a envolvi mesmo assim. Seus dedos se enroscaram nos meus, mas não havia a menor força neles.

– Olhe só para você. Basta eu deixá-lo sozinho por cinco minutos para encontrá-lo na cama cercado por um monte de mulheres. Típico.

A enfermeira do outro lado da cama me dirigiu um rápido sorriso, mas a que estava meio afastada, escrevendo alguma coisa na ficha médica, ergueu as sobrancelhas, como se minha frivolidade a ofendesse. *Ok, não gosto de você,* decidi. *Você não conhece nenhum de nós dois, muito menos os fios de humor que correm como cabos de aço no tecido do nosso relacionamento, nos unindo mais*

do que eu cheguei a imaginar que fosse possível.

Levei a mão dele até meus lábios e ela estava pesada, como se coubesse a mim todo o esforço de erguê-la. *Como se estivesse sem vida*. Tentei impedir que aquele pensamento transparecesse em meu rosto. Beijei os nós de seus dedos sabendo que meus olhos brilhavam com lágrimas. Pisquei com força, tentando inibi-las.

– O que aconteceu? – perguntei a ele.

– Seu marido teve dores no peito e desmaiou – veio a resposta da enfermeira ao pé da cama.

Eu a ignorei. Disso eu já sabia.

– Eu só fiquei sem ar e tonto – explicou David, suas palavras um esforço óbvio enquanto ele lutava para respirar e falar ao mesmo tempo. Algo que ele conseguia fazer muito bem apenas algumas horas antes. – Esse maldito vírus da gripe é de matar.

Ele viu o horror nos meus olhos e arfou para me tranquilizar.

– Não quis dizer literalmente, amor.

Vi as duas enfermeiras trocarem um rápido olhar. Nenhuma das duas achava que se tratasse de uma gripe, tampouco eu.

– Os médicos já lhe disseram qual é o problema?

Ele balançou a cabeça e notei que até mesmo esse leve movimento o deixava exausto.

– Os exames dele já estão marcados, mas primeiro precisamos levá-lo para a UTI e estabilizá-lo. Lá poderão lhe dar mais informações assim que os resultados ficarem prontos – explicou a Enfermeira Boa.

Enquanto falavam, as mulheres deram início aos preparativos para retirar David dos monitores fixos na enfermaria e transferi-lo para unidades portáteis. Eu me dei conta de que o estado de David era tão grave que ele precisava de monitoramento contínuo. Meus níveis de ansiedade aumentaram – se é que isso era possível. Um auxiliar de enfermagem musculoso surgiu do nada e parou ao lado da cama, pronto para mover David.

– Eu posso acompanhá-lo, não posso? – perguntei, nem por um só momento esperando que a resposta fosse *não*.

– Não – rebateu a Enfermeira Má, sem nem se dar ao trabalho de olhar em minha direção ou apresentar um motivo.

A Enfermeira Boa se saiu melhor:

– Eu sinto muitíssimo, mas, para a segurança do seu marido, isso não é possível. Não podemos permitir que parentes acompanhem os pacientes enquanto estão sendo transferidos para a UTI.

Pelo menos ela falava com um tom genuíno de desculpas, mas, francamente, o que eles achavam que eu poderia fazer? Entrar na frente da maca e provocar um acidente? Então vi o nível de cuidados profissionais sendo dirigido ao homem que significava tudo para mim e percebi que a preocupação era com a possibilidade de que David piorasse no trajeto. Caso alguma coisa acontecesse com ele durante a transferência, os funcionários não queriam ser atrapalhados por parentes em pânico.

– Tudo bem, eu entendo. Mas alguém pode me avisar assim que eu puder subir?

– É claro que avisaremos.

Baixei os olhos para David, que, mesmo doente, pareceu surpreso por eu não haver insistido. Em geral, eu não era do tipo que recuava em um confronto, um fato que ambos conhecíamos muito bem. Mas qualquer comentário que ele pudesse estar prestes a fazer foi esquecido quando ele viu o lado direito do meu rosto.

– O que aconteceu com sua bochecha? – perguntou ele, a inquietação acompanhada por um chiado. – Está sangrando.

Encostei os dedos com cuidado na área para a qual ele olhava com evidente ansiedade. Foi comovente vê-lo deitado numa maca e, ainda assim, preocupado com algum arranhão bobo no meu rosto que eu não conseguia nem sentir. Corri a ponta dos dedos pela pele macia da bochecha e senti uma crosta seca. Abri um sorriso lacrimoso.

– *Manicurite interruptus* – diagnostiquei, mostrando a ele a mão com unhas borradas do mesmo vermelho-sangue das marcas no meu rosto.

Ele deu uma risadinha, ou pelo menos tentou, e, por um momento aterrorizante, eu o vi lutar para recuperar o fôlego. O que quer que aqueles malditos tubos em seu nariz fizessem, certamente não estavam lhe dando oxigênio suficiente. Uma coisa tenho a dizer da Enfermeira Má: ela foi rápida ao arrancá-los e substituí-los por uma máscara de oxigênio. Deve ter levado menos de um minuto para que David estivesse respirando de forma mais confortável

outra vez, só que pareceu muito mais.

– Precisamos subir com ele agora – disse minha enfermeira favorita, e eu concordei.

Leve-o para onde quiser, desde que tenha todo o equipamento necessário para fazê-lo melhorar, para fazê-lo voltar a ser o David.

– Vamos só tirar isto por um momento para que você possa se despedir dele com um beijo decente – disse a Enfermeira Boa com gentileza, puxando as tiras de elástico e afastando a máscara do rosto de David.

Não gostei daquela história de "se despedir". Soou tenebrosamente profético.

Eu me inclinei e, bem devagar, encostei os lábios nos dele. Continuamos nos olhando fixamente à medida que eu lentamente me afastava. "Você me deixa sem fôlego": a lembrança de David me dizendo aquelas palavras apenas duas noites antes de repente preencheu a minha cabeça. Tínhamos acabado de fazer amor e eu estava envolta em seus braços fortes, minha cabeça descansando no peito musculoso, ouvindo as batidas de seu coração desacelerarem. Naquele momento suas palavras tinham sido românticas e ternas, agora pareciam apenas uma pavorosa previsão.

– Vou subir assim que liberarem – prometi, segurando sua mão enquanto a maca começava a ser levada dali.

– Eu te amo – disse David, a voz abafada e distorcida pela máscara.

– Eu também te amo – repliquei, e nossas mãos se soltaram quando o auxiliar de enfermagem empurrou a maca um pouco mais.

Fiquei parada no retângulo ladrilhado onde sua maca estivera e sorri para ele enquanto o conduziam, pelo corredor e através das portas de vaivém. Então, quando tive certeza de que ele já não poderia me ouvir, irrompi em soluços altos e apavorados.

Ally

Eu nunca havia andado em uma viatura. Bem, e por que teria feito isso? Nunca havia infringido a lei, nunca fora presa, nunca nem mesmo participara de manifestações na época da faculdade, embora conhecesse muita gente que tinha feito isso. Tudo em que eu conseguia pensar enquanto disparávamos pela tarde

escura de dezembro era quanto Jake teria gostado daquilo. Ele adorava carros de polícia, de bombeiros, luzes e sirenes. Bem, pelo menos essa era a fascinação do momento. No ano anterior foram dinossauros e, antes... Sacudi a cabeça e apertei a ponte do nariz. Que importância isso tinha? Era só uma tentativa de não pensar no verdadeiro motivo de estarmos atravessando a 100 quilômetros por hora áreas em que a velocidade máxima permitida era de 50, furando sinais vermelhos em cruzamentos e ultrapassando veículos do lado errado da pista. Jake teria amado isso, tanto quanto eu detestei.

Mas o policial tinha razão: chegamos ao hospital muito mais rápido do que eu teria conseguido sozinha. Eles seguiram direto para a área das ambulâncias, a luz rotativa no teto do carro desenhando uma sinistra esfera azul à nossa volta. Antes mesmo que o motorista puxasse o freio de mão, eu já estava fora do carro, correndo para atravessar a calçada escorregadia. Felizmente o segundo policial havia saltado quase tão rápido quanto eu, e agarrou meu cotovelo quando perdi o equilíbrio na neve fina. Joe estava ali, em algum lugar daquele bloco monolítico de concreto e vidro, e a presença dele me atraía como um enorme ímã.

– Podemos entrar com a senhora, se quiser... – ofereceu o policial.

Balancei a cabeça, ciente de que duas enfermeiras fora do plantão nos observavam, curiosas. Tinha sido uma chegada nada discreta.

– Não, vou ficar bem, obrigada – repliquei, soltando meu braço com um puxão.

Mais interesse por parte das enfermeiras. Eu provavelmente parecia estar resistindo à prisão. Por mais agradecida que estivesse, não queria mais nada deles, com seu protocolo solícito, seus olhos solidários e seus rostos jovens demais. Só de estar perto deles, eu me sentia vulnerável, uma vítima.

As portas automáticas deslizaram sem fazer barulho, e passei rápido por elas, seguindo para o balcão de recepção sem querer perder tempo. Uma mulher de meia-idade com óculos grandes ergueu os olhos dos papéis em que trabalhava quando me aproximei.

– Posso...

Eu nem mesmo deixei que terminasse a frase. *Ficou sem respirar.*

– Vim ver Joe Taylor. Acho que ele está na UTI. A polícia informou que ele sofreu um acidente – arquejei, dizendo tudo de uma só vez.

Minha voz estava trêmula. Na verdade, não era só minha voz: meu corpo

inteiro tremia de tensão, como energia elétrica vibrando em uma torre de transmissão. Apertei ainda mais junto ao peito o brinquedo macio que Jake havia colocado em minhas mãos. Sentia o cheiro do meu filho na pelúcia amassada e meio desbotada: um pouco de espuma de banho, um pouco de talco e muito de Jake. Esse cheiro me deu a força de que eu precisava, como adrenalina fluindo nas veias.

Os olhos da recepcionista eram gentis por trás das lentes em meia-lua.

– Deixe-me verificar. Ele provavelmente foi levado para a UTIP – disse ela, puxando o teclado em sua direção e digitando com velocidade o nome do meu marido.

– U, T – repeti, como se estivesse fazendo um teste de álgebra e essa fosse a resposta.

A mulher levantou os olhos do teclado.

– UTIP – tornou a dizer. – É a nossa Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica.

– Pediátrica? – repeti, confusa, e então me dei conta da razão de seu engano.

Não creio que muitas mulheres de 30 anos parassem diante dela abraçadas a brinquedos fofinhos se não estivessem indo ver uma criança.

– Não, é o meu marido que está aqui. Joe Taylor. Ele tem 36 anos. Me disseram que o gelo quebrou e ele caiu...

Minha voz falhou. Aquele ainda era um cenário tão impossível que eu não podia acreditar nas palavras que proferia. Indiquei o brinquedo em minhas mãos.

– Isto é do nosso filho. Ele quer que eu dê ao pai.

Minha voz foi morrendo e algumas lágrimas romperam a barreira e escorreram pelo meu rosto. Quase de forma coreografada, a recepcionista pegou uma caixa de lenços de papel escondida e a entregou a mim. Concluí que fossem necessários com bastante frequência ali.

Pareceu transcorrer uma eternidade até que os detalhes sobre Joe surgissem no monitor. Imaginei se a recepcionista costumava jogar pôquer, porque seria ótima em blefar. Não consegui decifrar absolutamente nada em seu rosto.

– Vou pedir a alguém que desça para falar com a senhora – disse ela, já levando a mão ao telefone.

– Não. Espere. O que isso quer dizer? Ele está... está bem?

– Só tenho os detalhes de quando ele deu entrada. Não saberia lhe passar nenhuma informação médica – disse a mulher, com delicadeza. – Mas alguém da

equipe da UTI virá falar com a senhora em um instante.

Comecei a andar de um lado para outro. Quinze passos até o canto com a máquina de vendas automática, oito até o banheiro feminino, doze até as portas duplas com a palavra TRIAGEM, e então mais dezenove de volta ao balcão da recepção. Nesse trajeto, passei por uma família tristonha que esperava amontoada em desconfortáveis cadeiras de plástico. As crianças pareciam desesperadas, o que me trouxe certo alívio por não ter sujeitado Jake àquilo tudo. Crianças já ficam assustadas em hospitais, e aos 7 anos meu filho era jovem demais para ter que esperar sentado para descobrir se o pai iria viver ou...

– Sra. Taylor.

Minha cabeça se ergueu de imediato ao ouvir meu nome e meus olhos dispararam na direção do médico de voz suave que tinha acabado de sair do elevador.

O olhar dele foi e voltou de mim para a mulher com as três crianças.

– Sou eu – informei, correndo até ele.

Ele sorriu, se apresentou, e esqueci seu nome na mesma hora.

– Faço parte da equipe que está cuidando do seu marido no momento – explicou.

Um longo e trêmulo suspiro deixou o meu corpo, como o vapor escapando de uma válvula. *Cuidando do seu marido*: aquelas quatro palavras me encheram de alívio. Até aquele momento eu não tinha me dado conta de como temia que Joe já não pudesse receber nenhum tipo de ajuda.

– Como ele está? Posso vê-lo?

– Acredito que daqui a pouco poderei levá-la até ele. Neste momento meus colegas e eu estamos trabalhando com muito afinco para estabilizar seu quadro e fazer sua temperatura corporal subir.

Enquanto falava, o médico pousou gentilmente a mão em minhas costas, me conduzindo na direção de uma saleta adjacente. Eu não queria entrar ali com ele. Parecia o tipo de lugar ao qual levariam uma pessoa para lhe dar más notícias. Havia uma única mesa e duas cadeiras de visitante. Nem eu nem o médico sentamos.

– Já lhe informaram o que aconteceu com seu marido?

Balancei a cabeça.

– Ainda não. Sei que ele caiu na água quando o gelo quebrou, mas não tenho

a menor ideia do que ele estava fazendo no lago. Disseram que ele precisou ser reanimado, mas, se está respirando agora, então por que não está acordado?

A voz do médico era grave.

– No momento ele respira com a ajuda de aparelhos enquanto tentamos aquecê-lo.

Seu tom implicava que isso era muitíssimo mais complicado do que apenas cobrir Joe com uma grossa pilha de cobertores. Eu queria lhe dizer que Joe *nunca* ficava com frio. Nem mesmo no inverno. Sempre discutíamos sobre deixar a janela do quarto aberta ou fechada, e em geral eu terminava encolhida debaixo de nosso edredom mais pesado, enquanto Joe atirava todas as cobertas para o lado. Eu queria que ele conhecesse Joe, que o entendesse, queria que meu marido fosse mais do que um caso ou condição, queria que ele fosse uma pessoa real para aqueles que tentavam mantê-lo vivo.

– Acredito que a família mereça saber a verdade completa, Sra. Taylor – continuou o médico, solene.

De repente meus joelhos pareceram fraquejar e eu lamentei minha decisão de ficar de pé.

– O estado de seu marido é extremamente crítico. Ele ainda não está a salvo.

Desviei os olhos, incapaz de encarar o médico, temendo que, se visse o menor traço de compaixão ali, eu me partiria em um milhão de pedaços, como uma fina lâmina de vidro... ou gelo. Concentrei minha atenção em uma longa tira de tinta que descascara e agora pendia enrolada do portal de madeira.

– Mas... quando conseguirem aquecê-lo, e ele puder respirar sozinho, ele vai ficar bem, não é? Joe é forte, e saudável. Ele *pode* se recuperar, não pode?

O médico hesitou. Foi impossível não perceber.

– Vamos nos concentrar em uma coisa de cada vez. Temos uma noite longa e difícil pela frente.

Charlotte

Um carro de polícia apareceu lá fora, a sirene morrendo em um uivo longo e sofrido, irradiando para a área da recepção um feixe giratório de luz azul. Fiquei grata por ele distrair as pessoas enquanto eu entrava no toalete das mulheres logo

ao lado. Joguei água fria no rosto e usei as ásperas toalhas de papel para arrancar o esmalte seco de minha bochecha. O vermelho-vivo resultante fez parecer que alguém tinha acabado de me esbofetear. Com força. Era uma marca que eu tinha visto ali uma vez, muitos, muitos anos antes. Mas não era uma bofetada de raiva que me deixara atordoada agora; dessa vez era um murro, vindo do nada para me derrubar, sem dar tempo para que eu me defendesse.

Fitei a jovem mulher aterrorizada no espelho respingado de água. Sua aparência era horrível. Seus olhos estavam vermelhos, o nariz parecia um farol aceso e o cabelo louro estava todo desgrenhado. De modo nenhum ela era a mesma Charlotte Williams que havia saído de manhã do elegante apartamento em Londres, secretamente empolgada com a viagem-surpresa que o marido vinha planejando para ela. Aquela mulher se fora, e nesse momento eu não tinha certeza se um dia voltaria.

Mais por distração que por vaidade, remexi em minha bolsa e tirei o estojo colorido onde guardava minha maquiagem, na intenção de consertar parte do dano. Só que minha mão tremia tanto que exagerei na camada de pó e fiquei com a aparência de uma gueixa assustadora, e o bastão do rímel sacudia com tanta violência que eu corria o risco de arrancar um olho. Joguei o estojo dentro da pia, onde seu conteúdo se espalhou em uma cascata colorida, retinindo ruidosamente. Tentei recordar as técnicas de relaxamento das aulas de ioga que eu tinha feito havia algum tempo e, devagar, puxei o ar para os pulmões, segurando-o por um instante, então liberando-o sem pressa. Mas o que parecera simples quando eu me via sentada em posição de lótus em um estúdio de dança espelhado não era tão fácil de reproduzir no banheiro de um hospital. Observei meu peito subir e descer no espelho acima da pia e senti o pânico envolver o ar a cada vez que eu respirava. Parecia que eu estava sendo perseguida por alguma coisa perigosa. Na realidade, porém, a única coisa de que eu tentava fugir era dos medos em minha própria cabeça. Meu conhecimento médico leigo era suficiente para me deixar apavorada com o que poderia haver de errado com David. Guardei os cosméticos na nécessaire e segui para a área da recepção.

Não havia ninguém esperando no balcão, e as duas recepcionistas, absortas na própria conversa, demoraram a me notar.

– Você viu como ela segurava aquele leão de pelúcia?

– Eu sei, era de partir o coração.

– E quando ela falou por que o trouxe...

– Pois é. É tão difícil não se envolver... Por mais que eu esteja fazendo isso há anos, fico tocada sempre que tem uma criança envolvida.

Senti uma pontada familiar ao ouvir acidentalmente a conversa delas, mas afastei aquele sentimento. Já havia trauma e angústia mais do que suficientes. Não precisava procurar mais. Eu me mexi e o pequeno movimento fez com que erguessem a cabeça.

– Desculpe interromper, mas levaram meu marido para a UTI e eu não sei qual o melhor lugar para esperar por ele.

Com “melhor”, eu queria dizer mais perto, e acho que elas entenderam.

– Tem uma cafeteria dois andares abaixo da UTI. A senhora pode esperar lá – sugeriu a recepcionista de óculos. – Informaremos à equipe onde encontrá-la. Acho que um café forte lhe cairia bem – acrescentou, gentil.

Não quis ser rude comentando que eu precisaria de muito mais que uma dose de cafeína para me sentir melhor. Na verdade, a única coisa que poderia transformar aquele dia horrível seria David e eu sairmos do hospital andando de braços dados. Um arrepio percorreu meu corpo, porque eu sabia que não havia a menor chance de isso acontecer naquela noite. *Algum dia?*, sussurrou uma voz sinistra em minha cabeça.

– Precisamos que preencha alguns formulários – acrescentou a outra recepcionista, pegando um pequeno maço de papéis de uma das bandejas empilhadas no balcão. – Pode levá-los e trazê-los de volta quando terminar.

Peguei os papéis, agradecida por ter algo com que me ocupar enquanto esperava.

A cafeteria parecia um navio fantasma. Imaginei que o pessoal do chá da tarde já fora embora havia muito, com o fim do horário de visita, e ainda era cedo demais para a turma do jantar. Levei uma xícara de um líquido marrom e pouco convidativo para uma das mesas de tampo grudento. O líquido na xícara de porcelana poderia tanto ser café quanto chá; o sabor não ajudou a esclarecer. Sempre fui o tipo de pessoa que devolve a comida no restaurante quando ela não está quente o bastante; nunca fui tímida ao reclamar quando algo não está apetitoso. David sempre me provocava dizendo que eu provavelmente tinha *O cliente sempre tem razão* tatuado no corpo – o que ambos sabíamos não ser verdade, pois ele conhecia cada centímetro de minha pele, e já tocara, acariciara

e beijara todos eles. Minha mão tremeu quando levei a xícara aos lábios e bebi o líquido horrível.

Preenchi os formulários da melhor maneira que pude, mas tive que deixar muitas perguntas em branco. A maior parte delas tinha a ver com o histórico médico familiar e as doenças da infância. A mãe de David saberia a resposta para todas elas, mas eu não queria telefonar para ela até que tivesse alguma notícia positiva. Ela insistiria em assumir o comando no momento em que soubesse onde David se encontrava. Exigiria falar com o médico responsável, e, como isso não bastasse, continuaria seu caminho feito ácido, corroendo quaisquer obstáculos até que estivesse no telefone com o diretor geral do hospital. Talvez eu devesse ligar... Ela sabia como fazer as coisas acontecerem. Sacudi a cabeça, torcendo para que me perdoasse por minha decisão. Não que eu não me desse bem com minha sogra, mas ela não era uma mulher simpática ou acessível, nem mesmo comigo – e *eu* era a namorada que ela havia aprovado! Mesmo depois de cinco anos de casamento, eu ainda me sentia mais inclinada a chamá-la de Sra. Williams do que de Veronica.

Olhei para meu relógio de pulso. David tinha subido havia mais de meia hora. Quanto tempo levava para que o transportassem por alguns andares e empurrassem sua cama até a posição certa? Alguém já não deveria ter vindo me buscar? E se tivessem esquecido onde eu estava? E se alguma outra emergência houvesse sido considerada prioritária, passando a frente do caso dele – quem sabe aquele paciente que fora trazido na ambulância quando cheguei...

Em geral eu não era do tipo que deixa o pânico se espalhar pelo corpo feito um vírus. Na verdade, só conseguia me lembrar de uma vez em que me sentira assim tão ameaçada, tão vulnerável, e fora o próprio David que me socorrera na ocasião. Dessa vez eu estava sozinha. Não havia ninguém para quem eu pudesse ligar para vir esperar comigo; ninguém para me dizer que tudo ia ficar bem. Ah, claro, tínhamos muitos conhecidos, casais com quem socializávamos, mas eu não tinha ninguém que pudesse considerar amigo próximo. *David* era o meu amigo; *David* era a pessoa mais importante para mim. Quando pressionei o botão dos elevadores para voltar à recepção, eu me sentia tão desnorteada quanto uma criança que se perdeu dos pais.

Ally

Foi em estado de choque que segui o médico de volta à recepção. Para reprimir as lágrimas, piscava e tentava fingir que elas eram causadas pela luz intensa das lâmpadas fluorescentes. A franqueza daquele homem havia arrancado os fiapos de esperança aos quais eu tinha me agarrado, a esperança de que tudo não passasse de um engano. Nunca, em toda a minha vida, eu havia me sentido tão apavorada e impotente. E sozinha.

Um zumbido insistente, como o de um inseto raivoso, veio do bolso do jaleco do médico.

– Com licença – desculpou-se, pegando seu pager e examinando a pequena tela verde iluminada.

Eu me vi prendendo a respiração enquanto observava seu rosto em busca de alguma pista. *Por favor, que sejam boas notícias,* pensei, desesperada. *Por favor, por favor, por favor.* Ele ergueu os olhos da tela e eu disse a mim mesma que seu sorriso breve porém animador já era uma boa indicação.

– Estamos com sorte. Vou levá-la até seu marido agora mesmo.

– Ah, obrigada – falei com um suspiro de gratidão, correndo ao lado dele em direção aos elevadores.

– Neste momento ele está na UTI, no quarto andar – explicou.

Assenti.

O elevador pareceu levar uma eternidade para chegar. Meus olhos disparavam, impacientes, entre os visores digitais acima das duas portas, tentando fazer com que um chegasse logo ao térreo. Eles desciam com uma lentidão excruciante, parando em todos os andares. Enterrei meus dedos com força no pelo do bichinho de Jake, para evitar que eles pressionassem repetidamente o botão. Eu estava a ponto de sugerir que fôssemos pela escada quando os dois elevadores apitaram quase ao mesmo tempo. Eu me remexi como um velocista pronto para a largada, para ver qual porta se abriria primeiro. O elevador da direita ganhou por um triz e entramos no instante em que seu vizinho chegava à recepção.

– A senhora só poderá vê-lo por alguns minutos – explicou o médico –, mas há uma sala de espera para familiares mais adiante no corredor, onde a senhora poderá ficar.

Assenti, disposta a concordar com praticamente qualquer coisa àquela altura. Talvez, se eu prometesse não atrapalhar, eles me deixassem ficar com meu marido.

Percebi quase de imediato que não havia a menor chance de isso acontecer. Joe se encontrava em um pequeno quarto lotado por um número enorme de pessoas vestidas com jalecos brancos e trajes azuis. Todas se moviam às pressas e, enquanto corriam de um lado para outro, eu não conseguia nem ver o homem que as mantinha ocupadas, a quem tentavam salvar. Nos meus planos eu dispararia até ele, meus pés mal tocando o piso. Na realidade, porém, meus passos eram hesitantes e vacilavam ainda mais à medida que eu me aproximava do quarto.

No elevador, o médico tentara me advertir quanto ao que esperar, mas eu não o ouvira, não com a devida atenção, pois nada do que ele dissera havia me preparado para aquilo. Minha primeira visão de Joe foi em breves e aterradores lampejos, enquanto um médico ou enfermeiro se deslocava para permitir que alguém tivesse acesso ao paciente ou a algum equipamento. Trabalhavam de forma fluida, abaixando-se ou deslizando por trás ou em torno um do outro, como num balé bem ensaiado.

Chegamos à porta de vidro do quarto e tudo o que eu conseguia ver era ainda uma forma envolta em cobertores. Parecia do mesmo tamanho de Joe. Uma enfermeira se empertigou depois de ajustar a medicação intravenosa e vi uma cabeleira familiar sobre uma fronha engomada de hospital. De manhã aquele cabelo estivera ao meu lado, e aqueles lábios tinham sussurrado “Hora de levantar, amor” em meu ouvido, exatamente como fizeram mil vezes antes. Agora, porém, eles não estavam sussurrando. Não conseguiriam, porque havia um longo tubo de plástico saindo da boca de Joe e desaparecendo em um aparelho ao lado dele.

– Ah, Joe... – murmurei.

O médico que me acompanhava pousou a mão em meu ombro enquanto meus olhos corriam pelo quarto, tentando absorver tudo.

– Qual é a temperatura dele agora? – disparou alguém em enérgica urgência.

– Ainda 28 – veio a resposta.

Alguém emitiu um ruído baixo e sibilante, e compreendi que a notícia não era boa.

– Ponha mais adrenalina.

– Quanto?

– Vamos tentar uma diálise peritoneal aquecida – sugeriu alguém. – Porque se não aumentarmos logo a temperatura desse camarada, não sei o que...

O médico ao meu lado pigarreou bem alto.

– Pessoal, esta é a Sra. Taylor. Podemos dar a ela um breve momento com o marido?

Todas as cabeças no quarto se voltaram para mim, todos os olhos cheios de solidariedade. Aquilo não podia ser bom presságio.

Eles se afastaram como o Mar Vermelho, abrindo passagem até a cama. Parte de mim queria pedir a todos que deixassem o quarto para nos dar alguma privacidade, e outra parte queria gritar que continuassem fazendo o que quer que estivessem fazendo, que não parassem, não descansassem, nem por um só segundo.

Felizmente eles não tinham nenhuma intenção de desistir de seus esforços enquanto eu caminhava com pés trêmulos em direção ao meu marido inconsciente, mas passaram a executar suas tarefas em silêncio e se movimentar com certo respeito à nossa volta. Acho que preferia a energia frenética de antes; sua imobilidade fazia parecer que estavam desistindo, como se a luta já estivesse perdida.

Cheguei ao lado de Joe e tentei encontrar alguma parte dele – uma mão, um braço, qualquer coisa – em que não houvesse algo preso ou inserido. Não havia nenhuma.

– Ei, Joe, sou eu – comecei, com uma voz que tremia a cada palavra. – É a Ally – acrescentei, porque seus olhos continuavam fechados.

Eu olhava para ele, certa de que qualquer que fosse o estado em que ele se encontrasse, aonde quer que esse acidente o tivesse levado, ele ouviria minha voz e abriria os olhos. Meus próprios olhos ficaram quentes enquanto eu fitava seu rosto sem piscar. Já não havia o tom corado que nunca deixava sua pele, nem mesmo em pleno inverno. Já não havia o rosa quente de seus lábios. Seu rosto era um mosaico de tons de azul e cinza. Eu nunca tinha visto aquela cor em uma pessoa antes, pelo menos não em uma pessoa viva.

Mas Joe não tinha morrido: seu peito subia e descia ritmicamente, em compasso com o pequeno aparelho ao lado dele, que parecia um fole e, naquele

momento, era responsável por sua respiração. Estendi a mão e então ergui os olhos, hesitante, insegura.

– Posso... posso tocá-lo?

Várias cabeças assentiram em resposta.

Ele estava frio, muito frio. A ponta dos meus dedos deslizou sobre sua bochecha e o frio dele atravessou minha pele.

– Joe, acorde. Por favor, acorde – pedi, inclinando-me de forma que minha cabeça estivesse a apenas poucos centímetros da dele.

Um ar frio subia, emanando dele. Era como estar diante de uma geladeira aberta. Quando as lágrimas rolaram pelo meu rosto e caíram no dele, eu quase esperei que congelassem.

– Nós precisamos... – disse uma voz atrás de mim, mas alguém a silenciou.

– Dê-lhe um minuto. Ela precisa desse tempo.

Fechei os olhos ao imaginar a mensagem implícita naquelas palavras. Estavam dando tempo para que me despedisse.

Peguei a mão de Joe, ignorando os tubos que saíam dela e o fato de que parecia pertencer a um manequim congelado e sem vida. Eu a apertei, com força suficiente para machucar os ossos delicados de meus próprios dedos.

– Você precisa acordar agora, Joe Taylor. Porque tem pessoas aqui que o amam e precisam de você e... e Jake precisa do pai, porque você sabe que não sou nada boa com essas coisas de menino, e eu não sei como ensiná-lo a jogar futebol ou como trocar um pneu ou como fazer a barba... nada dessas porcarias. Portanto, acorde agora, por favor, e pare de me assustar assim.

– Nós precisamos mesmo de...

Levantei a cabeça, sem conseguir parar de chorar.

– Eu sei, tenho que ir.

Tornei a me inclinar para a efígie de gelo que era agora o homem cálido e amoroso por quem eu tinha me apaixonado tantos anos antes. Beijei o canto de sua boca, meus lábios roçando o tubo plástico que se projetava dela. Meus olhos correram pelo quarto, examinando cada um dos profissionais que faziam parte da equipe médica.

– Não parem – implorei. – Por favor, não parem. Tragam meu marido de volta para mim.

Eu me virei e coloquei o brinquedo de nosso filho encostado na grade de

metal ao pé da cama, ajeitando-o em pé, como um pequeno guardião de pelúcia.

– Cuide dele – ordenei, ridícula, ao brinquedo de pelúcia.

Ninguém riu. Ninguém.

Charlotte

Saí do elevador num ritmo digno de atleta olímpico em competição, ou pelo menos de um londrino acostumado à correria do transporte urbano na hora do rush. Meu caminho até o balcão da recepção foi temporariamente bloqueado quando dois policiais passaram na minha frente. Eles examinaram o saguão quase vazio, trocaram algumas palavras com as recepcionistas e então seguiram na direção da família das crianças em prantos. Eu me perguntei se o paciente que a família viera visitar teria se envolvido em algum acidente. Queria sentir compaixão por eles, mas naquele momento toda a minha atenção estava direcionada para outra pessoa, bem mais próxima de mim.

– Ah, Sra. Williams – começou uma das duas atendentes quando viu que eu me aproximava. – Íamos procurá-la agora – informou ela, tirando de minhas mãos os formulários parcialmente preenchidos. – Seu marido ainda está sendo instalado na UTI, mas disseram que, se a senhora quiser subir, há uma sala de espera para familiares. A senhora pode aguardar lá. Pelo menos, vai estar mais perto.

– Sim. Claro. Quanto mais perto, melhor – concordei.

A sala de espera era pequena e sufocante. *Como um túmulo*, pensei, *um túmulo apertado e depressivo do sistema nacional de saúde.* Túmulo da Família. Deviam chamá-la assim. Por outro lado, melhor não. Não era um nome que traria muita esperança aos inúmeros familiares desesperados que se sentariam bem onde eu me encontrava agora. Possivelmente, na mesma cadeira de plástico desconfortável, com seus apoios de braço de madeira envernizada descascando. Quantas mãos encharcadas de suor foram necessárias para que o verniz ficasse desgastado daquela forma? Quantas preces essa minúscula sala ouvira? Mais do que o confessionário de uma igreja, imaginei. Quantas haviam sido atendidas? Nem todas, isso era certo. Nem todos os parentes que se sentaram ali, cercados por aquelas paredes, conseguiram ir para casa com as pessoas que amavam.

Pessoas morriam na enfermaria ali perto, não fazia sentido acreditar no contrário. Ela não era chamada de Unidade de Terapia Intensiva porque os responsáveis haviam ficado sem ideia de como batizá-la. Só que às vezes – por mais que se esforçassem – a terapia não era intensiva o bastante.

Não que eu pensasse por um só momento que isso fosse acontecer com David. Ele tinha ficado doente, isso era óbvio, mas ninguém morria por causa de uma doença que surgia do nada. As pessoas tinham tempo de se preparar para doenças fatais, não tinham? A morte não chegava assim, sem se anunciar, e carregava a gente num tsunami. Primeiro vinha um aviso. *Não era?*

Estremeci. Devia ser a sala que estava me fazendo pensar assim. As claustrofóbicas paredes verdes e as pequenas janelas ensebadas que davam só para a laje de concreto cinzenta de outro edifício. Até mesmo a porta parecia a de um necrotério, com uma janelinha minúscula em vez de um painel de vidro. Além disso, o cômodo também era tão silencioso quanto um túmulo. Na verdade, a enfermaria toda era assim. Talvez porque apenas duas das oito salas envidraçadas tivessem pacientes. A da extremidade mais distante – a que eu tinha pensado ser de David – fervilhava com a equipe médica. Eles corriam de um lado para outro ao redor do paciente, todos com o rosto sério, cheios de preocupação.

Ao ver aquilo, eu agarrara, em pânico, o braço da enfermeira que me conduzia à sala de espera. Chegara a sentir seus ossos delicados como os de um pássaro. “Aquele é o quarto de David? Aquele é meu marido?”, eu havia perguntado, apavorada. “Não, não, não”, assegurara ela, sua voz uma melodia cadenciada, os grandes olhos amendoados e escuros com uma expressão suave e gentil. Parecia deslocada em seu uniforme sem graça; devia estar envolta em um sári de seda rico e de cores vibrantes. Não devia estar ali, naquele cenário, tampouco David e eu. “O quarto do seu marido fica na outra extremidade do corredor”, dissera ela.

Mas, quando eu tentara me virar naquela direção, ela me guiara (com força surpreendente) na direção oposta. “Os médicos estão com ele agora”, explicara. Eu obedecera, mas mantendo o pescoço esticado, os olhos fixos na baia onde meu marido era examinado. Não que eu conseguisse ver alguma coisa, pois as persianas das portas de vidro haviam sido fechadas.

Já o pobre homem do outro quarto não parecia se importar muito com

privacidade no momento. Devia estar inconsciente; fora ligado a tantos aparelhos que seu quarto mais parecia pertencer a um centro de controle das forças armadas do que a um hospital.

Depois de vinte minutos, as luzes fluorescentes da pequena sala de espera começaram a incomodar meus olhos, então as desliguei. Preferia ficar sentada na penumbra oferecida pela pequena luminária lateral e pelo pisca-pisca colorido de uma pequena árvore de Natal feita de plástico e que já vira dias melhores. Posta sobre uma mesa baixa junto à parede, tinha cerca de um quarto do tamanho da que tínhamos montado em nosso apartamento, e não era nem de perto tão elegante quanto a nossa. Eu mudava as cores da nossa decoração todos os anos.

Esse Natal era prata e azul-clara. Em janeiro eu recolheria os enfeites e os doaria a uma instituição de caridade e faria tudo de novo em dezembro do ano seguinte. David havia questionado isso, só uma vez, em nosso segundo ano de casamento. “Não é melhor guardarmos os enfeites?”, perguntara ele, gentil, enquanto me tirava da escada e assumia a tarefa de desmontar os galhos superiores. “Quando eu era criança, gostava de procurar meus enfeites preferidos todos os anos...” Sua voz falhara, e ele não dissera mais nada, mas me dera um abraço longo e apertado antes de pegar o rolo de plástico-bolha para proteger com cuidado cada delicada bola de vidro.

A árvore da sala de espera do hospital quase não trazia alegria. Os enfeites estavam velhos, e a tinta metálica na maior parte deles descascava. Parecia triste e acabada, e eu sabia exatamente como era essa sensação. Resolvi doar nossa decoração para a enfermaria quando a tirássemos em janeiro. Se salvassem David, todos os anos eu lhe compraria a maior árvore de Natal que se pudesse imaginar. Levei os dedos à pequenina estrela de prata no alto da arvorezinha e fiz um pedido de todo o coração.

Ally

– Tem certeza de que não quer que Stan nos leve até o hospital para que a gente fique com você?

Balancei a cabeça, algo bastante estúpido de se fazer quando se está ao telefone.

– Não se preocupe com a nevasca – prosseguiu Alice. – Stan é um bom motorista e disse que ficará feliz em nos levar.

Olhei à minha volta, confusa com as palavras da minha vizinha. Eu estava do lado de fora da entrada principal do hospital. Viera telefonar para Alice, como prometido. Eu não tinha certeza de onde era permitido usar o celular dentro do hospital, e, para o caso de haver alguma verdade na lenda urbana de que eles causam interferência nos aparelhos que mantêm vivos alguns pacientes, eu me afastara o máximo possível da cama de Joe para fazer a ligação. Mas, até Alice mencionar o clima, eu não havia nem notado que nevava – e bastante, para dizer a verdade.

Ergui os olhos para os flocos que caíam, iluminados pelo brilho laranja das lâmpadas que contornavam a área de estacionamento. Elas davam à cinzenta área de concreto um ar etéreo, um grande contraste em relação à turbulência dentro de mim.

– Não, Alice. Fiquem aí. Não quero que Jake veja o pai assim. Ele ficaria apavorado.

Tinha certeza disso. Afinal, eu era 23 anos mais velha que meu filho e ficara. Estremeci violentamente, só então percebendo que tinha ido ali para fora sem o casaco e não tinha a menor ideia de onde o deixara. No momento, eu mal era capaz de cuidar de mim mesma. Jake estaria melhor em casa, nas mãos da minha generosa vizinha. Quando a equipe médica tirasse Joe daquele estado criogênico, fazendo-o voltar a ser o homem cálido – em todos os sentidos da palavra – que ambos amávamos, eu traria Jake para ver o pai, qualquer que fosse a hora do dia ou da noite.

– Ok, Ally. O que você achar melhor. Não se preocupe com Jake. Stan e eu podemos ficar aqui a noite inteira, se for preciso.

– Muito, muito obrigada. Vocês estão sendo tão generosos e...

Minha garganta se fechou, impedindo que eu falasse mais qualquer coisa.

Para dispensar meu agradecimento, Alice emitiu um breve som, como se limpasse a garganta, o que se transformou em uma tosse, seguida por vários momentos em que ela assoou o nariz tentando não me deixar perceber. Quando voltou a falar, havia uma autoridade e um pragmatismo em sua voz que provavelmente foram a melhor escolha para a situação. Compaixão teria sido a minha ruína naquele momento.

– Bem, o que mais posso fazer por você? Precisa que eu ligue para alguém? Seus pais? Os de Joe?

Engoli em seco. Por mais que eu gostasse da ideia de me livrar do peso daqueles dois telefonemas, era meu dever fazê-los e de mais ninguém.

– Não, eu vou ligar para eles, mas pensei em esperar até que os médicos tenham notícias mais animadoras.

– Bem pensado – elogiou minha afável vizinha, que devia ter quase a mesma idade dos pais de Joe, mas parecia décadas mais jovem.

A maneira como os pais de Joe reagiriam à notícia do acidente era uma grande preocupação para mim. Nenhum dos dois andava bem de saúde nos últimos tempos, e o pai de Joe deixara de dirigir fazia vários anos. Portanto, mesmo sem a iminente nevasca, não seria nada fácil para eles fazer uma viagem de cinco horas naquela noite.

– Posso falar um minutinho com Jakey? – pedi. Usei o tempo que meu filho levou para correr da cozinha, onde brincava com o marido de Alice, até o telefone para me recompor.

Respirei fundo, inalando partículas de neve que queimaram meus lábios, deixando-os gelados, mas nem de perto tão frios quanto os de Joe.

– Como é que o papai está? Ele já ficou bom? Vocês vão voltar para casa agora?

Inspirei mais um pouco de neve para revestir as mentiras que eu estava prestes a contar, como um glacê.

– Papai está bem, meu amor. Estão lhe dando um remédio horrível, mas que vai fazer com que ele melhore logo, logo.

Provavelmente havia capítulos inteiros em livros de psicologia infantil sobre por que não se deve mentir para o filho nesse tipo de situação. Mas que se danassem as teorias. Eu protegeria meu filho de qualquer um ou qualquer coisa que pudessem machucá-lo. Era o único tipo de mãe que eu sabia ser.

– Diga para ele tapar o nariz, aí o gosto não fica tão ruim – recomendou Jake, em sua sabedoria.

Meus olhos começaram a lacrimejar, e não por causa dos afiados cristais de gelo que os ferroavam.

– Vou fazer isso. Boa ideia.

– E venham para casa logo, porque esta noite papai ia ler para mim o último

capítulo do livro, e ninguém faz todas as vozes direito, só ele.

Meus dedos apertaram com força o pequeno celular pressionado contra meu ouvido. Era uma corda de salvação preciosa, meu único elo com uma normalidade que desaparecia rapidamente, muito distante desse mundo aterrorizante onde os médicos lhe davam tempo para se despedir do homem que você amava, enquanto uma máquina bombeava oxigênio para os pulmões dele.

– Prometo que nós dois estaremos em casa logo, logo. Comporte-se, ok?

Sei que não se deve prometer para uma criança algo que você não sabe se poderá cumprir, mas também não se espera que você destrua o mundo delas. Considerados todos os aspectos, eu poderia viver com as escolhas que tinha feito.

No elevador, voltando para a UTI, fiquei tentando me convencer de que minha decisão de não contatar nossas famílias era a correta. Para ser sincera, parte de mim temia que, assim que eu os informasse sobre o acidente, poria em ação uma terrível cadeia de eventos. Fitei, arrasada, minha imagem distorcida no cromo polido do painel de controle do elevador e me perguntei se já não estaria atrasada. As peças do dominó começavam a tombar e não havia nada que eu pudesse fazer para detê-las.

Uma das enfermeiras me encontrou olhando através das portas de vidro do quarto onde a equipe de médicos permanecia ocupada cuidando de Joe. Observando suas atividades ou expressões, eu não saberia dizer se o estado de meu marido havia melhorado ou piorado, e estava apavorada demais para perguntar. A mulher me segurou pelo cotovelo e me levou dali, tendo que me arrastar quando resisti à pressão de seu braço.

– Não há nada que você possa fazer aqui fora – disse ela de forma gentil.

– Só queria ficar por perto. Para que ele saiba que não está sozinho.

Olhei para o quarto abarrotado. Joe não estava sozinho, longe disso.

A enfermeira deu tapinhas na minha mão, consolando-me.

– Assim que houver qualquer mudança, virei buscá-la. Prometo. Enquanto isso, a senhora pode esperar aqui, que é bem mais confortável – aconselhou, parando diante de uma porta de madeira com uma janelinha de vidro.

Eu me perguntei em que universo uma enfermeira podia imaginar que eu estaria preocupada com o meu conforto enquanto a vida do meu marido corria perigo. Aquela era, sem sombra de dúvida, a pior noite da minha vida. Abri a

porta e entrei na sala de espera. E foi nesse momento que minha noite de repente ficou muito pior.

Charlotte

Meus ouvidos estavam atentos ao som dos passos apressados pelo corredor. A cada vez que se aproximavam, meu coração acelerava e minha boca ressecava. Eu esquecia como engolir, como respirar. Cada alarme falso me deixava mais tensa e prestes a ruir diante do menor estímulo. Enquanto eu mantinha os ouvidos apurados, tentando distinguir qualquer coisa do outro lado da porta na enfermaria irritantemente muda, o silêncio ganhou seu próprio ritmo e som. Passos se aproximaram de novo, só que dessa vez não às pressas, incumbidos de alguma missão, mas se detiveram na entrada da sala. Fiquei paralisada. Estava esperando havia muito tempo para falar com os médicos, mas, agora que haviam chegado, eu queria fazer uma barricada diante da porta para impedir que entrassem. Ergui os olhos quando a maçaneta de cromo baixou devagar e a porta se abriu.

Ally

Eu esperava encontrar uma sala vazia. A enfermeira não dissera que havia outra pessoa ali. Mas havia. O rosto dela estava voltado para a porta, e seus olhos, presos aos meus. Não houve nenhum momento de dúvida. Haviam se passado anos desde a última vez em que tínhamos nos visto, mas eu conhecia suas feições tão bem quanto as minhas. Ela era a mulher que mudara o curso da minha vida.

Houve um instante de choque. Ela foi a primeira a falar.

Charlotte

– Você?

Vi as sobrancelhas da enfermeira se erguerem à medida que a boca de Ally se escancarava de surpresa.

– Como você soube que ele estava aqui? Quem contou? – continuei.

O olhar da enfermeira disparava entre uma e outra, claramente atônita. E ela não era a única.

Ally balançou a cabeça, como se estivesse no meio de um sonho muito confuso.

– Eu... Eu estava em casa... A polícia me avisou. Por que *você* está aqui?

Eu nem mesmo registrei a pergunta dela. Um milhão de suspeitas, que eu acreditava estarem enterradas tão fundo que jamais voltariam à superfície, de repente retornaram.

– Como eles sabiam como encontrar você?

– Encontraram meu número na carteira dele. Estou confusa. O que você está fazendo aqui, Charlotte?

Por um momento as palavras dela me deixaram sem fala. Ela estava delirando? Tinha surtado? Não me ocorria nenhuma outra razão para que ela me questionasse assim. Era ela que não devia estar na sala. Era ela a intrusa.

– O mesmo que você, aparentemente – repliquei.

Queria soar indignada, mas as palavras saíram entremeadas à dor. *Ele andava com o número do telefone dela? Depois de todo esse tempo?*

A enfermeira, que talvez não fosse muito esperta, olhava de Ally para mim à medida que decifrava a cena.

– Ah, então vocês se conhecem? – perguntou, inocente.

Fez-se um silêncio sepulcral.

– Sim. Ou melhor, nos conhecíamos – respondeu Ally baixinho.

Esperei que a enfermeira nos deixasse sozinhas, depois me voltei mais uma vez para a mulher cuja existência corria como uma perigosa e profunda falha sísmica sob o alicerce do meu casamento.

– Por favor, vá embora. Seu lugar não é aqui – declarei.

As feições de Ally se contorceram e seus olhos se encheram de lágrimas, mas mesmo em meio à dor não pude deixar de perceber que ela ainda era bonita.

– Não faço a menor ideia do que você está falando, mas é claro que meu lugar é aqui. O homem que eu amo está lutando pela vida, onde mais eu deveria

estar?

– Ele não é seu marido. É meu! – gritei, a voz embargada enquanto as lágrimas que eu não queria que ela testemunhasse começavam a rolar.

Os olhos de Ally se arregalaram, incrédulos. *Ah, claro, como se ela não soubesse que tínhamos nos casado...*

– David? – perguntou ela, trêmula, e, só de ouvir o nome dele em sua boca, já sentia ódio. – David está *aqui*?

Ela se apoiou em uma das cadeiras. Pareceu chocada e, pela primeira vez, minhas certezas vacilaram. Mas eu estava determinada a me manter firme, mesmo que o solo estivesse se movendo e deslizando sob meus pés.

– David está aqui? – repetiu ela, atordoada. – Aqui? Neste hospital? Nesta emergência?

Assenti com um movimento breve porém firme da cabeça, ainda um segundo ou dois atrás dela ao juntar as coisas.

– Não acredito. Como isso é possível? Eu não tinha a menor ideia.

E de repente eu acreditava, sim, nela. Ninguém seria capaz de fingir aquele olhar. Eu a vi correr as mãos pelo lustroso cabelo castanho à altura dos ombros, ao mesmo tempo em que balançava a cabeça de um lado para o outro em total incredulidade. Seus olhos fitaram os meus e, dentro deles, vi o reflexo de meu próprio ceticismo diante do que o destino fizera mais uma vez: nos reunira de forma implacável, sem que pudéssemos fugir.

– Não é por causa do *seu* marido que eu estou aqui. É por causa do meu – explicou Ally.

Eu gostava de matemática, sempre gostara, mas nem eu seria capaz de montar um cálculo que desse conta da probabilidade de me encontrar dividindo a sala de espera de um hospital com a mulher que era dona de uma parte do coração do meu marido, uma parte que eu nunca conseguira conquistar.

Ally

Abaixei-me lentamente até sentar em uma das duras cadeiras de plástico. Qual era a chance? Uma em um milhão? Um bilhão? Nenhuma de nós falou por vários minutos, mudas pela absoluta aleatoriedade da situação. Você pensa que

tem o controle de sua vida, acredita que é você quem toma todas as decisões, e então algo assim acontece e você se dá conta de que é apenas uma minúscula peça em um jogo de xadrez, sendo movida de um lado para outro ao capricho de alguma coisa ou alguém muito maior. Livre-arbítrio? Eu nem mesmo tinha certeza se ainda acreditava nisso. Rompi o silêncio primeiro:

– Então, o que há de errado com ele? Por que David está aqui?

– Ataque cardíaco.

Charlotte disparou as palavras como tiros. Elas encontraram seu alvo e eu me encolhi com o impacto.

– Sério? Ele não é jovem demais para isso?

Ela me fulminou com o olhar, como se ousar questioná-la fosse uma agressão. Esfregou minúsculas e invisíveis linhas na testa, e eu não pude deixar de me perguntar se aquele rosto liso e sem rugas se devia apenas a uma boa genética ou se ela já tivera alguma ajuda.

– Bem, ainda não tenho certeza. Estou esperando para falar com os médicos – concedeu Charlotte.

Um silêncio desconfortável se instaurou na sala. Entre nós havia tanto combustível para desavenças que a mais ínfima centelha poderia desencadear uma explosão, algo com que nenhuma das duas era capaz de lidar no momento.

Por mais que eu não quisesse conversar com ela, descobri que era quase impossível evitar avaliar Charlotte. Tínhamos escolhido cadeiras o mais distantes da outra que a pequena sala nos permitia, e, embora a iluminação fosse tênue, ainda era clara o bastante para que o corte de cabelo moderno, as elegantes joias de prata e os saltos muitíssimos altos causassem a impressão pretendida. Eu estava bem certa de que seu vestido de grife tinha custado mais do que eu gastava com roupas em um ano. Eu usava um suéter preto simples, com calça jeans por dentro das botas pretas, meu uniforme de mãe que trabalha fora e um dos meus looks preferidos – além de tudo, Joe gostava quando eu usava jeans. Uma súbita lembrança de suas mãos fortes e ásperas correndo pelas minhas coxas me sobreveio. Um breve som escapou do nó em minha garganta. A cabeça de Charlotte se ergueu com o ruído, mas, embora olhasse para mim, ela não fez o menor movimento em minha direção.

– Então, seu marido... John, não é?

– Joe – corrigi, irracionalmente irritada com o equívoco dela.

– O que aconteceu com ele?

– Caiu em um lago congelado.

As sobrancelhas bem-feitas de Charlotte se ergueram. Uma reação – eu sabia – bastante compreensível.

– O que ele estava fazendo em um lago?

– Não tenho a menor ideia – repliquei, cortando sua incipiente tentativa de conversa.

Ela deu de ombros, o que confirmou sua falta de interesse no estado do meu marido. Seus pensamentos focavam apenas David, nada havia mudado nesse sentido. Nada mesmo.

Ambas demos um pulo quando passos se aproximaram da porta da sala de espera. Era impossível dizer de que lado do corredor tinham vindo: do quarto de Joe ou do de David. A porta se abriu e um médico de jaleco branco ficou parado na soleira. Não era um rosto que eu reconhecesse da equipe que eu vira cuidando de Joe. Ele chegara ladeado por uma enfermeira e outro homem mais jovem que trazia um estetoscópio pendurado no pescoço.

– Sra. Williams? – perguntou o médico mais velho, os olhos indo de Charlotte para mim, questionadores.

– Sou eu. Eu sou a Sra. Williams – replicou Charlotte com ênfase, levantando-se.

Meus dedos se cravaram na palma das mãos quando fantasmas do passado ecoaram na forma de palavras que eu não tinha nada que ficar lembrando.

– Sra. Williams. Sra. Ally Williams. Isso vai acontecer, você sabe. Um dia, daqui a alguns anos – dissera David, puxando-me mais para perto do calor de seu corpo nu.

Eu o havia empurrado de brincadeira, minha mão exercendo muito pouca resistência contra os músculos firmes de seu abdômen definido.

– Pare com isso – eu replicara, acomodando a cabeça em seu ombro largo, usando-o como travesseiro.

A cama em seu quarto no alojamento de estudantes era estreita e não muito confortável, mas nenhum de nós parecia se importar.

– Pode protestar quanto quiser – dissera ele, provocador, enfiando os dedos pelo meu longo cabelo castanho e erguendo delicadamente minha cabeça para que eu pudesse fitar seus olhos. – Mas você vai ver. Um dia, eu vou chegar lá.

Um leve tom rosado havia colorido minhas bochechas. Eu nunca sabia ao certo se ele estava falando sério quando dizia essas coisas.

– Eu acho que você acabou de “chegar lá” bem direitinho... duas vezes – eu o informara, dengosa.

– Pronta para a terceira rodada? – perguntara David, puxando-me para cima dele. – Futura Sra. Williams.

– Quer vir conosco, Sra. Williams? – indagou o médico, me tirando do devaneio. – Temos dados novos sobre o estado do seu marido.

Fiquei feliz por me deixarem sozinha na sala, feliz por Charlotte ter sido levada pelo grupo de médicos para uma conversa particular. Eu disse a mim mesma que, o que quer que estivessem dizendo a ela, não me interessava; disse a mim mesma que aquilo não tinha nada a ver comigo; disse a mim mesma que só me interessava por Joe, ninguém mais. Fiquei sentada na penumbra da saleta, cercada por minhas próprias mentiras.

Meus olhos ficavam voltando às luzes que brilhavam debilmente na pequena árvore de Natal em cima da mesa. Havia uma árvore de Natal magnífica na noite em que nos conhecemos. Era quase tão alta quanto a imensa tenda na qual ela se encontrava, e nem dava para vê-la por inteiro através do arco de pisca-piscas na entrada enquanto eu me apressava pelo caminho. Mas eu estava atrasada, sem tempo de parar e admirá-la, lembrei. De repente, a sola de minhas sapatilhas pretas novas e baratas, as que eu tivera de correr para comprar naquela tarde, havia deslizado no caminho coberto de gelo escorregadio e eu começara a cair...

CAPÍTULO 3

Ally – Nove anos antes

– Opa! Firme aí!

A voz dele viera do nada no escuro, junto com a mão, que segurou meu braço bem a tempo para que eu não caísse de pernas para o ar diante da longa fila de alunos que serpenteava na entrada do Baile de Inverno.

Até que eu conseguisse recuperar o equilíbrio, acho que meus pés descreveram um giro que só personagens de desenho animado conseguiam fazer.

– Obrigada – agradeci, sem ar, já sentindo o constrangimento tomar meu rosto.

Ergui a cabeça, mas não consegui ver nada do homem que me segurou.

– Não me diga que mais uma mulher caiu a seus pés, David! – gritou uma voz sem rosto do outro lado da rua. – Isso está começando a perder a graça, rapaz. Por que não descansa e dá uma chance para os outros?

O comentário engraçadinho terminou em uma gargalhada, o sujeito deliciando-se com a própria brincadeira. Eu, nem tanto. Ainda mais porque suas palavras atraíram a atenção de vários alunos que esperavam na fila para o baile que o centro acadêmico anunciara como “o evento mais imperdível do ano”. Eu não concordava exatamente com aquele slogan. Para mim, o mais adequado seria “o evento mais impagável do ano”. O ingresso custava 70 libras, e mal me sobraria alguma coisa do crédito educativo para o período. Se não fossem a forte gripe do trompetista da banda e pelo desespero do amigo que me pedira um favor, eu e minhas sapatilhas escorregadias jamais teríamos estado diante daquela tenda enorme, com um estranho me segurando. Isso porque as mãos dele continuavam em volta dos meus braços, mesmo bem depois de eu ter me reequilibrado.

– Obrigada – repeti na direção do meu salvador, que ainda era uma silhueta

alta e obscura.

– Você precisa beber água entre as doses – disse ele, me provocando.

– Não estou bêbada – retruquei, embora talvez o mesmo não pudesse ser dito do amigo dele, nem dele mesmo, até onde eu sabia.

Ansiosa para sair dali, libertei meu braço com um pouco mais de força do que devia e quase escorreguei de novo. Mais uma vez as mãos dele me estabilizaram. Ouvi alguém rindo na fila e senti o calor subir pelo meu rosto já vermelho. Detestava fazer cena ou ser o centro das atenções, e no momento corria o risco de fazer as duas coisas.

– Eu só estava brincando – replicou o homem, que presumi chamar-se David. – A calçada é mesmo escorregadia aqui, deve ser bem difícil andar de salto alto.

Só que eu não estava de salto. Usava sapatilhas pretas lustrosas, com uma saia lápis preta e uma blusa preta barata comprada em uma loja popular. Eu mais parecia vestida para um enterro do que um baile. Mas eu era parte da *banda*, não uma convidada – tinha que ficar lembrando isso a mim mesma. Era como uma versão moderna de um conto de fadas. *Cinderela, você* pode *ir ao baile... só que terá que tocar na banda quando chegar lá.*

– Tem certeza de que está bem? Não machuquei você quando a segurei, machuquei?

Ele tinha uma voz bonita, feita para cantar, meu ouvido musical concluiu na hora. Era rica e tinha um tom profundo que fazia você pensar em mel quente e liquefeito. Pisquei para afastar essa ideia no mesmo instante em que o amigo do meu salvador gritava de novo.

– David, está um frio do cão aqui. Pegue logo o telefone dela e venha, ou os caras do rúgbi já vão ter bebido todo o champanhe quando entrarmos.

Olhei na direção de onde tinha vindo o comentário e depois de novo para o homem à minha frente.

– Estou bem. Obrigada de novo. Desculpe, preciso ir – falei, desviando-me dele e seguindo para a entrada dos fundos da tenda.

Eu já estava quinze minutos atrasada para me apresentar ao líder da Moonlighters, a banda da universidade responsável pela música ao vivo no baile. Ele já devia estar tendo um ataque de nervos, pensando que eu não ia aparecer.

Quando eu estava a um passo de desaparecer na escuridão, alguém dentro da tenda acionou um interruptor e a fileira de árvores que ladeavam a calçada de

repente se materializou, como num passe de mágica, todas elas entremeadas com pisca-piscas brancos de LED. Foi nesse momento que o vi direito, iluminado pelo brilho de mil lâmpadas cintilantes. Ele era, sem dúvida, a pessoa mais deslumbrante que eu já vira em toda a minha vida.

O clima nos bastidores da tenda era o frenesi normal que antecede uma grande apresentação. Era verdade que eu estava mais familiarizada com recitais de música clássica do que com as *big bands* de jazz, mas ainda era possível reconhecer o burburinho e a atmosfera de pânico mal controlado. Eu conhecia o líder da banda de vista, mas teria sido capaz de identificá-lo de qualquer forma, porque era quem parecia estar mais perto de ter um ataque cardíaco.

Passando entre os músicos agitados, fui até ele e dei uma batidinha em seu ombro.

– Oi, sou Alexandra Nelson... Ally – corrigi.

Ele dedicou apenas um milissegundo para assentir, distraído, e depois continuou a vasculhar a multidão, procurando algo ou alguém.

– Sou a substituta do seu trompetista que ficou doente – acrescentei.

Ele me segurou pelos ombros e, por um momento, fiquei na dúvida se ia me sacudir por estar atrasada ou me beijar, aliviado. Felizmente não fez nenhuma das duas coisas.

– Graças a Deus! Pensei que você não viria.

– Desculpe-me – eu disse. – É que...

Não pude terminar a frase, porque uma enorme pasta de músicas foi enfiada nas minhas mãos.

– Espero que você seja tão boa quanto Tom falou, porque entramos em dez minutos.

Engoli em seco e olhei para o pesado maço de partituras.

– Por favor, me diga que você é a melhor do Departamento de Música em leitura à primeira vista.

Eu não tinha certeza se podia ostentar esse título, mas não era hora para falsas modéstias. Olhei para a partitura com uma confiança que eu esperava não ser equivocada.

– Não se preocupe. Eu dou conta.

Ele assentiu, satisfeito. Pensei nos testes notoriamente difíceis necessários para entrar naquela banda e imaginei que o meu provavelmente marcaria a

história da Moonlighters como a admissão mais fácil de todos os tempos. Mas, com seu espetáculo mais importante do ano prestes a começar e um salão cheio de gente que havia pagado uma fortuna pela diversão da noite, o que mais poderiam fazer? Além disso, eu tocaria com eles apenas naquela apresentação.

– Basta seguir o restante da banda. Incluímos certos movimentos em alguns dos números principais.

Meu coração se apertou um pouco. Isso já estava a um mundo de distância da Orquestra Filarmônica Universitária, na qual eu tocava. Não era o tipo de música que eu costumava executar nem o tipo de gente com quem eu socializaria. *Certos movimentos? Quais?* Esperava que ele não estivesse se referindo a movimentos de dança, porque isso *definitivamente* não era meu estilo.

– Vai dar tudo certo – afirmou ele, tranquilizando a si mesmo ou a mim, e quase pude vê-lo riscar *Falta trompetista* de sua lista de problemas que precisavam ser resolvidos nos dez minutos seguintes.

Tirei meu grosso casaco acolchoado, sentei-me em uma das grandes caixas usadas para transportar os amplificadores e passei os olhos pela lista de músicas. A apresentação seria dividida em três partes de 45 minutos cada, com números de jazz bem conhecidos – do tipo popularizado por artistas como Michael Bublé. Meus pais adorariam esse show; bem mais do que os muitos recitais e apresentações a que haviam assistido nos últimos quinze anos, desde que eu começara a estudar música. O fato de eles nunca terem perdido uma única apresentação minha era testemunho de seu amor e orgulho por mim, mais do que pelo conteúdo musical em si. Eu demorara bastante para entender que meu amor pela música clássica pulara uma geração. Era minha avó quem teria amado estar naqueles concertos. Era o dom musical *dela* que corria em minhas veias, parte da minha genética tanto quanto meu cabelo castanho, meus olhos verdes e os lábios carnudos. Lábios que eu devia estar aquecendo, me dei conta, enquanto abria com um clique os fechos da caixa de couro preto em que guardava meu trompete.

A tenda era incrível. A abóbada alta era uma lona com pregas, nas quais uma Via Láctea inteira tinha sido montada com minúsculas luzes cintilantes. Havia mais detalhes na decoração do que seria possível captar em nossa lenta caminhada em fila indiana até o palco, mas pude ver pelo menos duas esculturas

de gelo gigantes e uma enorme fonte de chocolate posicionadas em um dos lados. Havia uma pista de dança de tábua corrida bem em frente ao palco, e o restante do amplo espaço era ocupado por um mar de grandes mesas redondas cobertas por toalhas de linho branco e decoradas para a festa. Um burburinho de empolgação percorreu os convidados quando assumimos nossas posições. Eu era o Primeiro Trompete e me dirigi até o lugar designado – na fileira de cima, atrás dos trombones, que, por sua vez, ficavam atrás dos saxofones. Senti uma agitação familiar na barriga, um misto estranho e intoxicante de nervos aterrorizados e excitação crescente. Por um breve momento, logo antes do início da primeira música, quando o líder da banda olhou para seu músicos para verificar se estávamos todos prontos, pensei, como sempre acontecia: *Que diabos estou fazendo aqui?* Então o regente ergueu as mãos e levei meu trompete aos lábios, ficando a postos, e me perdi como sempre na magia da música.

A primeira parte passou. Fizemos um intervalo de vinte minutos, tempo suficiente apenas para beber água e beliscar alguns sanduíches no pequeno camarim improvisado nos fundos da tenda. Não era a mesma comida servida aos convidados, mas, afinal, eles tinham *pagado* por uma refeição sofisticada e pelas seis garrafas de vinho que eu vira em cada mesa.

Não reencontrei David até nosso último intervalo. Os demais integrantes da banda, evidentemente, se conheciam muito bem e conversavam em grupos animados. Eu me senti um pouco deslocada – o que era ridículo, já que, no palco, os laços da música nos uniam, criando uma entidade musical viva e coesa. Eu não era tímida, mas sempre tinha sido uma daquelas pessoas que preferiam assistir em silêncio, dos bastidores. Talvez fosse consequência de ser filha única de pais que eram uns bons quinze anos mais velhos do que os dos meus colegas de turma. Ou talvez fosse apenas como a natureza me fez. Quem não me conhecia bem muitas vezes pensava que eu era esnobe ou apática. Nem um, nem outro, mas em geral levava um bom tempo para me abrir com as pessoas e, embora estivesse em meu segundo ano da universidade, tinha conhecido um bocado de gente, mas poucas delas eu considerava amigas de verdade.

Atravessei a cortina improvisada que separava os bastidores da tenda principal e o vi de imediato. Ele estava de pé ao lado de uma das mesas à esquerda do palco, conversando e rindo com alguns de seus ocupantes. Sem nenhuma razão aparente, ele se virou para mim, como se tivesse sido chamado

pelo nome. Então disse algo aos amigos, bateu no ombro de um deles, se endireitou e começou a abrir caminho na minha direção. Por um momento de estupidez, pensei em fingir que não o tinha visto e voltar para a área dos músicos. Não havia motivo para essa súbita insegurança. David com certeza não parecia ameaçador quando seus olhos encontraram os meus e ele seguiu em frente com ar confiante, atravessando a multidão de convidados, alguns dos quais já estavam meio bêbados. David ficava um arraso de terno – que lhe caía bem demais para ser alugado. Parecia o modelo de alguma propaganda sobre a vida glamourosa que ninguém levava no mundo real. Ele havia desfeito o nó da gravata-borboleta, que pendia de forma displicente no colarinho desabotoado de sua camisa branca impecável. Nunca entendi por que aquilo parecia tão sexy, mas tive certeza de que ninguém ficaria tão atraente quanto ele, e minha garganta se contraiu de um jeito que não pude controlar.

– Olá, Garota Bêbada. Quer dizer que você é musicista – disse ele, a boca se curvando em um sorriso fácil. – Você toca corneta.

Mesmo sem querer, ouvi o tom divertido em minha voz quando o corrigi:

– Já falei, eu não estava bêbada. E corneta é para soldados. Sou trompetista.

Seus olhos brilhavam, ainda mais forte do que as luzes acima de nós, e me dei conta de que ele mais uma vez me provocava.

– Você toca muito bem – elogiou ele. – Há quanto tempo está na Moonlighters? Não me lembro de ter visto você em nenhum dos shows anteriores.

Dei uma olhada no meu relógio de pulseira fina, presente do meu décimo quarto aniversário e que, sete anos depois, ainda funcionava com precisão.

– Há menos de duas horas, na verdade – respondi. – Vim para ser sub.

– Ah, sim – retrucou ele, assentindo, e depois inclinou a cabeça, aproximando-a tanto da minha que senti a fragrância da sua loção pós-barba. – E o que seria uma sub? – acrescentou, num sussurro.

Sorri. Estava tão acostumada a conversar com músicos ou com os outros estudantes de música que dividiam a casa comigo que tendia a esquecer que nem todos conheciam nosso jargão.

– Estou substituindo alguém que ficou doente – expliquei. – Não costumo tocar esse tipo de música.

– Sua praia é mais heavy metal, não é?

Olhei para ele por baixo dos cílios. Ele tinha respostas rápidas e inteligentes, e de repente senti como se estivesse nadando em águas profundas demais para mim.

– Toco na Filarmônica Universitária – contei, com orgulho. – Mas você não deve ter ido a muitas de nossas apresentações.

Ele sorriu, e notei que ruguinhas se formavam no cantinho externo dos seus olhos, o que o deixava ainda mais lindo.

– Ora, o que a faz pensar isso?

Dei de ombros, constrangida, arrependida de meu comentário e não melhorando muito a situação ao acrescentar:

– Não sei, você... seus amigos... não são o tipo de turma que costumamos ver em nossa plateia.

– Parece que seu gosto musical a deixa meio irritadinha e na defensiva, Pessoa Inebriada.

– Continuo sóbria – corrigi. – E só quis dizer que não parece ser seu tipo de música. Duvido que você consiga citar três compositores clássicos.

– Ah, um desafio – disse ele, zombeteiro. – Gostei.

E de repente eu não sabia se era apenas aos nomes de músicos que ele se referia. No entanto ele franziu a testa de um jeito atraente (*e como isso era possível?*), concentrando-se.

– Hã... Beethoven, Bach... e... hum...

– Bartók, Berlioz, Bertini, Bizet, Brahms...

– Nossa, você adora a letra B, hein?

– Besteira.

– Aí, mais um – disse ele, brincando. – Você leva tudo tão a sério, Ébria Cidadã?

– E você não leva *nada* a sério? – contrapus.

– Tudo é uma questão de equilíbrio – replicou David. – E isto aqui é uma *festa*. Podemos nos divertir. Quem só trabalha e nunca se diverte... – Ele deixou as palavras suspensas no ar.

– ... se forma com louvor – completei, revelando sem querer meus planos para os três anos seguintes.

Quando ouvi o som de uma discreta campainha vindo da sala de espera atrás de nós, fiquei grata por ter uma desculpa para sair do ringue.

– Preciso ir. Vamos retornar agora.

– A que horas o show termina?

– Ainda faltam 45 minutos – respondi, já me virando para sair.

Ele segurou de leve meu pulso, impedindo-me de ir.

– Venha tomar um drinque comigo em nossa mesa quando terminar – convidou ele, inesperadamente, inclinando a cabeça na direção de uma das mesas mais ruidosas do salão.

Observei seu grande grupo de amigos, que gargalhava de alguma coisa – exceto pelos dois casais envolvidos no tipo de exibição pública de afeto que em geral fazia com que alguém gritasse "*Vão procurar um motel!*". Todos pareciam imersos no espírito da festa e certamente seus trajes estavam de acordo com a ocasião: vestidos de baile e ternos caros. Vi um dos garçons levar quatro garrafas de champanhe até a mesa deles, o que fez o grupo se animar ainda mais. Eu me perguntei, pela primeira vez, se o próprio David não estaria um pouco alto, embora eu não tivesse detectado nada em seu comportamento que indicasse isso.

Fiz que não com a cabeça e puxei de leve o pulso, liberando-o de sua mão.

– Desculpe, mas não temos permissão – menti, improvisando. – Não podemos socializar com os convidados.

– Que coisa mais antiquada.

Dei de ombros.

– São as regras.

Os olhos dele brilharam com malícia.

– Elas foram feitas para serem quebradas.

– Não por mim.

Ao desaparecer pela abertura na cortina, indo me juntar aos outros integrantes da banda, eu balançava de leve a cabeça, sem imaginar por um momento sequer que acabara de conhecer o homem que ia mudar a minha vida.

Charlotte

– Como é? Que *tipo* de vírus o senhor mencionou?

Os dois médicos haviam me levado para um pequeno consultório atrás do posto de enfermagem. Não havia papéis sobre a mesa e nem nome na porta. Era

uma sala sombria, o que me pareceu um terrível presságio. O médico-chefe, que parecia ter 50 e poucos anos, tinha uma barba espessa e avermelhada, entremeada com fios grisalhos. Parecia mais um lenhador do que um médico. O mais jovem fechou a porta, deixando do lado de fora todos os sons da enfermaria, e o outro me convidou a sentar. Eu me recusei, mas ele insistiu:

– Por favor, Sra. Williams, sente-se.

Foi quando comecei a sentir medo de verdade. O que ele estava prestes a dizer seria tão alarmante que eu não teria condições de continuar de pé depois de ouvir suas palavras? Talvez.

– Cardiomiopatia viral – disse o médico.

Ele pousou sua mão suavemente sobre as minhas, que se contorciam de ansiedade, como eu estivesse fazendo origami. Foi por esse pequeno gesto que eu compreendi a gravidade da situação. Obriguei minhas mãos a se aquietarem.

– Mas existe remédio para isso, certo? Se é um vírus, pode ser tratado, não é? Com antibióticos... ou algo assim?

Olhei para o médico mais jovem. Ele mexia, sem jeito, no estetoscópio que pendia de seu pescoço. Foi quando entendi por que ele estava ali: para aprender como se dão notícias muito ruins à família dos pacientes. Bem, ele teria que aprender outra hora, com outro paciente, porque eu não ia aceitar aquele diagnóstico. Encarei o médico mais velho, que balançava a cabeça de um lado para outro.

– A cardiomiopatia viral ocorre quando infecções por vírus provocam uma doença chamada miocardite, que resulta no espessamento do miocárdio e na dilatação dos ventrículos.

Sacudi a cabeça, impaciente.

– Traduza, por favor – pedi.

Pela primeira vez, vi o homem por trás do médico; ele se revelou quando seu olhar se suavizou ao encontrar o meu.

– Em termos leigos, seu marido...

– David.

– David contraiu um vírus que atacou os músculos do coração, danificando-os.

Engoli em seco.

– E como esses músculos podem ser curados? Como torná-los normais de

novo?

Ele se manteve em silêncio.

– O que está me dizendo? Que *não tem* cura?

O médico inclinou devagar a cabeça, acho que para me dar um tempo de absorver as palavras que alterariam o meu futuro. Só que naquele momento eu não sabia disso.

– Na prática, David vai sentir falta de ar, cansaço e tonteiras com frequência cada vez maior. Precisamos fazer outros exames e estudar maneiras de aliviar parte do desconforto. Mas neste momento a senhora precisa estar ciente de que ele vai precisar adaptar radicalmente seu estilo de vida à doença, enquanto tentamos encontrar uma forma de retardar a deterioração.

– E se *não* conseguirem?

O médico pareceu desejar que eu não tivesse feito aquela pergunta, mas ele devia ter imaginado que eu a faria.

– Vamos conversar sobre isso quando for a hora ok?

– Não – rebati, surpreendendo os dois médicos com minha veemência. – Vamos conversar agora. Eu preciso saber. Ele... Ele vai...?

Apesar de toda a minha demonstração de força, ainda não havia como eu conseguir fazer aquela pergunta passar pelos meus lábios apavorados. Tentei de outro jeito.

– Essa doença... pode matá-lo?

Levou sete segundos – e eu contei cada um deles – para que o médico desse a pior notícia que eu já recebera em toda a minha vida.

– Sim, pode.

Ally – Nove anos antes

Tive que me esforçar para não olhar nem por um segundo na direção da mesa dele durante a última parte da apresentação. Mesmo assim, foi como se sentisse seus olhos em mim, atravessando a escuridão do salão como raios laser. Quando eu não estava tocando, mantinha o olhar fixo na partitura, fingindo concentração. Nosso último número, “In the Mood”, de Glenn Miller, era uma das marcas registradas da banda e, pouco antes de soarem as notas finais, o público ficou de

pé e começou a aplaudir e a assobiar de forma ensurdecedora. Aquilo era muito diferente dos aplausos discretos a que eu estava acostumada e, para minha surpresa, até que gostei. Inebriada com a reação do público, senti o rosto agradavelmente quente quando me curvei em agradecimento ao lado dos outros músicos e deixei o palco.

Em meio aos tapinhas nas costas e parabéns no camarim improvisado, foi fácil passar despercebida enquanto reunia meus pertences, guardava meu trompete na caixa e vestia o casaco. Eu estava ajustando o cinto quando o líder da banda se aproximou e passou o braço pelos meus ombros, seu estresse anterior dissipado pela apresentação bem-sucedida. Ele me agradeceu pelo menos cinco vezes (eu contei) por ajudá-lo.

– Gostei muito – garanti, e fiquei surpresa ao perceber que não era uma mentira educada.

Talvez o tal David estivesse certo. Talvez eu realmente me levasse a sério demais. Talvez eu precisasse viver com mais leveza.

– Você deveria tentar entrar para a banda na próxima vez que fizermos testes – convidou o líder. – Com certeza conseguiria.

Dei de ombros, um tanto volúvel, ainda com um pouco da euforia do show.

– Talvez eu tente. De qualquer maneira, estou feliz por ter ajudado.

Eu me virei para sair.

– Escute, em geral encerramos a noite em um dos bares do campus. Por que não vai conosco?

Era o meu segundo convite inesperado da noite e, ao contrário do primeiro, me vi hesitando por um momento antes de recusar.

– Desculpe, mas não posso. Tenho de pegar o trem para casa amanhã de manhã cedo. Quem sabe em outra ocasião.

Saí pelos fundos da tenda. A temperatura caíra drasticamente ao longo da noite, e minha respiração agora saía em nuvens gélidas, como as chamas congeladas de um dragão. Olhei ao redor, e a área toda me pareceu deserta, mas eu estava habituada a caminhar sozinha à noite. Segurei firme a alça da caixa do trompete, lamentando minha decisão de não usar luvas. Tinha dado não mais de

dois passos fora da tenda quando as palavras dele cortaram a escuridão, detendo-me.

– Eu sabia.

Reconheci a voz de imediato. Eu tinha um bom ouvido, e a voz dele era bastante singular. Portanto, não havia motivo para ter medo, nem para as batidas do meu coração terem quadruplicado a velocidade. Virei a cabeça devagar e o vi encostado em uma das árvores iluminadas por lâmpadas cintilantes, uma taça de champanhe em cada mão.

Hesitei apenas por um instante antes de ir até ele.

– Sabia o quê?

– Que você ia me dar um bolo. Que ia sair correndo antes das batidas da meia-noite, como a Cinderela, agarrada a seu trombone.

– Não é um...

Parei e sacudi a cabeça. Ele estava brincando comigo, percebi. Eu era uma distração para ele, uma diversão interessante, um entretenimento sem compromisso, e eu ainda não fazia a menor ideia do porquê.

– Você não passou na minha mesa – repreendeu-me com delicadeza.

– Como você sabe, se estava esperando aqui fora? – argumentei.

– *Touché* – disse ele, com admiração, e estendeu uma das taças para mim.

Eu ia dizer não, ia mesmo, mas em vez disso vi meus dedos congelados segurarem a haste delicada.

– Eu sabia que você não ia – alegou ele em voz baixa.

– Sabia?

– Mas também sabia que no fundo você *queria* ir.

– Sabia? – repeti, sem me dar ao trabalho de disfarçar o óbvio ceticismo na minha voz. – Você é muito seguro de si, não?

Ele sorriu.

– Nada disso. Por exemplo, agora não tenho certeza se você vai beber essa taça de um champanhe muito saboroso ou jogá-lo em mim.

– As pessoas só fazem isso nos livros ou nos filmes – informei. – Na vida real, seria um desperdício de uma bebida tão deliciosa.

Levei a taça aos lábios, preparando-me para beber, mas a mão dele me deteve.

– Não tão depressa, Garota de Pileque. Vamos fazer um brinde.

– Um de nós pode estar de pileque, mas tenho certeza de que não sou eu – afirmei.

Na verdade, sua fala não estava arrastada e as pernas pareciam firmes, mas a mesa dele tinha consumido um número considerável de garrafas, e era difícil acreditar que ele não tivesse bebido também.

Ele estalou a língua em desaprovação ao meu comentário, e então ergueu a taça no ar, gesticulando com a cabeça em um convite para que eu fizesse o mesmo. Devagar, ergui minha taça também.

– Isto é ridículo – murmurei.

– Shh. Você vai arruinar o momento.

Mordi o lábio. Definitivamente bêbado, concluí. Eu entraria na brincadeira. Tomaria um gole de champanhe e depois iria para casa. Ainda tinha muita coisa para arrumar antes de viajar pela manhã.

– A nós. A um relacionamento longo e feliz.

– Não vou brindar a isso – protestei.

– Isso não implica nenhum vínculo legal – sussurrou ele, com ar conspirador.

Balancei a cabeça, perguntando-me como me metera naquela situação idiota. Não era nem um pouco o meu estilo.

– Vamos lá – incentivou-me.

Ele não ia desistir, ao que parecia.

– Ok, que seja. A nós – repeti, apressada, e tomei um enorme gole de champanhe, em seguida devolvendo-lhe a taça. – Obrigada, agora *preciso* ir.

– Então me deixe acompanhá-la – sugeriu ele, colocando as duas taças no pé da árvore.

– Não seja bobo. Você nem sabe onde eu moro.

Ele deu de ombros, de um jeito ao mesmo tempo infantil e charmoso.

– Não pode ser muito longe. De qualquer maneira, tenho um problema em deixar jovens bonitas saírem andando pela noite desacompanhadas.

Baixei a cabeça, e meu cabelo escuro escondeu minha expressão de súbito constrangimento. Eu não lidava bem com elogios e tinha certeza de que ele continuava a brincar comigo.

– Pelo menos deixe que eu a acompanhe até a rua principal – sugeriu ele.

Estava pronta para negar, mas concordei. Foi uma caminhada de apenas alguns minutos e, quando chegamos lá, fiquei contente ao ver que ainda havia

muitos grupos de estudantes por ali.

– Daqui eu vou bem – assegurei-lhe, sentindo-me de repente desajeitada sob o brilho alaranjado do poste. – É melhor você voltar para os seus amigos agora.

– Gostaria de ver você de novo – disse David, devolvendo-me a caixa do trompete que ele tirara das minhas mãos enquanto andávamos. – O que vai fazer amanhã?

– Voltar para casa, em Hertfordshire – respondi.

– Que tal me encontrar para um café antes?

Fiz que não com a cabeça, mas ele não desistiu. Por algum motivo, tive a sensação de que não eram muitas as garotas que recusavam um convite dele.

– Acho que você vai precisar de cafeína para ajudá-la a ficar sóbria depois da noite que teve – declarou, em tom solene.

Senti meus lábios começarem a se curvar. Ele era mesmo engraçado, e eu me sentia atraída por ele de um modo que começava a me preocupar.

– Vamos fazer o seguinte – sugeri. – Se você quer *mesmo* me ver antes que eu vá para casa, vou passar no café do campus às sete e meia da manhã.

– Sete e meia! – exclamou ele, no tom de alguém que pensava que aquela hora só existia uma vez por dia, e definitivamente à noite.

– Vou pegar o trem das nove. Só fico no campus até esse horário. Se quiser me ver, é onde eu estarei.

Nesse exato momento, um ronco alto veio subindo a rua. Ergui os olhos e, com emoções ambíguas, vi que era o meu ônibus. Enfiei a mão no bolso e peguei meu passe no instante em que as portas se abriam com um silvo. Embarquei e virei-me para David, que estava de pé na calçada, uma expressão um tanto dividida.

– Eu nem sei o seu nome – disse ele, enquanto eu mostrava meu passe ao motorista de aparência cansada.

– Se você aparecer amanhã, eu lhe digo – prometi, e então o motorista, bem na hora, pressionou o botão para fechar as portas, encerrando nossa conversa.

David ficou na calçada me olhando através das janelas encardidas enquanto eu encontrava um lugar para me sentar e acomodava a caixa do trompete no assento ao meu lado. É claro que ele não estaria no café no dia seguinte. Isso era óbvio. Ele fora a um baile, e a festa estava apenas começando; provavelmente ele não iria para a cama tão cedo. Eu tinha certeza de que a última coisa que ele

pensava em fazer era levantar cedo, sair e encontrar uma garota qualquer com quem ele flertara à noite. Era provável que, pela manhã, ele nem mesmo se *lembrasse* de ter me conhecido. Aquela era, quase sem sombra de dúvida, a última vez que eu o veria. Enquanto o ônibus se afastava devagar do meio-fio, dei-lhe adeus pela janela, agitando os dedos.

Na manhã seguinte, porém, mesmo parecendo exausto, lá estava ele sentado no café, com os olhos fixos na porta, à minha espera.

Charlotte

– Posso vê-lo agora?

O médico assentiu.

– Claro. Ele vai subir para a Radiografia daqui a pouco, pois precisamos fazer mais alguns exames, mas a senhora pode acompanhá-lo até que ele seja chamado.

Não perguntei sobre esses exames adicionais. Os nomes me assustavam, e o que quer que estivessem tentando descobrir me assustaria ainda mais. O ruído do salto dos meus sapatos no linóleo lustroso era tudo o que eu conseguia ouvir enquanto seguia os médicos até o quarto de David, afora os fracos acordes de uma canção natalina vindos de um pequeno rádio que tocava baixinho no posto de enfermagem. Parecia quase desrespeitoso que todos estivessem ansiosos pelas festas de fim de ano enquanto só o que eu via nos dias e semanas à nossa frente era escuridão e medo.

Lancei um olhar sobre o ombro para a outra sala ocupada na UTI. Na extremidade oposta do corredor, o marido de Ally ainda se achava cercado por um grupo de médicos com ar preocupado. Era como um lembrete de que o nosso futuro não era o único incerto naquela noite.

– Devo avisá-la, Sra. Williams – começou o médico de barba avermelhada, virando-se para mim quando chegamos ao cubículo envidraçado onde David estava. – Demos um sedativo muito forte ao seu marido, para prepará-lo para exames, então a senhora vai achá-lo um tanto grogue.

Estiquei o pescoço, como um curioso ao passar por um acidente, tentando obter um vislumbre de David. Mas o médico tinha ombros largos, e não consegui

ver nada além de seu jaleco branco.

– Entendo – falei, avançando, ansiosa, pelo espaço que ele abriu quando por fim deu um passo para o lado e me deixou entrar no quarto.

Havia duas enfermeiras com David, mas não olhei nem uma única vez na direção delas ao caminhar de pernas bambas até a cama. Não me lembro nem de ter me sentado na cadeira de plástico ao lado dele. Simplesmente me vi sentada de repente. Eu ouvia o médico fazendo perguntas, ouvia as enfermeiras respondendo, mas as palavras deles eram distorcidas, apenas sons ininteligíveis, como um disco tocado na velocidade errada. Por um momento me perguntei que língua eles estariam falando. Era difícil distinguir qualquer coisa acima do som baixo e entrecortado que alguém fazia. Só quando uma das enfermeiras me entregou uma caixa de lenços de papel e apertou meu ombro com delicadeza me dei conta de que o som vinha de mim.

A parede de monitores que cercava David parecia uma barreira de telas de TV, cada uma exibindo um programa ao qual eu não queria assistir. Eles tinham reduzido David a uma compilação de bipes, gráficos e leituras. Isso era tudo que esses profissionais podiam ver do homem que eu amava; era tudo que sabiam sobre ele. Mas havia mais – muito mais – sobre ele que os monitores não revelavam. Coisas que mesmo a mulher sentada na sala de espera no fim do corredor desconhecia. Aqueles segredos eram meus. Eram os segredos que só uma esposa conhecia.

David estava dormindo, mas de um jeito que eu não reconhecia. Não se deitara de lado, encurvado, criando o espaço para me puxar com seu braço forte e livre, para me aconchegar nele a noite toda. Não havia a mão que acariciava meu quadril quando eu me encostava nele ou que cobria por completo meu seio enquanto ele dormia.

Sua cabeça se agitou sobre a fronha engomada do hospital, e a enfermeira mais próxima dele tocou seu ombro de leve.

– Acorde, Sr. Williams. O senhor tem visita.

As pálpebras de David tremeram, e me vi dividida entre a necessidade de ver as belas profundezas azuis de seus olhos e o medo de que, se ele os abrisse, leria cada preocupação gravada em meu rosto.

– Sua esposa está aqui – insistiu a enfermeira, em voz baixa.

– Esposa – repetiu David, a voz rouca e confusa por causa da medicação. –

Não, ela não está aqui. Está em Nova York.

A enfermeira me olhou, intrigada, mas eu me limitei a balançar a cabeça. Em algum lugar em seu sonho, minha surpresa “secreta” de Natal pesava em sua mente.

– Estou bem aqui, David – garanti, trançando minha mão esquerda na dele, ouvindo um leve e satisfatório som metálico quando nossas alianças de casamento esbarraram uma na outra.

– Nova York – repetiu ele, ofegando a cada palavra.

– Fique quietinho agora – acalmei-o. – Guarde suas forças. Nova York pode esperar até que você esteja melhor – murmurei, já não me importando em estragar a surpresa.

– Não – disse ele, lutando para romper a névoa dos medicamentos, para me fazer entender. – Junto à árvore, em Nova York. Com as luzes. Estão tocando nossa música.

– Sabe do que ele está falando? – sussurrou a enfermeira.

Assenti, meus olhos enchendo-se de lágrimas ao compartilhar a lembrança dele.

– No gelo – continuou David, a voz perdida em nosso passado. – Perto da árvore.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto, sem parar.

– Tocava uma música, uma música linda.

Sorri em meio às lágrimas.

– Sim. Eu me lembro. Vou me lembrar *para sempre*.

– Ela toca, sabe... ela é musicista. Toca em uma banda.

Ally – Nove anos antes

– Está pronta, querida? Não queremos nos atrasar.

Relutante, fiz um esforço para sair da cama e abri a porta do quarto para gritar para minha mãe no andar de baixo.

– Só estou colocando os sapatos – menti, fitando meus pés calçados com as sapatilhas pretas, as mesmas que usara uma semana antes, na noite do baile.

Pela 23ª vez (e agora seriamente preocupada com minhas recém-

desenvolvidas tendências ao TOC), verifiquei a caixa de mensagens do meu celular para ver se por acaso tinha deixado passar alguma coisa. Nada. Pus o telefone no modo silencioso e o coloquei no bolso do meu vestido de festa vermelho, tipo túnica, que eu estava usando com grossas meias-calças pretas. Dei uma olhada rápida no reflexo no espelho, passei um pente no cabelo castanho comprido, refreei (com sucesso) o desejo de dar uma última olhada no telefone e desci correndo para encontrar meus pais.

Nenhum dos dois pegara casaco, mas não era mesmo necessário, pois só íamos até a casa do vizinho tomar um cálice de xerez na manhã de Natal. Era uma tradição que compartilhávamos desde que eu conseguia me lembrar, anterior a Max e eu termos permissão para beber. Ao longo dos anos tínhamos passado do suco de laranja no copo de tampinha para a Pepsi borbulhante cheia de gelo, em seguida para copos de uma batida à base de licor de ovos, e por fim alcançamos as vertiginosas alturas alcoólicas de um cálice de xerez cremoso cor de âmbar. Para ser franca, eu teria ficado feliz em parar na batida, mas nunca fui sofisticada em relação a bebidas.

Percorremos o curto caminho pavimentado de pedras irregulares da entrada de nossa casa, dobramos à direita e subimos o caminho idêntico que levava à casa dos nossos vizinhos. Havia uma grande guirlanda de hera na porta que praticamente bloqueava a visão de quem chegava, mas a mãe de Max nos aguardava na entrada e escancarou a porta com um animado “Feliz Natal! Entrem! Entrem!”.

Nós a seguimos até a pequena sala na frente da casa que era uma réplica espelhada da nossa. Enfeites pendiam como bandeirinhas das cornijas da sala, e a janela do cômodo estava tomada por uma árvore de Natal com tantas luzes piscantes que torci para que ninguém com epilepsia grave passasse por ali. O CD player tocava músicas natalinas bem alto, e senti uma pontada estranha no peito ao reconhecer a canção que tocava no café quando David e eu nos encontramos lá, havia sete manhãs. Sete manhãs, sete tardes e sete noites. E nem uma única mensagem. Entendeu o recado, *sua idiota*?, falei para mim mesma, com raiva. *Esqueça-o*.

Uma figura se desenrolou do sofá ao lado da lareira e expulsou do colo um enorme e entediado gato alaranjado para se pôr de pé e me envolver em um imenso abraço.

– Feliz Natal para você! – disse ele, me apertando contra seu corpo alto e magro. Então se afastou e, ainda me segurando, avaliou meu traje. – Está parecendo uma ajudante do Papai Noel – observou ele.

– Era *exatamente* esse o visual que eu queria – respondi.

– Sente-se, sente-se – ordenou a mãe de Max, como se fôssemos filhotes numa aula de adestramento.

Ela andava de um lado para outro na sala com travessas de ameixas secas envoltas em bacon, enroladinhos de salsicha e outros petiscos.

– Em seu elemento natural, como sempre – observou Max, puxando-me para o sofá do qual ele acabara de se levantar. – E então, Papai Noel passou pela sua casa?

– Claro – confirmei, pegando um cálice de xerez da bandeja que o pai de Max carregava. – Botas novas, CDs e muitas coisas com perfumes que eu não teria escolhido. E você?

– O cara conseguiu enfiar uma máquina de costura pela chaminé este ano – contou-me Max, soando satisfeito demais.

– Uau! A do catálogo que você me mostrou? A que era cara?

– Essa mesmo – confirmou, puxando seu gato gordo e de pelo avermelhado de volta para o colo. – Ainda me sinto um pouco culpado. É bem mais do que eles costumam gastar.

Apertei a mão dele, percebendo que já não era a mão de um menino; agora era a mão de um homem.

– Quando você for um estilista rico e famoso, vai poder comprar uma mansão para eles. Isso vai equilibrar as coisas.

Ele sorriu e despenteou meu cabelo de um jeito que ele sabia que eu odiava. Max era meu melhor amigo, o único de quem morri de saudade quando saí de casa para estudar música na universidade; já ele foi estudar design de moda.

– E então? – perguntou, enfiando na boca um enroladinho de salsicha. – O Príncipe Muito Encantado já procurou você?

Dei-lhe um empurrão no ombro.

– Pare de chamá-lo assim. Se eu soubesse não tinha contado nada. Até porque parece que ele não vai ligar mesmo.

Max pôs o braço ao redor dos meus ombros e me puxou para perto.

– Então ele é burro demais para merecer você. Você vai acabar mesmo é

comigo, no fim das contas – brincou.

Pelos olhares encorajadores que vi a mãe e o pai dele trocarem do outro lado da sala, vi que para eles aquele seria o melhor resultado imaginável. Para Max e para mim... nem tanto.

– Não que eu queira tomar o partido dele, não é isso – acrescentou Max, praticamente lambendo uma tâmara do guardanapo cheio que ele protegia do gato, que parecia faminto –, mas você tem que admitir que não facilitou a vida dele. Você *podia* ter dado seu telefone.

Fiz uma careta, mas sabia que ele tinha razão. Por algum motivo perverso, eu havia propositalmente dificultado que David entrasse em contato comigo, quase como se fosse um teste. Eu ainda achava difícil acreditar que ele estava mesmo à minha espera quando entrei no café puxando a mala pesada.

Ele estava com olheiras, mas nem isso conseguira arruinar a perfeição de seu rosto. Ao contrário, ele parecera ainda *mais bonito* à luz do dia, vestido com jeans e camiseta, do que na véspera, de terno.

– Bom dia – dissera ele, puxando uma cadeira para mim na pequena mesa. – Pedi um café para você. – E empurrara um copo descartável na minha direção.

Eu balançava a cabeça em uma incredulidade prazerosa ao me sentar e tirar o casaco acolchoado.

– Não esperava que você estivesse aqui. Tinha certeza de que ainda estaria dormindo.

Ele deu um meio sorriso, que fez com que meu coração esquecesse seu ritmo normal e disparasse.

– *Dormindo* é algo que não aconteceu ainda – contara ele, com ar pesaroso. – Quando chegou a hora do tradicional Café da Manhã dos Sobreviventes, já não fazia mais sentido dormir.

– Você deve estar exausto.

– Que nada. Eu resisto a noites longas – admitira ele. – Tivemos algumas nos últimos três anos.

Não duvidei. Em qualquer universidade, os alunos se encaixavam em uma multiplicidade de categorias, indo desde os estudiosos que praticamente moravam na biblioteca aos festeiros convictos que mal sabiam onde a biblioteca ficava. Suspeitava que David e eu pertencíamos a extremidades opostas desse espectro. Eu estava ali para me formar e conseguir o trabalho dos meus sonhos,

mas desconfiava que o caminho dele na vida já estivesse assegurado, qualquer que fosse a nota com que se formasse.

– Então, garota misteriosa, vai me dizer seu nome agora, já que este é nosso segundo encontro? Já é hora de eu saber, não acha?

– Isto não é um encontro – eu havia ressaltado.

– Eu paguei o seu café – rebatera ele, apontando com a cabeça para o copo em minhas mãos.

Eu puxara minha bolsa e pegara a carteira.

– Desculpe – dissera eu, sentindo meu rosto ficar quente no mesmo instante. – Quanto lhe devo?

Nos poucos encontros que eu tivera na universidade, todas as contas tinham sido divididas igualmente, e isso não era nenhum problema para mim.

– Guarde o seu dinheiro – repreendera-me David, parecendo estupefato por eu ter pensado que ele estava me cobrando. – Vamos começar de novo, ok? – pedira ele, estendendo a mão para mim sobre a mesa. – Meu nome é David Williams, estou no terceiro ano de economia, sou de Hampshire, gosto de remar, de esquiar e de conhecer garotas estranhas que tocam tuba em bailes de Natal.

– Isso está mais para a apresentação de um participante de reality show – eu comentara, tentando não rir, enquanto permitia brevemente que ele segurasse minha mão.

– A última parte é a melhor – dissera ele, sério, e meu estômago dera um pulo com essas palavras. – Então... – incentivara ele, dando-me um sorriso caloroso.

– Meu nome é Ally, apelido de Alexandra, e toco trompete.

– *Só isso?* É tudo que vou receber? O que vou dizer quando me perguntarem sobre minha namorada? Vou parecer ridículo ao dizer que não sei nada sobre ela.

Ele estava de novo fingindo que aquele joguinho de flerte ia dar em alguma coisa, e eu não era esperta nem hábil o bastante para lidar com isso.

– Duvido que alguém pergunte, porque eu *não* sou sua namorada.

– Ainda não – ressaltara ele, com uma confiança que me confundia por completo. – Mas vai ser.

Havia em suas palavras uma promessa que me encantava e assustava em igual medida. Mas eu estava determinada a não ser apenas mais uma em sua lista de conquistas, o que eu desconfiava que fosse a razão de tudo aquilo. Será que

algum dos amigos dele o desafiara a ficar comigo? Será que tinham feito uma aposta? Esse pensamento me deixou enojada, mas de algum modo me parecia possível. Sempre fora assim: rapazes como ele saíam com garotas da mesma classe social. De onde eu vim, polo era apenas um tipo de camisa; para os amigos dele era um esporte que todos praticavam.

– Quer dizer que isso é mesmo *tudo* que você vai me contar? – perguntara ele, incrédulo.

Eu assentira.

– Foi divertido, mas vamos parar por aqui, certo? Obrigada pelo café, só que preciso ir agora, se não quiser perder meu trem.

– Não sei o que você pensa de mim, mas eu *não* sou o tipo de cara que faz joguinhos – dissera ele, e de repente havia muito menos humor em seus olhos. – Estou interessado, Ally Trompetista. *Muito* interessado.

Eu me levantara, mordendo o lábio inferior de nervosismo. Se eu não conhecesse o tipo, teria acreditado que ele estava sendo sincero.

– Por favor, me dê seu número – pedira ele, puxando o telefone do bolso, pronto para me adicionar aos seus contatos.

Eu sacudira a cabeça e ele parecera exasperado.

– Seu sobrenome, então – tentara.

Outra sacudida de cabeça.

– Meu Deus, você realmente vai fazer jogo duro comigo, não vai?

– Não estou bancando a difícil – eu dissera, levantando-me.

Ele começara a se levantar também, e eu pusera a mão em seu ombro para detê-lo e quase perdera a linha de raciocínio ao sentir a força de seus músculos.

– Só acho que não faz muito sentido fazer disso algo que não é.

– Eu *vou* descobrir seu número, e vou *ligar* para você – prometera ele, solene.

Sorrira para ele enquanto puxava a alça retrátil da minha mala e a inclinava, posicionando as rodas.

– Ok. Faça isso e talvez eu acredite que você está falando sério – eu dissera, seguindo para a porta.

– Você vai ter notícias minhas! – gritara no café praticamente deserto no momento em que girei a maçaneta, deixando entrar uma rajada gelada do ar de dezembro.

Só que até agora, sete dias depois, eu não tivera.

Charlotte – Seis anos antes

Estava congelante, de um jeito que só Nova York conseguia ser em dezembro. Eu me agasalhara bem, mas, apesar das camadas de roupa, do cachecol e do gorro, o frio não dava trégua.

Íamos passar apenas quatro dias na cidade, e David havia planejado aquela nossa primeira viagem juntos com uma precisão quase militar. Estava decidido a fazer com que tudo fosse perfeito. E tinha sido.

Ele me surpreendera com as passagens, presente de aniversário. Reservara os voos, hotéis e até mesmo combinara com meu chefe para que eu tivesse uns dias de folga, tudo sem que eu suspeitasse de nada. Ficara emocionada quando ele me entregara o envelope com as passagens no restaurante francês sofisticado ao qual me levara para jantar.

– Mas é na semana que vem – eu dissera, examinando a data nas passagens.

Ele sorrira por trás da luz tremeluzente da vela.

– Sim.

– Mas... e o meu trabalho?

– Resolvido.

– E o seu? Você disse que tinha uma viagem de negócios na próxima semana.

Ele erguera sua taça de champanhe e dera um gole.

– Bom, isso só prova que você não pode acreditar em tudo que eu lhe digo, Garota Aniversariante – dissera ele, os olhos brilhando.

Algo que eu não queria que se intrometesse naquele momento perfeito cutucara meu subconsciente. Aquela não era a hora de deixar aquela lembrança entrar, então eu tinha fechado a porta para os meus medos, como tinha feito tantas vezes antes.

David e eu estávamos namorando fazia oito meses. Apenas oito meses. Algumas pessoas deviam pensar que estávamos juntos havia muito mais tempo. Mas estariam errados. Completamente errados. Tinha sido bem depois da formatura que David e eu tornamos a nos encontrar, no casamento de Mike. Logo Mike, o conquistador inveterado, o sujeito que ninguém imaginava que

sossegaria, tinha conhecido uma alemã, se apaixonara e a pedira em casamento, tudo em um período impressionantemente curto.

Eu ficara surpresa ao receber o convite de casamento. Embora David e eu tivéssemos trocado algumas mensagens de texto e e-mails, eu não tivera contato com ninguém da faculdade desde o dia em que todos nós, vestidos com becas pretas, havíamos atirado o capelo para o alto na tradicional foto de formatura. Para ser sincera, eu nem tinha certeza de que iria ao casamento de Mike e Marietta, porque era melhor deixar algumas lembranças trancadas em um lugar bem seguro. E aqueles últimos meses, depois do "Incidente Ally" – como para sempre ficara registrado na minha cabeça –, eram uma delas.

Porém, enquanto a Charlotte Boazinha, a Charlotte Sensata, a Charlotte Partiu-Para-Outra pensava em recusar, a Charlotte Romântica e Esperançosa já havia confirmado sua presença. E graças a Deus que fez isso, porque naquele dia uma nova e maravilhosa parte da minha vida começou, em uma tenda de casamento decorada em tons de rosa, quando David atravessou o piso de madeira até a mesa onde eu estava sentada, estendeu a mão e me tirou para dançar. A música era um antigo clássico de Roberta Flack, "The First Time Ever I Saw Your Face", e ainda estava tocando quando ele abaixou a cabeça para me beijar. Mantive meus olhos abertos até o último segundo, ainda procurando algum traço dela, ou do luto que ela deixara por trás de seus olhos. Mas não encontrei nenhum.

Aquela passou a ser a "nossa" música, e só muito tempo depois David confessou que não tinha sido por acaso que a canção, com uma letra que contava nossa história com uma precisão emocionante, tinha sido selecionada para tocar. Ele a tinha pedido. Tinha sido seu primeiro gesto romântico em nosso relacionamento. Mas não o último.

Nova York foi um turbilhão. David já conhecia a cidade, mas era a minha primeira vez e ele resolveu que eu devia ver tudo. No terceiro dia, o cansaço começou a bater. Tínhamos conseguido encaixar na programação o Empire State Building, um passeio de barco congelante ao redor da ilha e uma visita a Chinatown, e eu não achava que teria energia para o passeio de fim de tarde no

Rockefeller Center, nosso destino seguinte.

– Você se importaria muito se não fizéssemos isso hoje? – perguntei, enquanto almoçávamos.

A tarde já avançava, e comíamos em uma lanchonete que parecia tão familiar que eu tinha certeza de já tê-la visto em um filme. Mas eu vinha sentindo isso a viagem toda: praticamente em todos os lugares aonde íamos, eu tinha a sensação de que Hollywood havia me levado lá antes.

David estivera estudando seu mapa, traçando o trajeto até nosso destino seguinte. Ele o dobrou com cuidado antes de erguer os olhos. Eu mantinha uma expressão esperançosa.

– Não podemos voltar para o hotel... e ficar por lá? – sugeri, certa de que ele concordaria com qualquer plano que terminasse com a gente na cama.

E essa disposição toda estava longe de partir só dele. Todas as vezes que eu sentia o corpo dele, tremia como se fosse minha primeira vez. E, por incrível que pareça, ficava cada vez melhor.

Mas, para minha surpresa, ele *não* concordou.

– Pensei que você estivesse cansada.

– Ninguém nunca fica cansada a *esse* ponto – retruquei, com um sorriso.

Uma luz ardeu nos olhos dele, um que eu reconhecia e que sempre acendia o mesmo fogo dentro de mim. Mas dessa vez ele a apagou com um balde de água fria.

– Na verdade, eu estava ansioso por esta tarde – disse ele. – Tem certeza de que não está tentando fugir da raia por medo de que eu patine melhor que você?

Eu sorri e dei outra mordida no cachorro-quente de 30 centímetros, determinada a dar conta dele.

– Isso nunca vai acontecer. Você sabe que eu patino melhor do que esquio – respondi, confiante, limpando o ketchup da boca com um guardanapo. – Só pensei que talvez pudéssemos transferir o passeio para amanhã, só isso.

David balançou a cabeça, e percebi certa decepção em seus olhos.

– Nossa programação está apertada amanhã, e os ingressos de hoje são para as 16h30. Teríamos que enfrentar horas de fila para trocá-los.

Aquele era seu trunfo. Ele sabia quanto eu detestava congelar numa fila.

– Tudo bem, então. Vamos hoje, como planejado – concordei, levantando-me, enquanto ele pagava a conta. – Só que, mais tarde, quando estiver cheio de

hematomas, lembre-se de que preferiu patinar a ter meu corpo nu na sua cama.

Ele sorriu, e pensei ver um rápido brilho de alívio em seu rosto.

– Na verdade, estou ansioso para ter tanto os hematomas como você nua na minha cama mais tarde. Talvez você só precise ser delicada comigo – provocou ele, passando o braço pelo meu pescoço e me puxando para um beijinho.

O rinque estava lotado, mas, no momento em que deslizamos sobre o gelo, fiquei feliz por ele ter me convencido a ir. Havia algo realmente mágico naquele lugar. Eu não saberia dizer se era por causa da imensa árvore de Natal, piscando na tarde escura com milhares de lâmpadas coloridas, da estátua dourada de Prometeu ou das borbulhantes fontes iluminadas. Talvez fosse uma combinação dos três. E não éramos os únicos encantados por tudo aquilo. Havia uma expressão semelhante no rosto de praticamente cada pessoa por quem passávamos: um misto de simpatia, camaradagem, animação e espírito natalino.

David era muito mais hábil no gelo do que me fizera crer. Com um sorriso torto, confessou que tinha sido do time de hóquei no gelo no primeiro ano da universidade. Ele pegou minha mão enluvada e foi me guiando com facilidade entre as famílias, os casais e os muitos turistas que tinham ido ali pelo mesmo motivo que nós. Ou assim eu pensava.

Músicas de Natal soavam nas muitas caixas de som posicionadas ao redor do rinque, e a atmosfera festiva contagiava a todos – dos patinadores que colidiam e cambaleavam à nossa volta aos milhares de espectadores que observavam de todos os lados.

Nossa sessão de noventa minutos chegava ao fim quando os primeiros flocos de neve começaram a cair. Olhei para o alto, para o céu noturno acima dos duzentos mastros em torno do rinque que erguiam as bandeiras dos países membros das Nações Unidas, e observei os flocos cadentes. Podia senti-los pousando, delicados, em meu rosto, enfeitando a ponta dos meus cílios como cristais.

– Você está parecendo a rainha da neve – sussurrou David, patinando atrás de mim.

– Uma rainha malvada e cruel?

– Você não é malvada e cruel – sussurrou ele em meu ouvido.

Eu conseguia pensar em pelo menos uma pessoa que não concordaria com ele, mas a última coisa que faria era deixá-la se intrometer naquele momento perfeito. Eu já a carregava comigo muito mais do que seria bom ou saudável. Muito mais, talvez, do que o próprio David, reconheci pela primeira vez. E isso seria um prato cheio para Freud.

"Por gentileza, queiram liberar a pista para recuperação do gelo", ribombou o sistema de alto-falantes, encerrando nossa sessão, e, embora eu estivesse triste por ter terminado, também ansiava por chegar a algum lugar aquecido.

– Vamos deixar a multidão ir na frente – sugeriu David, passando o braço pela minha cintura e guiando-nos para fora do tropel de patinadores que buscava as saídas. – Venha, vamos aproveitar para dar uma última volta, agora que está esvaziando.

Então nos afastamos da multidão e, sem o perigo de machucar algum patinador menos experiente, pudemos ganhar velocidade.

Haviam ficado poucas pessoas na pista, e olhei ansiosa para um funcionário de casaco vermelho quando passamos depressa por ele na beira do rinque.

– Não seria melhor sairmos agora? Vão nos expulsar já, já.

– Está tudo bem – tranquilizou-me David.

A neve caía um pouco mais forte agora, acomodando-se sobre o gelo, cobrindo as marcas deixadas por mil patinadores, fazendo a superfície parecer limpa, fresca e imaculada. Um recomeço. Sorri diante dessa ideia e senti o braço de David apertar mais minha cintura enquanto patinávamos em perfeita harmonia.

– Feche os olhos – pediu ele, gentil.

– O quê? Patinando? Não, eu vou cair.

– Não vai, não. Não vou deixar – replicou ele, e havia uma rouquidão em sua voz que não estava ali antes. – Você confia em mim?

– Mais do que em qualquer outra pessoa no mundo – respondi, minha voz de súbito estranhamente embargada.

– Então feche os olhos.

Fiz o que ele pediu, deixando seu corpo me manter segura e seus olhos me guiarem na escuridão.

– Eu te amo – sussurrou ele na cortina de cabelo louro que voava enquanto patinávamos.

Ele tinha dito aquelas palavras antes, muitas vezes, mas havia algo diferente dessa vez.

– Também te amo – respondi, abrindo os olhos.

O rinque agora estava vazio, exceto por nós dois, mas de início não percebi. Não conseguia ver nada além da expressão com que ele olhava para mim. Posso viver 100 anos, mas juro que vou morrer com a lembrança desse olhar gravada em meu coração.

Os alto-falantes, que tinham silenciado enquanto o rinque se esvaziava, estalaram de leve quando uma canção começou a tocar. Eu a reconheci no primeiro pungente acorde de guitarra.

– É a nossa...

Mas não cheguei a terminar a frase, porque ele nos deteve diante da árvore de Natal e, com minhas mãos nas dele, ajoelhou-se.

Hoje sei que aplausos estrondosos subiram dos espectadores, mas só porque vi no DVD que nos deram; na hora, não ouvi nada. Nada além das palavras de David enquanto seus olhos azuis brilhantes, tão cheios de amor, focavam em mim.

– Charlotte, não consigo imaginar minha vida sem você, nem quero. Os últimos oito meses foram incríveis, maravilhosos. Eu a amo muito e vou passar o restante dos meus dias provando isso a você.

Com delicadeza, ele puxou a luva da minha mão.

– Quero sonhar com você, criar lembranças com você, envelhecer com você. Por favor, me deixe fazer isso. Diga que aceita se casar comigo.

Ele estava segurando um anel. À espera. Eu mal podia falar, mas forcei minha resposta, em meio à emoção que por pouco não me sufocava, porque ele conquistara o direito de escutar minhas palavras.

– Sim, sim, sim. Mil vezes sim.

Os olhos de David faiscavam, mais do que as estrelas acima de nós, quando ele deslizou o diamante em meu dedo. Então ele se levantou e me puxou para os seus braços.

– Prometo que nunca vou deixar você, magoar você, nem fazer nada que a faça se arrepender de ter dito sim – sussurrou com voz rouca.

E me beijou com tanto calor e tanta paixão que fiquei surpresa que o gelo sob nossos pés não derretesse na mesma hora.

Charlotte

A porta se abriu e um auxiliar de enfermagem parou à soleira.

– Paciente para a Radiografia?

– Sim – confirmou uma de nossas enfermeiras, aproximando-se da barreira de monitores e começando a preparar David para o deslocamento. – É melhor a senhora dizer até logo ao seu marido, Sra. Williams. Vamos subir com ele, mas avisaremos assim que voltarmos.

– Não posso ir junto? – perguntei, trêmula, ao me levantar.

– Lamento, mas não – desculpou-se ela. – É o regulamento. Mas vamos buscá-la na sala de espera assim que ele estiver reacomodado.

O auxiliar estava parado atrás de mim, louco para ir embora. Em algum lugar provavelmente haveria uma família esperando que ele chegasse em casa. Por um momento invejei a simplicidade de sua vida.

As enfermeiras trabalhavam depressa, com precisão, enquanto desconectavam equipamentos com os quais eu tinha a horrível sensação de que em breve me tornaria bem mais familiarizada do que jamais imaginara.

Curvei-me sobre David e, embora seus olhos ainda estivessem fechados, precisava acreditar que ele podia me ouvir.

– Estarei esperando por você. Bem aqui.

Eu o beijei, sentindo o sal das minhas lágrimas que caíam sobre eles.

– Ainda me lembro da promessa que você me fez há seis anos. Espero que você se lembre também.

Seus olhos então se abriram, fracos, como se até isso fosse um esforço grande demais. Bem devagar, ele assentiu.

CAPÍTULO 4

Ally

O barulho da porta se abrindo me arrancou das lembranças, como se eu tivesse sido sugada para fora de um vórtice. Uma Charlotte muito diferente entrou na sala. Ela caminhava mais devagar, os pés hesitantes como se mal se lembrassem do que fazer. Ela seguiu se apoiando nos encostos da fileira de cadeiras e se deixou cair numa. Acomodou-se meio de lado, de forma que o rosto não se voltasse para mim, e ficou olhando para a janela com vista para o nada sem de fato enxergá-la. Eu a observei deslizar uma das mãos para o interior de sua bolsa cara e retirar um bolo de lenços de papel, que escondeu na mão fechada.

Parecia em estado de choque e, mesmo me lembrando de tudo o que, por tantos anos, jurara sentir ou não sentir e tentando permanecer em silêncio, simplesmente não consegui.

– Está... está tudo bem?

Uma forte candidata ao título de pergunta mais ridícula já feita. Era óbvio que nada nessa noite estava bem, para nenhuma das duas.

Charlotte virou a cabeça devagar, como se tivesse que treinar os músculos e ossos do pescoço para obedecerem a seu comando. Seus olhos, os mesmos que ele tinha escolhido ver todas as manhãs em vez dos meus, brilhavam com as lágrimas que ela lutava para não derramar.

– Sim. Está tudo bem.

Seus lábios tremeram quando a mentira deslizou por eles.

Eu torcia nervosamente a fina aliança de ouro em meu dedo. Senti um gosto metálico e percebi que, sem querer, estivera mordendo meu lábio enquanto as lembranças do passado – de David – me arrastavam para longe do lugar a que eu pertencia. Era *Joe* que deveria ocupar os meus pensamentos, concentrar toda a minha energia, ninguém mais. No entanto, David e tudo o que acontecera entre

nós corriam como um veio de minério através da rocha sólida do meu casamento. Fios de um acaso incompreensível se esticavam como cordas de piano pela minha vida, e nessa noite uma forja de fogo soldava passado e presente. Quantas vezes ao longo dos anos eu me fizera aquela pergunta sem resposta: *Onde eu estaria agora se tivesse ficado com David e não com Joe?* Nessa noite eu tinha a resposta: bem ali, numa triste e sombria sala de espera de hospital. Exatamente ali, sentada no escuro, esperando para saber se o homem que eu amava iria resistir até a manhã seguinte.

A única pergunta era... qual deles?

Ally – Nove anos antes

David finalmente telefonou, e, no momento mais inconveniente que se podia imaginar: justo quando eu ia me sentar à mesa com minha família para o almoço de Natal.

– Deixei mensagens no celular de praticamente todos os malditos membros da Moonlighters, mas nenhum sabia quem era você. Alguns deles nem se lembravam de você ter *estado* lá. Você foi uma Cinderela corneteira, fugindo à meia-noite. Comecei a pensar que eu tinha imaginado tudo. Então por fim descobri que a única pessoa que sabia seu nome estava escalando o Himalaia no recesso de Natal. A propósito: quem faz isso?

David finalmente parou para respirar. Consegui apagar o sorriso da voz antes de replicar, com toda a tranquilidade:

– Desculpe, mas quem está falando?

Houve uma breve pausa, mas ele era melhor naquele jogo do que eu.

– Muito engraçado, Garota da Orquestra – disse ele, e eu sabia que ele estava sorrindo. – Vamos ver se vai rir quando eu passar a conta do meu celular.

Franzi os lábios. Max tinha razão. Eu havia mesmo tornado as coisas difíceis para ele. No entanto, se tinha sido um teste, mesmo não intencional, não havia como negar que ele tinha passado.

David me ligou todos os dias do recesso de Natal – confirmando o que eu já sabia sobre sua determinação e seu potencial para pagar chamadas telefônicas. Creio que, em termos antiquados, poderíamos chamar aqueles dias de uma

espécie de corte. Ao longo daquelas semanas, em nossos telefonemas tarde da noite, nos conhecemos muito mais do que acho que seria possível se tivéssemos estado frente a frente.

No entanto, quando janeiro e o novo período na universidade começaram, voltei a ficar nervosa quando ele sugeriu um encontro.

– Quando você volta? – perguntou ele, e eu rolei na cama para olhar o calendário à luz fraca do meu abajur de cabeceira.

Já passava de uma da manhã e esse telefonema, como tantos outros, havia se prolongado até a madrugada, muito depois de meus pais terem ido dormir.

– Sábado, 10 de janeiro – respondi num sussurro.

– É segredo? – sussurrou ele em resposta. – Prometo que não vou contar a ninguém.

Dei uma risadinha na escuridão. Eu ainda o achava muito engraçado. Devia ter rido mais com ele, durante esses telefonemas, do que em qualquer outro momento da vida. Ele extraía uma Ally diferente, mais leve, de algum lugar dentro de mim. Até que eu gostava dela.

No fim, combinamos de nos encontrar em um dos bares do campus. Eu havia recusado seu convite para jantar – íntimo demais – e sua oferta de ir me buscar na estação de trem – casalzinho demais.

Meu coração batia de forma frenética quando entrei no bar, e então disparou ainda mais quando David desviou o olhar da pessoa com quem conversava e lentamente se virou para mim. Não me lembro de como me desviei da multidão para alcançá-lo, não tenho a menor lembrança do caminho que fiz para cruzar o salão. As risadas à minha volta desapareceram e, em meus ouvidos, só havia um estranho ruído. Soava como ondas quebrando em uma praia, o que parecia adequado, já que eu me sentia sendo puxada em sua direção, como a maré é atraída pela lua. Forças invisíveis e poderosas agiam nesse momento. Quando o alcancei, fiquei parada diante dele, nervosa. E se a ligação que eu sentia com ele existisse apenas nas conversas telefônicas? E se na vida real as diferenças que eu acreditara insuperáveis fossem mesmo grandes demais para transpor?

David estendeu a mão e segurou a minha e, de repente, um milhão de pedacinhos se encaixaram, como as engrenagens minúsculas de um relógio de mecanismo complexo.

Eu tinha uma vaga consciência de que vários de seus amigos do baile

estavam ali por perto. Um deles, um sujeito com um apelido ridículo e um tanto rude, entregou a David um caneco de cerveja.

– E quem é ela? – perguntou o sujeito.

Seu sotaque exalava classe e riqueza, muito mais sofisticado que a voz profunda e melódica de David.

– Esta é Ally. Ela está comigo – declarou David, olhando para mim com um sorriso confiante.

E, a partir desse momento e durante os dez meses seguintes, eu estive mesmo.

Não que eu estivesse pronta para reconhecer isso, pelo menos não naquele momento. Eu gostava dele, não fazia sentido negar, só que não conseguia nos ver como um par... e ele via. Naquela primeira noite, ele me acompanhara até em casa segurando minha mão enluvada firme na dele. Tinha desconsiderado todos os meus protestos quando insisti que eu era perfeitamente capaz de ir andando sozinha para casa – eu fazia isso sem pestanejar pelo menos três vezes por semana, depois das aulas de prática musical.

– A esta hora da noite, os clubes e bares começam a esvaziar e aparecem umas figuras muito estranhas andando pela cidade – observou ele em tom sombrio, puxando a minha mão de leve para me levar um pouco mais para perto.

Olhei para ele, com a parte inferior do meu rosto quase enterrada em uma longa echarpe que eu havia enrolado várias vezes em torno do pescoço, parecendo até uma múmia.

– E temos certeza absoluta de que você não é uma delas?

Ele riu.

– Não, você está a salvo comigo.

Enterrei ainda mais o nariz nas dobras da lã e considerei suas palavras. Eu sabia que ele não representava nenhuma ameaça física para mim, mas quanto ao lado emocional... Bem, aí eu já não tinha tanta certeza.

Vinte minutos depois, chegamos à pequena e bastante acabada casa de três quartos que eu dividia pelo segundo ano. Não era grande coisa vista de fora, mas as minhas expectativas eram pequenas, assim como meu orçamento. Paramos na

calçada ao lado do portão descascado e barulhento, ambos tremendo no ar frio de janeiro, e David olhou para a casa de luzes apagadas.

– Tem alguém aí? As garotas que dividem a casa com você? – quis saber.

Por um momento me perguntei se ele esperava um convite para entrar, porque isso *não* ia acontecer. Mas seu tom parecera mais preocupado do que qualquer outra coisa.

– Imagino que não – respondi, a respiração subindo da echarpe em pequenas nuvens ondulantes. – Elena passa a maior parte do tempo na casa do namorado e Ling praticamente *mora* no departamento de música.

– Talvez eu deva esperar até que uma delas chegue – sugeriu ele.

– Talvez você deva ir para casa – respondi.

Ele deu de ombros, e fiquei feliz ao ver que não iria insistir. Com toda a delicadeza, ele segurou as duas pontas da minha echarpe e me puxou devagar para si.

– Ando me preocupando muito com você, Garota da Corneta – disse ele, desarmando-me com a proximidade de seu rosto do meu.

Estávamos tão perto que o vapor de nossa respiração se encontrou e se misturou de uma forma que me pareceu muito íntima.

A cabeça de David baixou devagar, dando-me tempo para me afastar ou pedir que parasse. Não fiz nenhuma das duas coisas. Muito suavemente, suas mãos foram até o meu rosto, os dedos deslizando pelas dobras de lã, afastando a echarpe para libertar meus lábios. Sua boca estava gelada, mas, quando meus lábios se abriram, descobri que a língua era quente, e a minha respondeu ao seu toque delicado. Eu não beijava havia mais de sete meses, e foi bom descobrir que ainda lembrava como fazer aquilo.

Naquela noite fiquei acordada por muito tempo. Ouvi uma de minhas colegas voltar e acompanhei seu trajeto pela casa seguindo seus sons. Chaleira assobiando na cozinha, passos rangendo na escada que levava a seu quarto, exaustor do banheiro sendo ligado e depois desligado, até no fim tudo ficar em silêncio. E continuei sem sono.

Sentia uma agitação estranha, como se em algum lugar do meu corpo uma pequena emoção alada batesse nas paredes da minha resistência. Eu não queria me envolver em um relacionamento, ainda mais com alguém tão fora da minha zona de conforto que eu me sentia uma intrusa em outro mundo. Mas havia algo

em David, alguma coisa que me puxava como um ímã, algo que...

Um pequeno zumbido interrompeu meus pensamentos e meu quarto foi iluminado por um brilho néon verde no momento em que meu telefone recebeu uma mensagem de texto.

Está acordada?

Sorri na escuridão e puxei o telefone para debaixo do edredom.

Bem, agora estou, teclei debaixo das cobertas.

Desculpe. Só queria ver se você estava bem. Gostei muito desta noite.

Fitei a tela e corri os dedos sobre a mensagem, meus lábios formigando de repente enquanto eu me lembrava de sua boca na minha. Eu não tinha me sentido muito à vontade com os amigos dele, não porque tivessem sido pouco acolhedores, mas por serem tão diferentes do pessoal da orquestra com quem eu andava. O grupo dele eram as pessoas populares no campus, ao passo que eu era a garota que ficaria feliz permanecendo anônima por toda a vida universitária, desde que se formasse com boas notas. Havia alguma maneira de trafegar em ambos os mundos? Ele seria capaz de fazer isso? Eu seria?

Posso ver você de novo?, ele escreveu e, antes que eu pudesse responder, outra mensagem chegou. *Amanhã?*

Enquanto minha mente tentava descobrir o tamanho da tolice que cometia, meus dedos assumiram o controle. *Ok.* Duas letras, piscando para mim nas dobras escuras da minha cama, me desafiando a arriscar, a sair do meu mundo seguro e correr sem medo por um campo minado. Respirei fundo e pressionei ENVIAR. Surpreendentemente, dormi muito melhor nessa noite do que havia dormido em semanas.

Os primeiros dias de “nós” foram uma montanha-russa de emoções. Discordávamos em relação a tantas coisas que era um espanto que tivéssemos ficado juntos, para começar. Aquela era certamente a pergunta silenciosa estampada na cara dos amigos de David sempre que saíamos com eles, o que, tenho que admitir, não era muito frequente. Até mesmo algo simples, como fazer compras no mercado, era motivo de discórdia. Eu havia trabalhado por um ano numa grande rede depois de me formar no ensino médio, para juntar dinheiro

para a universidade. Sabia quando aproveitar as melhores pechinchas e quando os preços dos hortifrútis eram remarcados. David fazia compras a qualquer hora do dia ou da noite, quando tinha vontade ou quando precisava de algo que tinha acabado. Ele também tirara um ano sabático antes de começar a universidade, mas, como passara esse tempo trabalhando com elefantes órfãos na África, adquirira poucas habilidades que pudessem ser aproveitadas em supermercados.

– Você ficaria bem melhor com uma das garotas que sua mãe vive tentando arrumar para você sempre que vai para casa – disse a ele numa tarde em que caminhávamos pela grama coberta de gelo no parque do campus.

David havia ficado à minha espera do lado de fora da sala de aula, recostado na parede de tijolos, os olhos me encarando cálidos e brilhantes quando surgi com uma multidão de estudantes de música. Era quase impossível não perceber os olhares de inveja de algumas das garotas à minha volta. Eu nunca passara por isso e não conseguia decidir se me sentia lisonjeada ou irritada.

– Já cansei de garotas assim – respondeu ele, passando um braço pelo meu ombro e pegando minha bolsa pesada. – Elas só sabem falar da estação de esqui em que vão trabalhar na próxima temporada ou sobre como seu cavalo se saiu bem nas provas locais. Eu quero uma garota que possa soletrar “competição equestre”, não competir em uma – acrescentou, com surpreendente amargura na voz.

Fiquei em silêncio por alguns segundos, meus olhos cravados nas folhas de grama congeladas sob minhas botas.

– Você está soletrando, não está?

– Talvez – admiti.

Ele deu uma gargalhada.

– E é por *isso* que eu te amo – disse ele, antes de passar a falar de outra coisa, deixando-me quilômetros para trás.

Me ama? Ele me amava? Ou teria sido apenas uma forma inconsequente de falar? Nunca tínhamos conversado sobre isso. Era cedo demais para sequer *pensar* nesse tipo de coisa. Tudo era novo para nós, ainda estávamos pisando em ovos ao entrar e sair do mundo um do outro. O mais importante era que tínhamos descoberto um equilíbrio viável. Eu ainda passava duas ou três noites por semana praticando na faculdade ou trancada em uma das salas de música, determinada a aperfeiçoar minha técnica não apenas por mim, mas pela avó que

já partira e me passara o bastão.

Nessas noites, David quase sempre saía com seu grupo de amigos. Seus amigos da realeza, eu os chamava, zombeteira.

– Você *sabe* que não tem ninguém da família real, não é? – perguntou ele, beijando-me e depois mordendo de leve meu lábio inferior enquanto eu me afastava.

– Talvez eu *realmente* saiba... – respondi de gozação.

Foi uma discussão, ou melhor, uma briguinha boba, que levou nosso relacionamento ao nível seguinte. Era um sábado à noite e íamos ao cinema, mas, mesmo na fila, não conseguíamos chegar a um acordo sobre qual filme ver. Eu queria assistir a algo artístico, cuja trilha sonora fosse digna de um Oscar, e a escolha de David era algo em que Bruce Willis iria salvar o mundo. *De novo*. Quando por fim chegamos à bilheteria, os casais à volta nos observavam, curiosos, para saber qual de nós iria recuar. David tirou uma cédula de 20 libras da carteira.

– Um para a sala um e outro para a sala dois – pediu, resolvendo nosso impasse de uma forma que eu certamente não esperava.

Pegamos os ingressos e nos separamos diante das salas com o mesmo olhar de determinação infantil. Era um motivo tão bobo para discordarmos e um grande desperdício de uma noite de sábado. Ambos tínhamos consciência de que havíamos levado as coisas longe demais, mas nenhum dos dois sabia como voltar atrás.

Eu estava prestes a dar o braço a torcer quando ele disse, em tom de resignação:

– Então acho que vejo você aqui quando os filmes terminarem.

E desapareceu na escuridão da sala de cinema.

Consegui passar pelos anúncios, pelos trailers e até pelos primeiros dez minutos do meu filme antes de me levantar de um salto na sala escura, sendo alvo de um agudo silvo de irritação das pessoas na fila atrás de mim. Fui murmurando “com licença” e passando por cima de pernas, bolsas e sacos de pipoca e então disparei pelos mal iluminados degraus até o lado de fora da sala.

Que importância tinha a droga de filme a que assistiríamos? O importante era estar com ele, não quem ganhou a discussão ou quem foi capaz de mudar o ponto de vista do outro.

Irrompi pelas portas duplas e dei de cara com David, que também passava por elas correndo, vindo ao meu encontro. O atendente do cinema ergueu os olhos ao som de nossa colisão, e então desviou rápido o olhar quando os braços de David se fecharam ao meu redor e sua boca, faminta, procurou a minha. Não proferimos com palavras nossas desculpas, deixamos que nossas bocas e línguas fizessem isso por nós.

Eu nem lembro como saímos do saguão do cinema. Tenho uma vaga recordação de David fazendo sinal para um táxi, embora minha casa ficasse a apenas quinze minutos de caminhada dali. O motorista balançou a cabeça, compreendendo tudo, quando David puxou outra cédula de valor alto do bolso e não esperou pelo troco.

Minha casa estava às escuras. Ling fora passar o fim de semana em casa e Elena, como sempre, saíra. David tinha me soltado apenas pelo tempo suficiente para que entrássemos. Assim que fechei a porta, seus braços tornaram a me envolver, e nesse momento esbarramos com a sapateira no hall de entrada, derrubando tênis e botas para todos os lados, enquanto tentávamos chegar à escada sem interromper o beijo. De repente algo caiu no chão com um estrondo poderoso. *A bicicleta de Ling*, pensei, sem dar muita atenção, e pulei a roda, que ainda girava, para alcançar o primeiro degrau. David pegou minha mão e, gentilmente, começou a me guiar pelos degraus cobertos por um carpete gasto.

Ele fez uma pausa quando alcançamos o corredor escuro, sem saber que direção tomar. Em nossas sete semanas juntos, ele nunca tinha chegado à soleira do meu quarto. E esse não era o único limite que ainda tinha que cruzar. Apesar de alguns amassos bastante intensos e apaixonados, não tínhamos avançado muito nesse aspecto. Por comentários que David deixara escapar, eu sabia que ele dormira com outras namoradas antes de mim, mas até então ele vinha mantendo nosso relacionamento em fogo baixo, embora eu estivesse pronta para ferver. A inexperiência calava a pergunta que me queimava por dentro sempre que ele evitava que um momento íntimo se transformasse em algo mais. Por que ele parava? Eu tinha visto a expressão em seus olhos toda vez que se afastara de mim. Eu podia ser inocente, mas tinha certeza de que seu desejo era continuar.

Aquela foi uma das poucas vezes em que lamentei que meu melhor amigo fosse homem. Max não me seria nem um pouco útil em matéria de conselhos sobre sexo e, de toda forma, eu não me sentiria à vontade para discutir com ele sobre essas coisas.

– Meu quarto é esse – falei, e minha voz soou tão rouca que mal a reconheci.

A mão de David parou na maçaneta e ele se voltou para mim, a mão livre segurando meu rosto.

– Tem certeza de que está pronta? Podemos parar agora. Nunca é tarde demais para mudar de ideia.

Minha pele ardia, mas mantive meus olhos fixos no azul intenso e penetrante dos dele.

– Não quero parar. Mas... isso tudo é novo... para mim, quero dizer. Eu... Eu não sei bem o que fazer...

Seu polegar acariciou meu rosto cálido.

– Não se preocupe. Eu sei – garantiu, baixinho, puxando-me para ele e me dando um beijo que começou no corredor, seguiu para a cama e continuou enquanto ele me despia com carinho.

Eu ouvira dizer que não se devia ter grandes expectativas em relação à primeira vez. Ouvira dizer que era comum as garotas acabarem decepcionadas, frustradas e insatisfeitas. Mas me enganaram.

~

David foi o primeiro para mim. O primeiro em tudo. Meu primeiro namorado de verdade, meu primeiro amor, meu primeiro amante e meu primeiro – e único – coração partido. Não sei bem quando tudo começou a dar errado. Não. Mentira. Eu poderia assinalar os indícios como alfinetes em um mapa para um lugar aonde a pessoa não gostaria de ir.

Charlotte – Seis anos antes

Eu girava o anel de noivado em meu dedo enquanto as luzes das lojas que passavam velozes pela janela do nosso táxi captavam suas facetas e irradiavam

uma explosão de prismas brilhantes. David estendeu o braço e cobriu a minha mão com a sua.

– Você não está nervosa, está? – perguntou ele, virando-se no banco para me estudar.

Eu sorri, dissipando a preocupação em seu rosto.

– Por conhecer sua mãe? Não. Nem um pouco – assegurei-lhe.

Não era mentira, não mesmo. Sua mãe podia ter comido Ally viva, mas eu não era uma namoradinha de faculdade facilmente intimidada, arrancada da piscina infantil e arremessada no lado fundo. Eu poderia nadar com tubarões se fosse preciso. Eu vinha do mesmo oceano que David. Não era a mãe dele a pessoa que me incomodava.

Ainda assim, era impossível não recordar a conversa que tivera com Ally depois de sua única e desastrosa visita à casa da família de David. Claro que isso fora antes de a situação ficar insustentável, quando Ally e eu ainda éramos amigas.

– Você não imagina como foi horrível – dissera Ally, batendo farinha, ovos e açúcar em uma tigela, o braço trabalhando como se movido a motor.

Seu rosto estava corado devido aos movimentos vigorosos e salpicado de sardas brancas da farinha. Ela dizia que achava terapêutico bater bolos e afins e, pela variedade de muffins, bolos e doces que cobria quase todas as bancadas da cozinha, ela devia estar precisando de muita terapia. Eu estava impressionada.

– Não pode ter sido assim tão ruim – eu replicara, pegando um muffin e dando um pulo para me sentar na única bancada ainda livre.

– Não pode? – repetira ela, sua voz subindo pelo menos uma oitava. – Vou lhe contar como foi ruim. Meu vestido era igual ao da equipe do bufê. Passei metade da noite dizendo aos convidados que não podia ir buscar outro canapé nem lhes servir outra taça de champanhe e que não tinha a menor ideia de onde ficava o banheiro!

Eu mordiscara a borda do muffin, que continuava quente demais para comer.

– Mas isso não foi culpa da mãe do David, foi? – eu racionalizara.

Ally interrompera o movimento frenético do braço para me dirigir um olhar sério por um momento, como se questionasse minha lealdade. Senti a culpa queimar dentro de mim, uma espécie de indigestão, e tive que me concentrar em engolir meu pedaço de muffin. Ally tinha razão em suspeitar de mim, só que não

pela razão que imaginava.

Ela soprara os fios de cabelo que caíam em seu rosto e voltara a bater a mistura, resignada.

– Talvez não. Mas todo o resto foi. E foi tudo feito com tanta sutileza que David nem sequer viu a maior parte do que aconteceu. Mas tudo que ela dizia era para me humilhar. Ela nem tentou disfarçar que não me achava boa o bastante para o filho dela. Só faltou me colocar uma faixa com os dizeres “Golpe do Baú”.

Eu não tinha dito nada, mas fiquei me perguntando quanto do desprezo percebido por Ally fora real e quanto fora gerado pelo sentimento de inferioridade que ela, sem querer, deixava transparecer. Não que eu descartasse seus argumentos por completo. Já tinha conhecido muitas mulheres como a que ela descrevia – a maior parte delas, amigas próximas da minha mãe.

– E ela até tentou impedir que David e eu fizéssemos... você sabe...

Eu me forçara a sorrir e brincar:

– Sério? Muito antiquado da parte dela.

– Ela me colocou em um quartinho em cima da garagem, apesar de a casa ter mais quartos do que um hotel.

– Ah, bem, foi só uma noite.

Eu podia perceber a tensão em minha voz e torci para que Ally ainda estivesse irada demais para notar. Eu já tinha bastante dificuldade em parecer indiferente à sua... animada... vida amorosa. Certamente não precisava discuti-la em detalhes.

– Sim, foi. Mas David foi ao meu quarto no meio da noite de qualquer forma e nem percebeu que tropeçou no alarme no caminho. Estávamos já no meio das... coisas... quando a polícia apareceu.

Apesar do ciúme que me corroía por dentro, eu tinha caído na gargalhada. Ally pousara a colher de pau na mesa e, por um momento, pensei que estivesse chorando ao recordar a cena, até que me dei conta de que na realidade ela ria tanto que as lágrimas escorriam por suas bochechas salpicadas de farinha de trigo.

– Até que foi engraçado mesmo – admitira ela.

– Charlotte? Terra chamando Charlotte.

Dei um pulo ao som da voz de David, notando, surpresa, que o táxi havia parado na entrada de um clube exclusivo em Londres.

– Chegamos. Você estava a quilômetros de distância – disse David, segurando as lapelas do meu casaco e me puxando gentilmente para me dar um beijo na ponta do nariz. – Em que estava pensando?

Ergui a cabeça e fitei seus olhos, agradecida por ele não poder ler meus pensamentos.

– Nada importante. Nada mesmo.

– É claro que estou feliz, querido! – exclamou Veronica, a voz mais cortante que o vidro do delicado cálice em sua mão. – Só parece um pouco... apressado, só isso. Vocês dois namoram há apenas oito meses. Eu me pergunto qual é a razão da pressa.

Uma gargalhada irrompeu do lado oposto da mesa, e o irmão ruivo de David fingiu pegar um telefone.

– Ei, mãe, ligação da década de 1950 para você. Estão perguntando se a senhora já pode devolver o discurso deles – disse Robert, os olhos brilhando de afeição.

– Certo, Robert. Muito engraçado – retrucou a mãe, com desdém. – Mas, independentemente do que você pensa, ninguém quer as pessoas se perguntando se há uma razão por trás desse anúncio súbito de um curto noivado. Você não quer que alguém pense que Charlotte está no *modo família*, quer? – perguntou ela a David.

Ele e eu trocamos um olhar de total perplexidade, estupefatos demais para falar. Para nossa felicidade, isso não era algo que afetasse o irmão mais novo. Mais uma vez ele fingiu pegar um telefone.

– E a atitude também – disse ele no aparelho imaginário. – Ok, certo, vou dizer a ela.

– Você é hilário – falou a mãe, sem sorrir.

Robert piscou para mim e retribuí com um sorriso. De repente lembrei que quase havia cometido um deslize anos antes. “A única coisa boa no fim de

semana inteiro foi conhecer o irmão mais novo de David, Robert. Ele foi um amor", dissera Ally. E eu deixara escapar: "Sim, ele é um fofo, não é?" Eu me corrigira às pressas: "Quero dizer... do jeito que você fala, parece que ele é", dissera, mordendo o lábio ao pensar em quanto estivera perto de revelar que na verdade eu havia conhecido os dois irmãos muitos anos antes.

– Charlotte e eu podemos estar namorando há apenas oito meses, mas não se esqueça de que moramos na mesma casa no último ano da universidade. Nós nos conhecemos há muito tempo. De jeito nenhum tomamos uma decisão apressada. Na verdade, nunca estive tão certo de uma coisa em toda a minha vida.

Robert emitiu um som engasgado e fingiu vomitar no balde de prata onde se encontrava a garrafa caríssima de champanhe.

Os olhos da mãe se estreitaram quando ela comentou em tom gélido:

– Não posso acreditar que você seja meu filho, Robert. Creio que deva ter havido um erro terrível na maternidade.

Robert deu de ombros, indiferente. Sem suas brincadeiras, a noite teria sido muito pior.

Veronica Williams se virou para mim.

– Com toda a sinceridade, espero que meus netos... quando chegarem – apressou-se em acrescentar, no momento em que pareceu que David interviria – puxem ao pai, e não tenham absolutamente nenhuma semelhança com o tio.

– Eu não esperava que o tema dos netos surgisse esta noite. E você? – perguntei no táxi, no trajeto de volta ao apartamento de David. – Ela está ansiosa para garantir um herdeiro... como a realeza?

Dei uma risadinha, enterrando o rosto no ombro do casaco de caxemira que eu tinha acabado de dar a David de presente de Natal.

– É uma incógnita para mim – disse David, encolhendo o ombro no qual eu me apoiava. – Já desisti de tentar compreender o que motiva a minha mãe. Só estou feliz por ela não ter feito ou dito nada que aborrecesse você ou a deixasse desconfortável, só isso. Não quero você fugindo, assustada, depois de conhecê-la.

"Tenho certeza de que David nem viu como ela fez com que eu me sentisse

mal. Indigna e insignificante", Ally me confessara. Ah, ele viu, Ally. Ele viu tudo.

– Espere só até ela conhecer a minha mãe – falei, bocejando. – Vai ser como se olhar num espelho.

David fingiu estremecer e passou o braço à minha volta, apertando-me de encontro ao seu corpo.

– Imagino que já devíamos ter discutido a esta altura.

Sua voz era suave e baixa, para que o motorista do táxi não ouvisse.

– O quê?

– Bebês. Você quer ter filhos um dia, não é?

Fechei os olhos, percebendo que, sem querer, havíamos chegado a uma das conversas mais importantes da nossa relação.

– Obviamente não agora – continuou David. – Sei que nós dois temos nossas carreiras e que você também quer ter seu próprio negócio. Mas um dia...

Ele deixou a pergunta pairando no ar, como uma estrela preciosa que houvesse escorregado do céu.

– Você não tem medo de sermos pais horríveis? Não temos os melhores modelos para seguir – comentei.

David me puxou mais para perto.

– E é por isso que você e eu vamos ser pais brilhantes. Tudo o que temos que fazer é pensar sobre a nossa própria criação... e então fazer exatamente o contrário.

Sorri na escuridão do táxi, sentindo a perspectiva de uma família à minha espera como uma recompensa reluzente.

– Eu quero filhos, *sim* – confirmei, feliz. – Quero tudo. Casamento, carreira e então uma réplica perfeita de você para completar tudo. Mas tenho uma condição, e receio que ela seja motivo suficiente para quebrar um acordo.

– E qual é...?

Eu percebi a pequena veia de preocupação por trás de sua pergunta.

– Exijo, categórica e enfaticamente, que seu irmão seja o padrinho.

– De acordo – disse David, com um sorriso feliz, apertando ainda mais os braços ao meu redor.

Ally

A pequena sala de espera para familiares de repente pareceu lotada com os fantasmas do passado que eu invocara sem perceber. Em silêncio, levantei-me e segui para a enfermaria. A iluminação estava baixa, exceto pelo posto de enfermagem e pelos dois quartos ocupados em cada uma das extremidades do corredor de linóleo. Por um único segundo, tive a sensação de estar de pé no Equador, sendo puxada na direção de polos opostos. Minhas lembranças reavivadas me guiavam para o quarto à minha direita, mas meu coração, minha alma e tudo o que eu prezava em minha vida me direcionavam para a esquerda. E foi para lá que me virei.

Tudo continuava igual no quarto de Joe. O mesmo monte de gente à sua volta, mas ninguém parecendo mais perto de trazê-lo para mim. Fiquei nas sombras do corredor, olhando através do vidro, meu coração ansiando por estar lá com ele, meu cérebro aterrorizado com o que eu poderia descobrir se estivesse.

Eu tinha me apaixonado por David de forma rápida e dramática, como se o chão desmoronasse sob os meus pés, lançando-me em queda livre num abismo. Com Joe, fora muito mais gradual, e eu deslizara centímetro a centímetro em sua direção, de forma tão sutil a princípio que nem mesmo percebera o que vinha acontecendo, até que era tarde demais para interromper a viagem. Não que eu quisesse.

Ally – Oito anos antes

A primeira coisa que vi em Joe foi sua bunda; nunca me canso de lembrar isso a ele. A primeira vez que ele me viu, vomitei dois minutos depois. Ele adora contar essa história também.

Eu havia chegado cambaleando à cozinha da casa dos meus pais, sentindo-me muito mal. Meu pai tivera uma infecção intestinal durante o Natal e mamãe fora acometida do mesmo mal uma semana depois. Eu pensei que tivesse escapado dessa, mas tinha acordado me sentindo péssima, então deduzi que não. A última coisa que eu queria ou esperava encontrar ao entrar exausta na cozinha

era um marceneiro preparando-se para tirar nossos móveis antigos e substituí-los por modelos planejados.

Eu tinha esquecido que mamãe me avisara que alguém viria de manhã para começar o trabalho. Assim, quando entrei na cozinha vestindo uma blusinha de alças reveladora e uma calça de pijama velha e desbotada, a primeira coisa que vi foi um jeans recheado por um traseiro rígido. Fiz como nos desenhos animados e voltei a cabeça para olhar de novo. Por sorte, a calça dele cobria tudo, porque, com ou sem infecção intestinal, é desagradável ver partes do traseiro alheio. O homem se levantou assim que entrei, e logo vi que não havia nada de desagradável nele. Longe disso. Ele era alto e exibia um sorriso aberto e caloroso, estampado em um rosto mais do que atraente. O cabelo curto de um tom de louro-claro acinzentado estava salpicado com partículas de gesso, dando a impressão de que ele tinha acabado de passar pela chuva de confete em um casamento. Parecia gigante em nossa pequena cozinha, mas talvez fosse porque ele usava botas com solado grosso, enquanto eu estava descalça. Era musculoso e tinha ombros largos, como um jogador de rúgbi. Um jogador de rúgbi com uma grande talhadeira nas mãos.

– Bom dia – cumprimentou-me com um sorriso fácil, deixando de lado a ferramenta e estendendo a mão. – Desculpe se a acordei. Sua mãe disse que você ainda estava dormindo. Tentei ser o mais silencioso possível.

Meus olhos correram para o relógio da cozinha e vi que passava bem das nove. Eu dormira mal a última noite – *todas* as noites, para dizer a verdade, desde que David e eu havíamos terminado. A insônia era apenas um dos muitos lembretes que persistiam de meu relacionamento fracassado.

– Sou Joe, a propósito. Joe Taylor – apresentou-se com a mão ainda estendida, no tipo de cumprimento educado que você, de certa forma, não espera de um marceneiro surpreendentemente bonito que acaba de encontrar na cozinha.

Sentindo-me um pouco lerda e idiota, apertei a mão dele e logo senti a aspereza da pele. Não era nem um pouco parecida com a de David. Balancei a cabeça, irritada. Eu tinha que parar com isso.

Abri a boca para me apresentar.

– Eu... eu... vou vomitar! – falei, puxando a mão para cobrir a boca enquanto me afastava dele, em disparada, na direção do lavabo do primeiro andar.

Quase não cheguei a tempo. Eu me ajoelhei na frente do vaso sanitário sem nem me importar em fechar a porta. Terríveis momentos depois, eu tinha acabado. Joguei o corpo para trás, ainda de joelhos, e passei a mão na boca, que estava nojenta. O que eu precisava mais do que qualquer coisa no mundo era de um copo d'água. E de repente, lá estava um, surgindo como mágica sobre o meu ombro esquerdo.

– Pegue, beba isto.

Segurei o copo, agradecida, e o levei aos lábios.

– Não beba muito de uma vez – aconselhou-me – ou pode não conseguir segurar no estômago.

Eu não tinha a menor vontade de repetir o espetáculo, então segui seu conselho. Já era humilhante o suficiente vomitar na frente de um estranho; eu com certeza não queria fazer isso duas vezes.

A água foi revigorante e, após alguns bons goles, pus o copo de lado. A mão dele esperava, estendida, para me ajudar a levantar. Eu deveria ter achado a situação toda muito estranha, mas me apoiei nela. E não foi nem um pouco estranho.

– Sinto muito por tudo isso – desculpei-me, um rubor de constrangimento inundando meu rosto e substituindo a palidez que viera com o enjoo.

– Não se preocupe – replicou ele com um meio sorriso. – É uma reação comum nas pessoas ao me conhecerem. Já estou acostumado.

Eu ri, gostando dele imediatamente.

– Como está se sentindo agora?

– Melhor. Muito melhor – confirmei. – Mas acho que devo ter pegado a mesma virose que meus pais, então é melhor você manter distância.

Ele deu de ombros, mas não fez nenhum movimento para se afastar de mim. Se ele me parecera alto e de ombros largos na cozinha, dividindo com ele o minúsculo lavabo do térreo, eu me senti uma anã.

– Tenho uma saúde de ferro. Acho que posso correr o risco – disse ele, segurando meu cotovelo ao me conduzir com delicadeza para fora do lavabo, como se ele fosse o dono da casa, e eu, a visitante.

Isso também deveria ter me parecido constrangedor e desconcertante, no entanto, mais uma vez, não foi.

De volta à cozinha, ele puxou uma cadeira, afastando-a da mesa.

– Por que você não se senta por um instante?

Eu me sentei.

– Então, como eu ia dizendo – continuou ele, como se nada tivesse acontecido –, meu nome é Joe e estarei aqui pelas próximas semanas, trabalhando na cozinha.

Assenti, ainda constrangida com o que acabara de acontecer. Eu detestava que me vissem naquele estado.

– Imagino que você seja Alexandra Felicity Nelson.

Minhas sobrancelhas se levantaram. Ele sorriu e, com a cabeça, apontou para a sala de jantar adjacente.

– Vi sua parede da fama.

Encolhi-me um pouco, sem graça. A parede inteira ao lado do meu piano era coberta com certificados e diplomas de meus muitos testes de música, assim como fotografias tiradas em cada recital ou apresentação de que eu já tinha participado. Dizer que meus pais tinham orgulho de minhas realizações era eufemismo.

– Ally – pedi. – Só Ally.

– Bem, Só Ally, há alguma coisa que eu possa providenciar para você? Uma xícara de chá? Uma torrada?

Neguei com a cabeça. Meu estômago estava mais calmo, mas eu não tinha a menor vontade de pô-lo à prova. Meu pai não tinha conseguido comer nada por dias depois do Natal.

– Não vou precisar desligar a energia hoje, então você pode mudar de ideia mais tarde. Se não estiver bem o bastante para preparar alguma coisa, ficarei feliz em fazer por você.

Ele era mesmo muito legal, e talvez essa fosse a razão de eu sentir os olhos arderem e começarem a se encher de lágrimas. Nos últimos tempos, não era preciso muito para me fazer perder o controle. Um anúncio triste na TV, uma comédia medíocre a que eu assistira na outra noite com Max, o lugar vazio onde minha avó se sentava à mesa de Natal. Tudo tinha o poder de me reduzir a lágrimas. Era como se David tivesse libertado uma Ally emotiva que sempre hibernara em mim e, agora que não estávamos mais juntos, eu precisasse de muito esforço para contê-la.

Por um momento nos entreolhamos, ambos um pouco inseguros sobre como

prosseguir. Talvez parte do meu desconforto se devesse ao fato de que minha blusa de alcinhas era imprópria para bate-papos com estranhos. Apoiei os pés na cadeira e dobrei as pernas até a altura do queixo, escondendo meus seios. Não que eu pudesse acusá-lo de ter olhado para qualquer outro lugar que não fosse meu rosto enquanto conversávamos. Ainda assim...

– É melhor eu não ficar aqui atrapalhando – comentei, sem fazer qualquer menção de deixar a cadeira.

– Pode ficar. Não saia por aí correndo se ainda não estiver se sentindo bem.

Eu não estava me sentindo bem. Longe disso. Mas não achava que isso fosse mudar por muito tempo ainda.

– É isso que você faz, cozinhas e tal? – improvisei, agitando o braço na direção da pilha de portas de armário lindamente entalhadas.

Ele riu da minha escolha de palavras.

– No momento, mais "tal" que cozinhas. Todo tipo de marcenaria, na verdade. Pelo menos por ora.

– Resposta intrigante. Significa que você tem um grande plano para o futuro?

– Todos não têm? – replicou ele.

Tentei manter o sorriso no rosto, mas pude sentir que ele começava a desaparecer.

– Humm. Acho que sim.

Foi a vez dele de fazer uma pausa antes de falar.

– Você não parece tão certa disso.

– Meus planos estão meio... fluidos... no momento. Eu deveria ter voltado para a universidade há algumas semanas, mas, bem... algumas coisas aconteceram, então acho que vou ficar por aqui algum tempo.

Aquilo não era do meu feitio, partilhar tanto com um estranho, mas havia algo nele que tornava fácil revelar mais do que eu pretendia. Eu o conhecia havia apenas uns vinte minutos e já podia perceber que ele era um bom ouvinte.

– Você pode fazer isso?

– As pessoas abandonam a universidade o tempo todo.

Ele tentou, sem sucesso, não parecer estarrecido. Era uma expressão semelhante à que eu vira nos rostos de mamãe, papai e Max. Eu só não esperava vê-la no cara que viera instalar nossos armários de cozinha.

– De qualquer forma, não estou abandonando a universidade. Não mesmo.

Tenho minha monografia para escrever, a maior parte das aulas presenciais já terminou e posso acompanhar on-line as que ainda não terminaram.

Parei de repente, percebendo que ainda tentava justificar minha decisão, talvez mais para mim mesma do que para ele.

O rapaz decerto só devia estar mostrando interesse por educação. Eu tinha certeza de que ele não estava nem aí para a confusão espetacular em que eu transformara minha vida.

Ele se abaixou para pegar uma ferramenta aos seus pés e a virou nas mãos por vários segundos antes de voltar a falar.

– Sua mãe mencionou alguma coisa. Sobre um rompimento.

Ergui a cabeça de imediato, estupefata. Eu não podia acreditar que ela havia lhe contado algo tão pessoal. O que viria depois? Será que o açougueiro e o carteiro estavam prestes a aparecer oferecendo-me chá e solidariedade?

Ele interpretou corretamente minha expressão.

– Não fique zangada com sua mãe. Ela estava apenas cuidando da filha. Sendo uma boa mãe. Dava para ver que estava mesmo muito preocupada com você, com a possibilidade de seu ex aparecer aqui enquanto ela estivesse no trabalho. Foi por isso que ela mencionou, para que eu pudesse ficar de olho.

– Bem, obrigada. Mas isso não será necessário – garanti, a garganta tão apertada que foi difícil fazer as palavras saírem.

– Ela não me pediu para interferir. E, é claro, eu não faria isso – assegurou-me. – Sei que nada disso é da minha conta.

Assenti, meus olhos queimando com as lágrimas que eu não queria derramar na frente dele.

– Não. Não é. Mas não foi o que eu quis dizer. Não vai ser necessário você, mamãe ou qualquer outra pessoa ficar de olho nele, porque ele não vai aparecer aqui. Nem agora nem nunca.

– Entendo – disse Joe, retornando sua atenção para o armário no qual trabalhava quando entrei na cozinha.

Pensei que o assunto houvesse – felizmente – chegado ao fim, até que ele me olhou sobre o ombro largo.

– Então ele é um idiota, se você me permite dizer.

– Por não vir atrás de mim?

Ele balançou a cabeça bem devagar.

– Por deixar você escapar, para início de conversa.

Ally

A equipe médica começou a deixar o quarto, os profissionais absortos numa discussão. Ergui os olhos, ansiosa, procurando pelo rosto do médico que havia me acompanhado até a enfermaria, mas ele não estava mais lá. Foi uma enfermeira que veio e parou ao meu lado, tocando de forma gentil em meu braço.

– Sra. Taylor?

Não olhei para ela. Minha atenção ainda estava fixa nos médicos que se retiravam.

– Aonde eles vão? Algo mais aconteceu? – perguntei, desesperada.

A mão que ainda descansava no meu braço me deu tapinhas de leve.

– Não. É só a troca de turno. Estão passando os detalhes do caso do seu marido para a equipe que vai assumir os cuidados dele agora.

Fitei os médicos que se afastavam. Queria gritar que voltassem, que nem pensassem em ir para casa, em voltar para suas vidas confortáveis e tranquilas, seus cônjuges, suas famílias e seus mundos perfeitos até que tivessem terminado o trabalho que começaram. Até que Joe estivesse bem. Era um pedido absurdo? Não me parecia. Quantos médicos estariam de plantão pelo restante da noite? O tempo deles se dividiria entre os dois pacientes na enfermaria: o homem que eu amava agora e o homem que eu havia amado um dia?

– Gostaria de se sentar ao lado do seu marido enquanto fazem a troca do plantão? Vai levar de dez a quinze minutos. A senhora pode ficar um pouco com ele.

Assenti, agradecida.

Pisquei sob as luzes fortes ao chegar ao quarto de Joe.

– Ei, voltei – contei ao corpo imóvel e silencioso.

A enfermeira se movimentava com destreza, recolhendo itens que haviam sido descartados, fechando gavetas e armários e restaurando a ordem no quarto. Ela examinou com olhos experientes a ficha de Joe e então passou um bom tempo estudando com atenção as telas na profusão de aparelhos aos quais meu

marido estava ligado. Então colocou uma cadeira ao lado da cama e me acomodou gentilmente nela.

– Tem alguém aqui com a senhora? – perguntou com simpatia. – Um parente, um amigo?

Pensei na mulher que eu tinha acabado de deixar na sala de espera e neguei, balançando a cabeça.

– Não. Não queria ligar para ninguém até que tivesse algo positivo para dizer. Os pais do meu marido são idosos, não quero preocupá-los mais que o necessário.

A enfermeira apertou meu ombro, e notei que ela avaliava se deveria ou não dizer o que estava pensando.

– Talvez seja uma boa ideia telefonar para eles e informá-los sobre o que aconteceu – sugeriu com delicadeza.

Senti algo – que suspeitei ser meu coração – desabar dentro de mim.

– E seria bom se a senhora tivesse alguém para lhe dar apoio também. Um amigo, talvez.

Ela saiu do quarto com passos apressados e silenciosos, assegurando-me de que estaria logo ali fora, caso eu precisasse dela. Mas a pessoa de quem eu de fato precisava era aquela que estava no quarto comigo. Se ao menos ele acordasse...

Segurei sua mão com firmeza, torcendo para que – fosse por magia ou medicina – eu conseguisse lhe passar, por nossos dedos entrelaçados, o que quer que ele precisasse para se recuperar. Eu queria muito acreditar que o aperto de mão era recíproco, mas no fundo sabia que só um de nós estava presente ali. Beijei os dedos excessivamente pálidos e a palma áspera e calosa.

– Volte para mim – sussurrei junto à pele que já não tinha mais o cheiro de Joe.

Ally – Oito anos antes

É difícil dizer em que momento minha amizade com Joe começou a empurrar para um canto a dor de ter perdido David. Isso foi acontecendo em estágios tão minúsculos que a princípio o progresso nem era discernível – pelo menos não

para mim. Só tempos depois, olhando em retrospecto, pude perceber o nascimento dessa amizade e que ela começava a desabrochar, mas era algo que só se notaria se fosse possível acelerar as cenas daquele processo muito lento.

À noite, eu ainda chorava no travesseiro, sentindo falta de David de uma forma tão visceral que eu tinha a sensação de que ele fora arrancado de mim. No entanto, à luz da manhã, a fraqueza que me levara a buscar o telefone às três da madrugada já havia passado. E, ao descer a escada ao som do melodioso assobio de Joe e de seu serrote atravessando a madeira, aqueles sentimentos se esvaíam como os detalhes de um sonho vago.

Aprendi muito sobre Joe Taylor nas seis semanas que ele levou para reformar nossa cozinha. Mas uma das coisas que só fui saber bem mais tarde foi que aquele trabalho deveria ter durado menos da metade do tempo que ele levou para concluí-lo.

– Eu gosto do Joe, não me entendam mal, e a qualidade do trabalho dele é incontestável – disse meu pai durante o jantar uma noite, cerca de três semanas depois de começada a reforma. – Mas ainda bem que combinamos um preço pela empreitada, porque, se eu tivesse que pagar por diária, iria à falência antes de ele terminar.

Abaixei a cabeça para esconder o rubor que incendiou minhas bochechas enquanto eu arrastava a colher pelo molho do espaguete no meu prato. Eu sabia que era pelo menos em parte responsável pela lentidão da obra. Eu passava horas na cozinha todos os dias, tagarelando preguiçosamente com Joe, e, como resultado, nem minha monografia nem os armários vinham progredindo como deveriam. Era muito fácil conversar com Joe e, apesar de ele ser seis anos mais velho do que eu, tínhamos muito em comum. Também havia certa maturidade revigorante no fato de estar com alguém que podia ter uma noite ótima mesmo sem tomar uma dose que fosse de tequila. E Joe era engraçado, engraçado de verdade, com um humor rápido e perspicaz que sempre me surpreendia. Eu ficava triste ao me dar conta de que, já no fim, houvera muito poucas risadas entre mim e David. Era como se nossas rixas constantes houvessem acabado com tudo, sorriso por sorriso, risada por risada, e nenhum dos dois tivesse percebido o que vinha acontecendo.

Acho que foi aí – quando percebi que eu ainda lembrava como rir – que compreendi que, apesar de tudo, eu ia ficar bem, ia atravessar aquilo e me

recuperar. E era a Joe que eu tinha que agradecer por isso.

– Você tem outra cozinha para fazer quando terminar aqui? – perguntei um dia, olhando ao redor para os armários novos que agora cobriam nossas paredes.

Para os meus olhos de leiga, o trabalho dele ali estava quase finalizado. Senti uma estranha pontada no peito ao pensar que logo ele iria embora, o que era estranho, mas, com Max longe, na faculdade, eu podia sentir a solidão à espreita.

– Não exatamente, mas ainda tenho bastante para fazer aqui antes de terminar.

A surpresa deve ter se estampado no meu rosto, porque ele pareceu um pouco constrangido ao dizer:

– Bem, é basicamente acabamento. É que sou meio perfeccionista.

Ele disse isso como se fosse algo de que devesse se envergonhar.

– Eu também – confessei. – Se eu tocar uma única nota errada, volto ao início da peça e toco tudo de novo.

– Eu sei – disse ele, com um sorrisinho.

– Desculpe – falei. – Você já deve estar meio cansado das sonatas de Beethoven.

– De jeito nenhum – discordou. – Você está ampliando meus horizontes.

Nós dois sorrimos, e me lembrei do dia em que erguera os olhos do piano e o vira recostado no portal me observando tocar. A expressão dele tinha ficado gravada na minha cabeça muito depois de ele ter ido embora naquela noite.

Eu havia me apoderado de uma extremidade da mesa da sala de jantar, onde colocara meu laptop, meus cadernos e uma dúzia de livros. No entanto, ficava muito mais tempo do que devia na cozinha. Passava com cuidado sobre as ferramentas de Joe e os pedaços de madeira e ia preparar intermináveis xícaras de chá e de café para nós dois. Depois de alguns dias, eu o convidei para almoçar comigo na mesa de pínus da cozinha, em vez de comer sozinho em sua van, e então o padrão de nossos dias se estabeleceu.

Certa manhã entrei na cozinha e encontrei Joe absorto, desenhando um projeto em uma grande folha de papel na mesa. Passei por trás dele e tentei não dar atenção ao cheiro já familiar, de frescor e limpeza, do sabonete ou shampoo que ele usava. Meu nariz, porém, me traiu, pois já havia guardado aquele aroma na minha memória, em um arquivo com o nome “Joe”.

Olhei sobre seu ombro, espiando o esboço. Era de uma cozinha, bem maior

que a nossa. Observei os traços ágeis de seu lápis acrescentarem detalhes e sombreados ao desenho, elevando-o da categoria de diagramas à de pequenas obras de arte. Mesmo o meu olho não treinado podia ver que ele tinha talento.

– É o seu próximo projeto? De quem é essa cozinha? Parece muito bonita.

Joe se endireitou e pousou o lápis na mesa, virando-se para mim com seu sorriso fácil e vagaroso.

– Bem, trata-se de um trabalho em curso e de longo prazo, porque o cliente vive ficando sem dinheiro.

– Poxa, isso não é justo com você.

– Na verdade, nem tanto. O cliente sou eu.

Meus olhos foram do seu rosto para o esboço diante dele.

– É você? Mas pensei que você dividisse um apartamento com amigos...

– Divido. Ou melhor, dividia – explicou Joe. – Comprei esse imóvel há um ano, totalmente arruinado, e venho reformando cômodo a cômodo, até deixá-lo habitável o suficiente para me mudar. A cozinha é a próxima etapa.

Debrucei-me um pouco, para estudar o desenho, e uma mecha do meu cabelo escuro e comprido caiu para a frente, roçando no rosto dele. Desculpei-me depressa e joguei o cabelo para trás.

– É uma cozinha bem grande. Você sabe cozinhar ou isso é pura ostentação? – perguntei, apontando para o impressionante fogão antigo que ele havia desenhado aninhado no recesso de uma imensa lareira.

– Eu me viro – garantiu ele. – Tem três ou quatro pratos que consigo preparar sem envenenar ninguém. Vou ter que convidá-la quando a cozinha estiver pronta, para que você possa julgar por si própria.

Por alguma razão, seu convite inocente – eu tinha certeza de que ele só o fizera por educação – me deixou nervosa, então abaixei mais um pouco a cabeça, sem me importar se meu cabelo caía para a frente, agradecendo o disfarce.

– Sabe o que você podia fazer? Colocar uma ilha no centro da cozinha – sugeri, correndo o dedo pelo amplo espaço vazio no meio do desenho. – Acho que elas ficam incríveis em cozinhas grandes... funcionam muito bem mesmo.

Ele não replicou, e me perguntei se teria achado muito atrevimento da minha parte lhe dizer como montar sua cozinha. Afinal, era ele o especialista ali, não eu.

– Desculpe. Não tenho nada com isso. Seu projeto é ótimo do jeito que está –

recuei.

Ele olhou para mim, e era difícil interpretar sua expressão vendo-o através dos fios do meu cabelo. Sem dizer nada, ele pegou o lápis e, uma dúzia de traços depois, uma ilha surgiu no desenho.

Ele se endireitou na cadeira e olhou para mim, pensativo.

– Algo assim?

Dominada por uma estranha sensação que fazia meu coração bater um pouco mais rápido, assenti.

– Sim, ficou perfeito.

Ally

Dez minutos depois, a enfermeira bateu de leve à porta e entrou novamente no quarto.

– Desculpe, mas os médicos precisam fazer mais alguns exames, então vou ter que pedir que a senhora saia de novo.

Foi muito rápido, rápido demais. Eu ainda nem tivera chance de dizer a Joe que teria que ligar para os pais dele. E havia outras coisas que eu também não dissera a ele: uma delas era que a mulher que eu esperara nunca mais ver estava dividindo a sala de espera comigo e que o homem que *ele* esperava que eu nunca mais visse se encontrava mais adiante no corredor, travando sua própria batalha para sobreviver. Levantei-me trêmula, sentindo-me culpada, como se estivesse guardando segredos.

– Você vai me chamar assim que eu puder voltar? – pedi com urgência à enfermeira, enquanto ela me conduzia pela porta.

Ambas erguemos os olhos ao som de passos que se aproximavam enquanto um grupo de profissionais de jaleco branco vinha em nossa direção.

– Assim que eles acabarem – prometeu ela.

~

– Desculpe, Ally. Acho que não entendi. Você disse que Joe caiu no gelo?

A ligação estava boa; não era por isso que minha sogra não havia

compreendido a situação. É porque aquilo ia muito além da normalidade.

– Não, Kaye, ele *atravessou* o gelo. Em um lago congelado.

– Como? Por quê? O que ele estava fazendo lá?

– Eu não sei. A polícia não soube me dizer.

Ela arquejou e percebi que tinha dito a coisa errada.

– A polícia? Quem chamou a polícia? Houve um crime? Joe foi atacado e jogado no gelo?

Respirei fundo e tentei normalizar minha voz. A mãe de Joe era daquelas pessoas que entravam em pânico com facilidade. Cada resfriado de inverno era uma gripe perigosa; cada dor de cabeça, um tumor cerebral à espreita; cada incômodo inexplicado, o prenúncio de um mal incurável. Ao longo dos anos, cada temor e cada previsão sombria que ela fizera, felizmente, haviam se mostrado infundados. Mas agora, pela primeira vez, ela tinha um motivo genuíno para se preocupar com seu filho único, e eu não podia tranquilizá-la.

– Não há mais ninguém envolvido – repliquei com paciência, antes de me dar conta de que nem sabia se isso era verdade. Eu mesma ainda não tinha ideia do que acontecera. – A polícia foi lá em casa me avisar.

– Ah, não! Então só pode ser grave. Grave de verdade.

Eu sabia que devia tentar acalmá-la, diminuir sua ansiedade, era o que Joe ia querer que eu fizesse, mas isso era quase impossível, visto que as palavras dela ecoavam meus próprios medos.

– Preciso contar ao Frank – disse ela.

Ouvi um estrondo: na pressa de ir à procura do marido, ela havia simplesmente largado o telefone. Eu não estava me saindo muito bem e, se não tomasse cuidado, acabaria provocando um AVC ou um infarto – ou ambos – nos meus sogros.

– Ally, em que hospital você está?

A voz do meu sogro soou ríspida, mas eu sabia que aquela era sua maneira de esconder a emoção. Ele falara exatamente nesse tom na primeira vez em que coloquei Jake recém-nascido em seus braços e lhe disse: “Este é o seu neto.”

– Estamos no St. Elizabeth, mas...

– Certo. Bem, nós vamos... hã... bem, se sairmos agora, devemos chegar aí em cinco horas, mais ou menos.

Senti um nó subir por minha garganta feito bile, tornando minha voz um

grasnido de desespero.

– Frank, não. Você não pode vir para cá dirigindo no meio desta nevasca. É perigoso demais. – Eu hesitei, então ultrapassei o limite permitido a uma nora ao acrescentar: – Além disso, você não dirige há anos. Não é seguro. É uma péssima ideia.

Fui dura com ele, mas só porque sabia que Joe ficaria aterrorizado se tivesse ideia do que o pai planejava fazer. Ele vinha insistindo havia séculos que os pais vendessem o carro, já velho. "Se o carro não estiver lá, eles não vão ficar tentados a entrar nele se houver alguma emergência", dissera ele, nem por um momento imaginando quanto suas palavras eram proféticas, nem que *ele* poderia ser a emergência que os preocuparia.

Por fim, garanti-lhes que providenciaria alguém para buscá-los e consegui persuadir meus sogros a abandonarem a ideia de dirigir até o hospital para ver o filho. Quando encerrei a ligação, me recostei na parede, olhando desolada o estacionamento do hospital. Todos os carros agora usavam cobertores de neve brancos, macios e com vários centímetros de espessura. Ninguém deveria pegar a estrada naquelas condições, ainda mais se a pessoa já tivesse passado havia muito da idade de se aposentar – o que excluía meus pais e meus generosos vizinhos da lista de pessoas com quem eu poderia contar. Eu não tinha a menor ideia de como encontrar um táxi disposto a empreender aquela jornada, e o peso de mais uma preocupação ameaçava me fazer desmoronar.

Não sei por que levei tanto tempo para deduzir a quem pedir ajuda. Ele era a pessoa que saberia o que fazer, que não entraria em pânico, com quem eu sempre podia contar e que amava Joe quase tanto quanto eu. O toque do telefone soou diferente, mas era sempre assim com ligações transatlânticas.

– Max Fellows – anunciou em meu ouvido, sua voz agora com mais sotaque de Nova York do que da última vez em que tínhamos nos falado.

Ele era uma pessoa ágil, com um ouvido que captava sotaques com facilidade.

– Maxi, sou eu. Ally. Aconteceu uma coisa horrível.

Cada emoção que eu tivera o cuidado de não revelar em minha conversa com Kaye e Frank agora rompia a frágil barreira que eu erguera. Foram necessárias várias tentativas antes que eu pudesse responder aos rápidos disparos de Max de "O que aconteceu?". Tropeçando nas palavras, por fim consegui explicar o que

havia ocorrido com Joe. Era quase impossível chegar ao fim de cada frase sem chorar.

– Quem está com você aí no hospital? – perguntou Max, sua preocupação, como sempre, dirigida a mim. – E quem está cuidando do meu afilhado?

– Jake ficou em casa, com os vizinhos. Ele...

Tive que respirar fundo para terminar o que tentava dizer.

– Ele acha que vim levar o pai dele para casa. Maxi, estou com tanto medo de que isso não aconteça... Eu não sei se Joe vai sair dessa.

– É claro que vai – disse Max com firmeza.

Eu queria mais do que qualquer coisa acreditar nele, mas as expressões no rosto dos médicos e nos olhos da enfermeira tinham me dito outra coisa.

– Não desista desse homem – determinou Max, soando quase zangado comigo, e talvez fosse disso que eu precisava. – Joe é forte e saudável. E, principalmente, ele atravessaria o fogo se fosse preciso para ficar com você e Jakey. Ele não vai deixar você sozinha. Não poderia.

A voz de Max falhou um pouco.

– Então, você está sozinha no hospital?

Um leve som desconsolado escapou assobiando dos meus lábios.

– Quem dera – falei, incapaz de suprimir o fio de histeria que costurava minhas palavras. – David e Charlotte estão aqui também.

A linha estalou por vários segundos em meu ouvido antes que a voz de Max atravessasse a interferência.

– Desculpe, Ally, a ligação ficou cortada. Pensei até que você tivesse dito que David e Charlotte estão aí.

– Eu disse. Eles estão.

– Você chamou seu ex e a esposa dele para ficarem com você?

A voz de Max havia subido umas boas duas oitavas de incredulidade. Minha gargalhada em resposta foi amarga.

– Não. Mas, por uma coincidência incalculável, David também está sendo atendido aqui. Charlotte e eu estamos dividindo a mesma sala de espera.

– Puta merda.

Ouvi murmúrios ao fundo. Max devia estar resumindo a situação para Justin, seu parceiro.

– Me dê um segundo, docinho – pediu Max.

Fechei os olhos e imaginei meu velho amigo sentado em uma de suas cadeiras caras e de design estranho, olhando pela imensa janela que ia do teto ao piso em seu loft. Nova York se estendia centenas de metros abaixo dele; carros e ônibus se arrastavam ao longo do quadriculado das ruas como peças em miniatura de uma cidade de brinquedo. Eu podia quase imaginar o sol do início da tarde atravessando a vidraça e criando padrões de luz no assoalho brilhante.

– Ok – disse Max, sua voz me levando através do oceano, de volta ao estacionamento coberto de neve do hospital. – Um problema de cada vez. Me dê o endereço dos pais de Joe. Tem um serviço de carros que usamos no Reino Unido que não vai dizer não quando ligarmos, qualquer que seja o clima.

Essa era a vantagem de ter um amigo bem-sucedido; ele sabia como fazer as coisas acontecerem. Desde que se mudara para os Estados Unidos, a carreira de Max no design de moda havia disparado como um foguete, mas seu parceiro, Justin, já estava muito à frente dele. Juntos, eles eram uma combinação formidável. Eu nunca pedira ajuda a Max antes – embora ele houvesse oferecido diversas vezes. Mas, por Joe, eu teria lidado com o próprio demônio, feito qualquer negociação.

Remexi na bolsa, encontrei meu caderninho de endereços e ditei os detalhes para Max. Enquanto falávamos, eu já ouvia Justin ao fundo telefonando para a empresa de limusines. O peso nos meus ombros se aliviou um pouco.

– Ok. A questão dos seus sogros já foi resolvida. Não se preocupe em ligar para eles. Eu mesmo vou contatá-los e passar os detalhes daqui a pouco, quando desligarmos.

Lágrimas de gratidão arderam em meus olhos.

– E você? Vai ficar bem até umas onze da manhã?

Franzi a testa, sem conseguir acompanhar o que ele queria dizer, embora depois eu me desse conta de que ele provavelmente tomara sua decisão durante o primeiro minuto de nosso telefonema.

– O que vai acontecer às onze?

– É quando eu devo encontrar você. Tem um voo saindo do JFK no fim da tarde de hoje, e eu vou tentar pegá-lo.

– Você está vindo para cá? Para Londres? Por mim?

Mais lágrimas estúpidas, mas agora simplesmente não havia como detê-las.

Sua voz, marcada pelo tom americano pouco familiar, saiu rouca de repente:

– É claro que não é por *você*. Estou indo para dizer umas verdades para esse seu marido grande e maravilhoso por nos assustar assim.

Sua voz baixou e ficou mais suave, fluindo através do meu corpo frio e me aquecendo:

– Aguente firme enquanto eu não chego aí, doçura. Seja forte. Estou a caminho, e lembre que amo vocês – falou, a emoção em estado bruto vibrando em sua voz. – Todos os *três* – acrescentou.

E, sem dizer mais nada, desligou.

Permaneci no estacionamento até que tivesse ganhado um pouco mais de controle sobre minhas emoções. Era uma coisa tão imensurável: deixar tudo de lado, abandonar o que mais estivesse acontecendo na vida e atravessar o Atlântico num avião para ficar ao meu lado. Eu sabia quanto eu era sortuda por ter alguém que fizesse isso por mim. Por nós. Meus pensamentos estavam em Max quando comecei a refazer meus passos de volta ao prédio do hospital, notando distraidamente que a neve já havia apagado todos os sinais da minha passagem.

Ergui os olhos para o céu, imaginando Jake com seu lindo narizinho pressionado contra a vidraça, olhando todo entusiasmado o mundo transformar-se em um paraíso branco, enquanto tudo que eu fazia era me preocupar com seu efeito nas estradas, no céu e nas pistas de aeroporto, no trajeto das pessoas que eu amava.

Max e Joe haviam se dado bem desde o início, o que fora inesperado e maravilhoso. Na teoria, eles eram completamente opostos: o espirituoso, falante e antenado designer de moda, que chegara com o pé direito – calçado com sua elegante bota de couro – no centro da agitação de Manhattan, e o artesão reservado de fala mansa, com um senso de humor oculto, que usava confortáveis calças jeans desbotadas, adorava a vida ao ar livre, música country... e eu. E era isso que os dois tinham em comum, Max dissera, depois daquele primeiro encontro: “Esse é o nosso denominador comum, é o que vai nos tornar amigos e manter nossa amizade para sempre. Porque nós dois morremos de amor por você.” Estremeci de repente, como se um espírito passasse por ali, relembrando aquelas palavras: “morremos de amor por você”.

É claro que o outro motivo por que Max havia aprovado plenamente meu relacionamento com Joe era ele *não* ser David. Seu primeiro encontro com meu

ex havia sido um verdadeiro e explosivo desastre e a razão da primeira grande briga em meu namoro.

Ally – Nove anos antes

O dia começara mal. Já de cara eu tinha me esquecido de programar o despertador antes de ir dormir na noite anterior. Eu acordara com o coração aos pulos, tomada por uma sensação de pânico, enquanto a casa vibrava com o estampido da porta da frente sendo batida – que por pouco não fora registrado pela escala Richter. Foi a primeira vez que me senti grata pelo portal empenado que nos obrigava a fazer um esforço sobre-humano para fechar a porta. Não fosse por isso, Max teria ficado esperando por mim na estação durante horas, em vez de apenas minutos.

Peguei meu telefone para verificar a hora, xinguei o mostrador e, com um salto, livrei-me do emaranhado de cobertas da cama. Não tinha tempo para uma chuveirada, lamentei, correndo para o banheiro, que, milagrosamente, estava vazio. Escovei os dentes com pressa, joguei água fria no rosto inchado de sono e peguei a primeira coisa que minha mão encontrou no armário.

Menos de sete minutos depois de despertar, eu também fechava a porta e disparava a toda para a estação, onde o trem de Max estaria chegando naquele exato minuto. Tínhamos planejado aquele fim de semana desde o Natal, quando nos ocorrera que estávamos ambos na metade de nossos cursos e ainda não tínhamos visitado a residência estudantil um do outro.

– Até que enfim vou conhecer seu príncipe encantado – brincara Max ao telefone quando começamos a combinar os arranjos finais.

– Se o chamar assim, vou ser obrigada a matar você – advertira-o, acomodando-me melhor na poltrona onde me sentara para falar com ele. – Na verdade, David só vai chegar no domingo. Ele tem um evento da associação de remo para ir. Mas isso nos dá o dia todo para fazer um tour pela cidade e pelo campus.

Eu já estava animadíssima com a perspectiva de ver Max pela primeira vez em meses.

– Tem certeza que ainda vai me reconhecer? – brincara ele.

– Tudo que tenho a fazer é procurar o cara mais bonito da estação.

– Eu também – dissera ele casualmente.

Eu parara por um segundo, sem saber direito como reagir a seu comentário. Eu sabia que Max era gay antes de saber o que gay significava, antes mesmo de saber o que hétero significava. Mas aquela era a primeira vez que ele dizia alguma coisa, que dava uma pista sobre essa parte de sua vida. Para ser honesta, não fazia a menor diferença para mim. Ele era apenas Max, meu melhor amigo, o mais querido. Todo o resto era irrelevante.

Em nosso primeiro dia na escola, tínhamos passado de mãos dadas pelos portões, um símbolo da nossa amizade firmada tanto tempo antes. Nada que ocorreu nos anos seguintes abalou essa relação. Talvez a força desse laço houvesse afastado outras pessoas ou talvez estivéssemos mesmo destinados a nos sentir mais felizes não fazendo parte de um grupo maior.

Max não fora o típico garotinho que adorava futebol e gostava de brincadeiras de empurrar, e eu fora uma garotinha quieta e estudiosa, que só se abria quando se sentava diante do piano ou, mais tarde, quando tinha um trompete nas mãos. Assim, nossa amizade tinha sido uma combinação perfeita – e continuava sendo.

A meio caminho da estação, começou a chover. Uma chuva pesada, de pingos grossos, do tipo que açoita a pessoa e a deixa encharcada em questão de minutos. Eu chapinhava no chão com meus tênis de lona, já lamentando que houvesse vestido apenas um agasalho fino por cima da camiseta e não tivesse me detido para procurar meu casaco impermeável. Estava quinze minutos atrasada, pingando da cabeça aos pés, quando irrompi na estação ferroviária e esquadrinhei o saguão. Max me esperava parado em um canto, o telefone na mão.

– Você chegou! – gritou, guardando o celular. – Estava ligando para você.

Fiz uma pausa antes de responder, curvando-me um pouco para conter a dor lancinante nas costelas.

– Dormi demais – disse, arfante, erguendo a cabeça e sentindo um desagradável fio d’água escorrer do meu cabelo e descer pelas costas, debaixo da blusa.

– Então você não deveria ter perdido tempo tomando banho de roupa antes de sair de casa – observou ele, irônico.

Apontei para a entrada da estação. Eu sempre considerara a capacidade dos meus pulmões bastante boa – isso é necessário quando se toca um instrumento de sopro –, mas continuava sem ar por causa da corrida.

– Chovendo – arquejei.

Max ergueu uma sobrancelha.

– Sua construção frasal parece ter sofrido um pouco desde o nosso último encontro. É isso que estar apaixonada fez com você?

– Eu não disse que estava apaixonada – repliquei, a respiração ainda ofegante.

Max ergueu a outra sobrancelha.

– Eu sei – falou, puxando-me para um abraço e franzindo o nariz quando minhas roupas encharcadas o molharam. – Mas aposto que está.

Ainda me abraçando, Max pegou sua bolsa e seguimos para a saída. A chuva não dava sinais de diminuir – na verdade, se alguma coisa havia mudado, era que caía com mais força ainda.

– Podíamos esperar passar – sugeri, erguendo os olhos para o céu cinzento, carregado de nuvens. – Ou podíamos pegar um táxi – acrescentei, indicando com a cabeça a fila de veículos no ponto perto.

– Bem, é fácil dizer qual de nós tem um namorado rico – brincou Max, apertando meu ombro para eu ter certeza de que ele só estava me provocando. – Somos estudantes, Ally, não andamos de táxi; pegamos ônibus, pedimos carona a estranhos suspeitos... ou andamos.

– Vamos ficar encharcados.

– Você *já* está encharcada. E agora eu não estou muito atrás de você. Vamos correr até lá.

Ele viu minha expressão diante da palavra “correr” e emendou sua sugestão:

– Vamos andar lentamente e patinhar até lá.

Tivemos as calçadas praticamente só para nós dois – os outros pedestres tinham sido sensatos o bastante para buscar abrigo em lojas e debaixo de toldos. Dizem que chega um ponto em que você simplesmente não consegue ficar mais molhado. Tive que discordar dessa teoria.

– Estou amando sua cidade – declarou Max, quando um caminhão fez uma curva fechada e lançou uma imensa onda de água em cima de nós.

– A ideia foi *sua* – lembrei a ele, acelerando o passo e sacudindo a cabeça

para tirar o cabelo dos olhos.

Max pegou minha mão, um brilho malicioso em seus olhos.

– Vamos lá, cadê seu espírito brincalhão? – instigou-me e, em seguida, saltou como uma criança do meio-fio, indo parar direto numa poça.

A água que espirrou encharcou mais ainda os dois. Os olhos dele cintilavam enquanto ele me desafiava sem palavras. *Ah, que se dane*.

– Você é doido – declarei, pulando ao lado dele.

Rindo como as crianças que de repente tínhamos voltado a ser, ambos vimos o aglomerado de pessoas na porta de uma loja observando nossa bagunça e balançando a cabeça. Trocamos um olhar secreto e familiar e então seguimos em frente, pulando em cada poça por que passamos até chegarmos em casa.

Não foi assim tão divertido quando nos vimos tremendo diante da porta enquanto eu me atrapalhava tentando enfiar a chave na fechadura.

– Não sei por que dou ouvidos a você – repreendeu-me Max ao passarmos gotejando pela soleira, entrando no hall.

Tiramos os sapatos e os deixamos escorrendo no capacho de fibra de coco.

– Preciso tomar um banho – declarei, tirando o agasalho, como se estivesse trocando de pele, e largando-o no chão. – Vou ser rápida, e você vai em seguida.

Max assentiu, agradecido.

– Aponte onde fica a cozinha e vou preparar um chá para nós dois.

Essa era uma das qualidades maravilhosas de Max, pensei enquanto subia correndo a escada e me dirigia ao banheiro. Ele não era o tipo de amigo que esperava que você o servisse. Tinha uma natureza camaleônica simples que lhe permitia adaptar-se sem nenhum esforço aonde quer que fosse. Eu nunca havia entendido o que as pessoas queriam dizer quando afirmavam que alguém se sentia à vontade na própria pele. Agora eu entendia.

A chuveirada foi deliciosamente revigorante e, se eu não soubesse que Max devia estar louco para chegar a sua vez, teria ficado muito mais tempo sob os jatos fumegantes, espalhando gel de banho em meus braços e pernas, que brilhavam, rosados, por causa da água quente. Enrolei o cabelo em uma toalha e puxei o roupão felpudo do gancho na porta do banheiro.

Max e eu nos cruzamos na entrada do banheiro, numa precisão de atletas do nado sincronizado.

– Deixei sua xícara de chá no quarto mais bagunçado que encontrei.

Adivinhei que era o seu.

Dei língua para ele e segui para o quarto, passando por Elena no patamar.

– Gostei muito do seu amigo Max. Ele me fez rolar de rir na cozinha – contou ela com um sorriso, enfiando-se no casaco e seguindo para a escada.

Retribuí o sorriso, sentindo seu elogio me aquecer por dentro. Todo mundo amava Max, sempre fora assim e sempre seria. David também gostaria dele, eu tinha certeza.

Ignorando o caos de minha cama por fazer, passei um pente no cabelo e liguei o secador. Quando Max surgiu, vindo do banheiro, meu cabelo estava seco, mas eu ainda não me vestira.

Ele bateu à porta.

– Você está apresentável?

– Sim, entre – chamei, verificando se o roupão cobria toda a minha nudez.

Quando Max entrou no quarto usando apenas uma toalha presa com um nó na cintura, não tive como não olhar duas vezes.

– Uau! Alguém vem passando muito tempo na academia – comentei, tentando fazer fiu-fiu, mas falhando miseravelmente.

Era de esperar que, sendo musicista, eu fosse melhor nisso.

– Você percebeu – disse Max, conferindo, envaidecido, seu reflexo em meu espelho de corpo inteiro, onde seu abdômen recém-definido podia ser plenamente admirado. – Está bonito?

– Seu abdômen está ótimo, é o tamanho da sua cabeça que me preocupa – respondi, atirando uma caixa de lenços de papel nele.

Ele se desviou no exato momento em que a casa toda se sacudia mais uma vez com a porta da frente sendo batida. Elena de saída, pensei.

– Como ousa jogar coisas em mim? – disse Max, adotando um falso tom ameaçador enquanto se aproximava. – Acho que vou ter que lhe dar umas boas palmadas por isso.

– Ah, tá, boa sorte – rebati, rindo da ideia enquanto o empurrava, minhas mãos espalmadas em seus ombros ainda úmidos do banho.

E foi bem nesse momento, quando estávamos – preciso reconhecer – em uma cena bastante comprometedora, que a porta do meu quarto se abriu e David entrou.

– Ally, Elena disse que eu podia subir... – começou ele, então suas palavras

morreram no momento em que ele viu a namorada, vestindo quase nada, fingindo lutar com um estranho que vestia ainda menos.

Fiquei paralisada e então me virei para a porta, minhas mãos ainda pousadas no corpo de Max. Os olhos de David varreram o quarto e de repente me dei conta da cena que ele encontrara: a cama desfeita, o homem quase nu nos braços de sua namorada, a pele dela ruborizada.

– David! – soltei uma exclamação que soou mais horrorizada do que acolhedora. – Eu não esperava vê-lo hoje.

– Acho que deu para notar – replicou ele, a voz tensa como as cordas de um piano.

Meus olhos voaram para Max e minhas mãos se afastaram dele como se ele estivesse me queimando.

– Não é o que você está pensando – comecei, tentando injetar um grau de irreverência na voz, mas fracassando.

– Na verdade, Ally, eu não sei o que pensar. Por que você não me explica? Experimente usar frases completas, porque estou tendo certa dificuldade para entender o que está acontecendo aqui.

Suas palavras eram frias, mas por baixo delas eu podia ouvir a dor da traição. Balancei a cabeça, como se estivesse tentando acordar de um pesadelo.

– David, este é *Max*. Meu amigo de infância.

Os olhos de David pousaram em meu amigo, e havia neles uma expressão que me advertiu de que a situação poderia se transformar em algo ainda pior se eu não melhorasse o clima – e rápido.

– Max? – questionou David, seu rosto contorcendo-se em uma carranca. – Mas eu pensei que Max fosse uma *garota*.

– Você disse a ele que eu era uma garota? – perguntou Max. – Isso foi um tanto rude. *Afeminado*, talvez. Mas definitivamente não uma garota.

Eu sabia que ele só estava tentando deixar a situação mais leve com seu senso de humor, mas não achava que isso fosse ajudar.

– Não estou entendendo – disse David, sacudindo a cabeça, como se isso pudesse dar algum sentido à cena diante dele. – Você disse que Maxi, de quem você era inseparável, viria passar o fim de semana aqui. É a única pessoa da sua infância que você mencionou.

– Eu mesmo – declarou Max.

– Mas presumi que Maxi fosse uma garota, *Maxine* – enfatizou David.

– É isso que dá tirar conclusões apressadas...

– Agora não – sibilei para Max, que obedeceu e se calou.

– Qualquer que seja o gênero, não creio que você tenha deixado claro quanto vocês dois eram... íntimos. Ou o que estava acontecendo aqui antes de eu chegar.

Ele olhou direto para a cama.

– Não estava "acontecendo" nada – repliquei, e podia sentir a raiva endurecendo minha voz.

Max obviamente também percebeu, mas David parecia alheio ao fato de suas acusações e suspeitas me enfurecerem.

– A cama está desfeita porque eu acordei atrasada. Nós nos ensopamos na chuva voltando da estação, então tomamos banho assim que chegamos aqui.

Vi a incerteza cintilar nos olhos de David, enquanto algo mais abria caminho até a sua mente.

– Olhe, meu amigo, isso tudo é completamente inocente. Ally está falando a mais absoluta verdade. Somos apenas amigos. Vamos recomeçar aqui então, ok? Eu sou Max – disse ele, estendendo a mão, o que veio a ser uma péssima ideia, pois a toalha que ele segurava em torno da cintura escorregou quando ele esticou o braço na direção de David.

Cobri os olhos.

– Pelo amor de Deus! – exclamou David, enquanto Max tentava, desajeitado, segurar a toalha.

– Opa – disse ele em sua voz mais encantadora, mas David não estava a fim de se encantar.

Em vez disso, ele tornou a se virar para mim, a suspeita ainda patente em seu rosto.

– Só por curiosidade: onde *Maxi* planejava dormir durante essa visita de fim de semana? Essa grande amizade inclui dividir a cama?

– Eca – murmurou Max.

– Não. É claro que não. Ele ia dormir no chão, num colchão inflável.

Indiquei com a cabeça o colchão dobrado no canto do quarto. Pela primeira vez vi David vacilar.

– Ainda assim, esse não é exatamente um comportamento normal entre amigos, é? – questionou David. – Amigos do sexo oposto, eu quero dizer. Você

diz que é tudo “inocente”, e eu quero acreditar em você, Ally, mas vocês dois estão seminus aqui. O que eu deveria pensar?

– Você deveria confiar em mim – afirmei, infeliz. – Deveria saber... melhor do que ninguém... que eu jamais faria, *nunca fiz*, algo assim.

Houve um leve abrandamento na expressão de David.

– Tenho certeza que você não vê mal nisso, Ally – falou David. – Mas eu sei como são os homens. Eles dizem que são só amigos de uma garota, mas... você sabe... é sempre algo mais.

– Não comigo e com Max – assegurei a ele.

– É mesmo?

– Sim.

Encarei Max e vi em seus olhos solidariedade e algo mais. Ele estendeu o braço e segurou minha mão, não colaborando em nada para dissipar a dúvida de David. Muito lentamente ele se voltou para o meu namorado.

– Não que eu sinta necessidade de me justificar para você, mas não vou ficar aqui e deixar você falar assim com alguém que eu amo.

A boca de David se contraiu em uma expressão de fúria.

– Eu não estou, nunca estive e jamais estarei interessado em Ally da mesma maneira que você.

– Não, Max, você não precisa...

David continuou à espera. Embora já estivesse bastante claro o que Max queria dizer, ele ainda não parecia captar o sentido.

– Eu sou gay, seu idiota – concluiu Max.

E foi nesse momento que eu soube que eles nunca seriam amigos.

CAPÍTULO 5

Ally

O saguão do hospital estava bem mais movimentado do que antes. Mais pacientes haviam chegado e se espalhavam em pequenos grupos, como sobreviventes de uma batalha. Alguns mantinham ataduras ensanguentadas sobre os ferimentos, vários seguravam um braço ou um punho junto ao peito, uns poucos tinham os pés apoiados nos assentos ao lado deles. Imaginei que as calçadas escorregadias houvessem feito uma nova remessa de vítimas.

Mantive a cabeça baixa ao voltar para os elevadores, mas, antes que eu os alcançasse, ouvi meu nome ser chamado acima do burburinho dos feridos.

– Sra. Taylor.

Virei a cabeça e vi uma figura alta em um uniforme escuro distanciar-se de um grupo de pessoas sentadas no canto mais afastado da sala. A voz pertencia ao policial que fora até minha casa, o arauto da má notícia, e de repente eu soube por que a expressão que nos adverte a não "matar o mensageiro" fora criada. Meus passos hesitaram quando ele acenou para que eu fosse até ele. Eu já passara tempo demais lá fora, ao telefone, e estava ansiosa para voltar para a UTI e ficar perto de Joe.

Talvez fosse pela autoridade do uniforme, mas segui em direção ao policial e ao grupo de pessoas com quem conversava. Os olhos dele se mostravam amáveis enquanto observavam minha aproximação.

– Como vai, Sra. Taylor? Acredito que ainda não houve nenhuma mudança no estado do seu marido...

Balancei a cabeça com vigor. *Não seja gentil comigo*, pensei. *Seja profissional, seja breve, prenda alguém, multe alguém, mas não seja gentil comigo*. No entanto, acho que telepatia não é algo que ensinem na polícia, porque ele continuou.

– Sinto muito que ele ainda não tenha melhorado. Mas não perca a esperança. A senhora ficaria surpresa com os milagres de que ouvimos falar todos os dias nesse trabalho.

Abri um breve sorriso lacrimoso. Eu sabia que sua intenção era boa, mas havia muito tempo eu deixara de acreditar que coisas ruins não acontecem com pessoas boas.

– Investigamos o que aconteceu com o Sr. Taylor esta tarde, e achei que a senhora gostaria de saber o que seu marido fez. Naquelas cadeiras ali atrás está a família Webb... Eles estão aguardando aqui há várias horas na esperança de poderem falar com a senhora.

Ele deve ter compreendido a confusão e a incerteza em meu rosto.

– A senhora vai querer ouvir o que eles têm a dizer – acrescentou.

Observei a família que me fitava com olhos tristes e todo um espectro de emoções variadas, que iam da solidariedade à gratidão, passando pela culpa. Eu não sabia quem eles eram, nem qual era a ligação deles com Joe, mas, se o policial estivesse certo, aqueles desconhecidos detinham a chave perdida que desvendaria o misterioso motivo de meu marido estar lutando pela vida em uma UTI em vez de estar na sala de nossa casa, comigo e com nosso filho.

A mãe se levantou, a filha mais nova agarrando-se desesperadamente à barra do suéter dela. Os olhos da mulher transbordavam compaixão quando encontraram os meus.

– Sra. Taylor, meu nome é Fiona. Este é meu marido, Paul, e estes são nossos filhos, Marty, Ellie e Josh.

Eu já tinha esquecido todos os nomes antes mesmo de ela terminar de falar.

– Nós só queríamos dizer que temos uma dívida eterna com o seu marido.

Eu olhei para o policial, esperando que ele esclarecesse a misteriosa declaração da mulher, mas ele apenas balançou a cabeça, incentivando-me a ouvir.

– Seu marido estava andando pelo parque esta tarde...

Minha culpa, pensei. *Eu fiquei com o carro. Eu nunca deveria ter levado o carro.*

– E ele resgatou nosso filho mais velho, Marty, que caiu no lago quando o gelo se quebrou.

– E Todd – disse a garotinha... – Ele resgatou Todd também.

A mãe a silenciou com um suave “Shhh, querida”.

Ela me encarou, os olhos brilhando como diamantes com as lágrimas de gratidão.

– Nosso cachorro tinha caído no gelo e Marty estava tentando tirá-lo quando o gelo rachou.

A voz dela falhou enquanto falava.

Uma sensação estranha se agitou dentro de mim. Uma parte era raiva, e outra, orgulho. Uma criança em perigo. É claro que Joe teria ido salvá-la. Sem titubear, sem pensar, sem atentar para nenhum dos riscos que ele mesmo corresse. Eu o amei e odiei naquele momento por sua bravura.

– Meus filhos disseram que ele não hesitou, nem por um segundo – continuou ela, olhando para os filhos em busca de confirmação.

Três rostos com olhos arregalados fizeram que sim.

– Ele foi até o gelo e conseguiu tirar Marty. As crianças ficaram apavoradas, mas ele permaneceu calmo e gentil, o tempo todo tranquilizando-as, dizendo que estava tudo bem, que ia dar tudo certo. Então tirou Marty da água e o levou para um local seguro.

Assenti, a imagem da mulher de repente imprecisa e distorcida por trás das lágrimas que sua história provocara. O que ela contava era tão Joe. Ele tinha o dom de acalmar e encorajar. Pensei em sua mão segurando a minha durante o trabalho de parto, seus olhos fixos em meu rosto contorcido pela dor, repetindo que ele estava ali, que estava comigo, que juntos íamos conseguir.

A criança mais velha – a que eu imaginava ser Marty – tinha o rosto enfiado no casaco do pai, mas o tecido acolchoado era pouco eficaz para abafar seus soluços.

– É tudo culpa minha. Se eu não tivesse tentado salvar o Todd, o Sr. Taylor não teria ido me resgatar. Ele está doente agora por minha causa.

O pai afagou a cabeça do menino. Eu sabia que Joe não ia querer que eu o deixasse carregar esse fardo. Com passos rígidos, como alguém muito mais velho do que eu era de fato, me agachei diante da criança e toquei seu ombro com delicadeza.

– Marty. Marty.

De início, achei que ele não fosse olhar para mim, mas lentamente ele se virou e me encarou. Seus olhos eram profundos poços de culpa.

– Marty, por favor, não fique triste e não se culpe. Joe teria ido tirar você daquele gelo mesmo se você estivesse gritando para ele ficar longe. Ele é pai também, sabe?

Ouvi o pai do garoto arquejar ao ouvir minhas palavras.

– E a coisa mais importante do mundo para ele é manter nosso filho seguro, e eu sei, eu *sei* que, quando viu você em apuros, ele faria tudo que estivesse ao seu alcance para ajudá-lo.

– Ele fez. Ele foi muito corajoso. Ele é um super-herói de verdade.

Abri um sorriso triste.

– Isso mesmo, Marty. É exatamente o que ele é.

A garotinha puxava com mais urgência ainda a barra do suéter da mãe, provavelmente alargando e arruinando a peça para sempre.

– E Todd – disse ela baixinho. – Ele foi um super-herói porque voltou para resgatar Todd também.

Fiona Webb parecia tomada pela culpa.

– As crianças adoram aquele cachorro – explicou ela, passando o braço em torno dos ombros da filha pequena e puxando-a para junto de si enquanto falava. – Depois que Marty estava a salvo, as crianças continuavam frenéticas por causa do Todd...

As palavras da mulher soavam como mais que um pedido de desculpas, à medida que o quadro do que devia ter acontecido em seguida ia ficando claro.

– Acho que o Sr. Taylor...

– Joe – corrigi.

– ... Joe deve ter se dado conta de que um deles ainda podia tentar ir atrás dele... então ele mesmo foi.

Suas palavras faziam sentido, mas, mesmo sem a presença das crianças, Joe não teria sido capaz de ficar parado assistindo a um animal sofrer. Ele era o homem que salvava pássaros com asas quebradas e os levava em uma caixa de sapatos para a Sociedade Protetora dos Animais; que comprava ratoeiras que não feriam os camundongos e que levava de carro os que capturava para libertá-los em áreas de campo aberto a quilômetros de distância da cidade. De modo nenhum ele permitiria que um cão se afogasse na frente das crianças. Lentamente me levantei, o coração doendo. A garotinha de repente saiu do lado da mãe e atirou os bracinhos finos em torno das minhas pernas.

– O Sr. Taylor é o homem mais corajoso e bondoso do mundo inteiro – disse ela.

– Ele é – confirmei com tristeza. – Ele é mesmo.

Tentei manter a mente focada no fato de que Joe tinha salvado Marty, arriscado tudo, sua vida, seu futuro, *nosso* futuro, por causa *de Marty*. Não me entenda mal, eu adoro animais, de verdade, e muitas vezes conversamos sobre ter um cachorro ou um gato para crescer junto com Jake. Mas eu não queria pensar no que Joe tinha arriscado. O cão sobrevivera... Eu ficava feliz por isso, de verdade. Mas ainda assim... por um cachorro? Sério?

Havia uma estranha luz cintilando através da janelinha na porta da sala de espera. Quando girei devagar a maçaneta e entrei, vi que a luz vinha de um laptop aberto no banco ao lado de Charlotte. Não creio que ela tenha percebido logo a minha entrada, pois estava absorta no que parecia ser uma conversa telefônica bastante intensa. Senti meus ombros se retesarem de irritação ao vê-la usar o celular de forma tão inconsequente. Típico dela não se importar. No entanto, olhando para o corredor, que já desaparecia pela porta que se fechava, não ouvi nenhum alarme soar, então talvez celulares não causassem pane em todos os aparelhos de um hospital. Sentei-me devagar em uma das cadeiras, o que me permitiu uma visão clara do site que Charlotte devia estar lendo antes do telefonema.

Meu olho primeiro foi atraído pelo logotipo familiar do Sistema Nacional de Saúde a um canto e, em seguida, quando vi o título, teria sido impossível desviar o olhar. *Cardiomiopatia viral*. Pensei já ter ouvido falar da doença e, embora eu me lembrasse de muito pouco, sabia que era séria. Talvez ainda mais grave que um ataque cardíaco. Então ela mentira para mim. Bem, não seria a primeira vez. Eu me estiquei para a frente na cadeira, tentando ler as seções de texto que Charlotte havia destacado em amarelo. Tenho boa visão noturna – é preciso ter para ler partituras em auditórios e teatros mal iluminados. Assim, forçando um pouco os olhos, consegui distinguir várias palavras e expressões da página, mas logo me arrependi. “Afeta o coração”, “danos permanentes”, “insuficiência cardíaca grave com risco de vida”. Devo ter deixado escapar algum som, porque

Charlotte se virou e, vendo para onde eu olhava, fechou o laptop.

– Desculpe, Veronica, o que você dizia?

Apesar de todos os anos que passaram, me senti quase envergonhada com a maneira como meu estômago se contorceu quando percebi que Charlotte conversava com a sogra. A mulher que tinha feito tudo ao seu alcance para se certificar de que eu nunca estivesse no lugar de Charlotte. Fiz menção de me levantar da cadeira, não querendo que ela pensasse que eu queria ouvir o que com certeza era uma conversa muito difícil. Não imaginava que Veronica tivesse abrandado muito com o passar dos anos. Para minha surpresa, Charlotte balançou a cabeça, indicando que não havia necessidade de eu sair. Então não saí.

Tentei não escutar, mas era quase impossível. Além disso, havia uma parte de mim que estava curiosa para saber como ela tinha domesticado a fera para conseguir sua permissão para entrar na família.

– Claro, Veronica. Eu concordo. Sim, você está certa. Cem por cento. Sim, definitivamente.

Então era assim que ela conseguira? Obediência total. Não era de se admirar que Veronica e eu nunca tivéssemos nos dado bem. Mas também só houve *aquele* encontro.

– Inacreditável – murmurou Charlotte, encarando com incredulidade o celular em sua mão por um longo tempo depois que a ligação foi encerrada.

Ergui os olhos e a vi balançando a cabeça, como se algum traço ou essência da mulher com quem ela tinha acabado de falar fosse capaz de escapar dele.

– Minha sogra é uma força incontrolável da natureza.

– Eu me lembro – falei com amargura, o gosto do passado ainda capaz de arder como sal em uma ferida.

Por um momento Charlotte pareceu assustada, como se não tivesse percebido que havia expressado o pensamento em voz alta... e justo para mim.

– Ah, desculpe. Esqueci que você a conhece... é claro.

– Bem, não de verdade – respondi, desconfortável com a menção a qualquer coisa que me ligasse ao marido dela. – Pelo menos não muito bem.

– Não creio que *alguém* conheça muito bem a Veronica – disse Charlotte em um momento revelador.

Ela jogou o celular na bolsa de grife, com uma risada apática.

– Ela está num cruzeiro. Mas neste momento está indo convencer o capitão do navio a desviar até o porto mais próximo para que ela possa pegar um voo de volta para casa.

– Bem... se alguém pode conseguir isso...

– Sim, eu sei... é ela.

Por um segundo os olhos de Charlotte encontraram os meus e houve um momento de entendimento compartilhado. Ambas recuamos bruscamente, como se tivéssemos levado um choque.

– Preciso esticar as pernas – declarou Charlotte, pondo-se de pé de repente.

Ela se encaminhou para a porta, cambaleante. A tensão a seguia como uma sombra; ela não conseguiria deixá-la para trás, nem que corresse, mas talvez não soubesse disso ainda. Parou com a mão na maçaneta da porta, dividida e incomodada com a necessidade de me pedir até mesmo o menor dos favores.

– Se vierem me procurar... os médicos... pode dizer que daqui a uns cinco minutos estarei de volta?

Eu fiz que sim com a cabeça. Quanto menos nos falássemos, melhor. Estava claro que Charlotte também pensava assim, pois deixou a sala de espera sem mais uma palavra.

Charlotte

– Um café para viagem, por favor – pedi, observando o líquido fumegante jorrar como uma cachoeira negra no copo já à espera.

Eu me sentia uma pilha de nervos, logo a cafeína devia ser a última coisa de que eu precisava no momento. Eu poderia muito bem culpar a mãe de David por minha exaustão, porque, ela era capaz de irritar qualquer pessoa como ninguém, e isso incluía a *minha* mãe, portanto era um feito enorme. Dessa vez, porém, Veronica não era a única culpada pelos batimentos cardíacos que não se acalmavam nem pela indigestão que parecia me queimar e corroer de dentro para fora.

Essa era a sensação causada pelo medo, misturado ao pânico total e desenfreado. A mesma da mãe olhando ansiosa o relógio enquanto o filho não chegasse em casa; do parente esperando durante a aterrissagem; ou de quando o terremoto sacudia a cidade ou o tornado chegava. Era o desamparo que se sentia quando a vida de alguém que se amava estava em outras mãos que não as suas. Era o que fazia uma pessoa negociar com Deus e prometer que nunca pediria mais nada, nunca mais. Deus e eu não vínhamos convivendo em termos muito amigáveis nos últimos tempos, mas ali, na silenciosa e deserta cafeteria do hospital, pedi – melhor, *implorei* a Ele – que fizesse tudo dar certo para David. Eu poderia desistir de tudo – se fosse preciso –, mas não de David. Dele, nunca. Eu faria qualquer coisa para salvá-lo, assim como ele me salvara duas vezes do perigo, e continuava me salvando todos os dias desde que ficamos juntos.

Peguei a carteira para puxar um punhado de moedas e pagar o café, então hesitei e escolhi uma cédula.

– Na verdade, poderia preparar *dois* cafés, por favor?

Eu não sabia se Ally aceitaria algo de mim. O breve curso d'água que rolara sob a ponte teria levado embora o ressentimento entre nós? Ou ele ainda estaria espreitando sob a superfície: uma nuvem vermelha que se espalhara e arruinara a amizade que um dia começava a crescer?

Charlotte – Seis anos antes

O café estava forte e quente, como eu gostava, mas não consegui saboreá-lo tampouco apreciar a vista da cidade que despertava aos poucos além das janelas do apartamento de David, que ficava na zona portuária. Sentei-me diante do balcão branco de mármore, olhando sem dar atenção aos vibrantes raios cor de laranja que se esparramavam pelo céu cinzento do início da manhã, como uma tela na qual o artista mudara de ideia depois de começar. Observei a paisagem noturna se transformar em dia. Transformação. Era uma parte inevitável da vida. Não se podia impedir ou lutar contra isso. As pessoas mudavam o tempo todo, as amizades iam e vinham (disso eu sabia muito bem), os relacionamentos se transformavam, evoluíam e a vida seguia em frente. Mas e os sentimentos, mudavam de verdade? Eu queria muito acreditar que sim. Queria ter certeza de

que o amor que meu noivo sentia pela ex-namorada tinha acabado, que não havia mais vestígios dele. Eu a queria apagada de sua cabeça, de seu coração e de sua alma, e durante algum tempo pensei que isso tivesse acontecido. Mas será que eu estava apenas me enganando?

– Aí está você – disse David, saindo do quarto, lindo e perfeito no terno cinza com a camisa de um branco radiante.

Minha respiração ficou travada na garganta quando ele deslizou os braços pela minha cintura e enterrou o rosto em meu longo cabelo louro, até seus lábios encontrarem a lateral do meu pescoço.

– Humm... está cheirosa. Ou talvez seja o café – disse ele, provocando, estendendo a mão para se servir uma xícara.

Abri um sorriso forçado.

– Está tudo bem? Você está um pouco quieta.

Ele disse o nome dela.

– Estou bem – assegurei-lhe. – Só um pouco cansada. Não dormi muito bem.

Seus olhos azuis brilhantes se turvaram, preocupados, enquanto estudavam meu rosto.

– Você estava inquieta esta noite. Os lençóis no seu lado da cama parecem ter saído do olho de um furacão.

– Acho que *você* pode ter sido responsável por isso – falei, minha voz tornando-se um pouco rouca.

A lembrança da paixão que tínhamos compartilhado estalou entre nós como uma descarga elétrica.

– Acho que nós dois fomos – corrigiu ele.

Ele disse o nome dela.

Eu deveria dizer algo, deveria contar a ele. Ele estava sonhando quando falara. Eu sabia disso pelo movimento de suas pálpebras e pelos leves murmúrios que vinham do fundo de sua garganta. Deitado sobre os lençóis emaranhados, iluminado por um raio de luz branca e leitosa que atravessava a janela. Mesmo no sono, ele era bonito: o cabelo escuro e desalinhado clamava para que eu o tocasse; a barba despontando em seu queixo conclamava minha bochecha para que a roçasse; a curva suave de sua boca dormindo sussurrava para os meus lábios. Eu não pude resistir. Apoiada em um cotovelo, baixei devagar o rosto e beijei de leve sua boca adormecida. Seus lábios se curvaram ao

toque dos meus e se entreabriram ligeiramente. David ainda estava dormindo, disso tenho certeza. Ele não sabia onde estava.

– Ally.

Ele disse o nome dela.

Ele disse o nome dela.

Fiquei paralisada, incapaz de me mover ou falar – até respirar era um esforço. E então, só para ter certeza de que minha desgraça fosse completa, ele repetiu:

– Ally.

Voltei a recostar a cabeça no travesseiro, mordendo o lábio inferior para que minhas lágrimas não produzissem nenhum som. Faltavam menos de seis semanas para nosso casamento. Eu já fizera a prova final do vestido, o cardápio fora escolhido, as flores tinham sido encomendadas, o local fora pago. Estava tudo certo. Estávamos prontos, enfim prontos e muito animados, para que a próxima emocionante aventura de nossas vidas começasse.

E então aquilo, qualquer que fosse o lugar a que seu sonho o tivesse levado, o que quer que fosse que ele estivesse vendo por trás daquelas pálpebras fechadas. *Ele disse o nome dela*.

Ally

Momentos depois de Charlotte sair, a porta da salinha foi entreaberta e uma enfermeira que eu não tinha visto antes enfiou a cabeça pela abertura.

– Sra. Williams?

Não, mas cheguei muito perto disso.

– Ela acabou de sair, mas volta logo. Sou a Sra. Taylor. Alguma novidade sobre meu marido, Joe?

A enfermeira balançou a cabeça, pesarosa.

– Desculpe. Receio que não. É com a Sra. Williams que os médicos gostariam de falar.

Ela lançou um olhar aflito para o corredor.

– A senhora sabe para onde ela foi?

Havia preocupação em seus olhos, algo que eu gostaria de não ter notado,

mas ouvi as palavras se formando antes que eu pudesse detê-las:

– Algum problema com David? Hã, quero dizer, com o Sr. Williams? Aconteceu alguma coisa?

– A senhora é da família? Parente?

Eu quase fui não era como uma resposta apropriada, e nosso passado complexo e entrelaçado não era de interesse ou relevância para ninguém, exceto nós.

– Não, não sou.

– Desculpe, então, mas não podemos discutir o estado dos pacientes com amigos.

Também não sou um, pensei. A enfermeira fez uma pausa, claramente pouco à vontade.

– Voltarei daqui a alguns minutos, quando a Sra. Williams retornar.

Andei um pouco de um lado para outro enquanto esperava. Como isso não funcionou, fiquei olhando pela janela, observando pequenos flocos de neve acertarem a vidraça e se dissolverem pelo vidro como lágrimas derramadas. Olhava ansiosa para a porta a todo momento, esperando a volta de Charlotte. Não queria o fardo de me preocupar com nada nem ninguém, exceto Joe. Esse peso a mulher dele devia sustentar, não eu, mas de alguma forma as lembranças de David e do que ele significara no passado estavam abrindo caminho até a superfície, vindo do fundo do poço em que eu as tinha jogado. Eu não queria ter esses pensamentos, reviver essas emoções, que, mesmo depois de tantos anos, ainda tinham o poder de me fazer desmoronar.

Dei um salto, surpresa, quando a sombra de Charlotte surgiu à porta, embora esperasse por ela. Igualmente surpreendente foi ver que ela trazia duas xícaras de café. Estendeu uma para mim, sem jeito, enquanto a porta se fechava às suas costas.

– Desculpe. Não consegui me lembrar de como você gosta. Faz... Faz muito tempo.

Olhei para a sua mão estendida, não havia ali uma bandeira branca, apenas um copo descartável que chacoalhava um pouco, como se ela não tivesse certeza da minha reação. Não era um pedido de desculpas; era tarde demais para isso. Mas estávamos passando por algo que tornava a nos aproximar, costurando o que tínhamos rasgado. Naquela noite terrível e decisiva, estávamos no mesmo

barco, como sobreviventes de um naufrágio, e não tínhamos ninguém a quem recorrer, exceto uma à outra.

Ally – Oito anos antes

O mais louco foi que, quando conheci Charlotte, gostei *muito* dela. De cara. Foi como o equivalente da amizade ao amor à primeira vista. Combinamos de uma maneira que nunca tinha acontecido comigo em relação a outra garota, nem na escola nem na universidade. Havia algo nela que era muito cativante: ela era engraçada, sagaz e sabia rir de si mesma. Foi a primeira vez na vida que encontrei alguém, fora Max, que achei que poderia ser um amigo verdadeiro e duradouro, não um mero conhecido. Só muito tempo depois percebi que uma das razões para eu me sentir tão conectada a Charlotte era o fato de ela ser – em quase todos os aspectos – uma versão feminina de David. Os opostos se atraem, é o que as pessoas dizem, não é? E por muito tempo David e eu provamos que essa velha máxima é verdadeira. Mas às vezes o semelhante é atraído pelo semelhante com a mesma força. David e Charlotte eram a prova disso.

A primeira vez em que nos vimos, ela subia a entrada até a nova casa que David alugara. A parte superior de seu corpo estava oculta por uma enorme caixa de papelão. Tudo que eu podia ver era um par de pernas esguias vestidas com jeans desbotado e chinelos enfeitados com pedras brilhantes que deixavam à mostra suas unhas do pé perfeitamente pintadas.

– Oi – disse ela, a voz abafada, pois sua boca estava pressionada contra a caixa. – Por favor, me diga que aqui é o número 63 e que não estou entrando na casa do meu novo vizinho.

Eu ri e desci os degraus da frente até ela.

– Deixe-me ajudá-la com isso – ofereci, sustentando o peso de um dos lados da caixa. – E, sim, este é o número 63. Você está se mudando para cá?

Foi uma pergunta muito estúpida, mas ela não pareceu se importar.

– Estou, sim – disse e me espiou por um canto da caixa. – Oi. Eu sou Charlotte Butler – apresentou-se, sorrindo. – Eu apertaria sua mão, mas nesse caso uma caixa cheia da mais fina louça da loja mais barata da cidade se estilhaçaria no chão aos nossos pés. Vai morar aqui também?

Balancei a cabeça, mas não creio que ela conseguisse me ver por trás da caixa de utensílios de cozinha.

– Não. É o meu namorado que vai. Só vim ajudá-lo.

– Ah – fez ela, compreendendo, enquanto subíamos com cuidado os degraus e entrávamos no hall. – Para que lado vamos agora?

– A cozinha é à direita – falei, tateando às minhas costas em busca da maçaneta da porta desse cômodo.

Foi só quando pousamos a caixa sobre a grande mesa de pinho levemente arranhada que a vi por completo pela primeira vez. Eu tinha pensado que ela era bonita quando a avistei do lado de fora, mas me enganara. Ela era muito mais que isso. Era linda. Alta e esguia, com traços perfeitos de modelo, o cabelo louro e comprido preso em um rabo de cavalo que podia parecer casual, mas que estava tão imaculado que ela poderia desfilar em um tapete vermelho sem parecer deslocada. A camiseta preta de manguinhas curtas deixava à mostra um intenso bronzeado dourado que eu duvidava muito que tivesse sido adquirido no chuvoso verão britânico. A camiseta não chegava ao cós do jeans, exibindo um espaço de vários centímetros, suficiente para ver que o bronzeado era de corpo inteiro.

– Ufa, agora está melhor – disse ela, com um sorriso. – Eu não sei por que tenho tanta coisa de cozinha, já que nunca cozinho mesmo. Desculpe, como você disse que era seu nome?

Percebi então que eu nem tinha me apresentado.

– Alexandra. Bem, Ally para os amigos.

– Então espero que eu vá chamá-la de Ally – disse ela, com um charme natural. – Estou bem deficitária em minha cota de amigos no momento... Talvez precise fazer um anúncio convocando alguns! Então, com qual dos meus colegas de casa... que, por sinal, ainda não conheci... você está saindo: Andrew, Pete, David ou... Ah não. Esqueci o nome do outro.

– Mike é o que você esqueceu. E eu estou com David – respondi, ciente de que meu sorriso se tornava mais suave e meus olhos mais calorosos ao dizer o nome dele. – Então você ainda não conheceu *nenhum* deles?

– Não – disse ela, percorrendo a cozinha, abrindo gavetas e portas de armários até encontrar um espaço vazio. – Fiz um intercâmbio no ano passado. Estudei na Califórnia nos últimos doze meses.

Isso explicava o bronzeado.

– Foi ótimo, mas perdi contato com todo mundo que conheci no primeiro ano, e não tinha um lugar para morar. Então um amigo de Pete me disse que eles precisavam de mais um para dividir a casa, aí aproveitei a oportunidade.

– Sem ver a casa primeiro ou conhecê-los?

Parecia uma decisão muito importante para ser tomada de forma tão despreocupada. Eu não teria feito isso nem em um milhão de anos. Charlotte se limitou a dar de ombros.

– Ora, por que não? Eles são apenas um grupo de rapazes... Que dificuldades pode haver em conviver com eles?

Como veio a acontecer, não foi nem um pouco difícil mesmo, especialmente em relação a um dos moradores de sua nova casa. Mas eu estava muito, muito longe de saber disso ainda.

Ajudei Charlotte a descarregar do carro o restante de seus pertences. Acho que foi quando suspeitei que sua origem era muito mais parecida com a dos outros amigos de David do que com a minha. Seu carro era novo e as malas soterradas sob uma camada de caixas e arquivos mostravam a logomarca de um designer famoso. Não tinha nada da universitária típica, percebi, lembrando-me de como transportara minhas últimas roupas em uma sacola preta de lixo. Mas pelo menos eu não tivera que fazer isso sozinha, como minha nova amiga estava fazendo. Meus pais tinham ido diligentemente de carro me ajudar a cada mudança: do alojamento do primeiro ano para a casa do segundo ano e, por fim, para a que eu vinha dividindo.

Quando carregamos todos os pertences para dentro da casa e os levamos até o quarto dela, no segundo andar, pareceu natural ajudá-la a desfazer as malas. O quarto ficava bem em frente ao de David – um cômodo grande, claro e ensolarado que dava para um bem-cuidado jardinzinho nos fundos. A casa estava longe de ser o tipo de propriedade que estudantes costumavam alugar, e isso se refletia bem no preço que eu sabia que David pagava por ela. Era quase o dobro do meu aluguel – e eu tinha pensado que o meu era caro. Mas David tinha apenas dado de ombros quando comentei isso, e eu soube que ali residia mais uma pequena diferença entre nós. Eu ia sempre ser o tipo de pessoa que olhava o preço na etiqueta e só então decidia se ia ou não comprar, e ele nunca se preocuparia com isso.

– Que lindo! – falei, observando o quarto com o tapete recém-instalado, a ampla cama de casal e um imenso armário.

O quarto era grande o suficiente para ter uma escrivaninha e uma estante em um dos cantos e não parecer atulhado.

David havia contratado uma van e, com os outros rapazes, fora buscar os itens que eles tinham deixado guardados em um armazém durante o verão. Como eu não tinha nada para fazer até ele voltar, fiquei conversando com Charlotte enquanto ela desfazia as malas. Eu até fiz a cama enquanto ela pendurava no armário suas roupas, que nada tinham a ver com o orçamento de uma estudante. Tudo o que eu desempacotava ou abria era novo. Desde o espesso edredom, que mais parecia uma almofada, até os lençóis de algodão egípcio de centenas de fios.

– É a contribuição da minha mãe para a mudança – comentou ela e, embora tivessem sido ditas em tom de humor, pensei ter percebido um vestígio de amargura em suas palavras. – Cada item escolhido com todo o carinho... por um *personal shopper*.

Eu não sabia o que dizer a ela, e por sorte não precisei, porque naquele exato momento ouvi o som da porta da frente se abrindo quando os demais ocupantes da casa retornaram. Desci correndo a escada para recebê-los, e foi quase cômico ver Pete, Mike e Andrew inclinando o pescoço para observar a linda loura que descia, lépida, os degraus atrás de mim.

Abri a boca para apresentá-la, mas ela foi mais rápida.

– Olá – disse ela, e então surpreendeu a todos ao se pôr na ponta dos pés e cumprimentar cada um deles com um beijo na bochecha.

Era assim que agiam na Califórnia ou isso era uma coisa só dela?

– É um prazer conhecer todos vocês. Sou a Charlotte.

Pete, Mike e Andrew trocaram um olhar tão óbvio que mais pareciam estar numa pantomima.

– Acho que a gente acabou de ganhar na loteria – declarou solenemente Mike, antes de se identificarem, todos com o mesmo sorriso.

Um momento depois, um leve ruído soou por trás da porta da frente quando uma chave foi inserida na fechadura e David entrou.

– Arrá, você deve ser o David – disse Charlotte, a voz calorosa e zombeteira. – Meu último companheiro de casa.

E assim, apesar de eu estar ali, ela pousou as mãos em seus ombros para beijar seu rosto surpreso, embora não decepcionado. E foi nesse momento que eu comecei a perdê-lo.

Alguém me disse uma vez que os relacionamentos terminam de duas maneiras: ou pouco a pouco, como a água gradualmente erodindo e desintegrando uma rocha, ou em uma imensa explosão, como um vulcão em erupção. Para David e para mim, não foi uma ou outra – foram ambas.

Charlotte – Oito anos antes

Lembro-me de uma canção que fala sobre conhecer o homem de seus sonhos... e em seguida conhecer a mulher que se casou com ele. Bem, foi o que aconteceu comigo no dia em que me mudei para o número 63 da Warwick Road – só que na ordem inversa. Conheci uma amiga – ou pelo menos alguém com potencial para uma amizade – e então conheci seu namorado, que vinha a ser o homem dos *meus* sonhos, uma posição que ele mantivera incontestável por cinco anos. E o pior de tudo era que ele nem se lembrava de mim.

Eu o reconheci na hora, parada ali no hall de minha nova casa, cercada pelo grupo que a dividiria comigo. Os outros três rapazes pareciam legais, e eu estava preparada para ignorar o olhar de Mike enquanto ele fazia aquela desagradável análise típica dos homens, que observam uma mulher da cabeça aos pés como se ela não percebesse ou não achasse nada de errado em ser avaliada como um pedaço de carne no açougue. Eu não tinha a menor intenção de me envolver com nenhum dos três rapazes que acabara de conhecer; a vida já era complicada o bastante sem ter relacionamentos amorosos com pessoas que moram com você.

E então a porta se abriu, eu me virei e lá estava ele, ainda mais bonito do que eu me lembrava. Senti o sangue se esvaindo do meu rosto e, para esconder minha reação, eu me inclinei rapidamente para beijar seu rosto, ganhando alguns segundos preciosos para me recompor. Mas droga... até mesmo o *cheiro* dele era o mesmo que eu lembrava. De repente, me veio à lembrança uma tarde

deprimente, alguns meses depois de nos conhecermos, em que eu tinha cheirado cada fragrância masculina em uma loja de departamentos tentando – sem sucesso – encontrar a marca exata da colônia que ele usava.

É claro que, quando saí do abraço surpreso de David, pude ver as mudanças que os últimos cinco anos tinham operado. Seus ombros estavam mais largos, e ele parecia até um pouco mais alto. O cabelo era mais curto agora do que naquela época, embora na maior parte do tempo tivesse ficado escondido sob um gorro de lã escuro. A diferença mais surpreendente, porém, era o rosto, onde a suavidade dos traços de menino fora polida e esculpida para se transformar nas feições do homem que ele era agora. Mas os olhos... os olhos eram os mesmos que eu vira tantas vezes em meus sonhos. Ah, Deus, eu me senti enjoada de verdade, do tipo *aposto-que-vou-vomitar-em-um-minuto*. Para fugir dali, fiz um comentário bobo sobre preparar um chá como forma de dizer "olá" e corri para a cozinha, deixando os quatro homens e Ally reunidos com ar confuso no hall.

Recostei-me na porta da cozinha, como se estivesse tentando fazer uma barricada contra o ataque das lembranças que desabavam sobre mim de forma quase tão violenta quanto a avalanche que provocara nosso encontro. Enterrei o rosto nas mãos e senti o calor das minhas bochechas. Como aquilo era possível? Que estranho e sádico golpe do destino me trouxera de volta à vida da pessoa que eu vira pela última vez na metade da subida de uma montanha suíça? Fechei os olhos e recordei o último vislumbre que tive dele pelas portas da ambulância se fechando, uma sombra de preocupação ainda em seu rosto enquanto me levavam dali.

Senti a pressão da porta da cozinha sendo aberta atrás de mim e dei um salto, afastando-me dela. Ally passou pela abertura.

– Pensei em dar uma ajudinha com o chá, já que provavelmente você não sabe onde tudo está guardado – disse ela, com um sorriso amável.

– O quê? Ah, sim, o chá – lembrei, meus olhos correndo pela cozinha à procura da chaleira.

– Você está se sentindo bem? – perguntou Ally, a cabeça inclinada de lado, inquisitiva, estudando meu rosto.

Então me vi olhando para ela com a mesma intensidade, como se em algum lugar naqueles traços bonitos, nos grandes olhos ovais e nos suaves lábios rosados eu encontrasse o motivo de David estar com ela. Havia tanto que eu

queria perguntar sobre ele e seu relacionamento. Então me concentrei, tentando recordar as últimas horas. Ela havia mencionado o tempo que estavam juntos, como se conheceram ou se o namoro era sério? Não, claro que não. Por que ela compartilharia intimidades com alguém que acabara de conhecer?

Eu tinha que ter muito cuidado, percebi. Não podia fazer nem dizer nada que despertasse suspeitas nela. E submetê-la à Inquisição dos relacionamentos amorosos certamente não era o melhor caminho.

Alheia ao turbilhão em minha cabeça, Ally me ajudou a fazer o chá, ou melhor, *ela* fez o chá e eu fiquei ao seu lado, observando, inútil, enquanto seus dedos de musicista, longos e ágeis, rasgavam o celofane dos pacotinhos e distribuíam colheres de açúcar pelas canecas. Minha contribuição foi pegar uma lata de biscoitos finos de chocolate da caixa de mantimentos que alguém havia preparado para mim.

A sala de estar era mais bem mobiliada do que a da maioria das casas alugadas por estudantes, mas mesmo assim não havia lugares suficientes para todos nós. Em uma imensa demonstração de boas maneiras, Mike pulou do sofá para me oferecer seu lugar. *Aposto que essa novidade vai passar logo, logo*, pensei, enquanto sorria, agradecendo, e me sentava na almofada ainda quente. David ocupava uma poltrona imensa no outro lado da sala e, quando Ally pousou a bandeja de bebidas na mesa, ele a pegou pela mão e puxou para o colo. Tentei beber o chá, mas um nó imenso se alojara na minha garganta. Os rapazes conversavam de forma animada sobre um clube ao qual estavam ansiosos para ir naquela noite, e assenti, distraída, quando perguntaram se eu queria acompanhá-los, o tempo todo incapaz de afastar meus olhos da mão de David, que traçava pequenos círculos na curva da cintura de Ally. Ela ergueu os olhos e sorriu de forma calorosa para mim, e eu me senti uma traidora ao retribuir o sorriso.

Permiti que meus olhos se desviassem para David, cujos braços envolveram a cintura fina de Ally, puxando-a ainda mais para perto. Como ele não tinha me reconhecido? É verdade que eu era mais jovem, tinha apenas 17 anos no dia da avalanche, mas eu não tinha mudado tanto, tinha? Havíamos passado sete longas e geladas horas juntos na encosta da montanha, esperando que o socorro chegasse. Os braços que agora envolviam sua bela namorada de cabelo escuro haviam me aninhado junto ao seu corpo. Os dedos que acariciavam a pele dela haviam gentilmente enxugado minhas lágrimas e afastado o cabelo de minha

testa quando ele tirara com cuidado meu capacete de esqui.

Como se pudesse sentir minha intensidade ao examiná-lo, os inesquecíveis olhos azuis de David se fixaram nos meus. Não havia nada neles, nenhum reconhecimento, nenhuma lembrança de que uma vez nossos rostos tinham estado tão juntos que eu sentira seus cílios escuros incrivelmente longos roçando minha bochecha toda vez que ele piscava. Seus olhos eram inescrutáveis quando ele interrompeu nosso contato visual e voltou sua atenção para Ally, que acabara de contar algo – que eu tinha perdido – para o restante do grupo. Devia ter sido engraçado, porque todos riram, então eu os imitei. David a puxou e beijou de leve a curva de sua boca. Meus lábios formigaram, não só porque tomei uma golada de chá quente, mas também porque recordei a sensação da boca dele na minha. Não havia como esquecer.

Ele era dela agora – aquele não era um relacionamento casual, isso era óbvio. Mas, que droga, aqueles lábios tinham estado nos meus muito antes de terem conhecido os dela. E de alguma forma eu teria que aprender a esquecer isso... ou encontrar outro lugar para morar.

~

Tinha sido uma paixonite adolescente. No fundo, eu sempre soubera disso. Era algo que eu deveria ter esquecido havia muito tempo. Não era nada; um momento, um único dia, menos tempo do que as 24 horas de vida de certas espécies de mariposa. Não era de admirar que ele não se lembrasse de mim. Ainda assim, a menos que todo dia ele resgatasse garotas de 17 anos feridas em encostas cobertas de neve, seria de esperar que algo do incidente tivesse ficado em sua memória. Não restara nem mesmo uma mínima lembrança? Ao que tudo indicava, não.

Não tinha a menor ideia das bobagens que respondi quando eles me questionaram, como uma equipe de interrogadores, sobre o meu ano na Califórnia. Acho que eu não disse nada muito absurdo ou ridículo. Mas lembro que um dos rapazes perguntou se eu tinha namorado e, nesse momento, permiti que meus olhos se desviassem brevemente até David para ver se ele tinha algum interesse na resposta. Seu rosto era uma impassível tela em branco.

– Ninguém especial. Além disso, faz poucas semanas que estou de volta ao

Reino Unido, e vou precisar de tempo para me livrar dos ratos de quadra americanos e começar a olhar à minha volta de novo.

Eu me forcei a rir junto com eles de minha pequena tentativa de ser engraçada.

– Você e David vão se dar bem – disse Andrew, a boca cheia de biscoito de chocolate.

Senti meus dedos apertarem a alça da caneca com tanta força que corri o risco de quebrá-la.

– Ele acabou de voltar de um verão na boa e velha América – continuou Andrew, pegando na lata outro biscoito envolto em papel dourado. – Vocês devem ter muito em comum.

Mais do que você imagina, pensei, antes de responder sem querer:

– Humm, talvez.

Outro olhar rápido para David, que já nem parecia acompanhar a conversa, sua atenção voltada para a garota enroscada em seus braços.

Aquela primeira semana foi uma dura prova de resistência. Foi como um teste no qual eu estivesse determinada a passar. Eu *iria* sobreviver, não deixaria que uma fantasia adolescente ditasse minha vida. Infelizmente, como as aulas ainda não haviam começado e ninguém tinha o que fazer nem precisava voltar para casa, eu me via irritada quando Ally ficava por ali. Ela nunca estava longe de David, nem ele dela, o que tornava praticamente impossível que eu me visse sozinha com ele, não que eu tivesse ideia do que diria se isso acontecesse.

Porém, aos poucos as coisas foram ficando mais fáceis. À noite, eu permitia que meus outros colegas de casa me arrastassem para o que eles me garantiam serem os melhores lugares da cidade onde beber e conhecer gente nova. Pelo menos isso me poupava de ver David e Ally, de mãos dadas, subindo a escada em direção ao quarto dele. E quando eu voltava para casa, bem menos bêbada que meus companheiros, estava exausta demais para me fixar no feixe de luz que se projetava sob a porta de David, ou pior, para apurar os ouvidos em busca do ruído das molas do colchão dele. Tantas noites eu fora para a cama com minha própria versão de David, criada pela minha fantasia, que ia levar algum tempo para me adaptar ao fato de que o original se encontrava do outro lado do corredor. Nos braços de outra mulher.

Dias depois, a casa estava num silêncio surpreendente enquanto eu tomava café da manhã. Comi o cereal de pé, com as costas apoiadas na bancada da cozinha, sentindo o frio da superfície de mármore no trecho onde a parte de cima do meu pijama não encontrava a de baixo. Coloquei a tigela na pia, que transbordava com a louça do café da manhã de meus colegas. As aulas já haviam começado, então imaginei que eles tivessem saído apressados demais para usar o lava-louças. Percebi com uma pontada de culpa que eu nem sabia qual armário abrigava a máquina e que provavelmente fora Ally que assumira aquela tarefa nos últimos dias. Por alguma razão, isso me deixou com raiva, como se ela tivesse ganhado mais uma rodada em um concurso no qual ela nem sabia estar inscrita. Encontrei o lava-louças – *sério, não foi nada difícil* – e comecei a enxaguar os pratos acumulados antes de colocá-los na máquina. Sem querer, abri demais a torneira e um jato d'água fria bateu em um prato, molhando-me do pescoço à cintura.

– Que maravilha – murmurei, afastando a blusa encharcada da pele.

O tecido se agarrava com determinação aos meus seios e, apesar do desconforto, abri um sorriso torto, sabendo quanto Mike teria gostado daquela cena.

Eu ainda estava às voltas com meu pijama quando a porta da cozinha se abriu sem barulho e David entrou. Seus olhos abarcaram tudo, inclusive a roupa minúscula que delineava a plenitude de meus seios e os mamilos embaraçosamente eriçados graças à temperatura da água.

– Visual interessante – observou ele, seu tom não deixando transparecer nada.

Ele abriu uma gaveta e jogou uma toalhinha de mão felpuda em minha direção.

– Pegue.

Tentei secar a blusa em vão enquanto ele enchia a chaleira e pegava uma caneca no suporte.

– Café? – ofereceu.

Apenas assenti, tímida por estar sozinha com ele, mas não por causa do estado da minha roupa.

– Ally ainda está lá em cima? – perguntei, então me amaldiçoei por trazê-la para o único momento que tivemos sozinhos desde que eu me mudara.

– Não. Ally tinha um seminário às nove. Agora que as aulas começaram, ela não vai ficar tanto por aqui. Ela tem um monte de atividades musicais e passa um tempo extraordinário na biblioteca.

Ele deu um sorriso torto e meu coração se descompassou, porque era exatamente como eu lembrava.

– Ally está decidida a se formar com louvor. E vai conseguir. Nunca vi alguém tão esforçado.

– Que bom! – falei, sincera.

Eu gostava de Ally, ou do que conhecia dela – que, admito, não era muito. O que eu *não* gostava era do fato de ela ser namorada de David, mas, para falar a verdade, isso valeria para qualquer garota.

– Acho que vou ter que me esforçar para pegar o ritmo de novo. Estava num clima mais relaxado na Califórnia – confessei.

David me passou o café e eu tomei muito cuidado para que minha mão não tocasse a sua. Eu tinha levado a xícara aos lábios quando ele perguntou baixinho:

– Então, qual a razão do ano nos Estados Unidos? Pensei que tivesse dito que, quando chegasse à universidade, ia sossegar durante o curso todo.

O café queimou minha língua e o céu da minha boca, mas eu só fui me dar conta disso muito mais tarde. Olhei para ele acima do turvo vapor que se erguia da caneca, meus olhos arregalados de surpresa.

– Você se lembra? – perguntei, a voz um sussurro abafado, como se conversássemos numa igreja. – Você sabe quem eu sou? Lembra de mim?

Ele balançou a cabeça de leve, como se não pudesse acreditar que eu tinha feito aquela pergunta.

– Claro que me lembro, Charlie. Você não é o tipo de pessoa que a gente esquece com facilidade.

Abri a boca, mas tornei a fechá-la, temporariamente sem palavras. Seus olhos me observavam com atenção. Além de saber quem eu era, ele se lembrava das coisas que eu tinha lhe dito durante as horas em que ficamos isolados. Ele se lembrava até mesmo do estúpido apelido que me dera. Meus olhos, por vontade própria, baixaram até seus lábios. Eu me perguntei do que mais ele lembraria.

– Eu não quis dizer nada na frente dos outros caras... Não quis tornar a

situação constrangedora para você.

Assenti com cuidado.

– Entendi. Obrigada.

Ele se remexeu um pouco e baixou os olhos para o conteúdo de sua caneca, como se o roteiro do que diria em seguida estivesse escrito no interior de cerâmica.

– Também não achei necessário dizer nada a Ally sobre termos nos conhecido antes...

Sua voz se extinguiu, mas deixou uma pergunta implícita naquela frase. Ele queria saber se eu concordaria em manter nosso encontro anterior em segredo.

Fechei os olhos por um momento, vendo-me à beira de um precipício, quase como tinha acontecido quando a parede de neve viera desabando pela encosta da montanha em minha direção.

– Mas, é claro, se você ficar desconfortável com isso... bem, então vou explicar o que aconteceu para todos – continuou ele. – Só me pareceu mais simples que esquecêssemos o que aconteceu naquele dia, lá na montanha. Já faz *tanto* tempo.

Tentei não demonstrar que entendia perfeitamente o que ele estava dizendo, mas captei a mensagem implícita como se estivesse destacada com marca-texto. Ele não precisava se preocupar, eu estava longe de ser a garota inocente de olhos lacrimosos que ele tinha corrido para ajudar cinco anos antes. A vida dele seguira em frente, e ele não queria pôr em risco seu relacionamento atual ao revelar a surpreendente e inesperada atração que surgira como um fino cristal na neve que nos rodeava e que tinha derretido quase tão rapidamente tão logo deixamos a montanha.

– Claro – concordei, dando de ombros para fingir indiferença. – Considere esquecido.

Um leve espasmo cruzou seu rosto e, juro pelo que é mais sagrado, não entendi por quê. Era o que ele queria que eu fizesse, não era? No entanto, eu poderia até ter pensado que ele se decepcionara por eu concordar com tanta facilidade.

– Então, seu tornozelo sarou direitinho? Você não parece mancar nem nada.

Para alguém que não queria falar sobre o incidente, ele relutava muito em deixar o assunto de lado.

Estiquei meu pé descalço e o girei para que ele inspecionasse.

– Foi um rompimento sem maiores complicações. Sarou direitinho – informei.

Então percebi que minhas palavras poderiam também se aplicar ao nosso efêmero relacionamento. Fora um rompimento sem maiores complicações, não havia como negar. Só que eu não me considerava curada dele tão bem quanto David.

– Você ainda esquia?

– Sim. Não há nenhuma razão para que eu não esquie. Foi apenas uma daquelas ocorrências bizarras que você não pode prever ou controlar.

Mais uma vez, minhas palavras poderiam se referir a muito mais do que apenas a avalanche.

– Então, tudo bem, não é? – perguntou David, de repente parecendo bem menos seguro e confiante.

Era quase como se a proximidade comigo estivesse trazendo de novo à tona o garoto de 19 anos que ele tinha sido.

– Com certeza – afirmei.

E então ele foi e arruinou tudo: estendeu a mão e tocou de leve o meu braço, fazendo um milhão de terminações nervosas gritarem em resposta. Eu podia mentir para seus amigos, sua namorada, até mesmo para *ele* se fosse preciso, mas havia uma pessoa que reconhecia que o passado ainda tinha o poder de nos arrebatar e de reacender sentimentos que deveriam estar mortos e enterrados: eu.

Charlotte – Treze anos antes

Creio que o acidente tenha sido minha culpa. Não a avalanche em si, é claro; essa fora causada pela forte nevasca da noite, a mudança na direção do vento e o calor do sol. Mas a culpa de eu ter sido apanhada por ela não podia ser atribuída a ninguém, a não ser a mim mesma. Passado o tempo, pude pelo menos reconhecer isso. Coloque uma adolescente furiosa e frustrada em uma estação de esqui por dez dias e obrigue-a a ser o para-raios da desintegração gradual do casamento de seus pais. Aí fica tudo um pouco mais fácil de entender. Junte um punhado de imprudência, uma boa dose de autoconfiança excessiva e uma

conversa ouvida por acaso sobre uma alucinante corrida de esqui numa pista não sinalizada e a receita para o desastre está quase completa.

Os rapazes que entraram à minha frente na sala de esquis e botas não deviam ser muito mais velhos do que eu, embora fossem bem mais altos, fazendo-me sentir muito mais jovem do que meus 17 anos. No cômodo pequeno e agradavelmente aquecido, era impossível não ouvir a conversa deles enquanto eu localizava meus esquis e botas. Eles planejavam trocar as pistas aplainadas e cheias de turistas por algo um pouco mais desafiador. Não sei bem quando a ideia de segui-los me ocorreu, nem por quê. Não, eu sabia por quê. Eu vinha testando e forçando cada regra e restrição que me era imposta já fazia um bom tempo; não ia demorar até que eu fizesse alguma idiotice. Eu rabiscara um bilhete e o enfiara por baixo da porta dos meus pais antes de deixar o hotel em direção às encostas. Minha mãe ainda devia estar dormindo e meu pai... bem, se a gritaria da última noite tivesse fundamento, ele também estaria na cama. Mas não na da minha mãe.

Na fila do teleférico que nos levaria até o topo da montanha, virei-me para um rapaz de cabelo ruivo brilhante e falei, hesitante, minha voz quase um sussurro:

– Tudo bem se eu seguir vocês quando chegarmos lá em cima?

Gesticulei com a cabeça, indicando o topo, para onde o teleférico nos levaria aos solavancos.

O garoto voltou os olhos de um azul vivo para mim, e era fácil ver a relutância que havia neles.

– Hã, não tenho certeza... é uma descida bastante difícil. Você é boa?

– Excelente – falei, fazendo-me de forte. – Praticamente uma profissional.

Ele bufou e os cantos dos seus olhos se enrugaram quando ele sorriu. Percebi que ele devia estar mais próximo da minha idade do que seus companheiros.

– Sou boa o bastante – corrigi, feliz por baixar um pouco a bola. – Esquio desde pequena.

– Em pistas para esquiadores de nível avançado?

Fiz que sim com a cabeça.

– Eu também – replicou ele. – Mas passei o café da manhã inteiro discutindo com meu irmão mais velho até ele me deixar vir com ele e os amigos. Ele aceitou de má vontade. Muito chato! – concluiu com um suspiro sofrido.

Assenti, solidária, como se compreendesse como irmãos podem ser irritantes, mas é claro que eu não fazia ideia.

– A propósito, eu me chamo Rob – apresentou-se, arrancando de repente a luva e estendendo a mão.

– Charlotte – repliquei, tirando a minha luva de esqui rosa-choque para cumprimentá-lo.

Quando o teleférico chegou e parou com um solavanco, os passageiros saíram rapidamente em um mar de casacos acolchoados de cores brilhantes. Meu companheiro de cabelo ruivo se manteve ao meu lado um pouco constrangido, com os olhos fixos em um grupo de cerca de oito rapazes que estava a certa distância de nós, à direita do caminho principal. Os garotos riam e conversavam alto enquanto se inclinavam para prender os esquis nas botas.

– Aquele ali é o meu grupo – disse ele, baixando a voz, embora não houvesse o menor perigo de nos ouvirem. – Por que você não fica um pouco para trás e depois segue nossos rastros? Quem sabe a gente não se encontra lá embaixo?

Eu sorri e assenti, fingindo não perceber a esperança em seu olhar. Ele parecia legal, mas eu não estava interessada em mais um relacionamento de cinco minutos. Isso era parte do problema, não era? Tudo em minha vida tinha um prazo de validade curto – até mesmo minha família, pelo que parecia.

– Divirta-se! – disse ele, afastando-se de mim para juntar-se ao grupo. – Aposto que vai ser emoção pura.

Suas palavras foram bem mais proféticas do que ele poderia ter imaginado.

Quando os últimos passageiros do nosso teleférico esquiaram na direção da pista assinalada, ouvi a voz do bom senso no fundo da minha mente me instruindo a segui-los. Eu a ignorei.

Passei mais tempo do que precisava ajustando os esquis e os óculos de proteção, para dar ao grupo de Rob uma vantagem decente. Não queria que me vissem como uma intrusa, nem que um irmão mais velho e mandão me despachasse como se eu fosse uma criança atrevida. Aquela montanha era pública. Eles não podiam me impedir de seguir o mesmo caminho que eles, podiam? Contei até duzentos antes de fincar meus bastões de esqui na crosta branca de neve e partir.

Era um daqueles dias maravilhosamente claros de céu azul que fazem esquiar parecer a melhor atividade do mundo. A neve da noite anterior era uma

camada grossa e fofa sob os pés à medida que eu seguia os rastros gravados em sua superfície como sinalizadores indicando que eu fosse em frente. Hesitei por um instante quando alcancei uma cerca onde o portão tinha sido aberto à força, criando um montinho de neve em seu trajeto, uma minúscula réplica da montanha que eu estava prestes a descer. Eu ia mesmo fazer isso?, pensei, franzindo a testa ao olhar a íngreme descida que começava quase imediatamente do outro lado da cerca. Olhei para baixo e vi que a maior parte do grupo de Rob esquiava encosta abaixo. Já estavam a uma boa distância de mim. O sol ofuscava meus olhos quando ergui a mão para sombreá-los e os observei ziguezaguear pela neve imaculada, riscando-a como um artista que desenhasse linhas em uma tela. Olhei para trás na direção que eu tinha acabado de vir, aquela que levava à pista sinalizada. *Ir... ou* não ir? Titubeei por um minuto, mas depois cerrei os dentes, baixei os óculos e segui adiante.

Os primeiros 45 segundos da minha descida nada tiveram de extraordinários. Os últimos 45 foram inesquecíveis. A rota era desafiadora, mas não tanto que eu não pudesse apreciar a beleza deslumbrante e intocada da descida. Eu contornava afloramentos rochosos que perfuravam o manto branco como dentes afiados e cinzentos que esperassem o momento de morder. O caminho se estreitou e minhas mãos apertaram os bastões de esqui enquanto eu recorria até a última gota de minha concentração. À esquerda, a encosta despencava bruscamente e, com o canto dos olhos, vi um denso bosque de abetos lá embaixo, os galhos grossos e pesados com a neve que se depositara neles. Lembro-me de ter pensado que pareciam tão distantes e pequenos que eram quase irreais, como se fossem de brinquedo ou minúsculas decorações de bolo.

Poucos segundos depois, a analogia com doces prosseguiu: a neve sob os meus esquis começou a se deslocar e mudar de formato – *como açúcar de confeiteiro peneirado*, tinha me ocorrido. Só que não compreendi o que aquilo indicava. Então o ruído começou, um estrondo trovejante como o de um trem de carga descendo a montanha a toda a velocidade. Mesmo com o som do sangue latejando em meus ouvidos e meus batimentos cardíacos subitamente disparados, eu podia ouvir seu rugido. Arrisquei um breve olhar por cima do ombro e me arrependi na hora. Como um gigante adormecido, o topo branco da montanha, tão majestoso e imóvel segundos antes, tinha despertado. Uma enorme massa de neve havia se desprendido e deslizava em ondas, ganhando mais impulso a cada

instante ao descer a encosta atrás de mim, engolindo a neve em seu caminho e regurgitando-a em uma enorme parede alva e ameaçadora. Curvei o corpo o máximo que pude para ganhar velocidade, ainda alheia ao fato de que jamais seria mais veloz que uma avalanche.

O ar à minha volta se tornou pesado e carregado de partículas de neve, todas correndo para tentar chegar ao pé da encosta à minha frente. Eu sabia que seria uma questão de segundos antes que o monstro que me perseguia assumisse a liderança. Então, através da névoa, avistei um lampejo azul-escuro se materializar do nada, ou assim me pareceu. A forma cruzou meu caminho cerca de 10 metros à frente. Era outro esquiador, que, como eu, estava prestes a ser engolido por um dos predadores mais mortíferos e famintos da natureza. Ele olhou para trás, e vi que era um homem. Uma fração de segundo depois, desviou os olhos da avalanche que se aproximava e os voltou para mim. Tudo pareceu desacelerar quando comecei a sentir o efeito da adrenalina e vi o esquiador de azul fazer um gesto com a cabeça na direção do precipício à esquerda, no momento em que inclinava os próprios esquis naquela direção. Ele tornou a acenar com a cabeça, como se me fizesse uma pergunta urgente. Estava me dizendo para saltar. Saltar para o precipício, para o solo coberto pela neve sabia-se lá Deus quantos metros abaixo, para escapar da avalanche. Alguma coisa ainda mais fria do que o terreno gelado em que eu disparava se apoderou do meu coração. Eu esquiava, mas não sabia saltar. Nunca saltara, e aquele não parecia um bom momento para começar. Ele fez um último gesto com a cabeça, ainda mais imperioso, girou o corpo ligeiramente, em um último ajuste de direção, e voou pela borda da encosta. Por um segundo pareceu pairar no ar, como um grande beija-flor azul cercado por esquis e bastões, e então despencou, sumindo de vista.

O som atrás de mim agora era ensurdecedor e meus esquis não pareciam mais estar *deslizando* sobre a neve – era mais como se eu estivesse tropeçando e cambaleando nela. A menos que estivesse disposta a correr o risco de ser engolida por toneladas de neve e detritos, eu não tinha opção. Mudei o curso tão depressa que quase perdi o equilíbrio e caí, mas, no último segundo, consegui me manter de pé. O precipício se aproximava a toda a velocidade. Eu não tinha a menor ideia do que havia lá embaixo: árvores, pedras, o corpo quebrado e mutilado do outro esquiador? Ninguém em seu juízo perfeito sequer consideraria

a possibilidade de pular. Mas eu pulei.

Senti a neve desaparecer debaixo de mim, e de repente havia apenas ar sob os meus esquis. A velocidade e o impulso garantiram que minha trajetória não fosse uma queda brusca. Em vez disso – por breves e emocionantes momentos –, eu me vi suspensa no ar, em queda livre, como um paraquedista. Então a gravidade ou alguma outra maldita lei da física interveio e comecei a cair. Era um emaranhado de bastões e braços agitando-se no ar, sem controle e em desespero. Eu podia ver o chão se aproximando, felizmente sem pedras, mas logo à minha frente estavam as árvores, que já não pareciam tão pequenas, inofensivas, nem nada semelhantes a decoração de bolo. Era muito azar, porque era quase certo que não havia como evitar uma colisão com elas.

Por pouco não fiz uma aterrissagem perfeita. Não sei como – pura sorte, imagino. Bati na neve com um pancada seca que abalou cada um dos meus órgãos internos com tamanha violência que eu tive certeza de que alguns deles tinham mudado de lugar com o impacto. Milagrosamente, parecia que eu conseguira me desviar da parte mais densa do aglomerado de árvores, mas ainda havia um último abeto à minha frente. Se ele tivesse nascido só meio metro mais à esquerda – ou se eu tivesse saltado apenas um segundo depois –, eu poderia ter conseguido. Tentei me desviar, mas não tinha recuperado o equilíbrio depois da aterrissagem e, em pânico, perdi o controle e acabei dando uma cambalhota no ar antes de me chocar contra a neve. Uma dor – como eu nunca tinha sentido na vida – explodiu dentro de mim no momento em que meu esqui esquerdo se prendeu em uma raiz de árvore exposta.

Um caleidoscópio de cores preencheu minha cabeça. Vermelho: o sangue pulsando, o vermelho vívido da dor. Eu o sentia por toda parte, mas principalmente na perna esquerda. E havia também o azul: chegando ao meu lado às pressas, debruçando-se sobre mim, azul-escuro, a cor de um traje de esqui – não o meu, eu estava de rosa. A última cor era branca. Branco por toda parte: em cima de mim, debaixo de mim, pressionado contra os meus óculos, dentro da minha boca e das narinas no instante em que parei, com a cara afundada na neve.

– Não se mexa!

Essas foram as suas primeiras palavras para mim. Mais tarde, passei a achar que deveria ter havido algo mais memorável ou menos prosaico naquela

apresentação do que apenas um grito de comando. Ainda assim, funcionou. Parei de tentar me mover e deixei a cabeça pender no travesseiro congelado. Soltei o ar bruscamente, soprando a neve do nariz e cuspindo a da boca, que saiu tingida de rosa, como uma pedra preciosa. Só que não havia nada de precioso em uma hemorragia interna.

Ele se ajoelhou ao meu lado, mas tudo que eu conseguia ver era o material impermeável azul de sua calça de esqui. Sua voz estava surpreendentemente calma e firme.

– Onde você se machucou?

– No corpo todo – respondi, ofegante, meus lábios roçando a neve sob meu rosto enquanto eu falava. – Acabou? Já passou?

O pânico havia transformado minha voz no grito agudo e áspero de um pássaro aterrorizado.

– Sim. Acabou.

Apurei os ouvidos, mas a cacofonia da natureza tinha silenciado.

– Tivemos sorte – continuou ele. – Se não saltássemos naquele momento...

De bruços na neve, com a perna esquerda parecendo estar em uma fornalha acesa, eu não podia dizer que me sentia tão sortuda.

– E se recomeçar? E se houver um segundo abalo?

– Isso acontece só com terremotos – replicou ele, a voz comedida e apaziguadora. – Acho que temos muito com que nos preocupar no momento; não vamos inventar novas razões para entrar em pânico.

Ele se inclinou um pouco mais para mim, mas eu ainda não conseguia ver seu rosto.

– Agora diga: onde dói mais?

– Minha perna esquerda... – repliquei, a voz oscilando à medida que o choque percorria minhas veias, levando os últimos resquícios da adrenalina – ... está doendo muito.

– Só vou ver se você tem outros ferimentos, ok?

Minha cabeça fez um pequeno e apavorado movimento afirmativo. Senti suas mãos em mim, gentis ao percorrerem com cuidado a minha coluna, e depois deslizarem ao longo de cada braço, do ombro ao pulso.

– Você é... você é médico? – perguntei, enquanto ele continuava o que para mim parecia ser um exame extremamente detalhado.

Minha voz era um sussurro esperançoso, ecoando, rouca, no vale coberto de neve.

– Não – disse ele, saindo do meu campo de visão quando passou para a parte de baixo do corpo, correndo as mãos do alto da minha coxa até o tornozelo da perna direita e, para meu alívio, mantendo-se longe da outra perna. – Mas ganhei uma medalha em primeiros socorros quando era escoteiro.

Não era hora para brincadeiras, dadas as circunstâncias, ainda mais quando o conforto de me imaginar em boas mãos tinha acabado de se desfazer como o degelo da primavera. Não que eu precisasse de um médico para me dizer o que eu já sabia.

– Minha perna está quebrada, não é?

– Pode ser só o tornozelo – replicou ele, como se isso pudesse me animar. – Ele está num ângulo meio estranho.

Esse era o tipo de coisa que ninguém queria ouvir.

– Deixe-me ver – pedi, tentando erguer meu corpo do leito de neve.

Suas mãos fortes surgiram e pressionaram meus ombros com gentileza, prendendo-me no chão.

– Você não pode se mover. Vai piorar as coisas.

– E quem lhe disse isso, um lobo da montanha?

– Você é *sempre* animada assim ou só nos dias de avalanche?

Havia algo nele que era cativante e, em qualquer outra situação, eu teria gostado do seu humor. Não naquela.

– Não, em geral é só depois que voo uns 100 metros no ar e então dou de cara com uma árvore. Agora você vai me ajudar a virar ou vai ficar aí sentado me olhando fazer isso sozinha?

Ele soltou um suspiro profundo, e eu compreendi que ele não sabia como lidar com minha determinação. Tudo bem. Muito pouca gente sabia.

– Não foi nem de perto essa altura – corrigiu ele, posicionando-se para ficar de pé ao meu lado.

Senti que suas mãos se enterravam na neve debaixo de mim, criando dois pequenos fossos.

– Vou levantar você e carregá-la até aquelas árvores lá atrás.

– Ok – consenti, subitamente dócil.

– Vai doer pra caramba.

– Entendido – falei, a voz pouco mais que um sussurro.

– Ainda acho que é uma péssima ideia.

– Devidamente anotado. Não vou processar você nem seu grupo de escoteiros por imperícia.

– Você é engraçada – comentou ele e, embora eu não pudesse ver seu rosto, imaginei que estivesse sorrindo. – Ok, quando chegar ao três. Um... dois...

O filho da mãe me levantou no dois. Mas não deve ter feito diferença, porque a dor me fez desmaiar no momento em que ele me ergueu.

Não sei quanto tempo passei inconsciente. Tempo o bastante para que ele fosse até o topo do precipício e cravasse nossos esquis cruzados na neve, para funcionarem como sinalizadores. Recobrei a consciência com um longo gemido de dor.

– Eu disse que era uma má ideia – foram suas palavras iniciais.

Ele estava agachado ao meu lado, ainda arfando por causa do esforço de ter subido a encosta. Devagar, virei a cabeça na direção dele. Havia muito pouco de seu rosto que eu pudesse ver. Seu gorro de lã estava enterrado na cabeça, e os óculos de proteção para neve – presumi que ele os usara na subida – ainda cobriam os olhos, então tudo que consegui ver foram a boca e o queixo, que tinha uma leve sombra da barba despontando.

– Como está a perna?

– Ainda quebrada.

Ele sorriu, e toda a parte inferior de seu rosto se transformou. Seus dentes eram perfeitos e brancos, dignos de um anúncio de pasta de dente. Bons genes ou ortodontia avançada, eu não sabia dizer qual dos dois.

Ele havia me apoiado num tronco de árvore largo e tinha estendido minhas pernas à frente com cuidado. Olhei para elas, envoltas no traje de neve rosa-choque. O tornozelo esquerdo começava a inchar, esticando o tecido da calça e fazendo a bota cortar a carne.

– Acho que é só o tornozelo mesmo – admiti. – Será que é melhor tirar a bota?

– Com certeza não. Na verdade, não devíamos sequer pensar em movê-la de

novo até chegarem aqui.

– Até quem chegar aqui? Seus amigos?

Ele balançou a cabeça.

– Não. Os socorristas. Vamos ficar bem aqui até eles nos encontrarem.

– Mas... mas isso pode levar uma vida. Não seria melhor se você continuasse a descer a encosta e fosse buscar ajuda?

Ele se abaixou no chão ao meu lado.

– Em primeiro lugar, não se deixa uma vítima sozinha após um acidente – falou, afastando os óculos do rosto e tirando o gorro para correr os dedos pela espessa cabeleira negra. – E, em segundo – prosseguiu, voltando-se para me encarar –, não restou nenhuma trilha para descer de esqui.

A respiração ficou presa em minha garganta, e eu nunca descobri se a causa foram suas palavras ou a absoluta perfeição de seu rosto. Ele tinha feições que quase nunca vemos na vida real, que aparecem só em páginas de revistas em ou telas de cinema. Seus olhos eram do azul mais incrivelmente cristalino, como a luz do sol cintilando em um oceano ou safiras lapidadas em uma coroa de joias. Tive a sensação de que já os tinha visto em algum lugar antes... talvez em um anúncio de lentes de contato?

– Eu... Eu não estou entendendo o que você quer dizer. Explique.

Ele ergueu uma de minhas mãos enluvadas e a segurou entre as suas. Qualquer comentário que precisasse ser feito segurando a mão não podia ser bom.

– A trilha desapareceu. Agora só restam pedras, tocos de árvores e montes de neve. Mesmo que eu *pudesse* deixar você, não creio que conseguisse chegar lá embaixo de esqui, e não conheço outro caminho para sair daqui.

As palavras dele pairaram no ar entre nós como navalhas de gelo enquanto eu começava a compreender a gravidade de nossa situação.

– Mas como vão saber que devem vir nos procurar?

Ele sorriu com gentileza. Acho que meu raciocínio não estava funcionando em sua capacidade máxima.

– Porque os caras que estavam comigo vão avisá-los. Se seguiram a trilha que tomamos ontem, todos devem ter chegado em segurança à base da montanha antes que a avalanche acontecesse.

– E se não seguiram?

Uma expressão genuína de preocupação sombreou o seu rosto, turvando o azul dos olhos.

– Não quero pensar nisso.

Ele desviou o olhar e se virou para a clareira coberta de neve.

– Meu irmão mais novo estava no grupo. Foi um dos últimos esquiadores a descer.

Houve um clique em minha cabeça, e as peças do quebra-cabeças se misturaram, giraram e então se encaixaram. Não era de admirar que seus olhos azuis tivessem me parecido familiares.

– Você é o irmão mais velho e mandão do Rob, não é?

– Não é bem assim que costumo me apresentar – disse, a boca atraente retorcendo-se em um meio sorriso. – Em geral as pessoas me chamam apenas de David. E você é...?

– Estou confusa – falei. – Rob me disse para dar um tempo antes de seguir o seu grupo. Ele foi a última pessoa a partir em direção à trilha. Então como é que deixaram você para trás?

David estreitou os olhos quando um ofuscante raio de sol bateu em seu rosto, iluminando um olhar que eu não sabia interpretar.

– Eu não fui *deixado para trás*. Eu fiquei.

– Por quê? – perguntei, já temendo saber a resposta.

Sim, lá estava ela, em seus olhos.

– *Por minha causa?* Você ficou para trás *por minha causa*?

Ele deu de ombros, como se aquilo não fosse nada de mais, o que ambos sabíamos que era uma grande mentira.

– Você foi apanhado em uma avalanche... podia ter morrido naquela encosta, *por minha causa*?

David parecia desconfortável à medida que fui juntando as peças do que tinha acontecido.

– Seu irmão lhe disse que eu não ia dar conta da trilha, não foi?

David tentou parecer relaxado, mas não conseguiu.

– Rob ficou apenas... *preocupado*... só isso. Então esperei um pouco para ver se você estava bem.

– E, com isso, quase morreu.

– Ninguém aqui morreu – argumentou, tentando desviar a conversa para um

terreno mais frívolo. – Não chegou nem perto disso. Nossa, você gosta de exagerar, hein?

Levaram sete horas para nos encontrar e me tirar da montanha numa maca. Eu levei apenas metade desse tempo para me apaixonar por David. Não que eu tivesse considerado por um só segundo dizer isso a ele. Óbvio que não. Mas mesmo em meio ao medo, ao trauma e ao pânico da espera pelo resgate, a atração entre nós era inegável. Alguma coisa aconteceu naquele dia na montanha. Alguma coisa que nenhum de nós poderia ter planejado ou previsto... tampouco evitado.

– Então, Garota Misteriosa, você não me disse o seu nome. Está de férias ou mora por aqui?

– Estou aqui de férias com meus pais. E meu nome é Charlotte.

– Então, *Charlie* – brincou –, de onde você é? Onde você mora?

– Todos os lugares... nenhum lugar – suspirei. – Nos últimos oito anos morei em seis países diferentes e fui a "garota nova" na escola internacional de cada um deles. O trabalho do meu pai o faz correr o mundo e, aonde ele vai, nós vamos. Mas talvez não por muito tempo.

Cerrei os lábios depois dessa admissão, sabendo que não deveria estar dividindo assuntos de família com alguém que eu tinha acabado de conhecer. De alguma forma, porém, eu tinha certeza de que podia confiar nele.

Esperei que ele soltasse o comentário clássico sobre como devia ter sido maravilhoso conhecer o mundo. Mas ele me surpreendeu.

– Deve ter sido difícil para você – deduziu, perfurando minha armadura. – E solitário.

– É difícil ter amizades duradouras quando você está constantemente se mudando – admiti, fingindo não notar a solidariedade em seus olhos.

Foi um dia longo. Conversamos na maior parte dele. Dormi um pouco, o que foi uma abençoada fuga da dor. Mas houve momentos que eu sabia que ficariam

comigo para sempre. Como quando ele tirou o capacete de esqui da minha cabeça e seus dedos se demoraram um pouco mais ao alisar os longos fios louros, carregados de eletricidade estática, afastando-os do meu rosto com uma gentileza que despertou em mim uma sensação desconhecida. Ou quando me queixei do frio e ele abriu seu casaco e me puxou para o calor de seu corpo, envolvendo-me com o grosso material acolchoado como se fosse uma capa. Ficamos assim por horas, meu coração batendo em compasso com o dele, sua respiração soprando meu rosto.

Parecia que estávamos presos dentro da miniatura perfeita de um globo de neve, onde nada que fizéssemos ou disséssemos poderia ser afetado pelo mundo exterior. E quando a combinação de dor e medo trouxe lágrimas aos meus olhos, foi simplesmente natural que ele erguesse meu queixo em sua direção. Seus lábios estavam frios ao se colarem aos meus, mas sua língua estava quente, e sua boca me provou que – ao contrário do que eu pensava – eu nunca, jamais fora beijada de verdade. Ele me beijou como um homem, e meu coração de 17 anos, facilmente entregue e partido, nunca se esqueceu disso.

Não paramos para pensar nisso, mas algo ardente e vivo nasceu naquele dia no gelo e na neve. Algo tão forte que, quando duas figuras de casaco vermelho surgiram esquiando na clareira, puxando a maca que me levaria até a ambulância lá embaixo, eu não senti alívio, apenas lamentei.

CAPÍTULO 6

Charlotte

Quando voltei para a pequena sala de espera, Ally estava de costas para mim, olhando pela janela. Ela se virou, espantada, e por um momento foi difícil acreditar que quase uma década se passara desde que tínhamos nos conhecido. O tempo fora generoso com ela. Com o corpo delineado contra a vidraça escura, vestindo jeans justo e uma malha também apertada, ela ainda poderia facilmente passar pela estudante de música jovial e entusiasmada que assombrava meu passado, meu presente e meu futuro. Nem seu corpo havia mudado, embora eu soubesse que ela e o marido tinham pelo menos um filho.

Um gosto amargo de bile subiu pela minha garganta e, por um segundo, me senti oscilando à beira daquele abismo familiar. Mordi com força o lábio inferior e me controlei, mas minhas mãos tremiam quando estendi um dos copos descartáveis para ela.

– Desculpe. Não consegui me lembrar de como você gosta. Faz... Faz muito tempo – falei, hesitante.

Muito devagar, a mão dela se ergueu e pegou o copo.

– Obrigada – disse ela, desconfortável.

Pensei que fosse porque ela não queria se sentir em dívida comigo, nem mesmo por um copo de cafeína com água quente, mas não era isso.

– Os médicos querem falar com você. Uma enfermeira veio procurá-la há pouco.

Senti o sangue sumir do meu rosto, que ficou gélido. Depois foi a vez do pescoço. Em seguida, minhas mãos também, um frio que avançou até chegar aos meus dedos, embora eles estivessem segurando um copo de café fumegante. Eu sabia que, dentro de mim, o sangue corria para preservar meus órgãos, bombeado pelo coração, disparando por vasos e artérias. O que o de David de

repente não era capaz de fazer.

Sentei-me pesadamente em uma das cadeiras desconfortáveis.

– Eles disseram...? David...? Aconteceu alguma coisa?

Apesar das frases confusas e entrecortadas, não havia nada que eu precisasse esclarecer. Ao menos não para Ally. Nessa noite falávamos a mesma língua.

– Não, não creio que seja isso.

Ela percebeu meu pânico – ou ouviu o pequeno som que não pude evitar que escapasse.

– Não *foi* isso – emendou ela. – Só precisavam falar com você.

Eu me levantei cambaleando e torci para que ainda houvesse sangue suficiente em minhas pernas para me levarem até lá.

– Fique aqui. Vou chamar a enfermeira – ofereceu Ally.

– Não – recusei. – Eu vou.

A necessidade de afastá-la de qualquer coisa relacionada a David era tão instintiva em mim quanto respirar. Mas nem eu nem ela precisamos deixar a sala. Ambas nos sobressaltamos quando a porta se abriu e uma enfermeira que não reconheci entrou, seguida por dois médicos.

– Ah, que bom, a senhora voltou – disse a enfermeira, com alívio.

Olhei de relance na direção dela sem registrar nada a seu respeito. Ela estava a apenas um metro de mim, e eu não conseguiria identificá-la depois nem se minha vida dependesse disso. Minha atenção estava voltada para os dois médicos, que eu também não conhecia. Meu coração se apertou. Eu queria continuidade; queria um médico heroico que permanecesse ao lado da cama de David até que ele estivesse bem. Queria um médico com o juramento de Hipócrates tatuado na alma, não um carrossel inconstante de clínicos que entravam e saíam da batalha.

– Sra. Williams – começou um deles –, podemos conversar?

Ele fez um gesto na direção da porta. Tive uma horrível certeza de que, fora daquela saleta, notícias terríveis me aguardavam.

– Digam-me o que aconteceu. É grave, não é?

– Gostaríamos de atualizá-la sobre o estado de seu marido. Venha conosco, por favor.

O sorriso dele era como o de um boneco de cera: o formato certo, no lugar certo, mas não havia nada de humano nele.

– Não – disse eu, surpreendendo a todos com minha recusa.

Os médicos trocaram um olhar expressivo, enquanto a enfermeira de repente achava seus sapatos pretos muito interessantes.

Engoli em seco, tentando evitar que o pânico me sufocasse.

– O que quer que tenham para me dizer podem me dizer aqui. Agora.

Um dos médicos deu um passo à frente e pousou a mão em meu braço. Talvez tenha até sentido meu tremor de nervosismo.

– Sei que isso é muito difícil para a senhora... – começou ele, lançando um olhar rápido para Ally, que estava parada como uma estátua no extremo da sala. – Talvez seja melhor falarmos em particular.

– Tudo bem, Charlotte. Eu saio – disse Ally, e não sei o que soou mais estranho: se meu nome em sua boca ou o curioso tremor em sua voz.

– Não tem problema – falei, observando os passos de Ally vacilarem quando ela se deteve perto de mim.

Virei-me para os médicos, ansiosa para arrancar o curativo da ferida o mais depressa possível.

– Falem.

O médico assentiu devagar.

– Estamos cada vez mais preocupados com a situação do seu marido. Apesar dos nossos esforços, ele ainda demonstra poucos dos sinais de melhora que esperávamos ver a esta altura. Até agora não parece responder a nenhuma medida que tomamos. Seu estado continua grave.

Ok, retiro o que eu disse, pensei, sentindo-me como uma criança que tampa os ouvidos para rejeitar a verdade. *Eu não quero ouvir nada disso.*

– O ideal seria que ele fosse transferido para uma unidade cardiológica especializada, mas, dadas as suas condições atuais, achamos que seria imprudente removê-lo.

A cada palavra o médico me colocava mais próxima do limite do desespero. Eu sabia que ele ainda estava parado à minha frente, eu podia ouvi-lo falar, mas as palavras soavam abafadas e pareciam vir de muito longe, como se eu estivesse me afogando sob uma torrente furiosa. Eu não conseguia respirar, não conseguia pensar. Minha mão se mexia, agitando-se no ar, como que em busca de uma corda salva-vidas. E então a encontrei. Os dedos de Ally apertaram os meus com tanta força que senti sua aliança machucando minha mão.

– O que acontece agora? O que vocês podem fazer por ele?

A pergunta deveria ter vindo *de mim*, mas, em vez disso, veio dela.

– O Sr. Williams continuará sob monitoramento constante, mas as próximas doze horas serão cruciais. Solicitamos a vinda urgente de um cirurgião cardiotorácico e vamos mantê-la informada sobre a chegada dele. Infelizmente – seus olhos se desviaram para a janela e para a nevasca lá fora –, as péssimas condições do tempo não estão ajudando. A neve.

Acompanhei o seu olhar. Pequenas pilhas de neve começavam a se formar em cada canto do parapeito externo da janela. Mais cedo, as estradas já estavam ruins. Se a tempestade continuasse, ficariam ainda piores. Não deixei de perceber a ironia disso tudo. A neve trouxera David para a minha vida e, agora – se impedisse que os cuidados médicos especializados chegassem a tempo –, ela poderia tirá-lo de mim.

– Quero vê-lo.

– Claro. Vamos levá-la até ele agora. A senhora vai achá-lo atordoado, por causa da medicação, mas ele está acordado.

Ele olhou para a mão de Ally, que ainda segurava a minha com firmeza.

– Lamento, mas só permitimos um visitante por vez.

A mão de Ally se soltou como a de uma boneca de pano.

– Claro... sim... lógico.

Durante a curta caminhada até o quarto de David, tentei colocar em meus lábios trêmulos alguma expressão que não deixasse meu marido perceber quanto eu estava apavorada.

– Charlotte – chamaram-me.

Virei-me em direção à voz. Eu estava a alguns passos da porta aberta do quarto de David.

– Sua bolsa – falou Ally, entregando-me a bolsa de couro que eu esquecera no chão da sala de espera.

– Obrigada – falei, pegando a bolsa.

Percebi quando os olhos de Ally se desviaram de mim e foram até David. Vi quando um músculo se retesou em seu pescoço e acompanhei uma lágrima brilhante e solitária formar-se e depois escorrer devagar de seus longos cílios negros.

Ela deu meia-volta, tão rápido que o cabelo negro girou atrás dela feito uma

capa, e retornou pelo corredor quase em disparada.

Ally

Corri para o quarto de Joe como se estivesse envenenada e precisasse de um antídoto, e o encontrei no minuto em que passei pela porta. Mesmo ali, naquelas circunstâncias terríveis, ele tinha o poder de me acalmar. Ele era o farol na escuridão quando eu estava perdida, a luz de uma vela iluminando meu caminho para casa. Eu ansiava para que ele abrisse seus calorosos olhos e me envolvesse em seus braços fortes. Só que esses olhos estavam agora fechados e cobertos com uma fita para protegê-los do ressecamento, e seus braços repousavam como galhos de uma árvore caída, com agulhas nas veias, conectando-o por tubos e fios a máquinas.

A enfermeira de plantão no quarto de Joe se virou ao som da minha chegada. Ela sorriu, amável.

– Eu já ia buscá-la, Sra. Taylor. Pode ficar aqui com ele por algum tempo, se quiser.

Assenti, a emoção apertando minha garganta e impedindo-me de agradecer. Estava prestes a me sentar na cadeira ao lado da cama quando a enfermeira disse:

– Está vendo, Joe? Eu disse que ela chegaria em um minuto. Falei que não precisava se preocupar.

– Ele acordou? – perguntei, numa explosão de esperança. – Perguntou por mim?

Acho que jamais vou esquecer a expressão de solidariedade da enfermeira, que me olhou e com doçura, despedaçou qualquer alívio que eu começasse a sentir:

– Bem, não exatamente. Sou só *eu* que falo.

Ela tocou o ombro de Joe de leve, e de repente fiquei muito feliz por ser ela a enfermeira designada para ele.

– Mas ele é um bom ouvinte e tem sido paciente e me deixado tagarelar. Tenho certeza de que está mais do que pronto para ouvir a voz de quem ele *realmente* gosta. Não é, Joe?

– Ele pode nos ouvir? – perguntei, meus olhos passando da enfermeira ao rosto imóvel do meu marido.

Não havia sinal de reconhecimento, nenhuma indicação de que nossas palavras o alcançassem. Ele ainda parecia muito distante.

– Acreditamos que a audição é o último sentido que perdemos. E existem centenas de relatos de pessoas que recordam terem ouvido coisas das profundezas do coma.

Ela apertou meu ombro, encorajando-me.

– Vale a pena tentar.

Tentei esboçar um sorriso de gratidão, mas meu lábio inferior trêmulo não permitiu. A enfermeira, decerto quebrando pelo menos mil protocolos, me abraçou.

– Ouvir sua voz pode ajudá-lo a encontrar o caminho de volta.

Ela me passou a caixa de lenços de papel que estava na mesa de cabeceira de Joe, sabendo por instinto que suas palavras fariam com que precisasse deles.

– Mas sobre o que devo falar? – perguntei.

– Bem, se fosse eu, se fosse *meu* marido – vi uma breve labareda de agradecimento em seu rosto por não ser –, eu recordaria momentos especiais que vivemos juntos, as ocasiões importantes... nossas melhores lembranças.

Uma inesperada névoa surgiu em seus olhos enquanto ela falava.

– Recorde-o desses momentos, porque, se *eu* estivesse perdida, tentando encontrar o caminho de volta para quem eu amo, seriam essas as palavras que eu gostaria de ouvir.

– Eu também – concordei baixinho.

Ally – Oito anos antes

Penso com frequência que Joe e eu fizemos tudo de trás para a frente. Fomos morar juntos e *depois* nos apaixonamos; eu tive Jake e *depois* nos casamos. Nas primeiras semanas depois que a cozinha dos meus pais foi finalizada, nem cheguei a me dar conta de quanto sentia falta de tê-lo por perto para conversar todos os dias, do vazio que ele deixara, até que de repente ele não estava mais ali. Mas era difícil sentir saudade dele, porque mal se passava uma semana sem

que ele aparecesse para “consertar” algo que o tinha incomodado em relação à cozinha. Ele trocou todos os puxadores dos armários – duas vezes – depois de nos informar que o fabricante fizera um recall. Voltou para reinstalar o acabamento das bancadas, que já nos parecia perfeito. Também passou um tempo considerável confessando que ainda “não estava satisfeito” com vários dos armários de parede.

Depois de uma de suas visitas, meu pai fechou devagar a porta da frente e voltou para a cozinha, fitando minha mãe com um olhar expressivo.

– Embora eu ache ótimo que Joe seja tão criterioso, não posso deixar de pensar que suas esperanças de ter um negócio próprio nunca vão decolar se ele dedicar toda essa atenção pós-venda a cada um de seus projetos.

Minha mãe respondeu com uma risadinha, o que me fez erguer os olhos das anotações detalhadas que o professor me enviara por e-mail naquela manhã.

– Não acho que as corrediças das gavetas tenham sido o único motivo para Joe vir aqui hoje – comentou ela.

Franzi o cenho, agitando minha caneta de forma distraída, como se fosse a batuta de um maestro.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei.

O sorriso dela se alargou e ouvi meu pai também rir baixinho da porta aberta da geladeira. Virei-me na cadeira e vi que seus ombros balançavam de leve.

– O que foi? Do que vocês dois estão falando?

Os olhos azul-claros da minha mãe foram eloquentes.

– Eu? – perguntei, a voz muito mais aguda do que eu pretendia. – Vocês acham que é por *isso* que ele volta toda hora? Que ele vem para *me ver*?

Um sorriso curvou os lábios da minha mãe, fazendo-a parecer décadas mais jovem e muito mais bonita. Tinha sido por aquele rosto que meu pai se apaixonara.

– Não é óbvio, Ally? Por que mais ele continuaria a vir aqui? – perguntou ela.

– Ah... Que tal ter certeza de que vocês estão satisfeitos com a cozinha na qual gastaram uma fortuna? – sugeri, começando a entrar em pânico ao imaginar que eu tinha de alguma forma interpretado mal minha nova amizade.

Eu gostava de Joe, gostava *muito* dele. Mas não daquela maneira. Não do jeito que meus pais pensavam. Joe era uma amizade nova, que poderia até vir a

se tornar um grande amigo. Mas, quanto ao resto... Bem, podiam esquecer. Meus pais deveriam saber que estavam perdendo tempo com aquelas indiretas sobre ele. Ainda mais agora.

Eu ainda não estava curada. Nem um pouco. As lembranças de David não iam ser aplainadas como lascas de madeira por aquele marceneiro bonito e charmoso que acabara de aparecer na minha vida. Talvez, se as coisas fossem diferentes... Afastei esse pensamento. As coisas eram como eram. Eu sabia, e meus pais também. Ou pelo menos eu pensava que soubessem.

As feridas podiam estar começando a fechar, mas demorariam muito a cicatrizar de vez. Até que isso acontecesse, eu não tinha a menor condição de pensar em um novo relacionamento. Baixei a cabeça, fitando as anotações que inexplicavelmente haviam se fundido, formando girinos negros que ondulavam pela página, e esperei até que eles se transformassem em letras de novo.

Três semanas depois, eu estava parada na High Street, olhando uma vitrine, quando percebi uma van conhecida estacionar em uma vaga atrás de mim. No reflexo da vidraça, Joe parecia ainda mais alto e forte do que eu recordava. Eu me dei conta de que essa era a primeira vez que eu o via fora da minha casa.

Tive só alguns segundos para verificar minha própria imagem no vidro enquanto ele trancava a van e começava a andar na minha direção. Era um dia quente de fim de março e eu saíra de legging preta, com minhas novas botas de couro e um suéter comprido de tricô que marcava minhas curvas mais do que eu gostaria.

Não sei por que não me virei para cumprimentá-lo. Não sei por que continuei a estudar a vitrine com tanta intensidade que alguém poderia muito bem pensar que eu estava planejando quebrá-la e saqueá-la. Bem, isso é mentira. Eu sei por que não me virei. Mas, quando ele falou meu nome, não tive escolha. Virei-me, e abri um sorriso trêmulo como uma bandeira na brisa.

– Ally! Que surpresa agradável. Como você está?

Fazia algumas semanas que eu não o via, desde o dia em que meus pais tinham me feito questionar nossa amizade, então talvez tenha sido por isso que meu coração começou a bater um pouco mais depressa quando ele parou na

minha frente. Seus olhos baixaram apenas por um instante, embora não tenha sido uma avaliação invasiva, me deixou ligeiramente nervosa. No entanto, para ser justa, eu tinha feito o mesmo, notando o jeans preto e a camisa cinza. Não eram as roupas que ele usava para trabalhar, eu sabia, e, como estava perto da hora do almoço, imaginei se ele não iria se encontrar com alguém.

Será que ele marcara um encontro? Pensar nisso me causou uma sensação estranha – algo que eu não tinha motivo para sentir – e me fez perceber, surpresa, quanto eu ficara apreensiva de repente.

– Muito bem, obrigada.

– Você está bonita... quero dizer, está ótima... – disse ele, parecendo agitado.

O fato de ele também parecer nervoso era ao mesmo tempo intrigante e interessante.

– E o que a arrancou do seu piano e do notebook hoje? Já terminou a monografia?

Adorava o interesse dele pela minha graduação, mesmo sendo um caminho diferente do que ele escolhera seguir.

– Quem dera! – comentei, abrindo um sorriso largo. – Não, não terminei, mas posso ir até o fim de maio... com a monografia, quero dizer.

Eu estava tropeçando até nas frases mais simples e não fazia ideia do porquê. Felizmente, ele mudou de assunto e se virou para olhar a vitrine que eu vinha estudando com tanta atenção.

– Então, o que está pensando em comprar? Ou está só olhando?

– Acho que a maior parte disso está um pouco acima do meu orçamento de estudante – brinquei, indicando com a cabeça os cartões na vitrine da imobiliária que anunciavam algumas das propriedades mais caras de nossa cidade. – Na verdade, estava olhando os imóveis para aluguel – confidenciei, apontando para o mostruário no outro lado da vitrine.

– Sério? – perguntou Joe, virando-se para mim.

Havia uma surpresa genuína em seu rosto.

– Vai sair da casa dos seus pais? Agora?

Fiquei um pouco incomodada com o que achei que ele diria a seguir.

– Antes de se formar? – concluiu ele.

Relaxei e senti a tensão se desfazer enquanto olhava para ele, ali parado à espera da resposta, a cabeça inclinada numa indagação.

– Acho que *nunca* é fácil sair do ninho – respondi, repetindo as palavras que dissera aos meus pais poucos dias antes.

Para minha alegria, Joe não ficou perturbado nem explodiu em lágrimas, como acontecera com meus pais. Mas eu não podia culpá-los por suas reações. Era natural que quisessem me proteger quando a vida tinha me maltratado. Mas isso não significava que eu estivesse agindo de modo irracional nem que não tivesse pensado bastante. Porque isso era praticamente tudo o que eu tinha feito nos últimos meses. Eu estava oficialmente "bem pensada".

– Acho que muita gente acha difícil voltar para casa depois de cursar uma universidade em outro lugar – admiti. – Você se acostuma a ter a própria vida, indo e vindo como quiser, tomando suas decisões, e de repente tudo isso desaparece e você está em casa de novo, como se o tempo que passou fora nunca tivesse existido.

Só que não era o meu caso. Eu não era a mesma pessoa que tinha sido antes de embalar todos os meus pertences e me lançar na vida estudantil. Muito disso se devia a David, mas muito mais a mim.

– Imagino que deva mesmo ser difícil – concordou Joe.

Houve um longo momento de silêncio, e eu torci para que ele não me fizesse mais perguntas, porque eu não saberia explicar por que agora – logo agora – parecia o momento certo para investir na minha independência. Eu apenas sabia que era.

Era preciso mudar de assunto, e eu recorri à primeira coisa que me veio à cabeça.

– Você está elegante hoje, não é comum – comentei, e percebi de imediato quanto aquilo soava indelicado.

– Quer dizer que não estou com meu visual largadão habitual?

Meu rosto já ruborizado ficou uns dois tons mais vermelho.

– Acabo de vir do banco – contou ele. – De uma reunião marcada com meu gerente local e amigável.

– E como foi? – perguntei, depois mordi o lábio com mais essa impertinência.

O que havia de errado comigo? Eu parecia ter perdido toda a capacidade de filtrar meus pensamentos antes que eles saíssem aos borbotões pela minha boca. Eu precisava tomar cuidado. Aquilo podia acabar me trazendo problemas.

– Bem, ele é mesmo um gerente e mora na localidade. Então só a segunda característica não correspondeu.

Apenas murmurei um som sem sentido, envergonhada demais por ter me metido em suas questões financeiras.

– Na verdade, tenho uma ideia – falou ele. – Você vai fazer alguma coisa agora? Precisa ir a algum lugar?

– Nãão – respondi, arrastando a palavra, hesitante, sem saber o motivo daquela pergunta.

– Quer vir comigo? Eu queria lhe mostrar uma coisa.

– Se são seus desenhos, então eu já vi – brinquei.

Ele riu alto, fazendo com que vários transeuntes virassem a cabeça.

– Não. É mais interessante do que isso. Inclui até almoço – acrescentou ele, me tentando ainda mais.

Provavelmente eu não deveria ter concordado sem antes fazer uma pausa. Tenho certeza de que a rapidez da resposta me fez parecer muito carente de companhia, mas eu disse “sim” com entusiasmo.

A van de Joe tinha cheiro de madeira e óleo para teca, e ele se desculpou diversas vezes pelas ferramentas, caixas de parafusos e panos que teve de tirar às pressas do chão do carona antes que eu pudesse me sentar.

– E então, para onde vamos? – perguntei, quando ele se misturou ao trânsito intenso da hora do almoço.

– Você vai ver – disse Joe, todo misterioso, então voltou sua atenção para o trânsito.

Nossas conversas sempre tinham sido fáceis e cheias de brincadeiras, mas, naquela rápida viagem, medi cada palavra antes que saísse da minha boca, para que não houvesse nenhum mal-entendido. Se minha mãe estivesse certa e o interesse de Joe fosse mais do que apenas platônico, seria muito constrangedor.

Sempre pensei que existe algo íntimo e revelador no que as pessoas deixam em seus carros. As caixas de metal em que nos escondemos e que mantemos trancadas em segurança podem guardar tantos segredos quanto um cofre de banco. Corri os olhos pelo interior da van de Joe, mas não havia embalagens

vazias de sanduíches, latas de refrigerante retorcidas nem multas por estacionamento em local proibido, nada que me dissesse como ele vivia. Além das ferramentas que ele afastou e de um maço de recibos presos com um clipe, não havia nada que revelasse mais sobre ele.

Enquanto ele dirigia, às vezes me lançava alguns olhares de esguelha, o que me fez suspeitar que ele tivesse percebido o que eu tentava fazer. Eu me remexi no assento, constrangida, como se tivesse sido pega bisbilhotando. Em busca de uma distração, estendi a mão para o painel, onde a borda prateada de um CD se projetava do aparelho de som.

– Posso? – perguntei, com o dedo suspenso sobre o disco.

Ele deu de ombros.

– Acho que não temos o mesmo gosto musical, mas vá em frente – respondeu ele.

Botei o CD para tocar e, instantes depois, o carro se encheu com os sons de acordes de banjo introduzindo uma música country. Esperei o fim da faixa antes de provocá-lo:

– Por que você nunca me contou que tinha “um lado meio country”?

– É meu segredinho.

Ele riu, sabendo que não havia malícia nas minhas palavras. – Vou desligar – disse ele, levando a mão ao botão de ejetar.

– Não. Deixe tocar – pedi, estendendo a mão para detê-lo.

De algum modo, com os olhos dele fixos na rua, nossos dedos acabaram por colidir e se entrelaçar, e foi então que algo inesperado aconteceu. Tive a sensação de que minha mão atravessara uma chama viva e em seguida mergulhara em um balde de gelo. Talvez eu tenha até ofegado baixinho quando puxei o braço e pousei a mão com cuidado no colo, como um pássaro com a asa ferida.

Fiquei muito confusa com minha reação e não tinha como saber se Joe sentira o mesmo que eu. Talvez sim, porque virou depressa o volante ao estacionar em uma vaga que parecia pequena demais para sua van, mas na qual ele conseguiu manobrá-la com facilidade. Ele fez um gesto com a cabeça indicando a padaria na pequena fileira de lojas.

– Vou buscar nosso almoço – avisou, a mão já na maçaneta.

– Então me deixe pagar – falei, pegando a bolsa.

Ele segurou meu braço e eu fitei seus dedos grossos, esperando que o choque elétrico se repetisse. Nada. Talvez eu tivesse imaginado, afinal.

– Acho que eu posso pagar essa – disse ele com um sorriso. – Ainda não estou falido.

Fiquei sem graça, torcendo para que ele não tivesse ficado constrangido com minha oferta. Mas Joe era muito seguro de si para que isso acontecesse.

– Mas deixo *você* pagar quando formos a um restaurante chique – brincou ele, fechando a porta da van e indo comprar duas das deliciosas baguetes que faziam a fama da padaria.

O aroma do pão quente descansando no meu colo fez minha barriga roncar quando ele retomou o caminho.

– Desculpe – falei, de repente faminta.

Por sorte estávamos bem perto de nosso destino. Tínhamos chegado a uma parte da cidade que eu não conhecia muito bem. Olhei com curiosidade pela janela quando entramos numa rua estreita ladeada por elegantes construções vitorianas. Era muito diferente da rua onde minha família morava, com várias casas de três andares lindamente reformadas. Seguimos quase até o fim da rua, e então Joe parou diante de uma casa bem menos imaculada. O muro da frente estava caindo aos pedaços e precisava de reparos, e o portão de ferro pendia um pouco torto das dobradiças. A casa em si parecia precisar de um pouco de amor e carinho – assim como de latas e latas de tinta.

Desci da van e parei na calçada para dar uma olhada na residência, que só podia ser a de Joe.

– Vamos entrar – convidou ele, segurando o portão de metal enferrujado para que eu não esbarrasse nele.

Acho que a coisa mais gentil que eu poderia dizer sobre a casa era que um dia ficaria linda, depois que Joe investisse algum tempo e dinheiro nela. Já dava para ver isso, aqui e ali. Os ladrilhos originais do piso da entrada brilhavam e o rejunte havia sido substituído com capricho, mas todas as portas internas e o corrimão moderno totalmente deslocado eram de um azul vivo muito estranho.

– Esta casa esteve alugada por muito tempo – explicou Joe, conduzindo-me pelo corredor até a cozinha. – Ela ainda guarda as cicatrizes.

Eu ri, conhecendo bem o mau estado em que as casas alugadas por estudantes podiam ficar.

Detive-me de repente quando entrei na cozinha. Ainda havia muito o que reformar, mas logo a reconheci do desenho que Joe havia rascunhado. Os armários eram apenas carcaças, só havia uma pequena área com uma bancada pronta e faltavam vários itens importantes, como fogão e geladeira. Mas uma coisa já estava sendo montada e fora posicionada bem onde eu havia sugerido: a ilha. Por alguma razão tola, fiquei emocionada.

– Está ficando bonito. Tudo – falei, correndo os olhos pela cozinha.

Havia muito serviço a ser feito e, se ele seguisse no ritmo com que trabalhara em nossa casa, não comeria uma refeição feita ali nem tão cedo, não mesmo.

Joe puxou dois bancos altos para sentarmos, e fiquei grata por ele estar de costas para mim, pegando os pratos, enquanto eu lutava para me acomodar. Era uma manobra pouco graciosa, que fiquei contente por não ter sido testemunhada.

Ele esperou que terminássemos de comer para perguntar:

– Gostaria de fazer o tour completo agora?

– Claro – respondi, aceitando a mão que ele estendera para me ajudar a descer do banco.

Então o segui de cômodo em cômodo. Alguns pareciam não ter salvação, enquanto outros pareciam saídos das páginas de uma revista de arquitetura e construção. Não percebi uma lógica em seu cronograma de reforma, mas ele terminara a sala de estar e um dos banheiros. Ele me levou ao andar de cima e segurou a maçaneta de uma porta que tinha sido lindamente restaurada, recuperando seu acabamento de carvalho natural.

– E esta é a suíte, o quarto principal – anunciou, a voz soando um pouco estranha enquanto deixava que a porta se abrisse por completo.

O quarto tinha piso de carvalho polido e uma grande cama de casal de ferro batido no centro, com roupa de cama branca impecável e grossos travesseiros de pena. Fiquei parada na soleira, hesitando em entrar em seus domínios. Vi uma pilha de roupas que ele deixara sobre uma poltrona de veludo posicionada sob a janela. Reconheci algumas de suas camisetas prediletas e comecei a sentir um pouco de calor.

– Muito bonito – comentei, ainda sem me aventurar a entrar no quarto.

Dava para ver nosso reflexo num espelho de corpo inteiro colocado em um canto. Eu me segurava no batente da porta como um paraquedista de primeira viagem que de repente mudara de ideia. Joe estava do meu lado com uma

expressão encorajadora.

– Gostou? – perguntou ele, como se minha opinião fosse importante.

Ele estava agindo de um jeito estranho, e eu não fazia ideia do motivo.

– Vai ficar confortável aqui? O quarto é grande o suficiente para você? Gosta da cama?

Senti todos os músculos do meu rosto congelarem, apenas meus olhos se movendo. Da esquerda para a direita, de Joe para a cama e de novo para Joe. Eu não estava assustada. Bem, talvez um pouquinho. Se essa era a ideia que Joe fazia de sedução, não era de espantar que estivesse solteiro.

– O banheiro fica ali – disse ele, apontando para uma porta dupla de carvalho na parede do outro lado. – Quer dar uma olhada?

– Não, obrigada – falei, a voz um pouco aguda demais.

– Cabem dois no chuveiro – acrescentou ele, como se aquilo pudesse me fazer mudar de ideia.

Ele achava o quê? Que íamos arrancar as roupas e brincar na água? Por um instante, imaginei se era assim que mulheres eram sequestradas e passavam décadas presas em adegas sombrias. Pela primeira vez me perguntei se meu pai tinha se dado ao trabalho de pedir referências antes de contratar Joe para reformar nossa cozinha.

Arrisquei uma olhada por cima do ombro para os dois lances de escadas que teria de descer para chegar à porta da frente.

– Calculei que 50 libras seria razoável. O que acha?

Sorri sem graça e me perguntei se aquilo seria o meu resgate ou quanto ele estava oferecendo em troca dos meus serviços.

– Até que eu tenha reformado o restante da casa, não acho que seria justo pedir mais do que isso de aluguel por semana, concorda?

~

Ele levou ao menos dez minutos para parar de rir, e, quando parou, seus olhos continuavam marejados.

– Você pensou que eu fosse sequestrá-la?

– Eu não sabia *o que* pensar, entendeu? – respondi, soando um pouco aborrecida.

Tudo bem, tinha até sido engraçado, mas ele estava exagerando. Tive a sensação de que ele não me deixaria esquecer aquilo nunca mais.

– Sejamos justos: você não falou que me mostraria a casa como uma inquilina em potencial.

– Então o que você pensou que eu queria quando levei você até o quarto e comecei a falar da cama?

Não respondi, mas o rubor que subiu das minhas bochechas até a raiz do cabelo falou por mim.

– Ah. Entendi – disse Joe, o rosto ficando sério enquanto ele absorvia quanto eu havia interpretado mal suas intenções.

Mas logo perdeu o controle e caiu na gargalhada de novo.

– Desculpe, Ally. Pensei que tivesse dito alguma coisa no caminho para cá.

– Não, não disse.

– Desculpe. Mas, agora que esclarecemos tudo, o que me diz?

– Vou me sentir mal expulsando você do quarto principal na sua própria casa – falei, culpada.

– Fico bem satisfeito usando o quarto do andar de baixo. Está quase pronto, e não preciso que seja uma suíte. A menos, é claro, que você queira dividi-lo – brincou, os olhos brilhando de malícia.

– Ha, ha, ha, muito engraçado.

Olhei ao redor, para a sala aonde tínhamos voltado, para a lareira e a mobília de estilo clássico.

– É uma casa adorável, Joe, e gostaria de ser sua inquilina, se você acha mesmo que vai dar certo. Que não vou atrapalhar você.

– Na maioria dos dias trabalho até tarde da noite, então isso vai lhe dar bastante tempo para estudar e praticar suas músicas em paz. E as paredes são grossas o suficiente aqui, então não precisa ter medo de perturbar os vizinhos.

– Obrigada – falei, rindo. – Isso é uma análise das minhas habilidades musicais?

Ele sorriu de forma calorosa.

– De jeito nenhum.

Nesse momento o celular dele tocou e ele foi atender a ligação na cozinha. Eu me levantei e, distraidamente, percorri a sala que em breve não seria só dele, mas minha também.

Sua solução era lógica e muito acessível, mas eu sabia que minha família não aprovaria minha decisão de sair de casa naquele momento. Mas a sugestão de Joe beneficiaria nós dois: ele precisava da renda extra que o aluguel lhe proporcionaria, e eu não conseguia imaginar nada melhor para fazer com o dinheiro que minha avó me deixara do que usá-lo para começar a andar com minhas próprias pernas. Continuaria perto dos meus pais, caso eu precisasse deles (e eu *ia* precisar, sabia disso muito bem), mas longe o bastante para ter independência.

Passei a mão no aparelho de som moderno e provavelmente caro que não combinava com a decoração em estilo antigo. Ao lado da unidade cromada reluzente havia uma pequena pilha de CDs. Espionando, agora às claras, olhei rápido as caixas, sorrindo ao ver que todas mostravam alguém vestindo camisa xadrez, montado em um cavalo ou sentado em uma cerca de madeira. Agora eu tinha a forte suspeita de que ele poderia ter mais que "um lado meio country". Mas uma caixa se destacava. Também estava mais leve, e entendi de imediato o motivo. Pressionei o pequeno botão prateado no aparelho e a bandeja deslizou para fora, revelando o CD que faltava. Era o que ele tinha ouvido por último. Corri meu dedo de leve sobre o título: "Sonata nº 5", de Beethoven. Era a peça de piano que eu vinha estudando para minha avaliação final. A peça que ele devia ter ouvido uma centena de vezes enquanto trabalhava em nossa casa. Empurrei a gaveta do CD player para fechá-la como se tivesse deparado com um segredo que Joe não queria compartilhar.

Charlotte

Eu já tinha visto David sentir-se mal e sua pele exibir tonalidades variadas. Eu o vira branco no enterro de sua tia Helen. Eu o vira cinza de enjoo em um pequeno barco de pesca na Grécia, em nossas primeiras férias lá. Vira-o até mesmo com um curioso tom verde quando nós dois tivemos intoxicação alimentar por conta de um peru de Natal que eu deveria ter deixado mais tempo assando. Mas eu nunca, jamais, tinha visto meu marido com uma aparência tão ruim quanto agora, deitado naquela cama de hospital, ligado por fios e tubos a monitores que apitavam de modo alarmante sempre que ele se mexia. Estava branco feito uma

vela e com olheiras profundas. A mudança que ocorrera nele em poucas horas era assustadora. Se eu tivesse alguma dúvida sobre tudo o que os médicos haviam me dito, a prova do diagnóstico deles se encontrava ali, deitada diante de mim.

Entrei em silêncio no quarto, acreditando que ele dormia, mas seus olhos se abriram quando deslizei para a cadeira que alguém tivera a consideração de deixar para mim ao lado da cama.

– Ei – disse ele, sua voz uma paródia arfante de seu tom normal. – Então ainda está por aqui?

Puxei a cadeira um pouco mais para perto da cama e peguei sua mão.

– Estou. Uma das enfermeiras me contou que tem um médico lindo no próximo plantão, então pensei em ficar por aqui até ele chegar.

Seus lábios cinza-azulados se curvaram em algo que pretendia ser um sorriso.

– Como está se sentindo? – sussurrei, inclinando-me sobre ele e beijando-o com toda a delicadeza.

Seus lábios estavam frios, embora o quarto estivesse quente como uma estufa numa onda de calor.

– Um pouco tonto. Não sei o que me deram, mas iria fazer sucesso nas boates.

Olhei de esguelha para a enfermeira parada ao pé da cama, esperando que ela se desse conta de que o comentário do meu marido era só brincadeira ou efeito dos remédios. Ela não riu, mas seus olhos demonstraram compaixão.

– Estou tendo uns sonhos muito malucos. Agora mesmo achei ter ouvido...

Sua voz sumiu.

– Ouvido o quê?

– Nada. Só divagando – encerrou ele.

Seus olhos encontraram os meus e havia uma expressão de tristeza tão grande neles que de repente me doeu respirar.

– Desculpe, Charlotte, por fazer isso com você.

– Desculpa por quê? Não é culpa sua. Você não fez isso de propósito.

– Não, mas sei como você fica assustada com hospitais, e agora estou fazendo você passar por tudo isso.

– Já disse: só estou aqui por causa dos médicos gatos – respondi, atrevida,

mas estraguei tudo, porque terminei a frase engasgando-me com um pequeno soluço de choro.

– Venha aqui – chamou ele, a voz pouco mais que um sussurro.

Ele moveu o braço para abrir um pouco de espaço. Eu não sabia se era permitido, não sabia se me mandariam sair ou se eu faria alguma máquina apitar, mas não estava nem aí. Eu me inclinei o máximo que pude e descansei a cabeça no seu ombro.

Ficamos assim por muito tempo. O único som no quarto era o murmúrio dos aparelhos e o ruído abafado dos sapatos de sola macia das enfermeiras que faziam tudo ao seu alcance para manter vivo o homem que eu amava.

– Sabe, pela cara que você fez quando entrou aqui, devo estar com uma aparência péssima.

– Não diria isso. Já vi você muito pior.

– Ah, é? Quando, por exemplo?

Por um momento fiquei muda, então a resposta perfeita me veio à cabeça.

– Quando demos aquela festa de Halloween e você se fantasiou de Beetlejuice.

Ele franziu o cenho por um instante, lutando contra a medicação para buscar aquela lembrança.

– Ah, sim. Aquela foi uma noite e tanto, pelo que me lembro.

Dei um longo suspiro, grata por ele não ter esquecido a noite que havia sido tão fundamental para o nosso relacionamento. Pois foi naquela noite que tudo começou a mudar.

Charlotte – Oito anos antes

A festa havia sido ideia de Pete.

– Vai ser ótimo. Pode servir também de *open house* atrasado.

– Muito atrasado – comentou David, em tom cáustico. – Faz mais de dois meses que nos mudamos.

Pete fez um gesto com a mão, descartando esse detalhe tão ínfimo.

– Podemos colocar esqueletos no banheiro e aranhas por toda parte. E aquelas abóboras com velas dentro.

Ele parecia um menino de 10 anos hiperativo.

– Ei, Charlotte, me dê uma força aqui. Você deve ter visto essas coisas todas na Califórnia, ano passado.

Dei de ombros.

– Acho que sim. É uma festa importante lá. Para as *crianças* – provoquei, atirando uma pequena almofada na cabeça dele.

Ele a pegou sem dificuldade, só com uma das mãos.

– É o que somos. Um bando de crianças grandes. Então está combinado?

Por isso, três semanas depois, em uma manhã de sábado, lá estava eu, subindo a instável escada que tínhamos encontrado na garagem e começando a transformar nossa casa razoavelmente limpa em uma choupana mal-assombrada. Eu apoiara no último degrau a caixa de enfeites cheia de aranhas de plástico e metros de teias falsas.

– Se quiséssemos que ficasse desse jeito, não precisávamos ter contratado uma faxineira – comentou David, lançando um olhar de suspeita para a escada coberta de mofo em que eu estava prestes a subir.

– Ele não entrou *nem um pouco* no clima da festa – comentou Mike, piscando para mim quando comecei a desenrolar as teias de aranha. – Brigou de novo com a Ally, David?

Minhas mãos se detiveram no rolo de fios brancos esvoaçantes, enquanto meus olhos disparavam para David. Seus ombros se tensionaram, como se uma flecha o tivesse acertado. No entanto, ele não revelou nada, só lançou para o amigo um olhar mais assustador do que qualquer máscara de Halloween. Eu queria muito saber do que Mike falava, mas David não parecia a fim de discutir o assunto.

Repassei as últimas três ou quatro semanas na minha cabeça, tentando lembrar se tinha percebido algum sinal de discórdia entre eles, depois me senti culpada ao me dar conta que fiquei decepcionada com a resposta: “não”. Ally não tinha aparecido muito nos últimos tempos, mas a agenda dela era mais agitada do que a nossa, e sua dedicação à faculdade, consideravelmente maior. Na ausência dela, eu conseguira passar mais tempo na companhia de David – o

que era uma faca de dois gumes, porque, quanto mais o conhecia, mais gostava dele. Eu queria *muito* pulverizar a fantasia adolescente que eu criara, esmagá-la, mas o que vinha acontecendo era que, em vez de desgostar dele, a cada semana eu gostava *mais*. Para minha sorte, David continuava alheio a essa paixonite.

– Você precisa pendurar essas coisas bem alto naquele canto – observou Mike, do conforto de sua poltrona.

Ergui os olhos para a cornija, que se achava ainda muitos centímetros acima da minha cabeça, embora eu estivesse quase no último degrau. Então me segurei na topo da escada e fiz uma ligeira careta ao sentir a madeira úmida e escorregadia.

– Cuidado – disse Mike, levantando-se da poltrona. – Não vá cair e quebrar um tornozelo.

– Já fiz isso – falei, imaginando se David, que parecia ter se desligado do que acontecia logo atrás dele, teria ouvido.

– Vou segurar você – ofereceu-se Mike, quando perdi um pouco do equilíbrio ao me esticar para pendurar os enfeites.

– Pode ficar sentado – disse David, atravessando rápido a sala e tomando a frente de Mike antes que ele me alcançasse. – Sou mais alto que você e mais forte. Eu faço isso.

– Eu já falei: queda de braço *não* é um teste de força – retrucou Mike, sem se importar em disfarçar a irritação na voz.

Mas que David era uns bons 10 centímetros mais alto que Mike, isso ele não podia discutir.

David colocou as mãos na minha cintura para me equilibrar.

– Tudo bem? – perguntou ele.

Assenti, sem saber se poderia confiar em minha voz. Então me estiquei até o teto, e as mãos de David, que estavam pousadas na minha camiseta, encontraram minha pele quando o tecido subiu. Acho que Mike ainda resmungava algo sobre uma revanche de queda de braço, mas eu mal podia ouvi-lo acima das batidas do meu coração. Os dedos de David estavam firmes em meu corpo, segurando forte o bastante para não me deixar escorregar, cair e quebrar o pescoço. Ele não sabia, mas minha pele estava em chamas em reação ao seu toque. Engoli em seco quando ele reposicionou as mãos para me segurar melhor.

– Não se preocupe, estou segurando você – disse, interpretando errado a

origem do meu pânico.

Na pele exposta na base da minha coluna, senti o calor de seu hálito. Eu me estiquei ainda mais, ansiosa para terminar com aquilo, mas ao mesmo tempo desejando que continuasse para sempre. Percebi vagamente que Mike se levantou para ligar a chaleira elétrica e, embora ele continuasse ali, de repente era como se David e eu estivéssemos a sós. As mãos dele tinham se deslocado para minhas costelas, então eu sabia que ele devia ter sentido a mudança na minha respiração.

Eu estava espetando as tachas no gesso em movimentos frenéticos, prendendo os últimos fios de poliéster, quando detectei uma mudança quase imperceptível na maneira de David me segurar. As mãos que me sustentavam haviam relaxado, e as pontas de seus dedos pressionavam de leve minhas costas bronzeadas, como se estivessem marcando que haviam estado ali. Ofeguei e arrisquei olhar para baixo, então descobri os olhos de David fixos no meu rosto e com uma expressão indecifrável.

– Ei, ficou ótimo! – elogiou Mike, voltando para seu lugar com uma xícara de café. – Realmente misterioso.

– Não ficou? – replicou David, soltando meu corpo e tomando as minhas mãos para me apoiar, enquanto eu descia os degraus muito mais depressa do que deveria.

~

Horas depois, enquanto me aprontava para a festa, eu ainda não havia conseguido tirar da cabeça o que acontecera na escada. Nem decidir se tinha mesmo acontecido. Ao longo dos últimos dois meses, nada daquele tipo ocorrera e, considerando-se quanto David e Ally se amavam, parecia muito mais provável que a coisa toda fosse apenas fruto da minha imaginação.

Parei em frente ao espelho para examinar minha roupa. Eu me decidira por um look inspirado em Bram Stoker. Escolhera um vestido branco, fluido e transparente para servir de mortalha, torcendo para que ficasse óbvio que eu era uma vampira recém-criada. Prendi com cuidado meu cabelo num coque frouxo, no alto da cabeça, para expor as duas pequenas marcas vermelhas de perfuração que eu pintara no pescoço. Maquiara o rosto com um pó alguns tons mais claros

que minha pele e, nas pálpebras, misturara cinza-escuro e preto. Não passei batom, para a boca parecer pálida. Fiquei satisfeita com o efeito geral; eu parecia mesmo morta. Isto é, exceto pelo coração acelerado e o sobe e desce dos meus seios pressionando o tecido fino que mal os cobria.

Alguém bateu à porta e chamou meu nome. Meu peito se inflou como uma onda prestes a quebrar quando me dirigi à porta.

– Uau! Você está incrível – disse David.

Seus olhos fitaram meu rosto e pescoço; tenho certeza de que Mike teria focado um pouco mais abaixo. David vestia um terno listrado preto e branco facilmente identificável e extremamente chamativo.

– Ah, você não vai se fantasiar? – perguntei, com ar inocente.

– Mas eu estou de... Ha, ha. Muito engraçada. Preciso de ajuda.

– O que quer que eu faça? Que diga seu nome três vezes?

– Estou morrendo de rir – disse ele, com um sorrisinho. – Pode me dar uma ajuda com a maquiagem? E, acredite, jamais imaginei que um dia eu falaria isso.

Ele me entregou uma bolsinha que devia ter vindo junto com sua fantasia. Olhei dentro dela: base branca, sombra preta e um pouco de verde para parecer limo na pele, nada muito difícil.

– Posso, sim... – comecei, um pouco hesitante. – Mas não prefere pedir a Ally?

– Teria pedido, mas ela mandou uma mensagem dizendo que não pôde sair ainda e que vai se atrasar. E não tenho ideia de como fazer isso. Sem a maquiagem, sou só um idiota num terno listrado esquisito.

Sorri e abri um pouco mais a porta do quarto.

– Então entre.

O que ele pediu de mim foi um desafio tão grande quanto imaginei. Até ali, ia tudo muito bem, eu dizendo a mim mesma que mantivesse distância, lembrando meus limites, mantendo as coisas na base da amizade. Mas tê-lo sentado na beirada da minha cama com as pernas afastadas para que eu pudesse ficar mais perto do seu rosto era algo bem próximo de tortura. Afastei o cabelo de sua testa antes de começar e tive a mesma sensação de que me lembrava: espesso e maleável. Perguntei-me se ele tinha alguma recordação de meus dedos mergulhando em seu cabelo enquanto nos beijávamos na neve. Eu achava que não.

Com muito cuidado, espalhei a base branca em sua pele. Meus dedos tremiam e eu torcia para que ele não percebesse. Seus olhos fitaram meu rosto o tempo todo, e foi um alívio quando ele teve de fechá-los para que eu pintasse os círculos negros. David era inteligente demais, observador demais, e eu sabia que minha guarda seria baixa demais para detê-lo se ele quisesse vencê-la.

Cheguei um pouco mais perto e meus joelhos esbarraram na borda do colchão quando comecei a aplicar com batidinhas a sombra verde no contorno de sua boca. A distância entre nós era tão pequena que eu podia sentir sua respiração entre meus seios. Notei o momento em que sua respiração mudou e pude identificar quando se acelerou. Foi então que soube que ele não era imune à minha presença. Meu coração saltava enquanto eu continuava a dar leves toques de cor em seus lábios.

– Charlotte... – começou ele.

– Não fale – instruí.

Ele ficou calado por não mais que um ou dois segundos.

– Charlotte, eu preciso...

Mais uma vez eu o interrompi, sabendo que era preciso.

– Sério, David. Não fale. Não agora. Nunca.

Seus olhos queimaram dentro dos meus. *Por quê?*, eles perguntaram.

Você sabe por quê, os meus responderam.

Mas...

Balancei a cabeça com tristeza. *Por favor, não. Não vamos falar sobre isso nunca mais.*

Ele assentiu, mas uma tristeza persistiu em seu olhar. A conversa se encerrou sem que nenhum dos dois dissesse uma só palavra.

Dez minutos depois, dei alguns passos para trás a fim de deixá-lo estudar seu reflexo no espelho. Ele assentiu, satisfeito. Eu também estava contente com meu trabalho, e ainda mais com meu autocontrole. Eu não sabia quão longe as coisas poderiam ter ido se tivéssemos permitido, mas me senti orgulhosa por termos nos dado conta de que nunca poderíamos deixar que aquilo acontecesse.

Seguimos juntos até a porta do quarto, David dizendo algo sobre ir buscar sua peruca, enquanto eu pretendia descer a escada para ver se os rapazes já haviam selecionado as músicas. Abrimos a porta e então congelamos, porque nos deparamos com Ally. Ela carregava seu casaco, uma quantidade imensa de

sacolas e a caixa do trompete, que parecia acompanhá-la por toda parte. Diversas sacolas escorregaram de seus dedos, produzindo uma série de sons, como uma percussão, ao caírem no carpete.

Sua estupefação ao nos ver sair juntos do meu quarto ficou clara, ainda que sua roupa ajudasse a disfarçá-la. Na cabeça, ela usava um chapéu de bruxa preto, desses vendidos em supermercados, e seu belo rosto fora parcialmente oculto pelos longos fios rebeldes de náilon verde presos na aba. Os olhos estavam em grande parte escondidos atrás de um conjunto louco de óculos plásticos presos a um grande nariz adunco com uma verruga tenebrosa.

Não pude evitar. Ela estava tão engraçada que não consegui conter uma risada, provavelmente a coisa mais imprópria do mundo naquele momento. Ally arrancou os óculos e os atirou com raiva no chão, entre as sacolas espalhadas. Ela não disse nada, não deu uma só palavra, limitando-se a olhar para nós dois pelo que pareceu uma eternidade, criando sua própria história a partir do que acreditava ter testemunhado.

– Ally, não... – começou David, afastando-se de mim e indo até ela.

Sempre até ela, pensei. Ele estendeu a mão, mas ela a afastou, seus olhos ainda indo dele para mim e vice-versa.

– Charlotte estava só me ajudando com minha fantasia – explicou ele.

– *Sério*? – retrucou ela, com um tom amargo, enquanto se abaixava para pegar suas sacolas com uma expressão tão magoada que nem mesmo a longa peruca verde poderia esconder.

– Não seja ridícula – disse David, tentando tirar as sacolas de seus dedos rígidos. – Precisava de alguém para pintar meu rosto. E você disse que ia se atrasar.

Ah não, pensei, percebendo o erro dele. *Não faça parecer que a culpa é dela.*

– Sim. Dei uma desculpa e escapei da última hora de ensaio. Pensei em fazer uma surpresa.

Ela se virou e lançou um olhar rápido em minha direção.

– Mas acho que fui *eu* quem acabou surpreendida.

Era uma boa fala para sair de cena, eu tinha que admitir. Ela se virou e escancarou a porta do quarto de David, desaparecendo lá dentro.

David me lançou um último olhar de desamparo antes de segui-la, fechando a porta atrás de si. Suas palavras eram um rumor baixo e indistinto através da

porta, mas a resposta mordaz de Ally chegou bem clara ao corredor:

– Isso não tem *nada* a ver com aquela vez com Max, e você sabe disso.

A festa de Halloween foi um desastre. Mesmo sem aquele mal-entendido desagradável com David e Ally no corredor, a noite foi um fracasso total. Não que eu pudesse culpar a festa pela ressaca que tive no dia seguinte. Isso foi minha total responsabilidade.

Não me demorei na escada depois que David e Ally desapareceram no quarto dele. Mesmo assim, não era difícil ouvir suas vozes alteradas através das paredes finas. Corri para a sala, onde Pete estava ocupado, enchendo um balde d'água com maçãs vermelhas e brilhantes. Ele ergueu os olhos quando cheguei e deu um sorriso largo que deslocou suas presas de plástico. Gritos abafados chegavam até nós, e Pete e eu olhamos para cima, como se o roteiro da discussão estivesse escrito no gesso.

– *De novo*? – perguntou Pete, antes de voltar a atenção para os preparativos do Desafio da Maçã. – O que será *desta* vez?

Dei de ombros. Não tinha a menor intenção de contar a ele – nem a ninguém – que daquela vez eu sabia o motivo do desentendimento entre nosso colega e a namorada. Era eu.

– Pronto. Acho que está bom – declarou Pete, posicionando o balde sobre uma toalha dobrada várias vezes.

Eu me curvei e examinei o balde de metal.

– Não foi neste balde que Mike vomitou na semana passada?

Pete olhou para mim um tanto envergonhado.

– Recomendo pular o Desafio da Maçã – aconselhou.

A casa estava lotada, e eu não reconhecia quase ninguém na multidão. David e Ally acabaram descendo e, de uma distância segura do outro lado da sala, pareceu-me que eles haviam acertado suas diferenças ou feito uma trégua. De um modo ou de outro, achei melhor ficar longe e deixar a poeira baixar um

pouco mais.

A cozinha era um mar de garrafas, e o piso, uma horrível poça grudenta de cerveja derramada e outras substâncias que eu provavelmente não gostaria de descobrir quais eram.

– Olho de vodca? – ofereceu Mike, levando uma bandeja de copinhos em que pequenos e repulsivos doces de gelatina balançavam dentro da bebida.

Peguei um e deixei seu conteúdo deslizar para dentro da boca. Senti o olhar sugestivo de Mike quando passei a língua nos lábios. Sua persistência era admirável. E, embora eu tivesse a intenção de beber muito mais do que devia, não havia gelatina nem vodca suficientes no mundo que pudessem me deixar *tão* burra. Entretanto, por insistência dele, peguei mais dois copinhos "como saideira".

A música estava alta e, com as portas da frente e dos fundos abertas para não ficar abafado, eu esperava que um dos rapazes tivesse se lembrado de avisar os vizinhos de que íamos dar uma festa. Ou melhor, de convidá-los. Olhei através da névoa produzida pela máquina de gelo-seco que Pete insistira em alugar, mas não vi nenhum de nossos vizinhos mais velhos em meio à aglomeração. Ri comigo mesma diante da ideia.

– Rindo de quê, linda?

Ergui os olhos para o rapaz alto de cabelo louro longo e desgrenhado que estava com um grupo de amigos perto da porta.

Percebi na mesma hora que eram penetras. Para começar, todos pareciam velhos demais para serem estudantes e, pelos comentários que pude escutar, suspeitei que nenhum deles algum dia fora universitário.

Estremeci ao notar ecos da minha mãe em meu pensamento arrogante. Talvez o que aconteceu em seguida tenha sido minha forma de compensar com exagero aquele pensamento, ou talvez eu estivesse destinada a fazer uma bobagem aquela noite. Não sei. Só sei que quando o cara louro agarrou minha mão e me arrastou para o centro da sala, dizendo "Vamos, dance comigo", eu não fiz o que qualquer pessoa sã no mundo teria feito, que era dizer "não".

Ele me apertou demais contra seu corpo, tanto que o zíper de sua jaqueta de couro deixou marcas em meus seios. Devia ter me afastado dele depois daquela primeira dança. Devia ter fugido do cheiro de nicotina misturado com bebida em seu hálito. Não sabia seu nome, e ele não se deu ao trabalho de perguntar o meu.

Senti a mão dele deslizar para cima e para baixo em minhas costas, descendo cada vez mais, até que ele praticamente agarrou minha bunda.

– Você é bem magrinha, hein? – disse ele, e supus que essa fosse sua ideia de cantada. – Mas não em todos os lugares – concluiu ele com um olhar malicioso, espiando meu decote.

Ok, agora chega, pensei. Entretanto, justo quando ia fugir dele, dei uma olhada para a esquerda e vi que, do outro lado da sala, David me encarava. Não fazia ideia de onde Ally estava, o que era bom, pois no rosto de seu namorado, havia uma expressão intensa o suficiente para reacender a discussão anterior.

Prefiro acreditar que foi a bebida que me fez agir de forma tão burra e descuidada. Caso contrário, teria que admitir algumas falhas de caráter bastante graves. Sem parar para pensar nas minhas ações, levantei a cabeça para meu parceiro de dança um tanto grosseiro. Ele não me deu chance de retirar o convite implícito. Sua boca encontrou a minha como se estivesse tentando me devorar, os lábios quentes e a língua invasiva. *Está vendo isso?*, gritou meu cérebro estúpido e movido pelo álcool. *Está vendo como já esqueci você?*

A certa altura, nem meu desejo de mostrar a David que não havia nada entre mim e ele foi capaz de me fazer continuar beijando aquele estranho. Recuei com força, louca para limpar a desagradável saliva dele dos meus lábios. Olhei para onde David estivera, mas não havia ninguém lá. Provavelmente ele nem vira minha exibição infantil.

– Volte aqui – grunhiu o sujeito de jaqueta de couro, tomando um grande gole de sua garrafa de cerveja, talvez para se preparar para a segunda rodada. Que não iria acontecer.

Resisti quando ele tentou me puxar de volta.

– Não – falei com firmeza, de súbito me sentindo sóbria e muito envergonhada.

– É mesmo? – retrucou ele com a voz arrastada, oscilando um pouco. – Pois eu digo que *sim*.

Ele estendeu o braço para me alcançar, mas dei um passo para o lado e ele cambaleou antes que pudesse me atacar.

– Você sabia muito bem o que estava fazendo – disse ele, cuspindo com raiva em meu rosto.

Acho que ele estava determinado a compartilhar sua saliva comigo, de um

jeito ou de outro.

– Você dá corda e depois cai fora, é?

Não me dei ao trabalho de responder. Apenas me virei e abri caminho em meio às pessoas, o mais rápido que pude, rumo à cozinha.

– Está tudo bem? – perguntou Andrew, que assistira ao fim do horrível episódio.

Fiz uma careta.

– Só uns babacas de fora – respondi. – Acho que não foram convidados.

– Vou ficar de olho neles – garantiu.

Fiquei ali só o tempo de pegar uma lata de refrigerante da bancada da cozinha e sair para o jardim dos fundos. Fazia frio, meu vestido era fino e talvez alguém até o interpretasse como um convite, considerando-me uma presa fácil, mas nada ia me fazer voltar para dentro da casa antes de me acalmar.

Eu ainda estava sentada no desconfortável banco de madeira quando ouvi o som de vidro se quebrando dentro da casa, seguido de gritos altos. Levantei a cabeça como uma criatura da floresta farejando perigo. Mais gritos raivosos e o baque de algo pesado desabando no chão. Eu me levantei, contente de descobrir que o ar frio da noite tinha despertado minha mente. Alguém saiu correndo pela porta dos fundos, e demorei um momento ou dois para me dar conta de que era Pete. Ele correu pelo gramado, cobrindo a pequena distância até onde eu estava.

– Charlotte, sabe onde David está?

Voltei para minha postura defensiva.

– Não. Por que está me perguntando? Não falei com ele a noite inteira.

Qualquer que fosse o drama que se desenrolava dentro da casa, Pete ainda fez uma pausa para me olhar de um jeito estranho. Passos pesados se aproximaram pelo caminho de cascalho e Mike se juntou a nós na escuridão.

– Não estou encontrando David – avisou Pete.

– Nem adianta procurar. Ele e Ally saíram faz algum tempo. Vão passar a noite na casa dela.

Senti um aperto esquisito onde um dia meu coração tinha estado.

– Por que estão procurando por ele? – perguntei aos dois, que já se viravam em direção à casa.

– Queríamos um reforço muscular, só isso. Tem um grupo de penetras perdendo a linha. Acho que está na hora de mostrar a saída a eles.

Na manhã seguinte, examinei a sala. Duas cadeiras quebradas, assim como uma vidraça e uma porta interna. O balde tinha virado, e a água empoçara no chão de madeira agora decorado aqui e ali com maçãs vermelhas pisoteadas. Praticamente todos os móveis tinham marcas de copos, que poderiam ou não sair, e as diversas queimaduras de cigarro nas almofadas do sofá sem dúvida ficariam nelas para sempre.

– Lá se vai nosso seguro – falei com tristeza a Pete, que arrastava um enorme saco de lixo cheio de garrafas.

– Mas foi uma festa e tanto! – exclamou ele. – Que noite!

Charlotte

– É – falei para David, cujos olhos tinham se fechado, mostrando uma rede de veias azuis nas pálpebras que eu jurava que não eram visíveis antes. – A festa de Halloween foi realmente uma noite e tanto – concordei, ecoando suas palavras.

Inclinei-me e beijei-o de leve no rosto.

– Por que não tenta dormir um pouco agora?

Entrelacei meus dedos nos dele, para que mesmo nos sonhos ele soubesse que eu continuava ali. – Estarei bem aqui quando você acordar – prometi.

Seu sorriso, como tudo nele, estava fraco, mas ele fechou os olhos como pedi.

Ally

Entrei na sala de espera e fechei a porta com firmeza, para deixar do lado de fora as lembranças que tinham me seguido como fantasmas pelo corredor do hospital. Eu não esperava ter aquela reação visceral ao ver David tão doente. Fiquei chocada ao constatar que ele ainda podia me afetar daquele jeito, tantos anos depois. E também senti raiva.

Eu não queria que nada me distraísse da saúde do *meu* marido. Era um medo irracional, mas eu sentia que se o destino, Deus ou mesmo a equipe médica do hospital desconfiasse que eu não estava totalmente focada em Joe, seria ele a pagar o preço. Se apenas *um* homem pudesse sobreviver àquela noite, *tinha* que ser Joe.

Eu estava tão acostumada a reprimir qualquer pensamento sobre David que, agora que eles tinham encontrado uma fresta por onde se esgueirar, eu lutava para bater a porta na cara deles. E não eram as recordações *ruins* que eu temia; com essas eu sabia lidar. Eu me lembrava muito bem do nosso rompimento, de como tudo o que havíamos sentido um pelo outro implodira como uma estrela ao morrer, deixando-nos sem nada além de um enorme buraco negro onde nossos sentimentos haviam estado um dia. O que mais me assustava era que estava ficando de repente muito mais difícil me lembrar por que eu *odiava* David e muito mais fácil recordar por que eu o amara.

Respirei fundo para me acalmar e deixei a mente vagar para oito anos antes.

Ally – Oito anos antes

A festa de Halloween não fora o começo de tudo, embora por muito tempo eu tenha acreditado que tivesse sido o catalisador. Mais tarde, porém, eu me dei conta de que todas as pistas surgiram muito antes; eu é que estava cega demais para enxergá-las. E, nessa análise tardia, muitas recordações perderam seu charme.

À medida que nos aproximávamos do outono, tornava-se mais difícil forçar um sorriso cada vez que eu chegava à casa de David e encontrava Charlotte e os rapazes imersos em algum jogo violento do PlayStation ou assistindo a algum DVD sangrento. Charlotte passara a vida se mudando de um lugar para outro e dominava com perfeição a arte de se enturmar. Ela era como um camaleão e se encaixava no grupo de amigos de David de um jeito que eu nunca conseguira. No entanto, por mais que eu admirasse sua habilidade, no fim das contas o que se pode dizer de um camaleão, exceto que é um lagarto habilidoso?

Não sei dizer quando minha vaga inquietação sobre sua crescente intimidade com David se transformou em suspeita real. Não foi algo específico, mas uma

série de pequenos acontecimentos. Quase desde o início eu ficara desconfortável ao ver seus itens de higiene pessoal ao lado dos dele na prateleira do banheiro, como se estivessem no lugar que lhes cabia. O sabonete dela encostava no dele; o aparelho de depilação rosa-choque dela repousava sobre o barbeador dele na borda da pia; as cerdas de suas escovas de dentes se tocavam no vidro da prateleira.

– *Como é que é?* Você está com ciúme da *escova de dentes* da Charlotte? – A voz de Max destilava sarcasmo.

– Não é isso. Bem, é só que ela está ali no banheiro, acho.

– Você preferia que ela *não* escovasse os dentes?

– Não seja ridículo – falei ao telefone, percebendo que meu velho amigo provavelmente guardaria cada um de meus comentários idiotas para zombar de mim por anos a fio.

– Porque isso com certeza impediria que David se interessasse por ela – declarou Max, empolgando-se com o assunto. – Ninguém quer uma garota com mau hálito. E se você roubasse a escova, o sabonete e o aparelho de depilação dela? Fedorenta, cabeluda e com mau hálito. Isso deve dar um jeito.

– Você não está ajudando em nada, Max – ralhei.

– Hum, talvez porque você não esteja falando coisas razoáveis, querida?

– E, para sua informação, eu nunca disse que David estava *interessado* nela... não desse jeito. Não sei de onde você tirou isso.

– Deve ter sido de você mesma, desses seus pensamentos impuros sobre o barbeador dela – disse Max com uma risada.

Sem querer eu ri, depois suspirei.

– É que ela está... está... *em todos os lugares*.

– Bom, lamento ser eu a lhe dar essa notícia, querida, mas ela *mora* lá.

– Eu sei.

– Pensei que você tivesse dito que um dos outros rapazes da casa estava interessado nela, não disse?

– Está, mas ela nem dá bola.

– Nem David. Ele é louco por você, lembra?

– Eu sei. É que temos discutido por besteiras ultimamente.

– Ally, você e David *sempre* discutiram por besteira.

Max tinha razão. A disputa verbal sempre tinha estado ali e, perdendo,

ganhando ou empatando, sempre tínhamos resolvido nossas diferenças nos braços um do outro, ou melhor, debaixo do edredom.

Às vezes eu achava que éramos ambos culpados de instigar as brigas, só porque fazer as pazes valia *muito* a pena. No entanto, nos últimos meses eu notara um tom mais ácido em nossos desentendimentos. Talvez muito disso fosse minha culpa. Faltando menos de dois períodos para as provas finais, eu estava sob muita pressão. Além disso, assumira mais responsabilidades com o Departamento de Música, o que me deixara com ainda menos tempo para David. E andava muito cansada.

– E você sabe – continuei – que a boa e velha "Charlie" vai estar pronta para oferecer um ombro amigo sempre que eu não estiver por perto.

– Bom, para ser justo, Ally, você nem pode se opor a ele ter uma amiga do sexo oposto. Afinal, você tem *a mim*.

– Você é diferente, Max – argumentei.

– Que injustiça. Só porque jogo no outro time...

– Não por causa disso – interrompi, feliz por ele estar tão à vontade comigo agora que já até comentara alguns encontros que tivera. – A diferença é que você e eu temos uma *história*, nos conhecemos a vida toda. Charlotte conhece David há exatamente cinco minutos. Como eles podem dizer que têm algum tipo de ligação? São quase estranhos.

Para estranhos, porém, eu tinha de admitir que eles pareciam se dar muito bem. Estava claro que ela era mais íntima dele do que de qualquer um dos outros rapazes da casa. Algo que David negava – quase com um pouco de veemência demais – sempre que eu mencionava o assunto.

"Charlotte é como um dos rapazes. Ela se dá bem com todo mundo da casa", David dissera um dia. Estávamos deitados na cama dele em uma manhã de sábado e, pela primeira vez, tínhamos a casa só para nós. "É que ela parece se dar *especialmente bem* com você", eu ressaltara. David virara as costas para mim e pousara a caneca na mesa de cabeceira. "Deixe de bobagem. Charlotte não tem muitos amigos; é normal que passe mais tempo conosco. E nossos cursos não têm tantas aulas presenciais, então ela e eu temos sido praticamente forçados a ficar na companhia um do outro em casa."

Eu não fizera mais comentários, porque aquela conversa poderia virar uma discussão. No entanto, mesmo quando aceitei o convite de seus braços abertos e

ele puxou meu corpo nu sobre o dele, não consegui afastar a leve e persistente preocupação que havia se alojado em meu subconsciente.

CAPÍTULO 7

Ally

O toque do celular me trouxe de volta do passado. Tirei o aparelho do bolso e vi a palavra CASA na tela. Atendi de imediato, a preocupação com meu filho ignorando qualquer regra hospitalar sobre uso de celulares.

– Alô.

A voz amistosa da minha vizinha respondeu com as palavras certas:

– Estamos todos bem por aqui, Ally. Não precisa entrar em pânico.

Como ela *conseguia*? Como sabia que eu estava tão desesperada que qualquer coisinha era uma catástrofe em potencial?

– Jake só queria falar com você antes de ir para a cama – disse ela, então sua voz baixou para pouco mais que um sussurro: – Ele ficou um tanto aborrecido ainda há pouco. Achei que um boa-noite pudesse ajudar.

– É claro. Pode colocá-lo na linha, Alice?

– Sim, sim. Ele está bem aqui. E você, como está, Ally? Alguma mudança por aí?

Fechei os olhos e uma imagem de Joe em seu quarto de hospital se formou como um holograma em minha retina.

– Nada ainda. Mas estou mantendo as esperanças – respondi, tentando passar mais confiança do que sentia de fato.

– Com certeza, minha querida. É tudo que podemos fazer. Vou passar para o Jakey.

– Olá, rapazinho! Tudo bem? Já é muuuuito tarde para você estar acordado.

– Oi, mamãe! O papai melhorou? Ele está com você? Posso falar com ele?

Só de ouvir sua vozinha, eu quase desabei. O mesmo amor que ligava aquele menino a nós se enroscou em torno do meu pescoço como uma corrente, estrangulando as palavras enquanto eu tentava responder. Engoli em seco. Jake

tinha 7 anos, mas não era bobo. Se me ouvisse chorar, entenderia como a situação era grave.

– Papai ficou no quarto dele, querido. Está dormindo.

– Mas o papai não dorme cedo assim – desafiou Jake, e em seguida baixou a voz ao me confidenciar um segredo: – Acho que Alice e Stan não sabem a hora certa de dormir, mãe, porque eles me deixaram ficar acordado até muito mais tarde do que você deixa.

Eu sorri e torci para que isso transparecesse em minha voz, em vez das lágrimas silenciosas que escorriam pelo meu rosto enquanto eu falava com a criaturinha que era dona da maior parte do meu coração.

– Bem, só por hoje não tem problema. Mas agora você precisa mesmo ir para a cama.

– Você pode acordar o papai para eu dar boa-noite a ele?

Minha mão foi até o pescoço, como se quisesse impedir que o choro escapasse.

– Acho que papai precisa descansar mais um pouco. Vamos combinar uma coisa: assim que ele acordar, eu digo que você ligou. O que acha?

– Está bem – respondeu ele.

Contudo, notei a mudança em sua voz. Mães sempre percebem. Mesmo a quilômetros de distância, através de uma linha telefônica barulhenta, elas percebem.

– O que foi, Jakey? Qual é o problema?

– Quero que o papai e você venham para casa. Eu gosto da Alice e do Stan, mas eles estão fazendo tudo *errado*.

Senti uma impotência esmagadora. Meu filho precisava de mim e me pedia para estar ao seu lado, mas a outra extremidade dessa mesma corda se encontrava amarrada à cama de hospital do meu marido. Era uma escolha impossível: eu tinha que estar com os dois e ambos precisavam de mim.

– Conte para a mamãe o que houve, querido.

A voz de Jake se transformou em uma tentativa de sussurro que eu sabia que seria ouvido por Alice:

– Stan pôs a pasta de dente na minha escova, mas depois que escovei os dentes... ele não olhou a minha boca. Não como papai faz.

Era um dos muitos pequeninos rituais que Joe e Jake partilhavam. Joe

sempre assumira o papel de líder na hora de dormir. Nem mesmo *eu* seria capaz de substituí-lo, e certamente nosso bem-intencionado vizinho não tinha a menor chance. Fechei a mão, as unhas enterrando-se nas palmas enquanto eu tentava me lembrar das palavras de Joe.

– Ok, abra bem a boca – ordenei. – Vamos ver como você se saiu.

Em algum lugar em casa, eu sabia que meu filho de 7 anos abria a boca diante do telefone.

– Ótimo. Tudo certo. Nada de cáries por aqui. Muito bem, meu garoto.

Jake ficou em silêncio por um momento.

– Você não é tão boa nisso quanto papai – declarou ele de forma solene. – E você não bateu a mão na minha.

– Desculpe, querido. Prometo que vou melhorar da próxima vez... até papai poder assumir de novo.

Minha resposta o satisfez o suficiente para que ele fosse para a cama e adormecesse com esperanças em um amanhã melhor. Eu o invejei por isso, de verdade.

Inquieta demais para ficar na sala de espera, que começava a parecer mais e mais com uma cela de prisão, segui pelo corredor na direção do quarto de Joe. O cubículo envidraçado estava tão apinhado de médicos que era quase impossível ver a cama, muito menos Joe. Estiquei o pescoço, procurando a enfermeira gentil que mais cedo me deixara ficar com ele. Avistei-a no canto oposto à porta e aguardei, esperançosa e aflita, que ela olhasse para mim. Ela compreendeu a pergunta no meu rosto e balançou a cabeça pesarosamente. Eu não podia entrar.

Eu tinha que admitir: Joe parecia ser o centro das atenções da equipe médica – o que eu não saberia dizer se era bom ou ruim. As chances de cura aumentavam proporcionalmente à quantidade de médicos? Ou será que um paciente mais grave exigia um número maior de pessoas para cuidar dele? Eram equações impossíveis de racionalizar. Empurrei as portas de vaivém que levavam ao corredor, sentei-me no degrau mais alto da escada revestida de linóleo e suspirei. Não era preciso ser matemático para deduzir que as chances de Joe não eram boas.

Enterrei a cabeça nos joelhos, tentando não pensar em nada exceto em como era refrescante sentir a corrente de ar que vinha da escada depois de passar tanto tempo no calor da enfermaria. No entanto, a brisa não era a única coisa que vinha lá de baixo. As primeiras notas mal eram audíveis, mas talvez meus ouvidos fossem mais apurados que os da maioria das pessoas. Melodias misturando-se ao cheiro de antisséptico de repente me fizeram lembrar do CD de música clássica que eu insistira que tocassem na sala de parto na noite em que Jake nasceu. Eu estava determinada a fazer com que a primeira coisa que o bebê ouvisse ao chegar ao mundo fosse música. Mas, na realidade, nada podia ser ouvido acima das minhas lágrimas de felicidade e alívio ou da exclamação maravilhada de Joe de "É um menino!".

Como um canto de sereia, a música fez com que eu me erguesse. Desci meia dúzia de degraus e então parei, ouvindo o doce som de um coro que cantava músicas de Natal em uma enfermaria mais abaixo. Não percebi que segurava o corrimão com tanta força até notar os nós dos dedos brancos. "Noite feliz". De todas as canções natalinas que podiam estar tocando, qual era a chance de ser aquela? Naquela noite, em que o acaso tecia um tapete vivo usando os fios de nossas vidas, eu me perguntei por que isso me surpreendera.

Ally – Oito anos antes

Apanhei o maço de partituras musicais e comecei a folheá-las rapidamente.

– Ally, relaxe – pediu David, do outro lado de minha pequena mesa de jantar.

– Não consigo – repliquei. – Só preciso verificar a sequência mais uma vez.

A mão dele correu sobre o tampo de vidro e pousou na minha.

– Você já verificou isso quatro vezes. Já fez tudo que podia. Passou as últimas seis semanas trabalhando nesse concerto. Vai dar tudo certo. Se continuar assim, vai ficar doente. Você mal tocou na comida – observou ele, indicando com a cabeça o prato com duas costeletas de porco que eu não conseguira encarar.

Na verdade, só de vê-las naquele molho já frio, com gordura boiando, eu me sentia enjoada.

Apanhei nossos pratos e os coloquei na pia.

– Eu sei que você acha que estou sendo idiota, mas organizar esse concerto é uma responsabilidade *imensa*. Tudo tem que estar perfeito.

Faltavam menos de 24 horas, e eu já estava uma pilha de nervos.

– Se eu soubesse o trabalho que daria, jamais teria concordado em participar – confessei.

– Teria, sim – contradisse-me David, aproximando-se por trás de mim na pia e envolvendo minha cintura com os braços. – Você não teria recusado quando a chamaram.

– Talvez não – admiti com sinceridade. – Mas mal tivemos uma noite para a gente desde que aceitei.

David deu de ombros, como se isso não fosse importante. Eu não tinha tanta certeza. Desde a festa de Halloween, vínhamos andando em uma precária corda bamba, os dois tentando não balançar um barco que já se chocara com um iceberg. Só não tínhamos reconhecido isso ainda.

Suspirei e me recostei em seu corpo firme como rocha, fechando os olhos e me dando conta de que estava tão exausta que poderia ter adormecido ali mesmo. Eu ia ter que cavar bem fundo para encontrar energia para sobreviver à noite seguinte. Havia folhetos espalhados por todo o campus anunciando o Show Filarmônico de Natal, à meia-noite, e todas as vezes que eu via um deles sentia um arrepio de nervosismo. Talvez David não devesse passar a noite ali, pensei, porque, se eu não descansasse, havia uma boa chance de cochilar no palco antes dos acordes de abertura da primeira canção.

– Só preciso fazer umas últimas mudanças na parte das cordas de “Noite feliz” – garanti a David, enquanto jogava os restos do meu prato na lixeira.

Senti um desconforto no estômago quando o cheiro da carne de porco subiu do cesto de lixo. Fechei a tampa às pressas. Meu Deus, eu *não* podia ficar doente antes da apresentação. Simplesmente não podia.

– Você ainda pretende me encontrar nos bastidores antes do concerto? – perguntei. – Porque você *poderia* ir mais cedo e ouvir os ensaios.

David tentou disfarçar a expressão em seus olhos antes que eu a notasse. Tarde demais. Eu a havia registrado, e era a mesma que eu teria exibido se me pedissem que assistisse a uma partida de rúgbi.

– Acho que um concerto por noite é suficiente para mim – esquivou-se, puxando-me para os seus braços.

– Talvez eu devesse ficar feliz por você pelo menos ir – falei, repreendendo-me em silêncio na mesma hora pelo tom rabugento.

É isso que o estresse faz com você, pensei. E não era a primeira vez que eu falava em tom irritado com ele nos últimos dias.

– É claro que vou. É sua grande noite. Espero que você tenha reservado um lugar na primeira fileira, de frente para o palco, para o seu namorado musicalmente incompetente.

– Claro que reservei, embora eu ache que nunca vou conseguir transformá-lo em um amante da música, não é? – acrescentei, um pouco desapontada.

David se inclinou para trás com um brilho familiar nos olhos.

– Vamos ter que aceitar o fato que sou um tipo diferente de amante – provocou, inclinando a cabeça para me beijar de uma forma que fazia meus joelhos fraquejarem.

Apertei os braços em torno de seu pescoço.

– Bis – murmurei.

E ele obedeceu.

~

O teste de som foi bem, o ensaio do coro correu às mil maravilhas e o salão do recital ficara lindo, com uma árvore de Natal posicionada a um lado do palco, piscando com luzes brancas. Então por que eu não conseguia me livrar da apreensão que pairava sobre a minha cabeça, como uma nuvem negra particular? Eu havia verificado e tornado a verificar tudo em minha lista mental de desastres potenciais para aquela noite. Ainda assim, à medida que as primeiras pessoas da plateia chegavam, eu podia sentir minha inquietação se multiplicar, como se ganhasse vida própria. Espiei por uma abertura na porta da coxia e esquadrinhei o auditório. David estava atrasado, e eu me esforçava para não ficar irritada. Ele ainda tinha tempo, mas corria o risco de chegar em cima da hora. Embora anunciado como um concerto à “meia-noite”, na verdade a previsão era de que começasse às onze, e eu imaginei se talvez algum amigo o teria convidado para ir a algum pub e ele perdera a noção do tempo.

Tirei o telefone da bolsa e verifiquei – mais uma vez – se havia mensagem dele. Hesitei por um momento, tentando decidir se daria tempo de ligar para ele

antes de o espetáculo começar. No entanto, nessa hora um dos membros do coro veio correndo até mim com uma dúvida sobre o solo deles, depois uma mulher me abordou em pânico porque não conseguia encontrar os chocalhos em lugar nenhum e, antes que eu me desse conta, não sobrara tempo para mais nada além de pegar meu trompete e me preparar para conduzir a procissão de artistas pela coxia. Só consegui enviar uma mensagem rápida antes de jogar o telefone no estojo vazio do trompete. *Cadê você?* Pareceu ríspido demais, então acrescentei três ícones de beijo e pressionei ENVIAR.

– É a nossa hora – disse o saxofonista, que ouvia junto à porta, à espera de nossa introdução.

Alisei minha camisa simples e a saia lápis preta e assumi meu lugar à frente da fila de músicos.

– Boa sorte, pessoal – desejei a todos e olhei para trás uma única vez, para o estojo do trompete, na esperança de que o toque do meu telefone indicasse que meu namorado estava a caminho.

A cadeira reservada para David era o único lugar vago de todo o auditório. Felizmente, como eu regia a apresentação (e ainda tocava em alguns trechos), não fiquei de frente para ela. Não tive que encarar o tempo todo a prova de que David me decepcionara. Ainda assim, enquanto passávamos de canções instrumentais tradicionais a músicas natalinas populares, eu sentia aquela ferroada às minhas costas. Todas as vezes que eu me voltava para a plateia para agradecer os aplausos ou apresentar o número seguinte, tinha a esperança de que em algum momento, desde a última vez em que eu olhara, aquele lugar tivesse sido ocupado. De que David estaria sentado lá, sorrindo, orgulhoso de como tudo ia bem ou articulando um silencioso pedido de desculpas pelo atraso. Porém, ao longo de toda a primeira metade do concerto, seu lugar permaneceu vazio.

A plateia ainda aplaudia e ovacionava, entusiasmada, quando deixamos o palco para um breve intervalo. Muitos membros da orquestra e do coro foram ao encontro de amigos e parentes, a maioria deles dirigindo-se às mesas de cavalete a um dos lados do salão, onde vinho e tortas de carne eram vendidos. Resisti à atração da bebida e segui direto para onde deixara meus pertences. Minha mão mergulhou, pegando o telefone, esperando ver ligações perdidas, mensagens de voz ou de texto explicando o não comparecimento de David. Não havia nada. Nem uma única palavra. Pela primeira vez desde o começo do concerto, deixei

de me sentir magoada e comecei a ficar preocupada. Ele *sabia* quanto aquela noite era importante para mim, quanto eu trabalhara para fazer dela um sucesso. Ele devia estar ali havia mais de uma hora. Então o que podia ter acontecido para impedi-lo?

O telefone dele tocou até cair na caixa de mensagens.

– Oi, David, é a Ally. Está tudo bem? Onde você está? Me ligue assim que ouvir isto – pedi e, depois de uma breve pausa, acrescentei: – Estou ficando preocupada.

Encerrei a ligação, mas mantive o telefone apertado com força na mão durante todo o intervalo, torcendo para que tocasse enquanto esperava, ansiosa, que David respondesse. Não houve resposta.

Não posso dizer que a ausência de David afetou o sucesso do concerto. Mas certamente o arruinou para mim. Nem mesmo o aplauso conjunto dos meus colegas músicos e do público entusiasmado quando fiz meu agradecimento solo conseguiu dissipar a sensação de pânico que só crescera durante a noite.

A última peça da apresentação fora “Noite feliz”, e conduzi o coro e os músicos com olhos que brilhavam com lágrimas de nostalgia. Essa canção sempre fora minha preferida. Fora a primeira que minha avó me ensinara a tocar no piano; todas as vezes que eu a executava, eu me sentia um pouquinho mais perto dela. Eu queria muito partilhar esse momento com David. Queria ter olhado para ele enquanto as notas finais soavam e ver amor e orgulho estampados em seu rosto. Eu queria que ele, por um único momento, entrasse em meu mundo e visse por que a música significava tanto para mim. Só que ele não estava lá.

Há sempre muito o que fazer no fim de um concerto. Trata-se de um momento sem glamour, quando o público vai embora, alguém liga as ofuscantes luzes da casa e você precisa se transformar de músico em assistente técnico, pois as estantes de partituras, os amplificadores e toda a parafernália do show têm de ser guardados em segurança. Fiquei de olho na porta enquanto trabalhava, ainda esperando ver David entrar correndo, as desculpas saindo atabalhoadas de sua boca. Eu até me vi pensando quanto tempo levaria para perdoá-lo se ele houvesse apenas esquecido da apresentação. Enrolei metros de fio dos amplificadores em bobinas, puxando bruscamente a cada giro e tentando reprimir tanto a raiva quanto o medo que tentavam me dominar.

Por fim, os últimos equipamentos foram guardados e, fora alguns retardatários, a maior parte dos membros da orquestra já tinha ido embora. David ia embora comigo depois do concerto; agora eu não sabia se deveria esperar por ele ou ir para casa, onde ele talvez estivesse à minha espera. Por que diabos ele não atendia o telefone? Será que tinha sofrido um acidente? Enquanto eu tocava meu trompete num palco, será que ele estava caído em alguma sarjeta, atropelado por um motorista bêbado? Uma vez que essa imagem surgiu em minha cabeça, era quase impossível arrancá-la.

– Desculpe, querida, preciso trancar agora.

Dei um pulo quando o zelador abriu as portas duplas do auditório.

– Ah, ok – concordei, levantando rápido e pegando o estojo do trompete.

Isso decidiu por mim. Eu iria primeiro para casa e, se David não estivesse lá, seguiria para a casa dele.

Elena e Ling tinham viajado e, como minha casa estava às escuras quando cheguei, não havia a menor chance de que David estivesse lá me esperando. Ainda assim, gritei “Olá, alguém em casa?” enquanto abria o trinco e deixava o trompete no hall. Provavelmente eu teria atravessado o teto com um pulo se alguém respondesse, de tão nervosa que estava. Eu nunca tivera medo de voltar para casa à noite sozinha, mas, desde o início do namoro, David insistia em me acompanhar, mesmo que não fosse dormir lá, dizendo que andar sozinha era um risco desnecessário. Acho que parte da sua apreensão devia ter me contaminado, porque eu me sentira aflita enquanto andava às pressas para casa pelas ruas silenciosas. Já passava da uma da manhã, e as ruas estavam desertas e sinistras, com uma névoa fantasmagórica ao longo do caminho.

Para não desafiar muito o destino numa só noite, liguei para a empresa de táxis cujo cartão encontrei preso com um alfinete no quadro de avisos da cozinha. Menos de dez minutos depois, eu já estava no banco traseiro de um carro que cheirava a antissépticos e balas de hortelã, dando o endereço de David ao motorista.

Quando nos aproximávamos de nosso destino, na última curva que levava à rua de David, inclinei-me para a frente no assento, preparando-me para orientar o motorista. Mas não havia necessidade. A casa estava iluminada como uma árvore de Natal. A luz refulgia de cada janela e se derramava pela porta da frente, que alguém largara escancarada. Por um breve segundo, aquela visão me

fez lembrar a festa de Halloween, mas o que quer que estivesse acontecendo entre aquelas paredes, não era uma festa.

Havia um carro da polícia estacionado junto ao meio-fio, suas luzes azuis iluminando o jardim de forma sinistra. Uma ambulância estacionara atrás dele.

– Opa. Alguma coisa aconteceu – comentou o motorista, a monotonia de seu turno subitamente suspensa por essa nova agitação. – O que pode ter sido? Bem, para que casa estamos indo?

Não respondi. O medo fechara minha garganta. O motorista olhou para o retrovisor e viu meu rosto. Sua expressão ficou séria na mesma hora.

– É para lá que você vai?

Assenti, meus olhos arregalados enquanto eu começava a lutar com a trava do cinto de segurança. O táxi parou atrás do veículo de emergência e eu enfiei uma cédula na mão do motorista e saltei. Enquanto eu corria na direção da porta da frente, escorreguei no gelo e quase caí várias vezes. Entrei em disparada, gritando:

– David! David, você está aí?

Um grito vindo da sala de estar foi a resposta. Abri a porta com tamanha violência que a maçaneta deixou uma marca no gesso da parede. Parei tão abruptamente que meu corpo oscilou enquanto tentava entender aquela cena. Meus olhos varreram o cômodo, processando os rostos de estranhos assim como daqueles que moravam ali, até eu encontrar o que procurava. David. Sentado no sofá, abraçando alguém que eu sem dúvida não aprovaria.

– David! – gritei, seu nome um misto de exclamação, pergunta e arquejo de alívio.

Ele se virou na minha direção e o mundo oscilou mais uma vez. Ele tentava gentilmente se soltar dos braços de Charlotte, apertados em torno dele, enquanto se punha de pé, seus olhos nos meus o tempo todo. Bem, um deles, porque o outro continuou quase fechado, inchado, com um hematoma que já arroxeava a maçã do rosto. Seu lábio também estava cortado, mas nada grave, só o suficiente para fazer meu nome sair um pouco arrastado.

– O que aconteceu? Você sofreu um acidente? – perguntei, meus pensamentos ainda voltados para motoristas bêbados investindo contra pedestres no escuro.

Então percebi que essa teoria não fazia o menor sentido. Pela primeira vez,

olhei para Charlotte e vi mais do que a garota pendurada em meu namorado como se sua vida dependesse disso. Vi o cabelo desgrenhado e os olhos inchados de choro e, à medida que meu olhar descia, notei o sangue coagulado nos nós de seus dedos.

Olhei para onde Andrew, Mike e Pete estavam parados, os rostos cinzentos, como gárgulas em choque. Andrew e Pete me encararam com uma expressão de solidariedade. Mike mantinha o olhar fixo em Charlotte, a fúria emanando dele em ondas quase palpáveis.

– Alguém pode me dizer, por favor, o que aconteceu?

– Charlotte foi atacada.

Charlotte – Oito anos antes

O mais idiota era que eu nunca ia ao supermercado sozinha, nunca ia sem o carro e nunca ia tarde. Mas naquela fatídica noite, fiz todas essas *três* coisas.

Num esforço atípico, eu passara horas estudando na biblioteca da universidade. O prazo de entrega de um trabalho se aproximava e eu precisava de muitos pontos para passar. A biblioteca estava quentinha, surpreendentemente confortável para estudar. *Quem poderia imaginar?* Continuei o trabalho enquanto as mesas e bancos à minha volta se esvaziavam, até que só havia um punhado de alunos trabalhando em silêncio envoltos em poças de luz vindas das luminárias de mesa.

Foi o persistente ronco do meu estômago que me tirou dos estudos. Olhei para o relógio na parede e fiquei surpresa ao ver que já passava das dez. Não era de admirar que a biblioteca estivesse quase deserta. Era uma noite de sexta-feira, a poucas semanas do feriado de Natal, e a maioria dos alunos devia estar se divertindo em comemorações de fim do ano em um dos muitos clubes ou bares da cidade. Fechei o notebook e o coloquei na bolsa junto com vários livros.

Na verdade, eu curtira bastante minhas horas de atividade acadêmica, o que foi perturbador, primeiro porque me levou a imaginar quanto mais eu poderia render se me esforçasse e, depois, porque me fez questionar se eu não estaria, de certa maneira, tentando ser mais parecida com Ally. Eu nunca fora o tipo de garota que pensaria em mudar só para fazer um homem gostar dela, e a ideia de

que pudesse estar fazendo isso agora, mesmo de forma inconsciente, era um tanto desconcertante.

O vento gelado, tão cruel quanto um corvo em pleno ataque, cortou, minha pele exposta quando saí do casulo quente da biblioteca. Puxei o zíper da jaqueta de couro até o final, mas, mesmo com o cachecol dando várias voltas no pescoço, o frio ainda era intenso. Bati os pés na calçada, lamentando por estar de botas de salto – elas podiam ficar ótimas com meu jeans skinny, mas de pouco serviam para manter meus pés quentes. Eu estava congelando, cansada, com fome e sem disposição nenhuma para atravessar o campus inteiro até o ponto de ônibus.

O que eu queria mesmo era me enroscar no sofá de casa, com um prato de alguma coisa com muito mais carboidratos do que seria recomendado. Aí lembrei que não havia nada na geladeira, exceto um pão mofado, um pedaço de queijo bolorento e um estoque de cerveja. Esse era um dos problemas de se morar numa casa cheia de homens: fazer compras nunca era prioridade para ninguém.

Havia um supermercado 24 horas não muito longe do campus, mas ir lá me levaria para o lado errado da cidade, em todos os sentidos. Tomei uma decisão rápida: dei meia-volta e segui por um estreito caminho que levava à saída do campus. Eu só tinha ido àquele mercado uma vez, e isso fora em plena luz do dia, mas tinha certeza de que conseguiria encontrar a pequena área industrial junto à ferrovia onde ele se localizava. Não ficava longe dali.

Esse foi o meu primeiro erro.

Eu caminhava rápido, a cabeça baixa para me proteger do vento, os saltos da bota ressoando como pequenos instrumentos de percussão nas pedras do calçamento. Cruzei uma passarela sobre a ferrovia e foi quase como se eu tivesse passado pela fronteira entre dois países. Aquela área da cidade era conhecida pelas acomodações mais baratas – e menos conservadas – para estudantes, pelos pubs mais suspeitos e pelas taxas de criminalidade mais altas. Apesar das esferas de luz alaranjada vindas dos postes, que brilhavam na escuridão como palitos de fósforo gigantes acesos, eu não me senti confortável ao cruzar o estacionamento semideserto. Não relaxei até avistar a fachada iluminada de azul e branco de uma conhecida rede de supermercados, no outro extremo da área industrial.

Existe algo de sinistro nos supermercados tarde da noite. Talvez seja a falta

de mães empurrando carrinhos com crianças barulhentas ou a escassez de funcionários abastecendo as prateleiras. Qualquer que seja a razão, o supermercado parecia estranho sem tantos clientes e empregados pelos corredores. Só uma das caixas tinha atendente e, quando passei por ela, um rapaz de cabeça raspada e cheio de piercings na orelha entrava no fim da pequena fila. Alguma coisa nele me era vagamente familiar, mas eu não consegui lembrar onde o tinha visto antes. Quando passei atrás dele, franzi de leve o nariz por causa do cheiro de álcool que o envolvia feito uma névoa. Ele gritou alguma coisa para um companheiro que não pude ver, em algum dos corredores próximos, então arrotou e pareceu achar isso engraçado.

Eu estava na metade do corredor de congelados quando me lembrei de onde o conhecia. Meus passos vacilaram, e parei diante de um dos freezers para olhar para trás, na direção dos caixas. Sim, eu tinha certeza. Ele era um dos penetras da nossa festa que causara os danos à casa. Era do grupo que os rapazes tinham expulsado. Enquanto eu o olhava, seu companheiro surgiu da seção de bebidas alcoólicas carregando duas grandes embalagens com cervejas.

Esse eu reconheci de imediato. Não precisei de tempo para a ficha cair nem de qualquer outro tipo de ajuda para identificá-lo. A última vez em que o vira, ele tentava enfiar a língua na minha boca, e seus planos não deviam parar por aí. Nenhum dos dois me vira – e não havia razão para que vissem, ou mesmo para que me reconhecessem, na verdade. Afinal, eu estava vestida e maquiada como uma vampira da última vez que nossos caminhos se cruzaram. Ainda assim, uma vozinha de advertência começou a sussurrar em minha cabeça, uma voz que me recusei a ouvir.

Esse foi meu segundo erro.

Eu devia ter ido embora antes que eles me vissem. Poderia ter saído do mercado; eles nunca saberiam que eu tinha estado ali e a noite teria terminado de uma forma muito diferente. Mas é fácil tomar decisões sábias depois que tudo já aconteceu, não é?

Como um animalzinho hipnotizado por uma naja, fiquei olhando em sua direção. Seu primeiro olhar foi só de passagem, uma inspeção rápida, como devia fazer com toda mulher que cruzasse o seu caminho. Alguma coisa em mim deve ter acionado o botão de “esta serve” em seu cérebro, porque ele tornou a olhar, dessa vez com mais interesse. Virei-me e segui pelo corredor, mas era

tarde demais. Ele me reconhecera, lembrava-se de quem eu era.

É quase impossível se esconder de alguém em um estabelecimento comercial tão iluminado, então só me restava torcer para que ele não estivesse interessado a ponto de me perseguir. Andei de lá para cá por alguns corredores, como uma bola prateada em uma máquina de pinball minha sorte esgotou. Eu tinha acabado de me convencer de que minha reação fora exagerada e que ele já devia ter pagado a cerveja e ido embora, quando ele surgiu na minha frente e estendeu o braço, apoiando-o em uma coluna de concreto para bloquear a passagem.

Decidi que ignorá-lo seria o melhor plano de ação.

– Com licença – pedi, sem fazer contato visual.

Ele não se moveu. Tentei de novo.

– Desculpe, mas se importa de me deixar passar, por favor?

– Bem, aí está a questão, linda. Acho que eu me importo. Como você está, belezinha? Você se lembra de mim, não é?

A brincadeira tinha acabado. Ergui a cabeça devagar, satisfeita com o fato de minha voz soar calma quando o encarei.

– Sim, lembro.

Ele estendeu a mão como se tivesse a intenção de tocar meu rosto, mas recuei e coloquei a cesta de compras entre nós, formando uma barreira.

– Aaah, você não foi tão reservada na última vez que nos vimos – protestou, dando um passo em minha direção, e a cesta bateu em suas costelas. – Ainda assim, fico feliz que se lembre de mim, porque eu não esqueci *você*. Na verdade, venho tendo uns sonhos bem explícitos com você.

Ele segurou e empurrou a cesta para o lado.

– Quer que eu conte? – sugeriu, olhando para mim com lascívia.

– Não, obrigada – respondi, me afastando.

O corredor era muito largo para que ele o obstruísse por completo, mas eu não esperava que ele agarrasse meu punho quando tentei sair dali.

– Ei, aonde você vai com tanta pressa? Aquele nosso encontro terminou cedo demais, lembra?

Encarei-o com um olhar gélido, feliz porque o cachecol disfarçava minha respiração ofegante.

– Não foi cedo demais. Nosso assunto já acabou.

– Eu acho que não – rebateu ele. – Você não pode empurrar esses peitinhos

na minha cara num minuto e no outro agir como se fosse melhor do que eu.

Sua percepção do que acontecera na noite da festa estava tão equivocada que era difícil saber qual parte corrigir primeiro.

– Eu não empurrei nem ofereci nada. Você e seus amigos invadiram nossa festa. Dançamos uma música, e então você foi convidado a sair.

Por conveniência, pulei a parte do beijo, que eu não havia exatamente repelido. Bem, pelo menos não de início.

Os olhos dele se estreitaram e, pela primeira vez, eu me perguntei se tinha me metido em uma encrenca de verdade.

– Sua...

Felizmente não cheguei a ouvir sua opinião sobre o meu caráter, porque nesse exato momento seu amigo dos piercings apareceu, cambaleando sob o peso das duas caixas de cerveja.

– Onde você se meteu? – reclamou. – Fiquei mofando na fila, mas o dinheiro está com você, cara!

Ele então se voltou para mim como se tivesse acabado de perceber que não estavam sozinhos. “Observador” não devia ser sua maior característica.

– Quem é essa?

– A garota riquinha da festa de Halloween. A que fez a gente ser posto para fora. Lembra?

Pensei em ressaltar que eles mesmos tinham causado isso, mas aquela não era uma conversa que eu gostaria de ter. O amigo sacudiu a cabeça vagamente, ou me desconsiderando ou incapaz de se lembrar de qualquer coisa que tivesse acontecido havia mais de cinco minutos.

– A gente estava retomando aquela conversinha – explicou o louro desgrenhado ao amigo.

– Não, nós não estávamos – corrigi-o com firmeza, aproveitando o momento para passar entre os dois. – Nosso assunto já terminou.

Então me afastei, impelida pela adrenalina. Eu podia ouvi-los murmurando atrás de mim e, embora eu não conseguisse entender de todo a conversa, ouvi o dos piercings dizer ao amigo:

– Pelo amor de Deus, deixa pra lá. Ela não quer saber. Esquece.

Era um bom conselho. Uma pena que ele não o seguiu.

Mas esse foi um erro *dele*, não meu.

Ao longo dos anos, reescrevi muitas vezes o que aconteceu logo depois. Na maioria das versões, eu não saí correndo apavorada do supermercado para a noite escura. Em muitas delas, optei por denunciar o homem ao gerente de plantão no mercado. Em algumas, chamei um táxi para ir embora. Em outras, era faixa preta em caratê e colocava o sujeito para correr no estacionamento, de uma forma verdadeiramente espetacular.

A realidade, porém, foi um pouco diferente.

É difícil dizer o exato momento em que percebi que estava sendo seguida. Atravessei nervosa o estacionamento deserto, mas não vi ninguém atrás de mim. Quando alcancei o caminho que acompanhava a ferrovia, continuava sozinha. Por mais que eu odiasse admitir, o encontro com o sujeito louro havia me abalado. Eu era boa em repelir atenção masculina indesejada, mas havia um quê de amargura e raiva motivando o interesse dele por mim. Essa perseguição não seria questão de atração ou desejo; seria uma revanche.

Apesar da altura dos meus saltos, caminhei bem rápido até a passarela. Meu hálito saía em nuvens da boca, como balões vazios em uma história em quadrinhos, e meu peito subia e descia sob a jaqueta, embora isso pudesse ser atribuído tanto ao nervosismo quanto ao esforço físico. Sabendo que, além da passarela, eu ainda tinha uma caminhada de dez minutos antes de chegar ao campus, precisava apertar o passo.

Enfiei o queixo nas dobras do cachecol e comecei a subir os degraus de metal da passarela. Fazer esse caminho sozinha e na escuridão fora uma decisão estúpida e imprudente, eu podia ver agora. Sempre me impressionava a irresponsabilidade de algumas pessoas em relação à própria segurança. Eu me considerava bastante sensata; pensava que tinha um bom instinto de autopreservação. Estava enganada.

Eu já estava na metade dos degraus quando ouvi um eco através da escuridão. Vinha do caminho que eu acabara de percorrer. Fiquei paralisada. Da minha posição, no alto, eu tinha uma visão privilegiada. Se alguma pessoa se aproximasse da passarela, eu a veria sob a luz alaranjada dos postes elétricos.

Fitei a escuridão por um minuto inteiro, que mais pareceram dez. Eu tinha certeza de que não imaginara o som, mas onde estava a pessoa que o produzira?

Senti a adrenalina percorrer minhas veias. Se fosse preciso decidir entre lutar ou fugir, eu sabia qual seria minha escolha. Os degraus metálicos da escada estavam cobertos por uma escorregadia camada de gelo negro, mas, milagrosamente, consegui evitar cada risco oculto, subir em disparada por um dos lados da passarela e descer no mesmo ritmo pelo outro.

Saltei do último degrau e saí correndo. Só parei quando os postes elétricos acabaram. Como eu não tinha percebido que aquele trecho do percurso não era iluminado? A única luz agora vinha da lua coberta de nuvens e de um punhado de estrelas espalhadas como diamantes pelo veludo negro do céu.

Eu avançava com cautela quando um novo som atravessou a noite. Um ruído metálico abafado. O tipo de som produzido quando algo pesado (como uma bota) atinge um degrau de metal. O celular estava na minha mão e meus dedos voaram pela tela antes que eu tivesse tempo de avaliar o que fazer. Mais tarde, eu me perguntei por que liguei para o número *dele*, e não para o da polícia. Com toda a honestidade, eu não sabia. O instinto de recorrer a ele em um momento de crise surpreendera até mesmo a mim.

David atendeu no primeiro toque, e só de ouvi-lo já fiquei um pouco mais aliviada, mas a minha voz estava trêmula quando lhe sussurrei às pressas o que acontecera.

– O que você quer dizer com “tem alguém seguindo você”? Quem? Consegue vê-lo? Onde você está?

Espiei a escuridão.

– Não, não estou vendo ninguém agora. Mas é muito escuro aqui. Talvez não tenha ninguém mesmo, no fim das contas – concluí, começando a me sentir uma idiota que criara tempestade em copo d’água.

Então ouvi outro ruído metálico ecoar na escuridão.

– Acho que tem alguém na passarela – sussurrei.

– Charlotte, você não está falando coisa com coisa. Que passarela? Onde é que você está? Pensei que tivesse ido para a biblioteca.

– Eu fui. Mas agora estou no caminho ao lado da ferrovia, perto da passarela.

– Que diabos você foi fazer aí?

Não havia como não perceber a raiva em sua voz.

– Nem eu andaria aí sozinho à noite – acrescentou ele.

Ótimo, obrigada, David. Ajudou bastante, pensei.

– Onde está a chave do seu carro? – perguntou David com urgência.

Ele claramente não prestara atenção ao que eu dissera.

– Não estou de carro. Ele ficou em casa.

– Eu sei. Estou olhando para ele pela janela neste instante. Onde você deixou a chave? Vou até aí buscá-la.

– Não. Não precisa. Sei que você tem compromisso hoje – acrescentei, lembrando de repente que ele ia a algum grande evento de música com Ally. – David, é sério, eu só fiquei um pouco assustada, só isso. Não precisa vir. Não foi por isso que liguei para você.

Não foi?, uma voz protestou em minha cabeça. *Não foi exatamente por isso que você escolheu ligar para ele, em vez de Mike, Andrew ou Pete?*

– Charlotte, ou você me diz onde guarda a chave do carro ou eu mesmo vou ligar para a polícia.

– Não, não faça isso – implorei.

– A chave – repetiu, sucinto.

Talvez eu tenha hesitado por um segundo ou dois.

– Na escrivaninha, no meu quarto.

– Aguente firme. Estou indo para aí – prometeu, e senti suas palavras deslizarem sobre mim como uma armadura protetora.

Estava frio no caminho, a temperatura caía rápido e nada do que eu vestira ao sair de casa era particularmente eficaz em evitar a ferroada cortante do vento. Como um animal em uma jaula, eu andava de um lado para outro em um pequeno retângulo enquanto esperava David. A cada minuto que passava, eu me sentia mais estúpida. Ninguém tinha me seguido, no fim das contas. Eu não costumava ser tão dramática, mas havia reagido de forma exagerada dessa vez e, pior, arrastara David para meu delírio paranoico. Ele ia ficar furioso, e com toda a razão, quando chegasse ali correndo para me resgatar e descobrisse que o perigo existira apenas na minha cabeça.

Esperei dez minutos, então me ocorreu que eu deveria ter continuado a caminhada na direção do campus. Ficara tão perturbada que não conseguira pensar com clareza e acabara só perdendo tempo. David com certeza já estaria

lá, e saber que ele estava por perto me confortava. Isso deve explicar por que, quando senti alguém pousar a mão no meu ombro, fui tomada por um imenso alívio. Suspirei e senti a tensão deixando meu corpo.

– Muito obrigada por vir me encontrar – falei com um sorriso ao me virar para ele.

– O prazer é todo meu – ronronou ele, enterrando os dedos sob a minha clavícula com força. – Obrigado por me esperar. Achei que esperaria.

– O quê? – gritei, minha cabeça ainda relutando em aceitar que o homem diante de mim não era David. – Me larga! – protestei, sacudindo o ombro para me desvencilhar, mas sua mão parecia cravada em mim, como garras em uma presa.

– Eu não estou agarrando você – zombou ele, e percebi a insinuação em sua voz antes mesmo de sentir o cheiro de cerveja em seu hálito. – Ainda.

Não havia dúvidas sobre o que ele queria dizer, e o medo e a bile subiram em minha garganta em um desagradável coquetel. Pus as mãos em seu peito e o empurrei com toda a força, mas ele era surpreendentemente forte. Seu braço livre deu a volta em minhas costas e me puxou contra a parede sólida de seu corpo, aprisionando meus braços entre nós.

– Pare com esse joguinho – ordenou ele, com o rosto enfiado em meu pescoço. – Você sabe que quer isso tanto quanto eu.

Eu me debatia em seus braços feito louca, mas não conseguia escapar dele.

– Me solta! – gritei. – Estou esperando o meu namorado – menti, a voz trêmula. – Ele vai chegar a qualquer momento.

– Eu já estou aqui – falou ele com um grunhido rouco no momento em que sua boca capturou a minha.

Mantive os lábios fechados e cerrei os dentes com tanta força que devo ter desgastado várias camadas de esmalte. Ainda assim, ele conseguiu abrir minha boca. Sua língua parecia uma cobra grossa e sinuosa açoitando a minha com tanto vigor que fiquei com ânsia de vômito. Torci com todo o fervor para botar tudo para fora em cima de nós dois.

Ele afastou a boca da minha e eu arquejei no ar da noite fria como se estivesse me afogando. Seus olhos eram pequenas fendas cintilantes e eu podia ver um fogo selvagem ardendo dentro deles. Ele havia ultrapassado o ponto de dar ouvidos à razão, se é que esse momento existira. A mão que segurava meu

ombro com força deslizou pela frente da minha jaqueta e agarrou meu peito direito. Seus dedos afundaram através do couro e pressionaram minha pele. Sua respiração acelerou até ele estar quase arfando de lascívia.

– Venho sonhando com eles – murmurou, apertando tanto que fez surgirem lágrimas de dor nos meus olhos.

Sua mão se dirigiu ao zíper da minha jaqueta e, quando ele começou a puxá-lo para baixo, eu recuei bruscamente e consegui impedi-lo.

– Já mandei me largar! – gritei, esvaziando o ar dos meus pulmões.

Embora eu já não estivesse imobilizada, sua mão ainda segurava a jaqueta. Puxei com toda a minha força, mas ele não me soltou. Esperneei, tentando me afastar dele, mas ele se agarrava a mim como em um cabo de guerra mortal.

– Meu namorado vai acabar com você – ameacei, esmurrando seu braço, tentando fazê-lo me soltar.

Ele fingiu uma careta e falou num tom agudo de menina:

– Nossa, eu estou morrendo de medo. O namorado grandão está vindo. – Então voltou a falar com a própria voz: – Pare de me fazer de idiota. Não tem namorado nenhum. A menos, é claro, que você esteja se referindo a mim.

Ele tentou me puxar de volta para si, mas finalmente alguma tática de autodefesa ressurgiu de onde quer que tivesse ficado armazenada em meu cérebro. Girei em seus braços, e minhas costas ficaram voltadas para ele. Pude sentir o volume em sua calça quando ergui uma perna e a baixei com toda a força que pude. O salto da minha bota atingiu seu pé em cheio. Ele xingou, depois grunhiu quando girei o salto agulha, como se estivesse amassando um inseto até esmigalhá-lo. Era uma ótima analogia.

– Sua vaca!

Então me empurrou com tanta violência que eu caí no chão. Em pânico, lutei para me levantar, sabendo que precisava correr. Imediatamente. Mas fui lenta demais. Ele já se encontrava acima de mim, e o que ele pretendia fazer em seguida estava escrito com toda a clareza em seu rosto.

Sentada no chão, eu me arrastei para trás, meus pés escorregando em busca de apoio. Ele se ajoelhou com um sorriso. Como ainda achava aquilo engraçado? Fechei os olhos, apavorada com o que estava por vir. Só voltei a abri-los quando ouvi o som de algo pesado caindo no chão acompanhado de um gemido.

Meu agressor tentou se levantar, mas David desferiu um chute em suas

pernas que o derrubou de novo. David deu as costas para o homem no chão e correu até mim.

– Charlie, você está bem? – perguntou, estendendo a mão e me ajudando a levantar.

– Ele machucou você?

Sua voz estava quase irreconhecível.

Abri a boca para responder, mas minhas palavras se transformaram em um grito de aviso quando uma silhueta escura veio para cima de nós.

Não vi o movimento do soco, mas ouvi o ruído nauseante que fez ao atingir o rosto de David. Ele me soltou, e eu desabei de volta no chão enquanto os dois homens se encaravam como animais.

– Eu devia matar você – disse David, a voz tão rouca que as palavras eram um grunhido.

– Quero ver você tentar – desafiou seu oponente.

Ele tirou o cabelo longo e seboso da testa e fiquei contente de ver ali um corte ensanguentado.

– É melhor você correr. Agora – avisou David.

– E você devia manter essa putinha na rédea curta – vociferou o homem. – Ela é que veio para cima de mim.

David emitiu um som que eu não creio que tivesse ouvido antes vindo de um ser humano e se lançou sobre o outro. Braços se agitavam no ar e pés voavam em chutes cegos enquanto os dois se embolavam. Fisicamente, seria uma luta equilibrada, que qualquer um dos dois poderia vencer.

David, porém, era movido por algo além da fúria, e eu podia ver que ele levava vantagem. Seu punho acertou o rosto do homem com tanta força que o lançou para trás. Pena não ter sido o bastante para fazê-lo desmaiar. Mas talvez o homem tivesse ao menos ficado sem ar, pois se dobrou sobre as botas, como alguém que se recuperasse de um esforço excessivo.

Não sei o que poderia ter acontecido em seguida se as nuvens que obscureciam a lua não houvessem se deslocado um pouco, deixando que um mínimo de luz iluminasse o chão, apenas o suficiente para que eu avistasse a faca que ele puxara da bota.

– David, cuidado! – gritei no momento em que o homem saltava, brandindo a lâmina em pequenos arcos pelo ar.

Suas patéticas tentativas de imitar um samurai teriam sido dignas de riso se tudo não fosse tão apavorante. David afastou o olhar do homem apenas por tempo suficiente para relanceá-lo em minha direção.

– Charlotte, corra! – ordenou.

Eu me levantei com dificuldade, mas não obedeci à sua ordem.

– Dá o fora daqui! – berrou David, dando um passo para um lado para afastar o homem de mim.

A cada vez que a lâmina cortava o ar, eu ouvia um silvo, cada ataque aproximando-o mais e mais de David.

– Pelo amor de Deus, Charlotte, vá embora! – gritou David.

Mas eu não fui, e não porque eu nunca fui boa em acatar ordens. Mesmo que houvesse uma gangue inteira empunhando facas, eu ainda ficaria ali. Nada nesse mundo teria me convencido a abandoná-lo.

Sem pensar, peguei minha bolsa, segurei-a pelas alças com toda a força e, como um lançador de martelo olímpico, girei a bolsa contendo o notebook e os livros na direção do rosto do homem. Ouvi um ruído nauseante de algo se quebrando no momento em que a bolsa atingiu o alvo, provavelmente o plástico da carcaça do computador, não ossos. Mesmo assim, minha mira fora boa, e a velocidade do ataque, junto com o peso do conteúdo, fizeram o restante do trabalho. A faca caiu de sua mão com um tinido alto e David a chutou para os arbustos que ladeavam o caminho. O agressor nos fitou com crueldade, a mão em um lado do rosto. Por um segundo, não me dei conta de que estava quase acabado. Mas ele, sim. Até mesmo o mais estúpido dos animais sabe quando é hora de recuar. Com mais um olhar cheio de ódio, ele se virou e correu.

Caí nos braços de David e as lágrimas, que só parariam muitas horas depois, começaram a jorrar.

Ally – Oito anos antes

– Ai, meu Deus, David, no que você estava pensando?

David fechou rapidamente a porta da cozinha, para onde ele tinha me levado depois de conseguir se desvencilhar dos braços de Charlotte.

– Shh! – fez, puxando-me para seus braços.

Mas eu ainda tremia por causa da notícia, agitada demais para abraçá-lo.

– Sério, como você pôde ser tão imprudente? Ele tinha uma *faca* – enfatizei, destacando a palavra em letras maiúsculas e negrito. – Você poderia ter sido esfaqueado – disse e, baixando mais a voz, concluí: – Você poderia ter *morrido*.

Ele me puxou para si com mais força, e dessa vez eu cedi.

– Você nem parou para pensar no perigo?

Sua respiração soprava o alto da minha cabeça enquanto ele me aninhava de encontro ao seu peito.

– Para ser franco, não. Não parei para pensar. Mas, mesmo que tivesse, eu teria feito a mesma coisa. O cara estava doido, de álcool ou drogas, não sei. Mas sei que ele estava disposto a machucar alguém.

– Justamente – repliquei. – E poderia ter sido *você*.

– Mas se eu *não* tivesse me envolvido, então com certeza seria a Charlotte – argumentou.

Suspirei. Eu deveria estar orgulhosa de seu heroísmo, mas só conseguia pensar em como a noite poderia ter terminado de forma diferente.

– Mas Ally, o que eu deveria ter feito quando ela telefonou?

Devagar, muito devagar, suas palavras penetraram um turbilhão de emoções. Eu arqueei as costas para ver melhor seu rosto.

– Como assim, telefonou? De onde? Pensei que ela tivesse sido atacada na frente de casa e que você tivesse saído correndo para ajudá-la...

Pela primeira vez, David pareceu desconfortável, e eu o senti enrijecer.

– Não. Charlotte foi atacada perto da passarela da ferrovia. Ela ligou quando percebeu que estava sendo seguida.

Fiz uma longa pausa antes de responder, enquanto assimilava essa nova informação, rearrumando mentalmente alguns fatos à medida que o quadro que eu imaginara se transformava em algo diferente.

– Bom – comecei com cuidado –, nesses casos, o mais comum seria a pessoa chamar a polícia, não um amigo com quem divide a casa.

David pareceu apreensivo.

– Bem, para ser justo, Charlotte não *sabia* que ele tinha uma faca naquele momento. Na verdade, ela nem tinha certeza...

– Não é disso que estou falando – interrompi, de forma áspera. – Você não é o guarda-costas dela. Não é um justiceiro. Ela poderia ter sido responsável por

sua morte. Já *viu* como ficou o seu rosto?

Ele balançou a cabeça, e percebi que só um de nós se preocupava com a segurança dele no momento – e não era ele.

– Lamento que você esteja aborrecida com isso.

Aborrecida não chegava nem perto.

– Mas estou feliz por não ter parado para pensar – continuou ele. – Você tem noção do que aquele canalha estava prestes a fazer, não tem?

É claro que eu tinha, e eu não desejaria isso a ninguém, nem mesmo à minha pior inimiga – e Charlotte só ganharia esse título um bom tempo depois. Mas alguma coisa em David e na fúria latente em sua voz me preocuparam mais do que qualquer outra coisa. Sua ira e seu instinto de proteção vinham de profundezas que eu nunca nem soubera que havia dentro dele.

– Acho que isso explica por que você não foi hoje à noite – mudei de assunto, com um suspiro resignado.

A testa de David se franziu, e senti uma pontada de dor, mais aguda do que qualquer faca seria capaz de causar, quando percebi que ele não tinha a menor ideia do que eu falava. Vi o momento em que ele se recordou do nosso compromisso daquela noite. Acompanhei sua expressão facial ir da confusão ao arrependimento.

– Ai, meu Deus, Ally. Eu sinto muito. O concerto. Era esta noite, não era? Fugiu totalmente da minha cabeça.

Suas palavras esfregaram ainda mais sal na ferida. Tentei não deixar transparecer, mas acho que ambos percebemos.

– É o que parece. Liguei e mandei mensagens para você... diversas vezes... quando vi que você não tinha chegado.

Odiei o tom da minha voz, mas ele vinha de um lugar tão profundo dentro de mim que não consegui contê-lo.

– Meu telefone deve ter dado algum defeito por causa da briga. Eu sinto muito mesmo. Esperamos a polícia chegar, e depois os paramédicos ainda insistiram em nos examinar... Bem, as coisas foram acontecendo... Esqueci completamente de você.

De todas as coisas que você espera nunca ouvir seu namorado dizer, essa deveria estar entre as dez primeiras.

– E como foi? – perguntou ele.

Balancei a cabeça, recusando-me a permitir que a conversa se desviasse para a normalidade. Eu continuava magoada.

– Eu conto amanhã. Podemos ir para a minha casa agora? Está tarde e nós dois estamos exaustos. A polícia já liberou você?

Os braços dele escorregaram, e suas mãos procuraram as minhas. Eu devia ter percebido pela expressão pouco à vontade que não ia gostar do que ele diria em seguida.

– Bem, eu meio que prometi a Charlotte que ficaria aqui esta noite. Ela ainda está muito abalada.

As palavras chegaram à minha boca antes que eu pudesse contê-las:

– É, bem, você meio que prometeu a *mim* que iria ao concerto esta noite e me acompanharia até em casa, mas...

Dei de ombros e deixei o resto da frase pairando no ar. David pareceu surpreso com o azedume em minha voz.

– Olha, ainda podemos ficar juntos esta noite. Vamos ficar aqui em vez de ir para sua casa. Charlotte está com medo que o cara apareça de novo. Ele sabe onde moramos e parece o tipo que guarda rancor.

– Razão ainda maior para *você* não ficar – contra-argumentei. – Além disso, caso ninguém tenha notado, moram mais três homens aqui. Meu Deus, Mike provavelmente dormiria no chão diante da porta de Charlotte se ela quisesse. Ela não precisa de você aqui também.

– Bem, eu prometi que ficaria – disse David, parecendo irritado pela primeira vez.

– Então, entre mim e ela, você fica com ela. É isso?

Ele soltou minha mão.

– É claro que não. Não faça parecer isso, porque não é. Não vá por esse caminho, Ally.

Mas eu não podia mais parar. Para ser bem sincera, nem tenho certeza se queria parar. Isso vinha ameaçando acontecer fazia muito tempo.

– Já estamos aqui, David, caso você não tenha percebido. Vou repetir a pergunta só uma vez. Você vai para casa comigo, *sua namorada* – acrescentei, para o caso de ele ter esquecido quem tinha esse título –, ou tem mais alguma coisa acontecendo aqui, além da sua necessidade de bancar o herói a noite toda?

– Isso não é justo, Ally.

– Nada nesta noite foi justo – rebati. – Mas o que aconteceu mais cedo não pode ser mudado. É o que você vai fazer agora que importa. Você vem comigo ou vai ficar com ela?

– Não é tão simples assim.

– É *bem* simples assim.

Trinta e três segundos se passaram até que ele me respondesse. Sei porque contei quanto tempo levaria para que tudo ruísse.

– Eu tenho que ficar – disse ele com firmeza.

De repente percebi que tínhamos chegado ao lugar para onde inevitavelmente seguíamos havia bastante tempo. Senti a perda dele como uma dor física real, embora ele estivesse ali, à minha frente.

– Ally, não faça isso. Você está sendo irracional.

Ele tinha razão. Eu estava. Mas agora que tínhamos chegado à beira do precipício, eu não via como voltar atrás. Ficamos nos encarando, ambos infelizes, teimosos e determinados demais para ceder. Era o mesmo modelo de muitas de nossas discussões. Só que nunca tínhamos discordado em relação a algo tão sério. Nosso relacionamento se transformara em um trem desgovernado prestes a descarrilar. E embora nós dois soubéssemos que seríamos as grandes vítimas desse acidente, não havia nada que pudéssemos fazer para impedi-lo.

O carro da polícia tinha ido embora, mas fiquei grata ao ver que, por alguma razão, o motorista do táxi decidira ficar e estacionara diante da casa. Era quase como se ele soubesse que eu ia precisar de uma carona. Engraçado, porque até alguns momentos antes, eu mesma não sabia.

– Ligo para você amanhã – disse David, seguindo-me até o carro.

– Acho que a gente precisa dar um tempo – falei, minha voz começando a falhar.

Eu ia mesmo levar aquilo adiante?

– Isso é ridículo – murmurou David. – Ligo de manhã, quando você tiver se acalmado.

E ligou. Muitas vezes. Eu não atendi. Talvez ele até tenha ido até minha casa. Sinto algum conforto em imaginar que ele não me deixou partir tão facilmente. Mas eu não estava mais lá. Depois de uma noite longa e insone, tomara minha decisão. As aulas presenciais tinham acabado e tudo o que eu precisava fazer pelo restante do período poderia ser finalizado de casa.

Como um animal ferido em busca de abrigo, arrumei meus pertences e, pela manhã, peguei o primeiro trem de volta para minha cidade. Tinha esperanças de que David me seguisse. Que, de alguma forma, o que havia entre nós fosse forte o bastante para sobreviver àquilo. Se estivéssemos em um filme, eu o teria encontrado na estação, correndo ao longo da plataforma enquanto o trem partia. Ou acordando cansado e desgrenhado no próprio carro, em frente à garagem dos meus pais, quando meu táxi parasse.

Mas ele não fez nada disso. Eu o abandonei, abandonei a nós dois. E ele me deixou partir.

CAPÍTULO 8

Ally – Oito anos antes

– Ok, tente agora – disse Max, descendo da escada depois de pendurar os piscas-piscas na nossa árvore de Natal.

Liguei o interruptor e as centenas de lâmpadas nos ofuscaram. Tentei evocar a alegria que esse momento costumava provocar, mas não consegui. Max parou ao meu lado, passou o braço pelo meu ombro e apertou com carinho.

– Vai melhorar, você vai ver.

– Você vem dizendo isso há dez dias. Que péssimo médium me saiu! Também disse que ele ia ligar ou aparecer, que ele não ia deixar que terminasse desse jeito.

Havia um tom de acusação em minha voz, como se eu de fato culpasse meu velho amigo por me fazer falsas promessas.

– Eu achei mesmo que ele faria isso – admitiu Max, dando-me um abraço forte. – Achei que a história de vocês era para sempre. E, não sei se isso faz alguma diferença, mas *ainda* não acho que haja algo entre ele e Charlotte.

Dei de ombros, reconhecendo que eu podia estar errada com relação àquilo.

– Mas tinha mais coisas que não iam bem entre nós, mesmo excluindo Charlotte da equação, coisas que nunca conseguiríamos mudar.

– Como...? – instigou Max.

– Como o fato de brigarmos feito cão e gato, de querermos coisas diferentes da vida, de virmos de meios sociais opostos, de a mãe dele pensar que quero dar o golpe do baú... e de ele não saber cantar.

– Hum. É, essa última é sempre a sentença de morte de qualquer relacionamento – declarou Max, assentindo com ar sábio.

Dei-lhe um empurrão de brincadeira.

– Não me faça rir. Nada disso é engraçado – encerrei, triste.

– Eu sei – disse Max, beijando de leve minha testa. – Mas vai dar tudo certo. Você vai ver. Tudo acontece por um motivo.

– Essa é outra previsão na qual não sei se acredito. Vai ser preciso nada menos do que um milagre para que David e eu voltemos.

– Um milagre de Natal! – exclamou Max, batendo palmas em uma alegria exagerada e depois olhando para mim sob sua longa franja, para ter certeza de que eu sabia que era brincadeira.

Consegui abrir um sorriso para o meu velho amigo. As duas últimas semanas teriam sido insuportáveis sem ele por perto, e eu não queria nem pensar na saudade que sentiria quando ele começasse seu estágio em Nova York no verão seguinte.

– Veja como vai se sentir quando as festas de fim de ano terminarem. Use o tempo que estão separados para pensar. No ano novo, talvez tudo esteja diferente.

Como se viu depois, Max apresentou uma habilidade muito maior para fazer previsões do que nós dois imaginávamos.

Eu estava atrasada, mas a neve que caía significava que eu não podia dirigir mais rápido, portanto não havia nada que eu pudesse fazer. Estreitei os olhos e cheguei o corpo para a frente no banco do carro da minha mãe, tentando me concentrar na estrada e não nos encantos da neve, tão fascinante e desorientadora.

Eu devia ter saído horas antes ou tomado o trem, mas tinha decidido de última hora comparecer ao Baile de Inverno, então não restara opção além de ir de carro. Na certa perderia o jantar de abertura, mas isso não era problema, porque meu estômago se revirava só de pensar em comida. Uma sensação de ansiedade se formava dentro de mim como uma onda prestes a quebrar, porque eu não fazia a menor ideia de como David reagiria à minha chegada. Depois de quase um ano sentindo que sabia exatamente o que ele pensava, era inquietante ficar perdida em nosso relacionamento, sem bússola nem mapa para orientar meu caminho.

Aquela noite estava destinada a ser memorável para nós, pois marcava o

aniversário de quando nos conhecemos. Mas, dois meses antes, quando David me surpreendera com os ingressos para o baile, nenhum de nós dois poderia prever quão inesquecível ela seria de verdade. Para começar, quem imaginaria que chegaríamos separados, que teríamos passado mais de três semanas sem nos falar ou que estaríamos "dando um tempo"?

"Tem certeza de que não quer que eu vá com você? Até Cinderela levou alguns roedores com ela para dar apoio moral", oferecera-se Max, quando por fim concluí que havia certo sincronismo em voltar na noite do baile. Eu apertara a mão dele com gratidão, mas balançara a cabeça. "Obrigada, Max, amo você por se oferecer, mas acho que preciso fazer isso sozinha", dissera.

Tinha sido muito mais fácil ser corajosa em casa, ainda mais com Max reforçando minha confiança ao assobiar com admiração quando rodopiei diante dele usando o longo vestido vermelho de cetim que David me dera de presente de aniversário.

– Não posso aceitar, deve ter custado uma fortuna – eu dissera ao meu namorado naquele dia, enquanto meus dedos apressados desfaziam as camadas de papel fino na caixa comprida com letras douradas gravadas em relevo.

Oculto sob o papel branco enrugado estava um vestido que eu vira na loja mais cara da cidade. Eu não fazia ideia de quanto David gastara, porque não era o tipo de loja que exibisse preços na vitrine. Não preciso dizer mais.

– Era *este* que você estava olhando, não era? – perguntara ele.

– Era, sim – eu confirmara, tirando com cuidado o vestido da caixa. – Mas não posso aceitar. É um presente caro demais.

David desconsiderara minhas objeções, como se fossem banais e sem importância.

– Bem, não vão aceitá-lo de volta e ele vai ficar meio ridículo em mim, portanto acho que você vai ter que ficar com ele.

Eu havia segurado o vestido junto ao corpo, amando o toque suave na minha pele, mesmo enquanto tentava, da melhor maneira possível, recusar o presente.

– Olha, se isso preocupa tanto você, por que não consideramos o vestido como um presente combinado de aniversário e de Natal adiantado? – sugerira David.

– Pelos próximos dez anos?

Então ele sorrira lentamente para mim, do jeito que ainda fazia meu coração

descompassar.

– Por que não? – replicara, seus olhos azuis brilhantes cintilando ao encontrar os meus. – Vamos estar juntos em todos eles.

Eu engolira em seco e sentira meu rosto queimar e meu pulso acelerar diante da postura dele, tão despreocupada de que nossos caminhos não se separariam. Ele parecia tão seguro. Tão certo.

“Vestido maravilhoso”, declarara Max mais cedo na casa dos meus pais, como um perfeito estudante de moda. Eu tinha alisado o cetim para me libertar das lembranças. Ele andava ao meu redor como se eu fosse um cavalo de raça que pensasse em comprar. “E com uma garota deslumbrante dentro”, completara, como um perfeito melhor amigo para toda a vida.

Quando entrei no campus da universidade, ficou difícil manter a confiança no mesmo nível que meu amigo a deixara. Segui as placas, estacionei na área designada e caminhei rápido em direção à entrada da tenda, tremendo sob o fino xale que eu jogara sobre os ombros.

Por um momento senti como se de fato tivesse voltado no tempo. As mesmas lâmpadas brancas cintilantes tinham sido trançadas nos mesmos galhos de árvore e, mais adiante, um conhecido arco de luzes me atraía para a entrada da tenda. Fechei os olhos e vi o caminho agora vazio de repente povoado por minhas recordações de pessoas em roupas de festa refazendo os passos de um ano antes. Juro que pude até escutar o eco do comentário grosseiro feito pelo amigo de David quando ele evitou que eu caísse no gelo. “Não me diga que mais uma mulher caiu a seus pés.” E não me passou despercebida a ironia de que, apesar de todos os obstáculos e intenções em contrário, eu tinha feito exatamente aquilo.

~

Mostrei meu ingresso ao único segurança na porta, que estava mais envolvido com algo aparentemente engraçado em seu telefone do que com suas obrigações na festa. Ele mal olhou antes de assentir e, com um gesto largo abrangente, indicar a entrada da tenda. Deixei o xale na chapelaria e dei uma olhada rápida em um espelho próximo. O ar frio da noite me conferira um atraente rubor ao rosto e meu cabelo cintilava com um brilho que o

condicionador raramente conseguia dar. Então me empertiguei, respirei fundo e me preparei para entrar na tenda principal.

A sensação de déjà-vu me atingiu com mais força ainda ali do que do lado de fora. Acho que os organizadores do evento encontraram uma fórmula que dava certo e a mantiveram. Ali estavam mais uma vez as esculturas de gelo – mas eram golfinhos saltando, no lugar de pinguins – e, como no último ano, balões coloridos contidos por uma rede no teto, à espera de serem liberados. Olhei ao redor do salão, registrando tudo. No ano anterior, eu tinha sido um dos músicos a se apresentar. Ser um dos convidados era bem diferente.

O jantar fora servido e recolhido havia muito tempo e até a Moonlighters já devia ter encerrado sua apresentação, pois grande parte dos alunos estava fora de seus lugares, circulando pela tenda, passando de mesa em mesa e conversando com amigos. Gargalhadas vindas da direção da fonte de chocolate fizeram com que eu me virasse. Incentivados pelos amigos, dois rapazes competiam para ver quem conseguia enfiar o maior número de marshmallows na boca. De repente me senti velha demais para estar ali. Eu nunca abraçara aquele aspecto da vida universitária, nem lamentava que em breve a deixaria para trás.

Alguém esbarrou em mim, soltou um palavrão e se desculpou a um só tempo. Virei-me porque reconheci a voz dele. Trazia uma bandeja de garrafas de cerveja que se chocavam e tilintavam.

– Oi, Mike.

O amigo de David oscilou um pouco e as garrafas gingaram de novo, mas, por milagre, continuaram de pé, apesar do alarmante ângulo da bandeja. Estiquei o braço e a alinhei, mas Mike mal pareceu notar. Diversas emoções passaram por seu rosto, mas nenhuma delas permaneceu tempo suficiente para que eu pudesse identificá-la.

– Ally – disse ele, por fim. – Não sabia que você viria.

– Eu tinha um ingresso – falei, mostrando o cartão que ainda segurava.

Ele baixou os olhos para o papel com uma atenção muito maior do que o homem na porta.

– Verdade. David que comprou, não foi?

Assenti com a cabeça, despreparada para a inexplicável pontada de dor que senti ao som do nome dele.

– *David* sabia que você viria hoje? – perguntou Mike, pronunciando cada

palavra com tanto cuidado que me perguntei quantas bandejas de bebida ele já transportara até sua mesa.

– Não, ele não sabia – respondi. – Para ser franca, eu só me decidi bem no fim da tarde.

Mike assentiu, como se isso explicasse tudo. Talvez explicasse para ele, mas eu ainda tinha mil perguntas sem resposta.

– Ele *está* aqui, não? – perguntei.

– Quem?

Tentei conter um suspiro de impaciência. Não seria fácil conversar com ele. Mas eu vira Mike mais bêbado do que aquilo vezes suficientes para saber que o jeito com que seus olhos se moviam nervosamente pelo salão não era apenas efeito da cerveja.

– David. David está aqui? – perguntei, ciente de que meu coração tinha começado a bater desconfortável dentro do peito.

– Está, sim. Em algum lugar – respondeu Mike.

Ele fez uma longa pausa. Talvez estivesse pensando no que dizer em seguida, ou talvez apenas tentando lembrar onde era sua mesa. Ele estava *bem* bêbado.

– Acho que a última vez que o vi ele ia para a balada silenciosa – revelou por fim, e algo no tom de sua voz fez os pelinhos da minha nuca se arrepiarem, alarmados.

Pensei que ele me acompanharia até o anexo, fora da tenda principal, onde fora montada a balada silenciosa, porém, depois que dei uns dez passos, virei-me e vi que ele continuava bem onde eu o deixara, segurando a bandeja em um ângulo bastante inclinado e mantendo uma expressão preocupada.

A princípio eu não os vi. O salão estava quase em escuridão total, iluminado apenas pelas luzes pulsantes e multicoloridas da mesa de som. No teto, um globo de luz estroboscópica girava, lançando seus flashes sobre a multidão que dançava usando headphones. Meus olhos viajaram pelo salão, observando as pessoas se divertirem sob aquela luz alucinante, todas movendo-se ao som do que quer que tocasse. Existe algo muito fantasmagórico em se observar um salão cheio de gente se balançando de forma frenética ao som de algo que você não pode ouvir. Algumas pessoas cantavam trechos de canções. Era como o pior dos karaokês, e eu não conseguia reconhecer nenhuma melodia. No entanto, para ser justa, não tinha o menor interesse na música no momento.

Não sei o que atraiu meu olhar para um canto escuro do anexo. Talvez algum prisma do globo de luz do teto, ou talvez algo mais forte tenha me feito girar lentamente a cabeça em direção àquele pequeno recesso ao lado da saída. Não me lembro de ter cruzado a pista de dança. Ou as pessoas tinham aberto caminho para mim como um mar bíblico ou eu ceifara algumas delas no caminho. Nem sequer vi aonde ia, porque meus olhos tinham se focado no canto escuro onde meu namorado estava com os braços ao redor da pessoa que eu sempre temera encontrar ali.

Eles estavam tão absortos um no outro que não me viram chegar. Charlotte disse algo e riu, depois apontou para o grande ramo de visco suspenso sobre a cabeça deles.

Não façam isso. Não façam isso. Não me façam ver isso. Mas talvez eu precisasse ver aquilo para aceitar que nossa separação temporária acabara de se tornar permanente.

A boca de David tocou a dela e ela arqueou o corpo, enquanto suas mãos deixavam os ombros dele e se enterravam no cabelo denso e escuro. Algo dentro de mim morreu. Senti sua passagem, como um fantasma.

Eu não disse uma só palavra. Não foi preciso. A mesma intuição que me permitira achá-lo no escuro o alertou da minha presença. Seus olhos me encontraram enquanto ela ainda o beijava. Vi o horror neles quando se afastou dela. Ele abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Não havia nada que ele pudesse dizer, nenhuma desculpa que pudesse dar para desfazer aquele momento. Pelo menos ele teve a decência de perceber isso.

– Ally – disse ele, e até sua voz soou diferente, como se o gosto dela a tivesse corrompido. – Me desculpe. Eu nunca... Não é o que você pensa. O que você está fazendo aqui?

– Não – falei, erguendo a mão trêmula como se ela pudesse afastar as mentiras e desculpas. – Não quero ouvir.

O rosto de David estava assolado pela tristeza e pela culpa. E eu mal podia suportar olhar para os dois.

– Não quero ouvir que você não sabia o que estava fazendo, que está tão bêbado quanto seus amigos ou que isso não significou nada para você.

Vi Charlotte encolher-se ao ouvir essas palavras.

– Não me importa se tudo isso ou nada disso é verdade. Não importa. Não

mais.

– Ally – começou David, dando um passo à frente e estendendo o braço para mim.

Não sei como eu teria reagido ao toque dele, mas não tive oportunidade de descobrir, porque Charlotte pousou a mão em seu braço e o deteve. De repente, do nada, a raiva entrou em erupção dentro de mim. Se eu tivesse parado para pensar ao menos por um milissegundo, o que aconteceu em seguida teria sido evitado. Abomino a violência. Ela me assusta. Por isso, o que fiz em seguida foi ainda mais estarrecedor. Durou uma fração de segundo, mas registrei tudo em câmera lenta: vi minha mão espalmada descrever um arco no ar. Vi a expressão de horror no rosto de Charlotte quando ela percebeu minha intenção. Vi as quatro linhas vermelhas marcando seu rosto perfeito quando minha mão o deixou. E então tudo voltou a acelerar.

Charlotte ofegou, chocada, e eu fiz o mesmo. Só então David se mexeu, colocando-se entre nós de forma protetora. *Em relação a ela ou a mim?*, eu me perguntei, com amargura. Mortificada pelo que tinha acabado de fazer, olhei para David e vi que seus olhos eram como duas safiras brilhantes e geladas. Eles se cravaram em mim com uma expressão que eu sabia que nunca conseguiria apagar, então ele se virou para ela.

– Você está bem? – perguntou.

A preocupação na voz dele arrancou minha pele, me deixou em carne viva. E sozinha.

– Estou bem – disse ela, a mão no rosto.

– Que diabos você estava pensando? – gritou David, virando-se para me encarar.

– Engraçado. Eu ia lhe fazer a mesma pergunta.

David pareceu desconfortável, depois franziu a testa ao olhar atrás de mim para a pista de dança. Eu me virei e percebi, envergonhada, que nossa discussão tinha atraído atenção. Curiosos retiravam seus headphones, trocando a dança pelo nosso pequeno drama.

Eu ouvia o som vago de trechos de músicas quando David se voltou de novo para mim.

– O que você veio fazer aqui? – perguntou ele. – Você deixou bem claro que não queria me ver. Então por que essa grande aparição, Ally? Três semanas de

silêncio, e depois você simplesmente aparece assim. O que esperava que eu fizesse? Que caísse em seus braços?

Raiva e dor torceram a fala que eu tinha preparado, transformando-a não em uma bandeira branca, mas em um dardo venenoso.

– Não – refutei. – Mas tampouco era para ter caído nos *dela*.

Com um movimento da cabeça indiquei Charlotte, que nos observava em silêncio.

– Não foi assim... – começou ele, e em seguida parou e passou a mão pelo cabelo. – Quer saber de uma coisa? Pense o que quiser. É o que você vai fazer, de qualquer jeito.

Olhei para ele como se fosse um estranho. Era uma forma bem semelhante à que ele agora me olhava. Onde estava o homem por quem eu tinha tanta certeza de estar apaixonada? Como tudo dera tão errado? Nós nos encaramos, dois gladiadores sem energia para a matança.

– Acho melhor você ir embora – disse David por fim, inclinando a cabeça em direção da saída. – Nós dois precisamos de tempo para nos acalmar.

Ele olhou para Charlotte.

– E estou com muita raiva do que fez para falar com você também – emendou.

Eu fulminei Charlotte com o olhar.

– Idem.

Virei-me para ir embora. Tudo que eu quisera dizer a ele havia se dissolvido, como se tivesse sido escrito com tinta invisível. Ao chegar à abertura na lona que levava à fria noite de dezembro, virei-me para encará-lo uma última vez.

– Eu não vou voltar, David.

Talvez ele tenha interpretado que eu só buscasse uma saída dramática. Porém, eu falava muito sério.

– Não estou pedindo que volte – respondeu ele, as palavras lançando-me ao chão em um golpe mortal.

Ele não se deu conta disso. Ou apenas não se importou. Talvez ele *nunca* tivesse se importado o bastante. Mas minhas palavras não eram uma ameaça vazia. Eu não voltaria em janeiro. Não poderia assistir enquanto Charlotte desconstruía e depois se apropriava de tudo o que um dia fora meu. Olhei para ele uma última vez, como se fosse importante gravar esse momento em minha

memória.

– Adeus, David – foi tudo o que eu disse ao cruzar a abertura da tenda.

Adentrei a noite e saí da vida dele.

Charlotte

Os hospitais ficam diferentes no meio da noite. Para a família, não para os pacientes. Qualquer um que já teve a infelicidade de atravessar a madrugada junto à cabeceira de alguém que se ama sabe do que estou falando. Primeiro, a noite parece não ter fim. Durante o dia, as enfermarias fervilham de atividade. Médicos, enfermeiras, auxiliares, técnicos e pessoal administrativo fazem parecer que você está no meio de uma cidade muito movimentada, na hora do rush. Isso tudo some à noite. Vazio, o hospital parece isolado e deserto, como uma ilha a que alguns náufragos infelizes haviam chegado, inutilmente esperando o resgate. Ou, no nosso caso, esperando pelo amanhecer.

Apesar da insistência das enfermeiras, não quis dormir. Isso era para noites normais, para a vida real. Era para nossa cama imensa, com o edredom grosso como um marshmallow e os travesseiros de penas que haviam custado uma fortuna, mas tinham valido muito a pena. Parecia desleal me esgueirar para o esquecimento mesmo que por alguns minutos e deixar os horrores do dia para trás. Assim, sentei-me ao lado da cama de David, na cadeira de plástico que não acomodava um único contorno da minha anatomia, e descansei a cabeça ao lado de sua mão no colchão. Mas meus olhos estavam cansados e, a certa altura, mesmo contra a minha vontade, eles se fecharam.

A mão da enfermeira no meu ombro me acordou.

– Algum problema? – perguntei.

Meus olhos se voltaram para David, que, sedado, seguia em um sono forjado por um coquetel de medicamentos. Era uma pergunta idiota. Tínhamos muitos problemas no momento. O que eu devia ter perguntado era: “A situação ficou ainda pior?”

– Não. Nenhuma alteração. Mas não é com seu marido que estou preocupada. A senhora precisa descansar. Precisa se deitar. Caso contrário, não vai aguentar.

Balancei a cabeça, querendo descartar sua preocupação. Não ligue para mim, eu queria dizer. Não é o meu coração que está com problemas, é o dele. Eu sou forte. Pergunte a qualquer um. “Charlotte Williams? Ouvi dizer que as pessoas têm até medo de trabalhar com ela. Mas é muito bem-sucedida. Criou uma bela reputação no setor. Acho que ela e David jamais terão filhos. Bem, você trocaria a vida que eles levam por uma família?”

Eu já ouvira esses comentários e outros mais. E eram todos equivocados, muito equivocados. Aquilo não era eu, mas apenas uma fachada que eu usava fazia tanto tempo que tinha esquecido como retirá-la, como descolá-la de mim. Só havia uma pessoa que enxergava por baixo dela. Era quem massageava meus ombros até o estresse do dia escoar dos meus músculos tensos. Era quem me tomava nos braços no estacionamento de clínicas médicas, depois de eu ter me mantido silenciosa e de olhos secos no consultório enquanto ouvia sobre explorar “outras opções”. Era quem me abraçava até o ombro de seu paletó estar encharcado de lágrimas. Eram dele as mãos que delicadamente abriam meus dedos para retirar o folheto sobre fertilidade amassado.

Ele era o forte. Ele era quem tinha o coração bom. Só que não tão bom, como se via agora.

– Não quero deixá-lo – sussurrei para a enfermeira.

Ela deu um tapinha nas minhas costas.

– Não vai deixá-lo, vai estar no fim do corredor. Se ele acordar, vamos chamá-la, prometo.

Eu me levantei, cambaleando de exaustão, e notei o travesseiro e os lençóis nos braços da mulher.

– Mesmo que durma só por uma hora, já vai ajudar – disse ela, com bondade. – A senhora vai precisar de sua força amanhã – lembrou-me e indicou David com a cabeça. – E ele precisa que a senhora se sinta bem e forte, não como um zumbi.

Ela não aceitaria ser contestada. Entregou-me a roupa de cama e me conduziu com gentileza até a porta.

– Só um pouco, então – cedi.

A enfermeira assentiu, satisfeita. Minhas pernas ainda estavam rígidas e descoordenadas quando caminhei pelo corredor até a sala de espera, como um refugiado sem abrigo, apertando a roupa de cama contra o peito.

No fim, tudo que consegui foi dormir por uma hora e quinze minutos. Então o alarme de emergência me acordou.

Ally

A sirene de emergência berrou através do silêncio da enfermaria, arrancando-me do sono agitado em que caíra. Minhas pernas se enrolaram no cobertor que alguém (*uma das enfermeiras?*) colocara sobre mim enquanto eu dormia. Minhas vértebras protestaram quando pulei das cadeiras de PVC que eu juntara para improvisar uma cama. Do outro lado da sala, vi Charlotte também se levantando. Ela não estava ali quando adormeci; estava com David.

Através da vigia de vidro, vi uma luz vermelha piscando na parede ao lado do posto de enfermagem e banhando tudo com um brilho lúgubre cor de sangue. O alarme no corredor nos assustou e, após compartilharmos um olhar de pânico, corremos para a porta. Nenhuma das duas parou para se calçar: chutei para o lado minhas botas pretas de couro; ela, seus sapatos de salto fino e sola vermelha, e disparamos para o corredor.

A sirene era muito mais alta ali, e encheu minha cabeça, meus ouvidos e meu coração de pavor. Era o motor do avião que falhava, o chamado para baixar os botes salva-vidas, o aviso para evacuar o prédio. Era a vida de alguém por um fio. Charlotte e eu hesitamos por um décimo de segundo. Então ela olhou para a direita, e eu, para a esquerda.

– Equipamento de emergência! – gritou uma voz de algum lugar que eu não podia ver.

– A caminho! – veio a resposta em um grito.

Escutei o som de rodas e o barulho de passos quando uma enfermeira surgiu empurrando o carrinho que continha o equipamento de reanimação. Mas para quem? A mulher passou correndo por nós, tão perto que quase atropelou nossos pés descalços. Ela foi para a direita. Charlotte seguiu atrás dela.

Após um momento de hesitação, eu fiz o mesmo, olhando grata sobre o meu ombro. As duas enfermeiras do quarto de Joe observaram os colegas correrem para atender a emergência, então logo voltaram para seu paciente.

O carrinho passou pela porta com tanta velocidade que por um milagre não

colidiu com o batente ou com um dos médicos que estavam junto à cama de David. Irrompemos no quarto logo em seguida. Eu ouvia trechos de instruções gritadas, nenhum deles inteligível, mas felizmente a equipe sabia o que fazer. Todos ali sabiam, exceto Charlotte e eu. Uma das enfermeiras se ajoelhara na cama, os braços firmes enquanto ela executava a manobra de reanimação cardiorrespiratória. O peito de David subia e descia, como se ele estivesse correndo, mas o movimento não era feito por ele, mas por ela. Os travesseiros tinham sido atirados para um canto do quarto, e a cabeça de David pulava no colchão com os esforços da enfermeira para trazê-lo de volta. Entretanto, ele não dava sinal de ter consciência disso. Um bipe contínuo e uma linha reta no monitor posicionado ao lado da cama nos diziam que ele não tinha consciência de nada.

– David!

O grito de Charlotte foi quase selvagem. Era um animal atormentado, uma alma sendo arrancada do corpo, uma mulher assistindo à morte do homem que ela amava. Ela tentou abrir caminho através da barreira de médicos e enfermeiras, o tempo todo gritando o nome dele.

– Não, Charlotte! – gritei.

Mas ela estava surda a qualquer som. Nada nem ninguém a impediria de chegar até ele, muito menos eu.

– Tire-as daqui! – ordenou um médico extremamente preocupado, olhando furioso para uma das enfermeiras.

Com uma força que nem parecia ter, a enfermeira enlaçou o peito de Charlotte e a arrastou para longe da cama. Ela lutou para se libertar, mas a enfermeira sabia o que fazer. Os braços de Charlotte ficaram estendidos na direção do marido imóvel enquanto ela era retirada de seu quarto. Ofegante com o esforço, a enfermeira conseguiu levar Charlotte de volta para o corredor. Atrás dela, eu ouvi comandos que eu reconhecia. Qualquer um que já assistiu a um seriado médico na TV reconheceria.

– Carregar.

– Pronto.

Houve um bipe alto, seguido por um baque surdo, como se um grande saco de grãos tivesse sido jogado do alto de um celeiro.

– Nada. Repetindo RCP.

– De novo.

– Carregar.

A enfermeira ficou parada na porta, formando uma parede viva que Charlotte teria que derrubar se quisesse voltar ao quarto, mas a vontade de lutar se fora. Ela pressionou as mãos e o rosto contra o vidro, enquanto via a equipe trabalhar.

– Vocês têm que ficar aqui fora – explicou a enfermeira. – Precisam dar espaço para eles trabalharem.

Ela olhou para Charlotte e então para mim. Charlotte não mostrava sinal de ter escutado, então eu assenti, concordando.

– Eu entendo. Mas, por favor...

A enfermeira me encarou à espera de que eu concluísse a frase.

– ... por favor... diga a eles que não parem de fazer o que estão fazendo. Diga para não desistirem.

Era uma promessa que ela não podia fazer e, por inúmeras razões, eu não tinha o direito de pedir. Charlotte afastou o rosto do vidro e olhou para mim. Sua respiração deixara um círculo nebuloso ali e, no meio dele, lágrimas escorriam. Ela voltou a observar o quarto, no instante em que alguém lá dentro puxou uma corda e as persianas desceram até o chão, ocultando a luta feroz dos médicos para trazer David de volta para este mundo.

Convencida de que não íamos empurrar a porta atrás dela, a enfermeira voltou para o quarto, deixando-nos no corredor vazio. Apesar do calor naquela ala do hospital, Charlotte tremia. Calafrios percorriam seu corpo, como se a tempestade lá fora tivesse encontrado uma forma de penetrar as paredes do prédio e depois a pele dela.

Ela se deixou cair numa cadeira próxima, passando os braços ao redor do próprio corpo como se tentasse evitar que algo lhe escapasse ou a invadisse.

– Eu vou perdê-lo – disse ela, a voz fraca e derrotada.

– Você não sabe. Não tem como saber.

Seus olhos encontraram os meus e depois olharam para a porta fechada do quarto de David, desafiando-me a contradizê-la.

– David é forte. Vai lutar.

Sentei-me ao lado dela, mudando a cadeira de posição para poder ver o que acontecia dentro do quarto de Joe.

Ela seguiu a direção do meu olhar.

– Você deveria estar com seu marido. Com Joe.

– Vou daqui a pouco – falei. – A menos que você prefira ficar sozinha.

Ouvi a passagem de cada segundo no grande relógio de parede antes que ela respondesse:

– Prefiro que você fique.

Quatro pequenas palavras. Não eram suficientes para derrubar o muro entre nós. Mas eram um começo.

Charlotte

Dezessete minutos. Foi o tempo que levou para conseguirem trazê-lo de volta. Morri junto com ele muitas vezes antes que a porta por fim se abrisse e um dos médicos surgisse com um sorriso cansado, assentindo devagar. A morte tentara levar David, e tinha sido uma batalha árdua impedi-la, dava para ver.

– Ele ainda não está fora de perigo... mas o trouxemos de volta...

Seus lábios se retesaram, mas eu já sabia as palavras que ele decidira não acrescentar. *Por enquanto.*

– Posso entrar? Posso vê-lo?

– Só nos dê mais alguns minutos, depois a senhora pode entrar, mas muito rápido.

Fiz que sim, querendo agradecer a ele, agradecer a todos, mas ele já desaparecera dentro do quarto de David.

– Graças a Deus – murmurou Ally, e percebi o alívio genuíno em sua voz.

Por um instante, aquele sentimento voltou, o que me perseguira por anos. Virei-me devagar para ela. Nada havia em seu rosto que sugerisse que o passado ficara com ela de modo tão vívido quanto comigo. Abri a boca para dizer que eu mudara de ideia, que ela não precisava esperar comigo, que devia ficar com o marido. Mas não foi nada disso que saiu, e não sei qual de nós duas ficou mais chocada.

– David nunca traiu você.

Com certeza era a última coisa que ela esperava que eu dissesse. Tudo pareceu congelar em torno de nós, o barulho da enfermaria, o uivo da tempestade lá fora, tudo se dissolveu quando nos encaramos, sozinhas no olho

do furacão que havíamos criado tantos anos antes. Ally piscou, seus olhos mantendo-se fechados por uma fração de segundo a mais. Sua garganta se moveu, mas nenhuma palavra saiu dali.

– Sei o que você pensa, Ally, o que você *sempre* pensou. Mas você estava errada.

Quando ela por fim falou, não havia amargura em sua voz, apenas resignação e cansaço:

– Nada disso importa mais. Nada disso é relevante. Principalmente hoje.

– Você está errada. Hoje importa mais do que qualquer outra coisa.

– Não concordo.

– Não precisa concordar. Só precisa escutar. Pode me odiar quanto quiser depois... mas não o odeie, não odeie David. Ele não merece, nunca mereceu.

Charlotte – Oito anos antes

Como assim eles terminaram? Quando isso aconteceu?

A água fervendo que eu despejava na caneca ultrapassou a borda e se derramou sobre a bancada da cozinha.

– Charlotte! – gritou Pete.

Pousei a chaleira, minha mão tremendo de leve.

– Pode deixar. Eu faço isso – disse Pete, passando na bancada um pano e uma quantidade de toalhas de papel suficiente para cobrir uma múmia.

Observei-o limpar a bagunça que eu fizera, jogar fora o chá e me preparar outro. Tinha sido assim o tempo inteiro desde a noite da agressão. Acho que todos tinham um pouco de ciúme de David, que me salvara feito um Bruce Willis. Para compensar, meus outros três companheiros de casa pareciam determinados a me fornecer o tipo de proteção que até mesmo os membros da família real invejariam. Eu teria que dizer algo logo, pedir que relaxassem um pouco, ainda mais agora, que a polícia prendera o sujeito.

Mas naquele momento minha cabeça estava focada em outras coisas.

– Então, quando isso aconteceu? – perguntei, sentando-me em uma das cadeiras da cozinha. – Por que ninguém me contou?

– Você tinha outras preocupações na cabeça – respondeu Pete.

Ele tinha razão. Parecia que eu havia passado a última semana vivendo em um mundo surreal, onde eu despencara de minha vida normal e caíra no meio de uma série policial de TV. Eu nunca estivera em uma delegacia antes, mas, nos últimos sete dias, ela começara a parecer minha segunda casa.

– O que houve entre David e Ally? – perguntei, tentando manter na voz uma neutralidade que não sentia. – Foi decisão dele ou dela? E por que ele não me contou?

– Provavelmente ele não quis preocupar você – sugeriu Pete, colocando duas fatias de pão na torradeira.

Torci para que não fossem para mim, porque de repente eu perdera o apetite.

– E por que isso me preocuparia? – perguntei, tentando demonstrar indiferença, mas fracassando.

Pete deu de ombros e começou a tirar potes do armário, impedindo que eu visse sua expressão quando respondeu.

– Porque parece que tudo começou na noite em que você foi atacada. Acho que Ally ficou aborrecida por ele se envolver, depois uma coisa deve ter levado a outra e aí...

– E aí o quê? – perguntei, passando-lhe o pote que ele procurava.

– Sei lá – replicou Pete, sua resposta perdida na porção grudenta de manteiga de amendoim que ele passara na torrada. – Ele diz que não quer falar sobre isso.

– Comigo ele vai falar – afirmei, baixinho.

Só que ele não quis falar. Tive que esperar até muito depois daquele dia para enfim ficar a sós com David. Tinha sido bem difícil me livrar de Mike, que levava suas funções de guarda-costas ainda mais a sério do que os outros dois.

– Não tenho nada para dizer – respondeu David.

A tensão em seus lábios devia ter me advertido para não ir mais fundo. Mas não havia possibilidade de aquilo acontecer.

– Pete disse que você e Ally brigaram.

– Nós *sempre* brigamos – ressaltou David, cansado. – Não percebeu?

Até as pessoas surdas, cegas e mudas podiam saber que o relacionamento deles era instável e movido a discussões, mas também perceberiam que era

apaixonado, excitante e cheio de amor. E, tendo passado mais tempo do que seria bom para mim observando-os de perto, eu sabia disso melhor do que ninguém.

– Mas vocês sempre fazem as pazes.

– Não desta vez.

– Por que não?

David suspirou e passou a mão pelo cabelo de um jeito que o fez parecer vulnerável. Tive vontade de tomá-lo nos braços, segurá-lo com força e dizer-lhe que tudo ia ficar bem. Quis beijá-lo.

Fui para o outro lado da sala, para não correr o risco de fazer nenhuma dessas coisas. Mas ainda havia uma pergunta que eu precisava fazer.

– Pete acha que vocês podem ter brigado por... – comecei, a voz hesitante e insegura – ... por minha causa.

David levantou a cabeça e olhou para mim com uma expressão que não consegui interpretar.

– Por sua causa? E por que teríamos brigado por sua causa?

– Não acredito que estou fazendo isso – murmurei, subindo pelo caminho estreito.

Eu devia estar pulando de felicidade e socando o ar em um gesto de vitória, agora que David estava solteiro de novo. Mas, em vez disso, eu me encontrava na frente da porta de Ally, ensaiando a fala que vinha preparando o dia todo. Repassando as palavras com que eu pretendia convencê-la a voltar para o namorado.

Tenho certeza de que um dos analistas de minha mãe poderia ter feito um estudo profundo sobre mim e minha confusa noção de responsabilidade. Eu queria David para mim. Desde o primeiro dia em que o vi. Mas não por falta de opção dele. Desse jeito, não. Eu queria que ele olhasse para mim e me desejasse, que ele me *escolhesse*. Não queria ser sua segunda opção. Se ele tivesse tomado a decisão de deixar Ally por si mesmo, teria sido diferente, mas eu sabia que – intencionalmente ou não – eu era em parte responsável pelo fato de David agora estar mais infeliz do que eu jamais o vira. E eu estava determinada a ser uma pessoa generosa e tentar consertar aquilo.

Ao ouvir o barulho da corrente de segurança por trás da porta, me aprumei um pouco e prendi a respiração. Não reconheci a garota que me atendeu, mas ela parecia saber quem eu era. Seus olhos amendoados se estreitaram e tentei encontrar o nome dela em minha memória.

– Olá. Você é Ling, certo?

Seus olhos se estreitaram ainda mais. Se ela fizesse isso mais uma vez, não ia conseguir me enxergar, pensei, uma risadinha nervosa ameaçando escapar.

A colega de Ally assentiu brevemente.

– O que você quer? – perguntou de forma ríspida. – Estou de saída.

Olhei para seus pés com felpudas meias cor-de-rosa e para a calça de moletom que ela vestia. Deduzi que não era verdade.

– Não vou prendê-la. Poderia dizer a Ally que a Charlotte está aqui? – pedi, usando cada partícula de educação que me fora incutida, para manter minha voz agradável.

– Não posso fazer isso.

Não pode ou não quer?

– Não vai demorar. Só quero dar uma palavrinha rápida com ela. Sou uma amiga.

O olhar que a colega de Ally me lançou dizia que ambas sabíamos que aquilo não era bem verdade. Não mais.

– Não posso avisar nada a Ally porque ela não está. Já expliquei isso a David. Qual é o problema de vocês?

Ela arruinara minha fala ensaiada com essa revelação. David não ficara indiferente ao término; estivera ali antes de mim. Senti minha confiança vacilar.

– Ally. Não. Está. Aqui. Ela. Foi. Para. Casa – disse Ling, pronunciando cada palavra como se eu fosse uma estrangeira muito inconveniente e não entendesse bem o idioma.

– Ah. Ok, obrigada, eu...

Mas já falava com a porta. Ling se fora.

Todos nós tentamos persuadi-lo, mas David se mantinha irredutível. Ele *não iria* ao Baile de Inverno. Depois que tomava uma decisão, era impossível fazê-lo

mudar de ideia. Na verdade, a única pessoa que eu conhecera que podia ser tão obstinada era Ally. Não era de surpreender que tivessem chegado a um impasse que nenhum dos dois conseguia resolver.

Não é problema meu, pensei, borrifando perfume no pescoço e no espaço entre os seios. Deixe para lá. Estudei meu reflexo no espelho, piscando quando as lantejoulas prateadas que cobriam o vestido faiscaram como mil lâmpadas minúsculas quando me virei sob a luz para examinar o vestido de todos os ângulos. Estava um pouco chique demais para um baile de estudantes, mais adequado para um tapete vermelho. Fora comprado por minha mãe da coleção de um estilista que ela vira durante um desfile. Ela não fazia ideia de que eu preferia ter algo dez vezes mais barato, mas que tivéssemos escolhido juntas. Balancei a cabeça, recusando-me a ceder à tristeza pelas coisas que eu *não* tinha na vida.

Quando me juntei aos rapazes, eles já estavam arrumados e calibrados com duas rodadas de tequila. Eles assobiaram quando entrei na sala, e fiz algum comentário bobo sobre a elegância deles enquanto pegava o copo que Mike me estendia.

– A que horas o táxi vem? – perguntei.

– Vai chegar a qualquer momento – respondeu Pete, olhando o relógio em seu pulso.

– Alguém viu o David? Ele sabe que já estamos saindo? – perguntei, tentando parecer desinteressada.

Mike me lançou um olhar estranho, e concluí que eu não conseguira soar indiferente.

– Ele está no quarto. Ouvi música lá, mas ele não vai mudar de ideia. Não agora.

Dei de ombros e enfiei os braços no casaco que Andrew segurava para mim. *Quem precisa de namorado?*, pensei. Eu era a Cinderela sortuda, que ia ao baile com *três* Príncipes Encantados. Quantas garotas podiam dizer o mesmo?

– O táxi chegou – avisou Pete, afastando as cortinas e avistando o veículo parado junto ao meio-fio.

Seguimos para o hall aos empurrões e já tínhamos aberto a porta da frente quando o barulho de passos nos fez dar meia-volta.

David descia a escada com ligeireza, vestindo um terno imaculado. O branco

perfeito de sua camisa deixava o bronzeado de sua pele ainda mais quente, e seus olhos azuis vívidos cintilavam como cobalto.

– Mudei de ideia – disse ele, sucinto.

Houve um coro de aplausos, gritos e alguns tapinhas nas costas, mas eu me mantive em silêncio, fitando os olhos de David com um sorriso caloroso. Que ele retribuiu.

~

Foi uma noite ótima. O período havia terminado e todos queriam comemorar.

– Acho que está ainda *melhor* do que ano passado, não? – perguntou Pete sem pensar, quando sentamos à mesa redonda coberta com uma toalha de linho branca.

Percebi o olhar de alerta de Andrew e me dei conta de que eles deviam ter combinado não mencionar o baile do ano anterior. Era fofo da parte deles, um esforço desajeitado para tentar proteger David das próprias lembranças. Mas eu podia ter lhes dito que seria perda de tempo.

Eu vira o jeito como ele vasculhara a tenda assim que entramos, procurando uma jovem alta de cabelo escuro que estaria – quase com certeza – a centenas de quilômetros dali. Também vi como ele escolheu com cuidado o assento de melhor visão para o palco e o ouvi perguntar casualmente a um dos organizadores quando a Moonlighters tocaria.

– Ela não vai estar aqui, cara. Você sabe disso. Ela nem *toca* com essa banda – disse Andrew a David, em vão. – Ano passado ela só ficou no lugar de alguém.

– Veio para ser sub – murmurou David. – Foi o que ela disse.

~

Gosto de pensar que o álcool não foi o único responsável pelo que aconteceu naquela noite, embora fosse idiotice negar que ele teve sua participação. Parece que esvaziamos nossas seis garrafas de vinho um pouco mais depressa do que as pessoas das mesas à nossa volta. Pedimos mais, depois passamos para o champanhe. Acho que parte disso foi uma exuberância pré-natalina e parte uma compreensível reação aos acontecimentos desagradáveis das três semanas

anteriores. A agressão que sofri tinha afetado a todos nós, e acho que ninguém poderia nos culpar por querer relaxar e aproveitar a noite. Mas houve, sem dúvida, outras coisas que foram inteiramente nossa culpa.

Mike me observava quando coloquei minha cadeira mais perto da de David, para ouvir o que ele dizia acima do barulho da música. Ou foi disso que tentei me convencer. David não mostrava nenhum sinal de estar alcoolizado, o que é mais do que eu poderia dizer de mim mesma. Quando Pete pegou a garrafa de champanhe pela metade para encher nossas taças, coloquei a mão com firmeza sobre a minha.

– Para mim, chega – falei.

– Pessoa Inebriada – zombou Andrew, rindo alto do próprio senso de humor, de um modo que só uma pessoa embriagada consegue fazer.

Todos riram. Todos, exceto David. Algo nas palavras de Andrew o espetara como um dardo. Vi isso na expressão de sua boca e na sombra que encobriu seus olhos. Ele se levantou na mesma hora, talvez para fugir da emoção – qualquer que fosse ela – que tentava dominá-lo.

– Vamos dar uma olhada na balada silenciosa? – convidou, estendendo a mão para mim.

Abrimos caminho, ziguezagueando, pela pista de dança – bem, eu ziguezagueando mais do que David, para ser franca. Continuei a segurar a mão dele, em parte porque isso me ajudava a seguir uma linha reta, e em parte porque... porque sim.

– Vamos lá fora pegar um ar – sugeriu David com gentileza, ao ver meu esforço para executar uma tarefa que eu pensava dominar fazia uns bons 21 anos: andar.

– Tenho certeza que são estes sapatos – falei, culpando os saltos agulha de 10 centímetros com os quais sempre fora capaz de andar perfeitamente bem.

David riu de leve e ainda ria quando um aluno do primeiro ano cambaleou ao se afastar da fonte de chocolate, com a boca pingando doce derretido como um vampiro depois da matança. O sujeito oscilou por um momento, para a diversão dos colegas, e depois avançou e acabou me dando uma trombada.

– Ei, olhe por onde anda – avisou David, encarando com raiva o jovem.

Soltei um gritinho de dor. Eu teria caído no chão em uma deselegante profusão de lantejoulas, não fosse o braço forte de David que surgiu como um

relâmpago, amparando-me pela cintura. Mas ele não conseguiu evitar que eu torcesse o tornozelo.

– Idiota – murmurou David, olhando para o estudante, que já tinha se lançado de novo para a fonte. – Você está bem?

A cabeça dele estava curvada na direção da minha, e ele ainda me segurava junto ao seu corpo.

Tentei me apoiar no meu pé e estremeci.

– Merda. Não acredito. Ai!

– Vou interpretar isso como um não – disse David, seus olhos traindo uma preocupação que desmentia seu comentário bem-humorado.

– É meu tornozelo – expliquei, lançando raios mortais com os olhos sobre o grupo de estudantes ao redor da fonte de chocolate. – O que eu quebrei esquiando. Nunca ficou completamente bom. É meu ponto fraco.

– E eu que pensava que não houvesse *nada* fraco em relação a você – provocou David. – Só agora encontramos seu calcanhar de aquiles.

Ele poderia continuar com as brincadeiras, mas logo ficou sério quando me encolhi ao dar um passo com cautela.

– Parece estar doendo muito – disse ele, e mesmo acima do barulho do baile eu pude ouvir o tom preocupado de sua voz. Seus olhos passearam pela tenda. – Acho que há uma barraca de primeiros socorros lá fora. Por que não vamos lá para darem uma olhada?

– Acho que não é tão grave – amenizei, para não deixar que a noite terminasse com um passeio até a emergência de um hospital. – Só preciso descansar um pouco.

David não pareceu nem um pouco contente com minha recusa, mas segurou mais forte na minha cintura e nos guiou através da multidão até a balada silenciosa, que ficava bem mais perto do que nossa mesa. Segui mancando ao lado dele, até pararmos no anexo escuro lotado de estudantes que se balançavam ao ritmo de músicas que só eles ouviam. Não havia onde sentar; nenhum lugar onde eu não teria sido carregada pela massa de dançarinos sem ritmo, então fiz um gesto apontando o pequeno recesso que eu vira perto da saída.

– Podemos ficar ali por um minuto – sugeri.

O chão sob o piso de lona era irregular. Mesmo apoiada em David, fui andando de um jeito desajeitado e deselegante.

– Alguém devia dar uma olhada nisso – comentou David.

Ele se ajoelhou e tocou em meu tornozelo, que doía, latejava e já começava a inchar. Seus dedos eram como chamas na minha pele, queimando e marcando, abrindo uma trilha de fogo de lembranças do nosso primeiro encontro.

Algumas garotas que passavam se cutucaram e se detiveram para nos observar. A ficha caiu de forma estridente para mim.

– Levante-se, seu bobo – sussurrei, libertando meu pé e ignorando a pontada de dor que atravessou a perna toda. – Estão achando que você vai me pedir em casamento.

Ele riu, virou-se para as garotas e sacudiu a cabeça, pesaroso. Elas se afastaram, desapontadas. Segurei-me nele, às gargalhadas e oscilando em uma perna só, até que seus braços se fecharam ao meu redor para me segurar mais uma vez. Eu devia ter pedido que me soltasse, ter dito que não havia perigo de cair. Mas a verdade era que eu não queria me soltar dele, nem física nem emocionalmente. E quanto a cair... bem, eu já não estava de quatro?

De dentro da balada silenciosa, o canhão de luz que girava como se buscasse prisioneiros em fuga entre os dançarinos apontou em nossa direção e parou em uma área acima da nossa cabeça. Nós dois olhamos para cima. De repente entendi para que aquela pequena alcova tinha sido feita, porque, suspenso do teto em uma fita de seda vermelha, estava um grande ramo de visco. Lembrei da tradição de que, se duas pessoas estão embaixo de um, devem se beijar para trazer sorte.

Eu ri, nervosa.

– Ah – disse David. – Entendi.

Tentei pensar em algo leve ou divertido para dizer, algo que levasse embora a pergunta em seus olhos quando ele me encarou. Era uma hora ruim para ter perdido a capacidade de falar.

– Acha que devemos? – perguntou David, indicando com a cabeça a provocante folhagem pendurada acima de nós.

– Provavelmente, não – consegui dizer, com uma voz que nem parecia a minha.

Pensei ter visto um pequeno brilho de decepção em seus olhos, que desapareceu quando acrescentei:

– A menos que dê azar, não...

Senti seus braços me apertarem um pouco mais forte, e não só por causa do tornozelo. Íamos fazer aquilo. Íamos mesmo, e havia um perigo muito real de eu desmaiar antes que sua boca tocasse a minha, porque de repente ficara muito difícil respirar.

A cabeça de David se aproximou em câmera lenta, e meus lábios já estavam entreabertos, à espera. Seu beijo foi um caleidoscópio, torcendo o presente e fundindo-o com o passado em um prisma de luzes brilhantes que me levaram de volta à encosta de uma montanha coberta de neve e ao nosso primeiro beijo. Refazendo o caminho que tinham feito cinco anos antes, minhas mãos deixaram seus ombros e meus dedos mergulharam em seu cabelo, tentando me ancorar a algo que não era meu e que fugiria de mim em instantes.

E foi o que aconteceu. Mas não da maneira que eu esperava. A boca de David, tão suave e macia na minha, de repente congelou. Acho que nós dois nos petrificamos, em todos os sentidos da palavra, quando erguemos os olhos e descobrimos que Ally nos observava em meio às sombras.

Eu perdera David muito antes de seus braços me soltarem e ele se virar para encará-la. Ally estava linda, eu me lembro de ter pensado, linda e trágica, como a heroína de um livro. Então, isso fazia de mim o quê? A vilã malvada determinada a arruinar o final feliz? Ally tremia, eu podia ver mesmo a distância. Se era de choque ou raiva, eu não sabia. De qualquer modo, a culpa me invadiu, um peso de uma tonelada sobre meus ombros. Ela nos lançava insultos, como bolas de arame farpado, e a maioria atingiu o alvo. Eu conhecia essa discussão. Já a ouvira muitas vezes nos lábios dos meus pais. Era o que tornava tudo muito pior.

Eu podia ser uma pessoa melhor do que tinha sido; eu *era* melhor do que aquilo.

– Ally! – gritou David, estendendo a mão para ela.

Não sei o que pensei que fosse conseguir, só sabia que tinha que tentar, então dei um passo na direção dela, esquecendo meu tornozelo machucado. Tropecei e me segurei no braço de David para não cair. Olhando para trás agora, teria sido muito menos doloroso ter caído no chão.

Vi o que estava prestes a acontecer. Vi, mas não pude acreditar. Era tão chocante quanto testemunhar um anjo segurando uma metralhadora. Vi a mão aberta de Ally voar pelo ar, um pequeno míssil que tinha seu alvo na mira.

Fiquei perplexa demais para me desviar, me abaixar ou até mesmo segurá-la, e ela então desferiu um tapa impressionante no meu rosto lívido.

Tudo se acelerou no instante em que sua mão entrou em contato com meu rosto, e o sangue que estivera ausente fluiu de volta para minha carne com força total. Levei a mão ao local em que a pele ardia. Ela me batera. Ela me batera de verdade. Pensei que aquilo seria o maior choque da noite. Mas houve um ainda maior: a reação de David.

Ele ficou enfurecido, inundado por uma ira que eu nunca tinha visto nele. Postou-se entre nós duas, colocando-me em segurança atrás de seu corpo, como se ele fosse um escudo. Então se virou e me perguntou algo, talvez certificando-se de que eu estava bem. Não tenho a menor ideia se respondi.

A briga entre eles foi curta – e feia. Eu já ouvira os dois discutindo muitas vezes, mas nunca daquele jeito. Eu queria estar a milhares de quilômetros dali, e mesmo assim uma compulsão horrível me fazia criar raízes no local, garantindo que eu não perdesse uma só palavra enquanto o homem que eu amava atacava verbalmente a mulher que *ele* amava e ela despedaçava o coração dele bem na minha frente. E eu não podia fazer nada para impedi-la.

CAPÍTULO 9

Charlotte

– Ele ficou de luto por você, sabe? Como se você tivesse morrido – contei, deixando escapar uma risada amarga enquanto mordia com mais firmeza a cápsula de cianureto que eu evitara por anos. – Acho que teria sido mais fácil esquecê-la se isso tivesse mesmo acontecido.

O rosto de Ally ficou branco como giz. Eu sabia por quê. Parecia errado e perigoso falar de morte nesses corredores. Ela já andava perto demais, não precisávamos convidá-la a puxar uma cadeira e se sentar conosco.

– David sofreu. Não foi apenas um rompimento... pelo menos não para ele. Era um sofrimento genuíno, todos nós podíamos ver.

Fiz uma pausa, perguntando-me se eu teria forças para continuar. Aparentemente, sim.

– Às vezes acho que, de certa forma, ele ainda sofre. Até hoje.

– Eu... Eu...

Os olhos de Ally foram da porta fechada de David para o quarto onde se encontrava seu próprio marido, depois se voltaram para mim.

– Por que está me contando isso? Por que agora? Esta noite? Tudo isso aconteceu há muito tempo. A vida seguiu em frente para todos nós.

– Seguiu? Às vezes não tenho muita certeza. Talvez o passado não esteja tão apagado quanto você pensa. Talvez ainda haja segredos escondendo-se em cantos escuros. Talvez seja a hora de eles se revelarem.

Ally sacudiu a cabeça com firmeza e tornou a olhar na direção do quarto do marido, como se pudesse buscar forças nele, mesmo a distância. Havia uma vulnerabilidade nela, como uma corça que sabe que a mira do caçador está posicionada bem em cima de seu coração.

– Ele procurava você por toda parte, sabe?

Ally girou de volta para me encarar. Seus olhos brilhavam com lágrimas e havia uma fragilidade em sua voz, como se cada palavra houvesse sido arrancada dela.

– Bem, ele não procurou muito longe, não foi? Eu não saí do país, estava na casa dos meus pais. Não teria sido difícil me encontrar.

– Acho que era mais fácil para ele procurar você nos lugares onde ele sabia que *não* a encontraria – constatei, revelando algo em que eu acreditara por muito tempo.

De repente, eu me senti cansada, um cansaço nos ossos. Eu não queria fazer isso, não queria abrir essa porta, mas por alguma razão eu não conseguia parar.

– Era pior no campus. Era como se ele tivesse um radar interno. Ele conversava e ria, no entanto você via seus olhos seguirem qualquer garota de cabelo longo e escuro.

Minha risada soou oca, como se o humor houvesse murchado e morrido dentro de mim.

– Ele também assistiu a muitos concertos naqueles meses finais, para alguém que não tinha interesse em música. No entanto, o dia da formatura foi o pior. Acho que *todos* nós pensamos que você estaria lá.

Fechei os olhos, e de repente estava de volta ao auditório escuro. Era um dia quente e sufocante, e todos nós derretíamos sob o peso de nossas becas. Cada curso tinha uma área reservada nas cadeiras e, de onde se sentou, David não podia ver os estudantes de música. Eu fora posta duas fileiras atrás dele. Perto o suficiente para vê-lo pegar o programa e correr o dedo sob o nome dela entre os alunos de graduação. Quando começaram a chamar os colegas de turma de Ally, eu o vi enrijecer, os olhos fixos no curto lance de escada que levava ao palco onde eles se enfileiravam, esperando que três anos de trabalho duro fossem trocados por um rolo de papel amarrado com uma fita vermelha. Mas eles tinham passado direto dos sobrenomes começados com M para os com O. Embora estivesse escrito no programa, nenhuma voz no microfone chamou Alexandra Nelson ao palco.

– Eu colei grau na sala do diretor – disse Ally, baixinho.

Assenti.

– Depois da formatura, passei quase um ano sem ver David.

Vi a expressão de genuína surpresa no rosto de Ally.

– Nunca ficamos juntos durante a faculdade. Nem depois que você foi embora.

Eu poderia ter parado aí. Não havia necessidade de expor minha alma para ela. Porém, eu não queria mais ter segredos.

– Por vontade *dele*, não minha.

Os olhos verdes de Ally fitaram os meus por um longo momento antes que ela assentisse. E eu pude ver que não revelara nada que ela já não soubesse. Suas suspeitas nunca tinham sido infundadas.

Nós duas demos um pulo ao som da porta se abrindo atrás de nós.

– Sra. Williams?

Eu me ergui de um salto, como se movida por uma mola.

– Cinco minutos com ele – advertiu o médico.

Eu já estava diante da porta, pronta para passar sob seu braço ou empurrá-lo para longe do meu caminho se ele não saísse da frente. A voz de Ally saiu tão baixa que foi surpreendente que eu a tivesse ouvido. Meu nome em seus lábios soou estranho para mim.

– Charlotte, eu... eu fico feliz que você tenha me contado tudo isso. Mesmo depois de todos esses anos, não deve ter sido fácil.

Eu não precisava dizer a ela que não fora. A verdade se estampara no meu rosto. Virei-me para entrar no quarto, mas ela ainda não tinha terminado.

– Charlotte...

Ally corou. Levou a mão ao rosto.

– Desculpe por...

Sua voz falhou, e ela se viu sem as palavras para completar seu pedido de desculpas. Em vez disso, correu os dedos pela pele lisa, da maçã do rosto à linha do maxilar, referindo-se ao tapa que tinha me dado.

Nunca pensei que a ouviria dizer aquilo. E, mais espantoso, nunca pensei que me ouviria dizer:

– Tudo bem.

No entanto, eu disse.

Ally

O quarto de Joe foi um refúgio de tranquilidade após tudo o que acontecera no de David. A enfermeira que cuidava dele se virou para mim e sorriu quando entrei. Era outro rosto novo.

– Veio fazer uma visitinha, é? – perguntou com naturalidade em um suave sotaque escocês.

Como se ver alguém perambulando pelo hospital como uma refugiada no meio da noite fosse normal. Se bem que, para ela, devia ser.

– Alguma novidade? Algum sinal de que ele esteja voltando? – perguntei, sentando-me em meu lugar ao lado da cama de Joe.

A enfermeira balançou a cabeça, pesarosa, e então se ocupou no canto mais distante do quarto, para nos dar o máximo de privacidade que o cubículo de parede de vidro permitia.

– Estou de volta – sussurrei, curvando-me para beijar o rosto frio e imóvel de Joe.

A ponta do meu cabelo roçou seu rosto. Isso deveria ter lhe provocado cócegas ou o irritado, mas ele não contraiu nem um só músculo. Peguei sua mão, entrelaçando meus dedos nos dele.

– Max está vindo – contei, como se estivéssemos conversando durante o jantar em nossa mesa feita à mão, em vez de em um colchão de hospital duro como pedra. – Jake vai ficar muito animado por revê-lo. Eu também. Vai ser bom ver um rosto conhecido.

Não acrescentei que já tivera minha cota de fantasmas do passado por uma noite. Haveria muito tempo para contar tudo isso a Joe quando ele acordasse.

Olhei na direção da enfermeira, que fingia não ouvir nossa conversa. Mas eu não conseguia me livrar da horrível sensação de que ela era a única pessoa ali ouvindo alguma coisa. Procurei algum sinal de que minhas palavras estivessem alcançando Joe, mas não havia nenhum.

Pousei a cabeça na manta de malha ao lado da mão dele, inalando aquele indescritível cheiro de hospital do tecido. Ele me transportou para outra noite, em outro hospital. Só que daquela vez era eu quem estava na cama, com Joe ao meu lado. Sorri junto à trama da manta. Fora a única vez em que vira meu marido forte e capaz com medo de alguma coisa.

Ally – Sete anos antes

Eu estava encurvada, arquejando de dor, quando ouvi a chave de Joe na porta da frente.

Ergui a cabeça quando ele entrou na sala. Pelo espelho pendurado acima da lareira, vi que meu rosto estava lívido, e havia uma fina camada de suor em minha testa. Um olhar para mim, agarrando-me às costas do sofá e lutando para ficar ereta, e o rosto de Joe empalideceu.

Atribuí seu primeiro e ridículo comentário ao puro pânico.

– Ai, meu Deus, Ally, o que houve?

Esperei até que a onda de dor tivesse passado, feliz por ter um momento livre dela. Então esfreguei a lombar dolorida, informando a ele o que necessitava saber. Embora, com minha barriga do tamanho de uma melancia, fosse surpresa que ele precisasse de uma pista.

– Está na hora? Está na hora?

Lá se foram todas as suas garantias de que era à prova de crises, pensei.

– Mas não pode ser – falou ele. – É cedo demais. Tem certeza de que não foi algo que você comeu?

– Sim, a menos que eu tenha comido um bebê – garanti.

Pela primeira vez, minha valente – e, dadas as circunstâncias, bastante espirituosa – tentativa de fazer graça não o fez rir.

– Mas é cedo demais. Você ainda está na trigésima sexta semana – afirmou Joe.

Ele franziu a testa, falando mais consigo mesmo do que comigo.

– Embora isso não seja motivo de preocupação. Ele está viável a esta altura. Os pulmões já devem estar maduros. Mas, ainda assim, o bebê deve ser um pouco pequeno.

Eu já sentia o início de uma nova contração, mas ainda tive tempo de dizer, espantada:

– Como é que você sabe disso tudo? Você faz bico de parteira?

Joe pareceu um pouco constrangido ao responder:

– Bem, você vem deixando livros sobre bebês espalhados pela casa há meses. Pensei que quisesse que eu os lesse.

– Não. Eu só sou desleixada – disse, arquejante, sentindo a dor enterrar suas

garras em meu abdômen.

Estendi a mão por reflexo, e a de Joe, grande e calejada pelo trabalho, a pegou. Ele me segurou como se eu estivesse em perigo, pendurada em um precipício, enquanto ele lentamente me puxava de volta a um local seguro. Fiquei surpresa com o conforto que encontrei em sua mão forte.

– Já ligou para o hospital? – perguntou ele, quando teve certeza de que eu estava em condições de falar.

– Não, porque não vou ter o bebê agora. Não esta noite e não sem minha mãe. Não vou me desviar dos planos do parto.

Em sua defesa, preciso dizer que Joe parecia ter se recuperado do pânico inicial e falou comigo de forma apaziguadora, como se eu fosse uma criancinha prestes a fazer pirraça em público.

– Ally, eu sei que você planejou que sua mãe seria sua acompanhante no parto, mas, como ela está a quase mil quilômetros de distância, na Escócia, talvez seja melhor você ser um pouco flexível nesse ponto.

– Mas eu não quero mais ninguém comigo. Você sabe disso – acrescentei, em tom de acusação.

– Sim, eu sei – replicou Joe. – E, para sermos justos, se tudo tivesse acontecido de acordo com seus planos, seus pais já teriam voltado da viagem e nós não estaríamos tendo esta conversa. Mas foi *você* quem insistiu para que eles não cancelassem as férias, não foi?

Isso era o mais próximo de uma repreensão que Joe faria. Mas eu não podia, em sã consciência, permitir que meus pais adiassem uma viagem que eles aguardavam tanto e que haviam agendado muito antes de saberem da minha gravidez. Assim que o bebê nascesse, mamãe ia ficar conosco pelo tempo que eu precisasse dela, portanto não parecia justo pedir que cancelassem sua viagem pelos lagos escoceses.

– Sério, não vou ter o bebê sem minha mãe – repeti com teimosia, minha voz tremendo devido ao medo, assim como o lábio inferior.

– Ok, tudo bem – disse Joe, sensato. – Mas... na remotíssima possibilidade de que seus pais não consigam voltar em um jato supersônico ou numa TARDIS, aquela máquina do tempo do *Doctor Who*... você não acha que seria uma boa ideia eu levá-la para o hospital? Só por via das dúvidas?

Apertei sua mão quando outra contração se aproximou. Vi Joe olhar para o

relógio em seu pulso e compreendi que ele as estava cronometrando. Ele andara mesmo lendo aqueles livros, pensei, aprumando-me com um sorriso torto.

– Você não gosta da ideia de fazer um parto na sua sala de estar?

– Não se eu puder evitar.

Assenti. Não era justo descontar em Joe. Não era culpa *dele* se o bebê decidira antecipar sua chegada.

– Desculpe – falei.

– Por quê?

– Por ser ríspida e irracional.

Ele me dirigiu um sorriso breve.

– Você não foi.

Eu retribuí o sorriso.

– Ainda não. Mas posso garantir que serei. Não sabia? Está tudo nos livros.

A expressão de Joe era algo entre resignada e apavorada.

– Só me diga onde sua mala está e vamos – disse.

~

Era um trajeto de apenas vinte minutos até o hospital, mas, quando chegamos ao saguão, minha atitude irreverente já se dissolvera sob as ondas de dor que me invadiam bem mais rápido que eu esperara. Eu lera os mesmos livros que Joe, e também a experiência de minha mãe como enfermeira havia me preparado – ou assim eu pensava – para um longo e arrastado primeiro trabalho de parto. Mas não me parecia assim, como ondas suaves que quebrassem devagar na praia; estava mais para um tsunami que ameaçava me engolir.

– Respire, Ally – instruía Joe, seus olhos voltados para mim e não para a estrada à frente.

Tive que esperar que a dor diminuísse um pouco antes de arquejar em resposta.

– Estou respirando.

Mas era verdade que eu respirava tão suavemente quanto um maratonista asmático. Por que ninguém tinha me avisado sobre aquilo? Eu me sentia esgotada, assustada e completamente despreparada. E não importava que eu fosse uma mulher adulta e capaz prestes a ter um filho, porque tudo que eu

queria naquele momento era a *minha* mãe.

– Vai dar tudo certo – prometeu Joe, tirando uma das mãos do volante e segurando a minha.

– Não, não vai – choraminguei. – Não está nada certo. Nada. Tudo está acontecendo rápido demais, e mamãe não vai estar aqui comigo.

Ele desviou os olhos da estrada mais uma vez. Graças aos céus havia tão pouco trânsito àquela hora, porque eu não acho, de verdade, que ele estivesse se concentrando na direção.

– Não, ela não vai estar – concordou Joe, com tristeza, e a mão que ainda segurava a minha a apertou delicadamente. – Mas eu vou.

Isso não estava nos meus planos. Nem nos dele. Mas com essas três palavras Joe me lançou uma corda salva-vidas, e eu a agarrei.

– Promete?

– Prometo.

Joe entrou em uma vaga, puxou o freio de mão e saltou do veículo com a velocidade de um dublê.

– Vou procurar uma enfermeira para nos ajudar – avisou-me pela porta aberta do veículo.

– Acho que consigo ir andando – comecei a dizer, mas a última palavra se transformou em um gemido e eu fitei Joe horrorizada. – Ai, meu Deus. Estou com vontade de fazer força – disse, arquejante, percebendo que era muito provável que eu estivesse prestes a me tornar uma daquelas mulheres que nem chegam ao interior do hospital a tempo.

– *Não* faça força – implorou Joe antes de desaparecer numa corrida impressionante em direção às luzes da ala da maternidade.

Em menos de um minuto ele estava de volta, arrastando junto duas enfermeiras obstétricas, uma das quais empurrava uma cadeira de rodas tão rápido que a cadeira praticamente voava sobre os buracos no asfalto.

Os três deram a volta correndo pelo carro até o lado do carona. As enfermeiras assumiram, cuidando da situação com uma sábia combinação de calma e urgência.

– Acho que ela está na fase de transição – veio a voz de Joe de algum ponto atrás delas, soando bem apavorada. – E ela quer fazer força.

– Tanto faz se estou na transição, o problema é que ainda estou em trânsito

aqui. E eu não vou dar à luz no estacionamento, não vou mesmo – decretei, como se tivesse escolha.

As duas mulheres trocaram um olhar expressivo.

– Não se preocupe. Ninguém vai dar à luz aqui fora, meu amor – assegurou-me a enfermeira mais velha. – Embora isso já tenha acontecido. Mas ainda temos tempo para levá-la até a unidade de parto.

Não sei qual suspiro de alívio foi maior, o de Joe ou o meu, mas foram ambos interrompidos quando a enfermeira acrescentou:

– Desde que a gente corra.

Não me lembro de muita coisa da corrida na cadeira de rodas pelo estacionamento, ou se sequer paramos no balcão da recepção para me registrar. Lembro-me de um breve percurso em um elevador e de ver o rosto preocupado de Joe refletido no aço polido de suas paredes, antes que as portas se abrissem e nos víssemos na área bem-iluminada da unidade de parto.

Eu me dei conta de que o tempo era essencial quando disparamos por um corredor, com a enfermeira gritando:

– Preciso de um quarto livre! Agora!

Felizmente havia um e, quando entramos, percebi que nosso grupo de quatro havia se reduzido a apenas três. Joe parara no vão da porta, ainda segurando minha maleta, que ele se lembrara de pegar na van.

– Não fique aí parado. Venha – ordenou a enfermeira, já se dirigindo à pia para esfregar as mãos, enquanto sua colega trazia um carrinho carregado com todo tipo de coisa que eu não queria saber o que era, mas, temia, logo, logo saberia.

– Na verdade, eu não... É só que ela não havia planejado... Eu não creio que isso seja...

A enfermeira se virou para mim com um ar exasperado.

– Quer que ele fique ou que saia?

Olhei para Joe, meus olhos suplicantes e assustados.

– Que fique – sussurrei.

Tudo pareceu parar por um momento. Mesmo a investida de contrações se dissipou quando o rosto de Joe se suavizou com uma expressão que eu não creio que tivesse visto nele antes. Ele deu um passo decisivo, cruzando a soleira da porta em direção à cama.

– Então eu fico – declarou, pegando a minha mão.

Não foi o parto planejado e controlado que eu imaginara. Minha mãe não estava lá para testemunhar o nascimento de seu primeiro neto. Na verdade, só comunicamos a ela depois que Jake já tinha nascido. Mas também não foi tão corrido quanto as enfermeiras temeram de início. Houve tempo para Joe ligar o aparelho de CD que eu havia posto na mala e garantir que os acordes relaxantes do meu concerto de Debussy favorito tocassem baixinho ao fundo. Também houve tempo para Joe passar gelo nos meus lábios, secar minha testa com um tecido frio e perder várias lascas da pele da palma da mão, quando minhas unhas se enterraram em sua carne no momento em que todos me diziam em coro para "fazer força". Lembro-me de alguém ter perguntado a Joe se ele queria ver o bebê coroar e da estranha expressão em seu rosto ao recusar educadamente. Então tudo se misturou em um turbilhão de lembranças indefinidas, que culminaram em um primeiro choro bastante impressionante no momento em que Jake chegou ao mundo e, instantes depois, foi entregue a um Joe eufórico.

Jamais esquecerei a expressão em seu rosto ao ter no colo aquele pedacinho de ser humano inegavelmente semelhante a uma ameixa seca e aninhado em uma manta azul, nem a cautela absoluta com que ele se moveu para colocar o bebê em meus braços, como se tivesse medo de quebrá-lo.

Havia lágrimas em seus olhos ao observar nós dois. Eu sei que não imaginei isso. Foi a primeira vez que o vi chorar. A segunda foi bem depois, no dia do nosso casamento.

– Você é incrível – disse Joe, sua voz cheia de admiração enquanto ele me observava apaixonar-me por aquele minúsculo ser humano que mudaria o meu futuro. – Maravilhosa, impressionante e incrível. Eu nunca, jamais, vou esquecer este momento. Pelo resto da minha vida.

Sua voz soava abafada, como se falasse numa igreja ou na companhia de anjos, quando ele estendeu a mão para acariciar minha cabeça, seus dedos trançando-se entre os longos fios do meu cabelo.

Ally

Meus olhos estavam fechados e percebi que devia ter caído no sono. Ainda sentia a manta áspera do hospital sob a minha bochecha. E ainda sentia os dedos de Joe deslizando pelo meu cabelo. Meu couro cabeludo formigou com esse toque fantasma, e a ponta de seus dedos roçou devagar a pele sensível da minha orelha. Pareceu tão dolorosamente real...

– Ally – chamou ele.

Sua voz era áspera e rouca, mas me arrancou das profundezas do sono e me fez ficar de pé, como se a cadeira tivesse dado choque.

– Joe! – falei, o nome saindo quase ininteligível de meus lábios, porque engoli em seco e comecei a chorar ao mesmo tempo. – Você acordou. Você voltou. Graças a Deus!

Peguei a mão que estivera acariciando meu cabelo, agarrando-a com toda a força, querendo prendê-lo a mim. Senti que ele retribuía meu aperto, mas já não podia enxergá-lo bem, porque as lágrimas eram muitas. Esfreguei as costas da mão nos olhos para clarear a vista.

Joe continuava horrivelmente pálido, seus olhos não paravam de piscar, incomodados pela claridade excessiva do quarto, e nas suas pálpebras viam-se vestígios da fita que ele arrancara. Mas ele tinha acordado, estava vivo, e a felicidade daquele momento não podia ser ofuscada por nada. Ele tinha voltado para mim, e esse era o milagre pelo qual eu vinha rezando.

Girei a cabeça à procura da enfermeira, mas ela devia ter saído por um momento, pois estávamos sozinhos no quarto.

– Ah, Joe, não posso acreditar. Fiquei tão apavorada. Você parecia tão mal.

– Ah, amor, não chore – pediu ele, a voz já quase de volta ao normal.

– Pensei que fosse perder você – confessei, passando a mão livre sobre cada centímetro de seu rosto, como se necessitasse de uma prova palpável daquele milagre.

Joe balançou a cabeça devagar e me deu um beijo na palma da mão.

– Você nunca vai me perder. Eu não vou a lugar nenhum. Prometi isso a você há muito tempo.

Assenti diante da lembrança. Era o que ele tinha me dito na noite em que me pediu em casamento, ajoelhando-se, tomando minha mão e colocando-a em cima

de seu coração disparado enquanto dizia quanto me amava e que, se eu dissesse "sim", faria dele o homem mais feliz do mundo.

E, claro, eu dissera sim, enquanto, às nossas costas, Jake arrulhava no berço e dava seu consentimento.

– Vou buscar os médicos – falei, olhando por cima do ombro para ver se havia alguém no corredor que eu pudesse chamar.

– Daqui a pouco – pediu Joe, os olhos fixando-se no meu rosto como se sorvessem a minha imagem.

– Quero que vejam se você está bem.

Sua mão subiu até o meu rosto, arrastando com ela os tubos presos ao seu braço.

– Eu só quero este momento. Só quero você.

Voltei a chorar.

– Joe, você já me tem. E sempre terá. Mas se me der um susto desses de novo, acho que eu mesma vou matar você.

Ele riu, mas não havia força naquele som.

– O garoto. Como ele ficou? Está bem?

Eu sorria para ele e minhas lágrimas desciam depressa. Joe eram as emoções que coloriam minha vida; eu amava isso.

– Ele está bem. Você o salvou, foi um verdadeiro herói. Eu os vi lá embaixo mais cedo. Você salvou a família inteira – disse-lhe baixinho, guardando para mim o pensamento de que sua bravura quase destruíra a nossa. – Você podia ter morrido naquela água, Joe.

– Água? Ah, sim, o mar, eu me lembro.

– Não. O lago no parque. Estava congelado e você caiu.

Joe primeiro olhou para mim como se eu estivesse enganada, então a recordação lhe veio.

– Ah, sim, agora eu lembro.

O medo me tocou de leve no ombro, como se tentasse chamar minha atenção, mas eu o ignorei.

– Tenho que ligar para Jake. Preciso avisar que você está bem.

Joe pareceu confuso.

– Não precisa incomodá-lo no meio da noite. Ele é muito pequeno.

O rosto de Joe se suavizou, como sempre acontecia quando falávamos de

Jake.

– Como está nosso bebê?

Franzi a testa e, em algum lugar dentro de mim, um minúsculo sino de alarme começou a retinir.

– Grande o bastante para abrir mão do Simba para que ele protegesse você – contei, indicando com a cabeça o brinquedo de pelúcia aos pés da cama.

Joe observou o animalzinho, uma nova ruga vincando sua testa, como se tivessem lhe apresentado um quebra-cabeça que ele não conseguia solucionar.

– Olha, vou buscar alguém para ver você. Devem examinar seus olhos com uma lanterninha e perguntar se você sabe que dia da semana é hoje.

– Daqui a pouco – repetiu Joe. – Só quero abraçar você um pouco, depois você pode chamar quantos médicos quiser.

Ele estendeu os braços e eu me atirei neles, passando por baixo de um tubo de medicação intravenosa para me aninhar junto ao seu corpo. Eu podia sentir seu coração batendo sob minha cabeça, trovejante e em disparada, como se ele tivesse voltado para mim correndo. Eu me perguntei se o som de minha voz, lembrando-o de nosso passado, havia lhe mostrado o caminho de volta.

– Antes de cair no sono, eu estava conversando com você sobre a noite em que Jake nasceu. Você ouviu?

A mão de Joe se apoiou em minha nuca e começou a acariciá-la.

– Não há a menor chance de eu esquecer um só detalhe daquela noite. Como eu poderia?

Eu sorri de encontro à sólida parede de seu peito.

– Lembro que disse quanto amo você, bem ali, na frente do médico que fez o parto – falou Joe.

Como um animal pressentindo o perigo, tentei levantar a cabeça, mas a mão que a acariciava suavemente não permitiu. Alguma coisa estava errada. Muito errada. Joe se enganara: ele não tinha dito isso – pelo menos, não naquela noite. E o parto de Jake fora realizado pelas duas enfermeiras que haviam corrido até a van com ele, não por um médico. As lembranças dele estavam erradas. Outro calafrio percorreu minha coluna.

Com toda a delicadeza, soltei-me do abraço de Joe, levei a mão até o botão de chamada e o pressionei. Esperei ouvir um zumbido distante ou o som de uma campainha, mas não havia nada, só um silêncio sinistro. Meu dedo permaneceu

no botão e eu continuei a pressioná-lo, como se mandasse uma mensagem em código Morse: *tem alguma coisa errada com o meu marido.*

– O que mais você se lembra daquela noite? – perguntei com cuidado, torcendo para que ele não percebesse minha preocupação.

Onde estavam os médicos? Aonde fora a enfermeira que deveria permanecer ao lado do meu marido?

– Tudo – disse Joe, embora, por trás de seu sorriso, eu pudesse ver que ele captara a ansiedade que eu não conseguia esconder. – Eu me lembro de ter ido até a sala de espera com Jake nos braços.

Eu balançava a cabeça. Isso nunca acontecera.

– Lembro que todos se levantaram de um salto quando entrei. Seus pais choravam de felicidade.

– Meus pais estavam na Escócia – sussurrei, tão baixo que não creio que Joe tenha ouvido.

– E minha mãe e meu pai não conseguiam parar de sorrir. Eu nunca os vi tão felizes. Eles até trouxeram Todd com eles, você lembra?

– Todd? Quem é Todd? – perguntei, a voz fraca e cheia de medo.

– Meu cachorro, é claro – replicou Joe, embora sua certeza tenha vacilado quando ele viu meu rosto. – Meu cachorro... Ele caiu no gelo... Ele está bem?

Levantei-me de um salto.

– Preciso chamar alguém – falei, já correndo para fora do quarto.

Lancei um último olhar horrorizado para o homem que tinha voltado para mim e agora me escapava mais uma vez. O corredor estava vazio. Alguém devia ter aparecido logo quando pressionei o botão de chamada, e eu não tinha a menor ideia de por que não vieram.

– Preciso de ajuda aqui! – gritei no corredor vazio. – Preciso de um médico. Agora!

Pouco me importava se fazia barulho, pensei enquanto corria para o posto de enfermagem. Podiam me repreender pelo escândalo depois que examinassem Joe. Alcancei o balcão, que tinha uma pequena luminária com o foco voltado para baixo. Havia uma xícara de chá ainda fumegando ao lado dela, mas ninguém para beber. Passei para o lado de dentro do balcão e esmurrei a porta da sala onde tinha visto os enfermeiros se reunirem mais cedo. Será que estavam em reunião? Por que não tinham respondido o chamado de emergência nem

vindo quando gritei por ajuda?

Não me dei ao trabalho de esperar que respondessem. Abri a porta. A sala estava vazia.

Enquanto voltava em disparada pelo corredor, já sentia o entrave de pânico a cada respiração. Só havia um lugar onde todos poderiam estar. Porque só havia mais um paciente na unidade aquela noite. Só podiam estar no quarto de David.

Eu tinha a sensação de que corria sem sair do lugar, meus pés descalços produzindo sons leves ao tocar o linóleo. Olhei para a sala de espera ao passar, mas não havia ninguém. Claro, Charlotte estaria à cabeceira de David. Parei diante do quarto dele. As persianas que iam do teto ao piso continuavam baixadas. Dessa vez, nem me dei ao trabalho de bater. Abrindo bruscamente a porta, entrei direto no quarto... e em um pesadelo. O cômodo estava vazio. Não só de pessoas, mas de tudo. As paredes estavam nuas, não havia cama, nenhum equipamento médico, nada. Tudo desaparecera.

Fiquei ali parada no meio do quarto, e ouvi a porta se fechar com um baque atrás de mim. Corri de volta para ela, mas, por mais que tentasse, não conseguia abri-la. Fora trancada.

– Joe! – gritei, desesperada para avisá-lo de que eu continuava ali, de que não o abandonara.

Lágrimas quentes desciam pelo meu rosto.

– Joe! Joe! Joe!

~

Alguém balançou de leve o meu ombro. Senti a manta áspera do hospital sob o meu rosto. Estava molhada, encharcada com as lágrimas que eu derramara em meu sonho.

– Ela está bem? – perguntou uma voz que reconheci, sobrecarregada com um grau de preocupação comigo que eu nunca ouvira.

– Sim, foi um pesadelo, só isso.

Eu não queria levantar a cabeça. Não queria erguer os olhos. E não queria olhar para Joe, porque sabia o que veria, e não achava que meu coração fosse forte o suficiente para aguentar. Mas olhei. É claro que olhei. Eu precisava. Seus olhos continuavam fechados com uma fita; seus braços, imóveis ao lado do

corpo, e o único som era o zumbido suave dos aparelhos que respiravam por ele, porque meu marido ainda não podia fazer isso sozinho.

Charlotte

Hesitei por um momento, insegura em relação à solidez dos laços que vínhamos criando. Seriam fortes o suficiente? Dei um passo hesitante à frente e pousei a mão no ombro dela, num gesto que dizia *Eu estou aqui* e *Sei o que você está passando* e *Força*. Ally virou a cabeça para mim. Seus olhos brilhavam de lágrimas, que escorreram quando ela piscou.

– Vim procurar você – falei, sem necessidade.

Ally assentiu, compreendendo que havia muito mais por trás daquelas três palavras do que qualquer uma de nós era capaz de expressar.

– Como está o David?

Dei de ombros, perdida.

– Não sei. Não creio que *eles* saibam. O cardiologista vai chegar a qualquer momento – contei e mordi o lábio antes de prosseguir: – Não acho que isso seja um bom sinal. Não chamariam um especialista no meio da noite por um motivo fútil.

O rosto de Ally era um perfeito reflexo de meus próprios medos.

– Então, este é o Joe – falei, procurando fazer com que minha voz soasse natural como se aquela não fosse a forma mais bizarra de conhecer o homem com quem Ally ficara depois de terminar com o meu marido.

Ele tinha uma boa aparência... Bem, pelo menos até onde se pode dizer de alguém que esteja inconsciente. Parecia forte e capaz, e imaginei que tivesse um daqueles rostos que se tornavam surpreendentemente bonitos quando sorriam. Sulcos se abriam feito leques nos cantos de seus olhos. Aquele homem tinha o sorriso fácil. Ele era feliz, Ally e ele eram, e algo dentro de mim se libertou e alçou voo. Foi uma sensação boa e, de certa forma, adequada. Pareceu haver um motivo para que estivéssemos todos ali, naquela noite, naquele lugar. Pessoas precisavam ser curadas, e não por médicos e enfermeiros, mas por nós. E a cura estava acontecendo naquele instante. Eu me perguntei se Ally também a sentia.

A aura no quarto de Joe era diferente da que eu notara no de David. Eu não

era uma pessoa espiritualizada, mas havia uma inegável simetria – yin e yang – entre elas. No quarto de David, a luta estava a pleno vapor e era agressiva. Joe travava a mesma batalha, isso era óbvio pela gravidade de sua condição, só que o combate se dava de forma mais silenciosa.

Meus olhos percorreram o quarto e pousaram no objeto que parecia deslocado ali: um leãozinho de pelúcia acomodado sobre o cobertor, entre os pés de Joe. Vi Ally enrijecer ligeiramente quando me pegou olhando para ele.

– Mascote? – arrisquei.

Ally pareceu hesitar, embora eu não tivesse a menor ideia do porquê.

– É... é... não é dele.

Assenti.

– É do seu filho?

Os olhos verde-esmeralda de Ally se arregalaram, surpresos, e me dei conta de que ela não devia imaginar que eu soubesse que ela e Joe tinham filhos. Eu sempre me perguntara se ela havia me reconhecido naquele dia. Acho que não.

Charlotte – Quatro anos antes

O sol de inverno estava baixo e, mesmo com o para-sol, tive que pegar os óculos escuros no porta-luvas. Sorria quando os coloquei. Na verdade, eu vinha sorrindo fazia praticamente 45 minutos, desde que saíra do restaurante. Tivera que reprimir a vontade de sair saltitando de sapatos altos até onde estacionara o carro, porque não seria a melhor impressão a passar, caso meus clientes me vissem. Mas acho que eu seria perdoada, porque não é todo dia que se fecha o melhor acordo que você já fez bem debaixo do nariz da concorrência. Era o tipo de negócio que lhe dava a chance de competir com os grandes.

Olhei para a pasta de couro cor de caramelo no assento do passageiro e acariciei-a com satisfação, meus dedos roçando o discreto *C. W.* gravado no canto. Tinha sido presente de David – para me dar sorte, ele dissera. E dera, embora o contrato assinado que eu agora carregava ali não fosse uma vitória só minha. De manhã eu celebraria com a pequena equipe de funcionários que trabalhara comigo até tarde por dias e dias. E naquela noite... deslizei a mão pela garrafa de champanhe deitada ao lado da pasta... naquela noite eu comemoraria

com meu marido.

David estivera ao meu lado o tempo todo, encorajando-me e apoiando-me. Dizendo que eu poderia conseguir qualquer coisa, bastava acreditar. Senti meu bom humor se esvair um pouco quando uma vozinha crítica (que lembrou a da minha mãe) me sussurrou que nem sempre acreditar era suficiente. Balancei a cabeça, sentindo o movimento do meu cabelo louro recém-cortado, e impedi que esse pensamento chegasse feito uma serpente e se instalasse em minha cabeça. *Basta disso. Hoje, não.*

Eu não conhecia a cidade pela qual passava, mas confiava que o GPS me levasse para casa a tempo de esperar David com duas taças geladas de champanhe. Talvez eu usasse aquele vestido de que ele tanto gostava, lembro-me de ter pensado enquanto seguia a instrução do aparelho para pegar a rua seguinte. Ou talvez eu não usasse nada...

Eu ainda sorria com essa ideia quando o sinal de trânsito do cruzamento de pedestres à minha frente mudou de verde para amarelo. Meu pé pressionou devagar o freio enquanto meus pensamentos continuavam focados no que a noite traria. Captei a cena ao meu redor apenas com a visão periférica. Havia um parque de diversões instalado em uma grande área do lado esquerdo da rua, e havia três figuras no cruzamento oposto à entrada, esperando o sinal mudar. Eram dois adultos segurando a mão de uma criança de 3 ou 4 anos – como a maioria das pessoas sem filhos, eu não era muito boa em estimar idades. Lembro que a criança carregava um balão preso em uma haste e até notei o logotipo familiar de um banco estampado nele.

É o tipo de cena que a mente deveria captar num segundo e descartar no outro. Não sei por que daquela vez foi diferente. Foi quase como se uma parte de mim já soubesse que eu deveria prestar mais atenção. O dia era claro, mas frio, e a criança estava bem agasalhada, com um casaco acolchoado grosso e o capuz cobrindo-lhe a cabeça. A mãe usava outro tipo de casaco, e foi seu cabelo que eu notei primeiro. O vento o soprava para trás, como a longa crina de um puro-sangue. Lembro que, de repente, meu carro com ar condicionado pareceu quente e desconfortável. Não era ela, é claro que não era. Muitas mulheres tinham cabelo daquele tom e daquele comprimento. E, de qualquer maneira, eu não a via fazia quatro anos – ela poderia ter cortado, ou tingido, ou qualquer outra coisa. Era apenas alguém muito parecida, só isso.

Eu a vi curvar-se para dizer algo à criança, então o homem a encarou e ela riu, virando-se na direção dele... e da minha. Ela parecia a mesma – e completamente diferente – da última vez que a vira. Ally sempre fora bonita, embora não parecesse perceber isso. Mas agora, sorrindo para o homem ao seu lado, que só podia ser seu marido, e segurando com firmeza a mão da criança pequena entre eles, ela parecia radiante e plena.

Tudo o que faltava à minha vida estava lá, estampado em seu rosto. E, para ela, parecia natural, casual. Ela nem devia perceber que possuía tudo o que eu sonhava. Ela não tinha roubado nada de mim. O que tinha era seu, mas eu queria. Bem, não *aquela* criança ou *aquele* homem, mas eu queria o que ela agora tinha. Eu queria com David.

Ouvi o estalo do sinal alertando-os de que era seguro atravessar. Meu pé direito tremia no freio enquanto eu os observava descer do meio-fio. O homem se virou para mim e acenou, agradecendo. Minhas mãos agarraram o volante com tanta força que deixei marcas de unhas no revestimento de couro. Eles atravessaram a passos largos, levantando a criança do chão e balançando-a em uma série de saltos sobre a faixa de pedestres. Estavam quase do outro lado da rua, quase já de costas, quando a mulher se voltou para o meu carro e levantou o braço para agradecer também.

O sorriso do qual eu lembrava tão bem se congelou e ela franziu a testa. Estaria apenas ofuscada pelo sol ou me reconhecera? Eu me encolhi ainda mais no banco, tentando desaparecer de vista. Ela estava a 10 metros ou mais de mim, o sol batia em seus olhos e eu dirigia um carro com vidro fumê, usando óculos de sol. As chances de ela ter me reconhecido eram tão pequenas que provavelmente nem valia a pena considerá-las.

Eu tinha quase me convencido de que Ally não fazia ideia da identidade do motorista do carro azul reluzente. Só que, quando eles subiram na calçada e a criança os puxou, impaciente, na direção do parque de diversões, eu a vi pelo retrovisor, olhando fixamente para o meu carro enquanto eu me afastava.

Ally – Quatro anos antes

Não podia ter sido ela. É claro que não era. O cabelo não era o mesmo, para

começar. *E é muito improvável que ela tenha cortado o cabelo nos últimos quatro anos*, zombou uma voz em minha cabeça. Ela e David não moravam ali perto. *E você sabe disso como?* O carro não parecia algo que ela escolheria para dirigir. *Você percebe que está tentando se agarrar a bobagens?*

– Ally? O que você acha?

Voltei a mim com um sobressalto. Meu marido esperava pacientemente que eu desviasse os olhos da rua agora vazia e meu filhinho de 3 anos só faltava arrancar meu braço no afã de chegar à entrada do parque.

– Desculpe. O que você disse?

Joe sorriu enquanto levava a mão ao bolso traseiro e tirava a carteira.

– Eu disse: que tal jantarmos fora depois do parque? Nós três. Precisamos comemorar.

Senti algo dentro de mim se derreter com a expressão em seu rosto, que, à sua própria maneira, estava quase tão animada quanto a de nosso filho. Só que por uma razão diferente. Ele não estivera muito seguro quanto ao que aconteceria em sua reunião no banco naquela manhã, mas eu nunca tivera dúvidas. Era um bom plano de negócios; ele havia se dedicado. Merecia ter sucesso.

– Esse empréstimo não vai durar muito se ficarmos gastando com jantares chiques.

– Para ser franco, acho que Jake preferiria hambúrguer com fritas, e não filé-mignon – brincou Joe, puxando o capuz vermelho-vivo para trás e bagunçando com carinho o cabelo escuro e cheio de nosso filho. – Jake, o que você acha de termos um descanso da comida da mamãe esta noite?

– Sim, por favor, papai – entusiasmou-se meu filho, de uma forma não muito lisonjeira a minhas habilidades culinárias.

Mas não tinha importância. Naquele dia, nada importava. Era um dia especial, e eu não ia ficar perturbada por ter visto alguém que provavelmente nem era ela. Charlotte não podia me machucar, não mais. Graças a Joe e à vida que tínhamos construído juntos, eu finalmente era à prova de fogo. Mas isso não impediu que um pensamento aterrorizante se intrometesse: o que eu teria feito se *fosse* Charlotte e ela tivesse descido do carro?

Charlotte

– É do seu filho?

Ally levou um bom tempo para responder e, antes de falar, enterrou os dedos no pelo do brinquedo, como se o simples fato de tocá-lo a ajudasse de alguma forma.

– Sim. É, sim. É do nosso filho.

O pesadelo – o que quer que tivesse sido – a abalara bem mais do que ela deixara transparecer. Estava trêmula e nervosa, como se as cordas que a mantinham de pé houvessem começado lentamente a esgarçar, fio por fio. Imaginei uma série de pequenas pérolas brilhantes deslizando aos poucos de um cordão, feito uma chuva branca.

– Você e David... – começou Ally, e sua voz falhou, como se sua intuição lhe alertasse de que minha resposta poderia magoar alguém. Mas quem: ela ou eu? – Vocês têm filhos?

Era quase como se ela soubesse. Mas como poderia? Nem mesmo nossos amigos mais próximos imaginavam. Eu nunca tocava no assunto. Não queria a solidariedade nem a compaixão de ninguém. Eu ocultava minha infertilidade como se fosse uma culpa secreta. Mas havia pistas, se prestassem atenção. Eu compensava exagerando em algumas coisas. Exagerando muito. O maior buquê na maternidade? Era o que eu enviara. Era o meu nome na etiqueta do urso de pelúcia ridiculamente gigante ou da roupinha de grife. Eu tomava cuidado para não deixar que ninguém, exceto David, visse como um pedacinho de mim morria cada vez que algum conhecido nosso anunciava: “Temos uma novidade...”

Ally deu a minha deixa. Minha resposta era treinada e convincente, eu devia tê-la dito umas cinquenta vezes ou mais. No entanto, quando abri a boca, as desculpas sobre carreiras, viagens, hora certa e estilo de vida ficaram todas presas em minha garganta, como algo prestes a me asfixiar.

– Na verdade, nós... nós não podemos ter filhos. Ou melhor, *eu* não posso.

Se alguém tivesse me dito que eu faria essa revelação pela primeira vez para a mulher que meu marido havia amado antes de mim, na noite em que havia o perigo real de perdê-lo para sempre, eu teria chamado essa pessoa de louca. Seria como colocar um punhal na mão do meu inimigo e pedir que ele cortasse a minha garganta.

Ally me fitou por muito, muito tempo antes de dizer, baixinho:

– Sinto muito saber disso, Charlotte. De verdade.

Não duvidei nem por um momento de sua sinceridade. Eu podia vê-la nos seus olhos. Ela tomou a mão inerte de Joe e entrelaçou seus dedos aos dele.

– Sabe, me disseram que falar sobre nossas lembranças felizes, recordá-lo dos bons momentos, poderia ajudar a trazê-lo de volta. Praticamente todos os nossos momentos assim envolvem Jake.

Assenti como se soubesse bem do que ela falava, mas meu conhecimento do assunto era apenas o de um observador. Eu sabia tanto quanto alguém podia apreender ao espiar por uma fresta nas cortinas de uma peça em que nunca poderia atuar.

– Jake. É um nome bonito – comentei.

E foi nesse momento que aconteceu. Ally se levantou tão rápido que sua cadeira teria desabado no chão se eu não a tivesse segurado. Ela nem pareceu notar. Seus olhos brilhavam, porém estavam um pouco desfocados, e embora ela mirasse em minha direção, tive a impressão de que olhava através de mim.

– Tenho que ir... a um lugar. Você viu minha bolsa?

Corri os olhos pelo quarto, encontrando a expressão curiosa da enfermeira de plantão. Ela deu de ombros, mas seu olhar dizia que não cabia a ela dissuadir a esposa de um paciente de deixar o hospital. Bem, eu não achava que tampouco coubesse a mim.

– Ally, já é madrugada. Aonde você precisa ir a uma hora destas?

– Só preciso sair – replicou Ally, sem explicar mais nada.

Estava claro que ela não tinha a menor intenção de partilhar seu segredo comigo, o que não era nenhuma surpresa, pois não estávamos nos falando algumas horas antes.

Ally havia se abaixado e procurava algo sob a cama de Joe. A bolsa, deduzi.

– Você deve ter deixado na sala de espera – sugeri, lembrando de nossa corrida frenética quando o alarme soara por causa de David.

Ally fez um movimento brusco com a cabeça, assentindo, e quase pude ver um plano se formando nela. O que quer que ele envolvesse, dava para ver que não havia a menor chance de dissuadi-la. *Não é da minha conta,* disse a mim mesma. No entanto, quando ela se encaminhou para a porta, eu a segui. Ela se dirigiu para o lugar onde largara o casaco embolado e enfiou os braços nas

mangas como uma lunática entrando numa camisa de força. Essa analogia não era nenhum exagero, porque a postura dela tinha um quê de loucura. Eu não achava que ela fosse me ouvir, mas valia a pena uma última tentativa.

– Ally, aonde você vai? Você não pode sair assim do hospital. Joe precisa de você.

Era verdade, e deveria ter sido meu trunfo, mas Ally só balançou a cabeça.

– É por *Joe* que estou indo – disse ela, ajoelhada no chão à procura da bolsa. – Ah, achei – declarou, puxando com força a alça.

Sua mão se precipitou para o interior da bolsa como uma garça pescando.

– Você por acaso percebeu se havia alguma loja 24 horas aqui por perto? Um supermercado, talvez...

Balancei a cabeça devagar, perguntando-me se devia impedi-la à força ou me oferecer para acompanhá-la. Não achava que teria muito sucesso em nenhuma das duas opções.

– Não tenho certeza. Talvez haja um minimercado ou algo assim na esquina da rua em frente – falei, insegura. – Desculpe. Não lembro.

O trajeto de táxi até encontrar David no hospital parecia ter acontecido semanas ou até meses antes, em vez de apenas horas.

– Acho que tem mesmo – declarou Ally, calçando as botas. – Se os médicos me procurarem, pode dizer que não vou demorar?

– Então você vai voltar?

– É claro que vou voltar – replicou, como se eu fosse louca, o que achei bastante curioso, visto que não era *eu* quem ia sair na noite fria.

Enquanto falava, Ally continuou a remexer dentro da bolsa, as mãos pescando e em seguida descartando coisas.

– Droga. Onde foi parar? Cadê a minha carteira? Não está aqui.

Ela olhou para mim como se eu soubesse a resposta. Se me acusasse de roubá-la, eu viraria as costas e iria embora.

– Tem certeza de que a trouxe?

– Claro que sim. Eu sempre a guardo bem aqui – declarou, empurrando a bolsa na minha direção para que eu pudesse ver o bolso lateral onde a carteira deveria estar.

– Bem, qual foi a última vez que você a viu? – perguntei, tentando ser prática. Ally estava estressada demais para raciocinar.

– Não sei. Esta tarde, na escola de Jake... Não, espere. Eu devo ter tirado quando pensei que havia um coral de Natal na porta. Só que não eram cantores, era a polícia indo me avisar sobre o acidente de Joe.

Seu fervor se apagou diante daquela lembrança.

– Eu devo ter deixado no hall.

Ela pareceu tão desamparada que eu nem parei para pensar se era prudente encorajá-la na missão, qualquer que fosse, que ela estava tão empenhada em cumprir. Peguei minha carteira e tirei uma nota de 20 libras.

– Ah, não, não posso – disse Ally, seus olhos fixos na cédula que eu estendia para ela.

– Isso dá? Precisa de mais?

Ally parou de protestar e pegou o dinheiro.

– Está ótimo. Eu pago quando...

Agitei a mão no ar, dispensando suas explicações.

– Compre o que quer que você precise tanto e volte logo para cá – falei e olhei primeiro em direção ao quarto de David e depois ao de Joe antes de completar: – Não posso ficar de olho nos dois por muito tempo, sabe?

CAPÍTULO 10

Ally

Apertei o botão do elevador com força, várias vezes, até que fui recompensada com um único bipe anunciando sua chegada. Não havia ninguém ali dentro quando as portas se abriram, mas não foi surpresa, dado o avançado da hora. Segui placas que levavam ao saguão principal e à saída e não passei por ninguém nos corredores. O hospital inteiro estava no modo repouso.

Havia várias lojas no saguão do hospital, todas elas às escuras, e tive certeza de que alguma delas venderia o item que eu agora saía na noite gelada para comprar. Sem dúvida ele estava ali, em uma prateleira, e só o que eu tinha que fazer era esperar até de manhã para que alguém abrisse a loja. Eu *poderia* esperar... mas não tinha a menor intenção de fazer isso.

Olhei lá fora a intensa nevasca que fustigava as portas de vidro automáticas. Encolhi-me um pouco mais na gola erguida do meu casaco e segui em frente. As portas se abriram com um ruído sibilante e me vomitaram na noite de dezembro em um bolsão de ar quente que o vento imediatamente engoliu. Flocos de neve açoitavam o meu rosto, ferroando minhas bochechas como um enxame de insetos.

Meu casaco preto já se tornara todo branco quando cheguei à rua. Estava vazia, mas, por sorte, era bem iluminada pelo brilho âmbar das lâmpadas dos postes. Olhei para a esquerda e para a direita, não vendo nada além das partículas brancas que rodopiavam no ar, fachadas de lojas vazias e janelas apagadas. De repente me ocorreu que perambular por ruas desertas àquela hora, em uma área desconhecida, talvez não fosse uma atitude sábia. Eu tinha certeza de que Joe – que nunca ficava bravo comigo por coisa nenhuma – ficaria furioso se soubesse o risco que eu corria. Ótimo. Eu ia adorar que ele me repreendesse, até mesmo que gritasse comigo (embora fosse difícil imaginar meu marido

fazendo isso). Ele devia saber que nada além do puro desespero poderia ter me afastado de sua cabeceira.

Recordar as boas lembranças, a enfermeira dissera. E eu tinha tentado isso, mas não funcionara. Havia mil bons momentos para lembrar em nosso passado, mas talvez olhar para trás não tivesse o poder de arrancá-lo do lugar onde se perdera. Talvez o que ele precisasse era da perspectiva de algo maravilhoso à nossa frente. Algo em nosso futuro. Era cedo, eu sabia. Não pretendera fazer isso agora. Eu tinha até imaginado o momento: seria na véspera de Natal, depois que Jake (finalmente) fosse dormir e estivéssemos apenas nós dois, criando uma nova e inesquecível lembrança. Joe estaria fazendo as marcas das botas do bom velhinho na lareira, enquanto eu terminava de arrumar os presentes sob nossa árvore.

Todos os anos trocamos um presente na véspera de Natal antes de ir para a cama e, embora algumas pessoas talvez achassem um pouco estranho, eu já sabia *exatamente* o que queria embrulhar em um ninho de papel de seda para ele naquele ano.

O mercado era onde Charlotte dissera. A placa de néon piscava na escuridão e me atraiu como um ímã. Para minha surpresa, eu não era a única compradora àquela hora. Passei por várias pessoas nos corredores carregando cestas cheias de compras, examinando os freezers ou em dúvida diante das frutas e dos legumes expostos. Não perdi tempo me perguntando quem faz suas compras de mercado enquanto o resto do mundo dorme; segui direto para a seção de artigos de higiene.

Logo encontrei o que procurava. Havia várias marcas, algumas mais sofisticadas que outras. Dava para ver que tinham evoluído muito desde a última vez em que precisara comprar um. Nem me dei ao trabalho de ponderar os prós e contras de cada fabricante, ou mesmo qual era o melhor preço: peguei o modelo digital (porque gosto de tecnologia) que prometia uma precisão de 99% (porque gosto de ter certeza).

Entreguei à caixa a nota de 20 libras de Charlotte e fiquei me remexendo com impaciência enquanto ela realizava todos os testes possíveis e imagináveis para verificar se a cédula era verdadeira. A mulher era ou extremamente cautelosa ou ex-funcionária de banco. Minhas mãos estavam cerradas num gesto de frustração enquanto ela segurava a nota contra a luz, inclinando-a de um lado

para outro no intuito de verificar sua autenticidade. Acho que era uma noite tranquila para o pessoal da loja.

Por fim, quando a moça se convenceu de que eu não fazia bico como falsificadora, entregou-me a compra num saco de papel branco. Não me recordo do trajeto de volta ao hospital. Sei que segui quase correndo pela neve que continuava a cair (o que era perigoso, considerando as calçadas cobertas de gelo), mas não me lembro de como atravessei a rua, nem se olhei para os lados primeiro (o que era ainda mais perigoso).

Chamei o elevador, mas desci no andar abaixo daquele onde Joe fora internado. Eu queria usar um banheiro menos frequentado por funcionárias do que o da UTI e, a julgar pela penumbra que se via do hall de elevadores naquele andar silencioso, parecia que eu fora ao lugar certo.

Segui para a placa com a silhueta feminina, empurrei a porta e acendi a luz. Não queria ser interrompida, então só tirei a caixinha comprida e estreita do saco depois que tranquei a porta da cabine. Abaixei a tampa do vaso sanitário e sentei-me para ler as instruções com tamanha atenção que parecia que eu faria uma prova sobre elas no dia seguinte. Acho que parte de mim gritava que eu fizesse logo xixi naquela tirinha, enquanto outra parte estava apavorada com a resposta que poderia surgir nela.

Quando quase podia recitar de cor as instruções, eu me levantei, tirei o teste de gravidez da caixa e me preparei, mais uma vez, para os três minutos mais longos da minha vida.

Charlotte

Não era minha culpa que Ally tivesse saído correndo no meio da noite feito uma louca. Eu não poderia tê-la impedido, mesmo que tentasse. Mas isso não evitou que eu me sentisse culpada por incentivá-la. Eu já sentira muitas coisas em relação a Alexandra Nelson (agora Taylor), mas preocupação não era uma delas. No entanto, depois que ela praticamente fugiu dali, levando na mão o dinheiro que eu lhe dera, fui para o canto mais distante da sala e fiquei na única janela que dava vista para a rua e fiquei esperando.

Nevava tanto que eu nem tinha certeza de que a veria quando ela saísse do

prédio, mas vi. Pelo menos achei que fosse ela. Cheguei tão perto da janela que o frio penetrou a pele do meu rosto. Sim, era ela mesma. Parada na calçada sozinha no meio da neve, parecia tão pequena e vulnerável que tive que lutar contra o impulso de vestir o casaco e ir atrás dela. Era um pensamento ridículo, porque, se eu fizesse isso, não haveria ninguém ali para o caso de nossos maridos precisarem.

Fiquei parada junto da janela até Ally desaparecer de vista. Olhei para o relógio em meu pulso, marcando o tempo... por via das dúvidas. Eu não tinha ideia do que me preocupava, mas não conseguia me livrar da ansiedade. Estava gelado ali naquele canto, ao lado da janela que deixava passar uma corrente de ar, e por fim me afastei da vidraça escurecida.

É estranho como as coisas acontecem. Como tudo tem um motivo. Eu não tinha parado para pensar nas coisas dessa maneira antes, mas depois tudo pareceu tão óbvio que eu me perguntei por que um dia eu duvidara. Se Ally não estivesse desesperada, provavelmente não a teria puxado com tamanha força que fez com que algo caísse de dentro dela. Se a carteira não estivesse faltando, eu não teria dado a ela o dinheiro. Se eu não tivesse dado o dinheiro, não teria me sentido responsável por ela sair no meio da noite. Se essa responsabilidade não tivesse me levado a ficar parada ao lado da janela, então eu nunca teria visto a carteira de couro retangular caída meio escondida atrás da cadeira. E, se eu não tivesse encontrado a carteira de Ally, tudo teria sido diferente.

Eu me curvei e peguei a carteira de couro, pretendendo apenas guardá-la até que Ally voltasse. Não tinha intenção de abri-la ou espiar dentro dela. Mas o fecho estava solto, ou algo maior e mais poderoso do que qualquer um de nós agia naquela noite, porque a carteira se abriu como um livro em minhas mãos. De um lado, presos atrás de visores de plástico, estavam a carteira de motorista de Ally e um cartão de banco. Tudo dentro do normal e do esperado.

No lado oposto, porém, por trás de outro visor de plástico, havia algo que definitivamente não deveria estar ali, de modo nenhum, e vê-lo fez o sangue sumir do meu rosto e deixou minhas pernas tão fracas que duvidei que elas continuassem a me sustentar. Afundei numa cadeira, os olhos fixos na fotografia que não pertencia à carteira de Ally, em absoluto... porque deveria estar na minha.

Meus dedos tremeram quando tocaram aquele rosto familiar preso atrás da

proteção de plástico. Senti seus brilhantes olhos azuis penetrarem os meus, encarando-me, enquanto as pontas dos meus dedos roçavam com ternura seu cabelo escuro. Fechei os olhos, conhecendo o toque e a textura dele tão bem quanto os do meu próprio. Lágrimas turvaram minha visão e faziam seu rosto flutuar e tremeluzir à minha frente.

Por quê? Como isso era possível? Como era possível que eu não soubesse? Ele era como eu sempre soubera que seria. Eu o vira centenas de vezes em minha mente, mas nunca pensei, jamais me passou pela cabeça, que a primeira vez que visse uma fotografia do filho de David seria na bolsa de Ally, em vez de na minha.

Ally – Oito anos antes

Não fora minha intenção dar carona a Max até a cidade. Minha missão era algo que eu queria fazer sozinha. Mas ele dissera que precisava comprar algumas coisas antes de voltar para a faculdade após as férias de fim de ano, e eu simplesmente não conseguira pensar em uma desculpa decente para impedi-lo de ir comigo. “Então, posso implorar por uma carona?”, perguntara ele, ao me ver hesitar. “Prometo não dirigir junto com você”, implicara, porque ele odiava a maneira como eu dirigia e eu odiava o fato de ele me dizer isso constantemente. “Hã, sim, claro”, eu tinha respondido apenas, torcendo para que ele atribuísse minha relutância à tristeza pós-rompimento. Para minha sorte, Max ficara na extremidade oposta da High Street à qual eu precisava ir.

A farmácia estava lotada, e várias pessoas olharam quando o sino acima da porta soou quando entrei. Meus passos vacilaram, e examinei os compradores aleatórios em busca de rostos que eu reconhecesse. Felizmente, não encontrei nenhum. Peguei uma das cestas de plástico junto à porta e comecei a perambular pelos corredores. Arrastei os pés, constrangida, diante das prateleiras de artigos de higiene, imaginando que o verdadeiro propósito da minha ida até lá estivesse impresso em letras vermelhas em minha testa. Passei várias vezes pela gôndola que exibia o que eu fora comprar, antes de encontrar coragem parar diante dela. Quando por fim fiz isso, minha cesta estava cheia: o perfume preferido da minha mãe, xampu, um pacote de bolas de algodão e um frasco de esmalte vermelho

brilhante. Nenhum item que eu planejasse comprar inicialmente.

Meu tempo se esgotava e, se não me apressasse, era provável que Max viesse à minha procura – a última coisa que eu queria. Eu estava agindo como um adolescente nervoso prestes a comprar seu primeiro pacote de preservativos. A ironia dessa ideia me fez rir. Teria sido uma compra melhor do que eu ia fazer agora, embora não desassociada dela.

Eu estava entregando o cartão de débito para a atendente da farmácia, quando Max sussurrou algo em meu ouvido. Dei um pulo e arquejei.

– Ei, relaxe, sou só eu – disse ele, rindo. – Por que está tão assustada?

Acho que meus olhos se vitrificaram por um instante, antes de eu mentir para meu amigo.

– Ah, por nada.

A mulher me passou o saco de papel branco. Quase arranquei o pacote da mão dela. Às pressas, amassei a parte de cima dele, ocultando a caixinha comprida que ela deixara parcialmente visível.

Caminhamos até o carro, enquanto Max queria olhar os anúncios de liquidação em todas as vitrines. Tudo o que eu queria fazer era voltar logo para casa. O saco debaixo do meu braço me dava a sensação de estar carregando uma bomba. Uma capaz de deixar não só o meu mundo, mas o de muitas outras pessoas, em pedaços.

Max não disse nada no trajeto de quinze minutos até em casa. Esperou até eu ter parado diante da garagem, acionado o freio de mão e desligado o carro. Voltei-me para ele, esperando que abrisse a porta do carona e saísse, mas ele não se mexeu.

– Então, quanto tempo está atrasada?

– Eu... Eu... Do que você está falando?

Ele se voltou para mim com ar de decepção.

– É sério, Ally? Quer fazer esse joguinho?

Balancei a cabeça com tristeza, mas uma sensação de alívio já começava a percorrer o meu corpo.

– Como você...?

– Vamos dizer apenas que o MI5 não vai bater à sua porta tão cedo. Você seria uma péssima espiã.

Olhei para ele, tentando ver se havia ao menos um vestígio de crítica em seu

rosto. Mas não havia nenhum, e eu devia saber que jamais haveria.

– Além disso, você foi meio lenta ao esconder a sacola. Eu vi a caixa.

– Você não disse nada.

– Enquanto você dirigia? Você só pode estar brincando. A gente já fica com o coração na mão quando entra em um carro com você nas melhores circunstâncias, sem lançar algo assim na conversa.

De alguma forma, ele sempre sabia como me fazer sorrir. Era a melhor parte de ser sua amiga.

– Então, você ainda não respondeu à minha pergunta. Quanto tempo?

– Bem, pode não ser nada. Pode ser só consequência do estresse – admiti.

– O quê? – exclamou meu velho amigo, abrindo a porta. – Aqui estou eu, quase tricotando sapatinhos, e pode não ser nada?

Eu ria ao me inclinar para o banco de trás e pegar a sacola que poderia prever meu futuro com mais precisão do que meu amigo.

Max deu a volta pela frente do carro e passou o braço pelos meus ombros.

– Então, quando nós vamos fazer o teste?

– Nós?

– Claro – confirmou ele, puxando-me mais para perto. – O que quer que aconteça, Al, você não está sozinha. Agora, venha, vamos fazer xixi na fita.

~

Cada um daqueles três minutos pareceu mais de uma hora. Por insistência de Max, tínhamos ido para a casa dele fazer o teste. “Você não vai querer que seus pais cheguem em casa enquanto você está esperando o resultado”, argumentara, e eu tinha respondido: “Acho que não. Embora faça uns vinte anos que eles não vão ao banheiro comigo.”

Era incrível quanto me sentia melhor só por dividir com Max aquele segredo que vinha queimando dentro de mim na última semana. Minha avó sempre dissera que “um problema dividido é um problema reduzido à metade”, e acho que só naquele momento consegui entender o sentido da frase.

Enquanto eu desaparecia no banheiro com a caixa retangular, Max usava o tempo para fazer uma pesquisa rápida em seu notebook. Voltei com a tirinha e a coloquei com cuidado em cima da cômoda dele para esperar o resultado.

– Aqui diz que alguns desses testes podem dar resultados falsos – disse ele, sacudindo a cabeça diante da tela. – Bem, isso não é nada bom. Precisamos ter certeza, de uma forma ou de outra.

Ele fechou o notebook e foi observar a fita.

– Por enquanto, nada – relatou.

Eu estava sentada na beira da cama dele, de cabeça baixa, a atenção voltada para os detalhes da minha calça jeans.

– Talvez a gente devesse colocar a fita debaixo da luz ou em algum lugar quente... – sugeriu.

– Não acho que isso faça diferença – falei, resignada.

– Meu Deus. Esta espera é horrível, não é? – declarou Max, olhando o relógio em seu pulso. – Trinta segundos se passaram. Isso é tudo?

– Você se envolveu mesmo, não é? – falei, olhando para ele, inclinado sobre a fita indicadora branca, espiando a minúscula janela de plástico.

Ele se endireitou e olhou para mim com um toque de tristeza.

– Provavelmente essa vai ser a única vez na vida que vou passar por essa situação. É o mais perto que vou chegar de saber como é descobrir que você vai ser pai.

Não pude evitar. Irrompi em um choro convulsivo, e ele atravessou o quarto correndo até mim e me tomou nos braços. Max me deixou chorar em seu ombro, enquanto dava tapinhas em minhas costas e alisava meu cabelo.

– Shh, shh. Por favor, não chore. Você nem sabe qual é o resultado.

Funguei, mas não disse nada. Porque eu sabia. Eu não fizera nenhum outro teste; não consultara nenhum médico ou enfermeira, mas eu sabia que dentro de mim alguma coisa mudava. Havia vida dentro de mim.

– Ah. O tempo acabou! – gritou Max, soltando-me com gentileza e correndo de volta até a fita.

Com exceção do suave tique-taque de um relógio antigo, o quarto dele estava mergulhado em silêncio quando ele se debruçou sobre a cômoda. Muito devagar, meu velho e querido amigo se aprumou e se voltou para mim. Nunca, em todos os nossos anos de amizade, eu vira aquela expressão em seu rosto.

– Tem duas linhas azuis – declarou, sua voz contida.

É claro que tinha.

Ally

Não fiquei vigiando o teste, que colocara em cima da descarga atrás de mim. Em vez disso, li as várias inscrições entalhadas na madeira da porta do banheiro, como se fossem um instigante best-seller. Depois de passados 180 segundos, eu podia dizer por quem todos que haviam visitado aquele cubículo antes de mim estavam loucamente apaixonados.

Levantei-me e peguei a fita. Minha expectativa era oposta à de oito anos antes. Naquela época, eu tinha rezado para que o resultado fosse negativo; *dessa* vez, estava desesperada para ver uma única palavra na janelinha cinza: GRÁVIDA.

A princípio pensei que eu houvesse calculado mal o tempo do teste, que a ampulhetinha ainda piscava no canto da tela. Mas, quando examinei mais de perto a imagem, percebi que a ampulheta fora substituída por um minúsculo ícone de livro.

– O quê? – gritei no compartimento azulejado. – Só pode ser brincadeira. Um livro?

Olhei o desenho mais de perto. *Com certeza* era um livro. Peguei a folha de instruções, que eu, estava claro, não havia estudado bem o suficiente, porque não fazia ideia do que isso significava. Foi uma questão de segundos até encontrar minha resposta. “Aconteceu um erro durante o teste.” Erro? Que tipo de erro? Como era possível que eu tivesse errado? Não se tratava de um procedimento científico complexo. Recostei-me na porta do cubículo, a folha de instruções amassada na mão. “Você deve tentar novamente usando um novo teste.” Fuzilei com o olhar o dispositivo que me arrancara a corda salva-vidas que eu quisera lançar para Joe.

– Eu não tenho outro teste – disse, furiosa, sentindo as lágrimas quentes de frustração queimarem meus olhos. – Nem tempo nem dinheiro para comprar outro.

~

Subi o lance de escada que restava até a UTI, sentindo-me abatida. Charlotte estava de costas para mim quando entrei na sala de espera, portanto não tive nenhum aviso do bombardeio iminente que eu enfrentaria, até que ela se virou

com minha carteira nas mãos.

Cheguei agitada e cansada demais, e acho que por isso demorei a perceber o que viria a seguir. Eu ia perguntar onde a encontrara, ou agradecer, talvez, mas ela não me deu nenhuma chance de falar primeiro.

– *Algum dia* você ia contar a ele? Ou a mim?

– Eu... Do que você está falando? – perguntei de forma estúpida, embora já pudesse sentir meu coração disparado no peito, como se ele quisesse estar em algum lugar distante daquela sala.

– *Disto*, Ally. Estou falando *disto* – declarou Charlotte dramaticamente, abrindo minha carteira e voltando-a para mim, como se eu precisasse ser lembrada de que havia uma fotografia do meu filho dentro dela.

A semelhança com o pai biológico era impressionante.

– Seu filho, Jake, é do David, não é?

Acho que por um único e ridículo milissegundo pensei em negar, mas como eu poderia? A prova era irrefutável. Assenti bem devagar, e os demônios dos quais eu vinha fugindo nos últimos oito anos me alcançaram. Em minha cabeça eu podia ouvir as vozes dos meus pais, de Max e até mesmo de Joe dizendo: "Nós lhe avisamos de que isso ia acontecer."

– Quando...? Como...? Por que você não...?

Charlotte parecia ter perdido a capacidade de construir uma frase completa, e eu não podia culpá-la. Observei as emoções cruzarem seu rosto perfeito. Raiva, dor e então algo mais, à medida que um último e pavoroso pensamento lhe ocorria.

– David. Ele sabe? Ele sempre soube?

Balancei a cabeça com veemência.

– Não. É claro que não. Ele não sabe nada sobre isso.

Havia alívio em seus olhos, mas não ficou ali por muito tempo. A raiva o expulsou.

– Como você pôde fazer isso? Como pôde esconder isso dele? Ele tem um filho. Seu filho tem o sangue dele, no entanto você escondeu isso por todos esses anos. Você tem alguma ideia da diferença que isso teria feito?

Foi minha vez de ficar com raiva.

– Como logo você pode me perguntar isso? Eu sei muito bem quanto tudo teria sido diferente se eu tivesse contado a David.

Meu peito subia e descia em razão da raiva, e as vozes das duas estavam alteradas em uma sala onde as pessoas geralmente falavam apenas em sussurros.

– Se David soubesse disso, você não seria esposa dele agora... e eu não seria a de Joe – concluí com tristeza.

Charlotte pareceu prestes a negar minhas palavras. Elas eram novas e desconhecidas para ela, mas para mim eram um refrão havia muito repetido, que não saíam da minha cabeça.

– Nós duas sabemos o tipo de homem que David é. Ele *nunca* teria se negado a fazer o que achava certo. Se eu tivesse contado sobre a gravidez, ele teria voltado para mim.

Eu disse essas palavras sem falsa modéstia ou orgulho. Não era um testemunho do amor que tínhamos compartilhado um dia que me fazia ter certeza de que falava a verdade; era um conhecimento profundo do homem que David era.

Charlotte ficou me encarando por muito tempo, e eu podia ver que ela queria mais do que qualquer coisa dizer que eu estava errada, que David teria me deixado ir embora, que ele estaria preparado para ser pai a distância. Mas nós duas o conhecíamos bem.

– Depois do que aconteceu no Baile de Inverno, eu sabia que não havia volta – falei, sentindo certo alívio em por fim contar o segredo que escondera por tanto tempo. – Não havia uma segunda chance para David e para mim; estávamos machucados demais. Nosso relacionamento tinha acabado e, mesmo que vocês dois não tenham se dado conta na época, o de vocês já começava.

Havia confirmação nos olhos de Charlotte, e algo mais que me fez pensar em quanto eles haviam sido próximos, mesmo quando David ainda era meu. Ela estremeceu como se para afastar essa lembrança, enquanto continuava como um inquisidor determinado a saber a verdade:

– Mas você sabia... Naquela noite você *sabia* que ia ter um filho dele?

– Não, ainda não. Só soube semanas depois.

Charlotte afundou em uma das cadeiras, como se o peso das revelações fosse demais para ela.

– Joe sabe que Jake não é dele?

Acho que, de tudo que Charlotte disse, isso foi o que mais me chocou.

– É claro que ele sabe. Eu nunca mentiria para ele sobre isso.

Estremeci com a hipocrisia de minhas palavras e me preparei para a merecida réplica de Charlotte.

– Só para David, então – deduziu ela com amargura, como se as palavras fossem veneno em sua língua.

Seu rosto se transformou, e ela pareceu tão triste que parte de mim quis consolá-la.

– Você sabe quanto ele quer um filho? Tem alguma ideia de como é devastador não poder lhe dar um?

Não havia nada que eu pudesse dizer e, mesmo que pensasse em algo, duvido que teria conseguido fazer as palavras passarem pelo nó de culpa alojado em minha garganta. Fechei os olhos e ouvi os ecos de uma conversa de um passado distante.

– Ally, você tem que contar a ele – insistira Max.

– Não, não tenho.

Eu estava com a cabeça abaixada, e Max se agachou à minha frente, forçando-me a encará-lo.

– Ally, isso está errado. Você sabe que está. David tem o direito de saber. Ele vai querer fazer a coisa certa.

Eu erguera a cabeça ao ouvir essas palavras, o rosto encharcado de lágrimas.

– Você acha que eu não sei? Mas não vai ser o certo, não para ele nem para mim. Nem para o bebê – eu dissera, percebendo que agora havia outro indivíduo na equação.

Max balançara a cabeça, dividido entre me apoiar ou me dizer que aquela era a decisão mais ridícula e egoísta da minha vida.

– Você não vê que isso é exatamente o que a mãe dele tinha certeza de que eu tentaria fazer? Que eu tentaria prendê-lo de alguma forma? Ela decidiu que eu estava dando o golpe do baú no instante em que me viu.

– E que diabos importa o que a mãe dele acha? Nós sabemos que isso não é verdade. Pelo amor de Deus, David vai saber que isso não é verdade. Ele conhece você. Ele ama você.

– Amava – eu corrigira com tristeza. – Nós nos amávamos, mas agora...

agora ele tem outra pessoa e, quer você pense que estou certa ou errada, vou fazer isso sozinha.

– Você está errada – dissera Max com firmeza, e algo em sua voz me fizera olhar fundo em seus olhos.

Havia lágrimas neles e, naquele momento, eu tinha amado meu melhor amigo mais do que em qualquer outro.

– Você não está sozinha – emendara ele, apertando minhas mãos entre as suas. – E nunca vai estar.

Charlotte

– Sra. Williams?

Dei um pulo. Eu não tinha sequer ouvido a porta se abrir, muito menos notado a enfermeira que chamava meu nome parada no vão. Ela olhava para Ally e para mim com visível cautela. O que não era surpresa, já que nossas vozes alteradas deviam ter ecoado pelo corredor.

– O Dr. Beardsworth, o cardiologista, acabou de chegar. Ele está com o seu marido agora. Se quiser me acompanhar, estou certa de que ele vai querer falar com a senhora quando terminar o exame.

Por um estúpido e insano momento eu quis dizer a ela: “Na verdade, estou no meio de uma discussão aqui. Posso procurá-la quando terminar?” É claro que não falei nada do tipo, mas lancei a Ally um olhar expressivo que ela na certa entendeu: *Ainda não terminamos. Isso está longe de acabar*.

Eu ainda tremia por causa da minha descoberta enquanto a enfermeira me conduzia pelo corredor até uma pequena sala desocupada. Eu me sentia como uma arqueóloga que descobrira algo tão terrível que só queria jogar terra sobre a coisa e fingir que nunca a encontrara.

David tinha um filho. Todos esses anos vínhamos alimentando esperanças... e ele já era pai. Só não sabia. Como Ally podia ter feito algo tão imperdoável? E como David ia reagir à notícia? Será que ele estava forte o bastante para receber a notícia? Acho que eu saberia a resposta assim que o cardiologista terminasse seu exame.

Charlotte – Quatro anos antes

– Acho que devíamos consultar outro médico – sugeri.

David fez uma pausa antes de me passar a taça de vinho que acabara de servir.

– Já consultamos três – continuou com cuidado, sentando-se ao meu lado no nosso sofá de couro branco, cuja superfície imaculada jamais teria marquinhas grudentas deixadas por dedos sujos de geleia.

Ele pegou na minha mão, como se a dor infligida por suas palavras pudesse ser diminuída por nosso contato físico.

– Talvez seja hora de aceitarmos o que os três nos disseram – falou ele.

Balancei a cabeça, como a criança rebelde que eu jamais seria capaz de conceber.

– Outro dia vi uma coisa na internet...

– Charlotte, não. Chega. Você tem que parar com isso – pediu David, os olhos azul-cobalto cheios de preocupação. – Você não vai encontrar uma resposta milagrosa no Google, algo que os médicos já não saibam. Acho que nós dois precisamos aceitar que as coisas não vão acontecer dessa maneira para nós e começar a explorar outras opções.

– Você quer dizer *adoção*?

Pronunciei a palavra como se fosse motivo de vergonha, como se representasse meu fracasso. Era assim que eu me sentia.

– Esse é um caminho que podemos seguir – disse David, pegando gentilmente a taça da minha mão e colocando-a na mesa de centro, de cantos pontiagudos nada indicados para uma criança pequena.

Ele me puxou para seus braços, deitando minha cabeça em seu peito, bem acima do coração. Eu podia sentir as batidas em seu ritmo constante através do algodão sedoso da camisa.

– Existem tantos bebês pelo mundo, bebês que precisam de um lar, bebês que precisam de pais para amá-los...

– Eu sei. Mas, se seguirmos esse caminho, vai significar que desistimos de ter um nosso, e não sei se estou preparada para isso. Não sei se *algum dia* estarei – admiti, trêmula.

O suspiro de David soprou meu cabelo, mas ele não disse nada enquanto eu

prosseguia:

– É só que os vejo tão nitidamente, em minha cabeça... Eu os vejo há tanto tempo...

– Quem?

– Os filhos que nunca vamos ter – respondi, com tristeza.

Ele me deixou chorar por apenas um ou dois minutos antes de levantar com ternura meu queixo, deixando nossos rostos separados por poucos centímetros.

– Nós não precisamos *fazer* um bebê para ter uma família. Eu sei que você acha que ter laços biológicos é importante, mas não é. Pelo menos não para mim. Eu não preciso ver uma pessoinha com seu cabelo e sua boca, meu nariz e meus olhos, seus cotovelos ossudos e minhas pernas peludas.

Pisquei, reprimindo as lágrimas.

– Um bebê bem feio esse que você acabou de descrever – brinquei.

Seus olhos sorriram para mim, afetuosos.

– De fato, Sra. Williams. E, francamente, não acho que possamos assumir esse risco.

Ele estava tentando me tirar do buraco negro em que eu tinha me enfiado, eu sabia. Mas, por trás de suas palavras irreverentes, ele parecia sério.

– O mapa genético não torna uma pessoa pai ou mãe, isso é só um acaso biológico.

– E você realmente não se importa com o fato de que poderia ter esse "acaso biológico" se tivesse ficado com... – comecei a dizer, mas a coragem me abandonou no último momento – ... outra pessoa? – emendei.

– Não quero nem preciso de mais ninguém. Só de você.

Fechei meus olhos quando ele me beijou, mas não consegui apagar a imagem das crianças de cabelo escuro e olhos azuis cristalinos que nunca teríamos.

Ally

– Fique à vontade para dizer "eu avisei" – afirmei ao meu marido em coma.

A enfermeira no quarto nem sequer nos dirigiu o olhar enquanto eu falava com seu paciente solitário. Eu estava grata por sua discrição.

– Você me avisou, todos vocês avisaram. Mas eu continuei torcendo para que

isso nunca acontecesse – falei, e dei uma risadinha amarga. – Eu deveria ter percebido quanto isso era inútil, não deveria? Parece que algo, como um arame farpado invisível, nos mantém amarrados todos juntos. Você acha que já passou, acha que está livre, mas, se correr muito na direção oposta... bem, ele corta você.

Aproximei minha cadeira da cama e acariciei o braço de Joe. Será que ele podia sentir isso? Em algum lugar na escuridão, meu toque tinha o poder de alcançá-lo?

– Ela vai contar para ele, claro que vai.

Fechei os olhos, tentando, com todas as forças, não pensar na dor que isso traria para todos nós.

– Acho que não posso culpá-la. Eles são muito unidos, dá para ver, e ela não vai esconder nada dele – falei, e nesse momento um sorriso suavizou meu rosto e eu olhei para ele com amor. – Assim como eu não poderia esconder de você.

Ally – Oito anos antes

– Então, o que Joe disse? – perguntou Max.

A ligação dos Estados Unidos estava surpreendentemente nítida, o que não me deixava nenhuma possibilidade de dizer: “Desculpe, mas está picotando. Não estou ouvindo você.”

– Ally, você já contou a ele, não é?

– Não exatamente. Não com todas as palavras.

A voz de Max transparecia incredulidade e divertimento.

– Quantas palavras são necessárias para dizer que você vai levar um bebê chorão para a casa dele?

Suspirei.

– Eu sei. Não deveria ter esperado tanto. Deveria ter dito a ele antes de me mudar.

– Ah, agora você admite? – provocou Max, fingindo sarcasmo. – Eu deveria ter sugerido isso na ocasião. Ah, espere um instante... eu sugeri! Falando sério, Al, o que vai fazer se ele pedir que você saia?

– Voltar para a casa dos meus pais, imagino – deduzi, resignada.

– Eu só não entendo por que você adiou isso por tanto tempo.

– Porque eu não queria que as coisas ficassem estranhas entre nós. Não queria que nada mudasse. Tudo tem ido tão bem... Posso estudar durante o dia, dar aulas de música à tarde e praticar noite adentro, se quiser. Joe é muito tranquilo em relação a tudo. E nos damos tão bem, é como se nos conhecêssemos há anos – expliquei e, por ironia, minha voz soou um tanto triste quando concluí: – Também tenho rido muito ultimamente.

– Estou começando a ficar com ciúmes – brincou Max. – É bom ouvir você tão feliz e positiva e estou *contente* que você tenha alguém com quem conversar, agora que não estou mais aí. Só para constar, eu acho que Joe parece um cara ótimo e um bom amigo. Mas sabe de uma coisa? Amigos, amigos *de verdade*, contam coisas ao outro, principalmente quando dividem a mesma casa.

– Arrã.

Eu sabia aonde Max queria chegar.

– Sim, eles fazem isso. Coisas importantes, sabe, tipo “acabou o leite”, “você pagou a conta de luz?”, “por acaso mencionei que vou ter um bebê ainda este ano?”. Coisinhas pequenas assim.

Eu ri, mas por trás da brincadeira eu sabia que Max estava coberto de razão. Era hora (na verdade, já tinha passado muito da hora) de dizer a Joe que eu não tinha sido franca com ele.

~

Escolhi o momento com cuidado. Esperei até ter certeza de que tínhamos apenas alguns minutos. Assim, mesmo que ele ficasse aborrecido, teria que sair para o trabalho e, com sorte, esfriaria a cabeça até a volta. Nossas manhãs tinham entrado em uma rotina confortável e partilhávamos a cozinha enquanto cada um preparava o próprio café da manhã. Nós cruzávamos o caminho um do outro como bailarinos bem ensaiados.

Fiquei olhando o relógio, esperando até que nos restassem apenas cinco minutos e meia xícara de chá, antes de pigarrear, nervosa. Fiquei arrependida de ter comido torrada, porque podia sentir as migalhas alojadas em minha garganta, como grãos de areia. Ajudei-as a descer com um gole imenso de suco de laranja e coloquei o copo sobre a bancada com um pouco mais de força do que o necessário.

– Joe, podemos trocar uma palavrinha sobre um assunto antes de você sair?

Ele olhou para o relógio na parede. Eu poderia ter dito a ele que não se desse ao trabalho: tínhamos 4 minutos e 25 segundos. Havia tempo para a conversa – e só para ela.

– Claro – disse Joe, cortês, e me dirigiu seu encantador sorriso torto. – O que foi?

– Bem, é meio difícil saber por onde começar.

Havia carinho em seu rosto enquanto ele esperava que eu arruinasse nosso aconchegante e confortável acordo de moradia.

– Tem uma coisa que eu deveria ter contado a você há muito tempo... antes de me mudar para cá, na verdade. E vou entender totalmente se quiser que eu vá embora... porque... bem... isto é... bem, não é algo com que você tenha concordado, então, por favor, não se preocupe com...

– É sobre o seu bebê?

Eu pisquei como uma coruja. Uma coruja muito surpresa e atordoada.

– Então, é? – insistiu ele.

– Como você...? Quem contou...? Quando você...?

Joe balançou a cabeça gentilmente a cada uma de minhas perguntas fragmentadas.

– Ninguém me contou. Eu deduzi sozinho faz algum tempo.

Olhei para a minha barriga ainda lisa. Eu continuava vestindo meu jeans tamanho 40, embora fosse preciso admitir que a cintura já começava a me apertar. Mas eu ainda não achava que parecesse grávida.

– Quando você soube?

– Antes de você se mudar para cá – disse ele baixinho, os olhos gentis.

– Você sabia? Mas por que não disse nada? Por que nem me perguntou a respeito?

Joe só deu de ombros e eu percebi que a última pergunta era recíproca: *Por que você não me contou?* Um rubor quente começava a queimar minhas bochechas. Baixei os olhos, concentrando minha atenção no tecido desbotado de sua camisa de algodão, observando a maneira como se esticava na largura de seus ombros; como ele havia enrolado as mangas para facilitar os movimentos; como um dos botões perto da barra parecia prestes a se soltar. Eu estava pronta para responder a qualquer pergunta que alguém quisesse me fazer sobre sua

camisa. Mas não sobre minha gravidez ou meu relacionamento fracassado com David.

– Deduzi que não fosse da minha conta.

Eu devia ter imaginado que ele não ia se intrometer. Mas ainda me sentia mal por ter ocultado a verdade.

– Desculpe de verdade por não ter dito nada. Posso ir embora no fim de semana. E, claro, vou pagar o aluguel até o fim do mês.

Eu estava de cabeça baixa, fitando o piso de terracota, só percebendo quanto ele se aproximara quando vi suas pesadas botas de trabalho bem na minha frente. Ergui o rosto devagar e esperei até meu olhar encontrar o dele.

– Por que você vai embora?

Olhei para ele, confusa.

– Vou ter um bebê.

– Sim, eu sei que vai. Mas por que isso significa que você tem que ir embora daqui?

Eu passara de confusa a perplexa. E então de súbito percebi que era provável que ele não houvesse compreendido minha real intenção.

– Joe, eu não vou dar o bebê para a adoção. Vou ficar com ele... ou ela.

Joe se limitou a assentir.

– Foi o que pensei.

– Um bebê vai perturbar tudo. Para começar, vai ter coisas de bebê espalhadas pela casa toda.

– A casa é grande.

– Eles acordam no meio da noite. Muito.

– Tenho sono pesado.

– Eles resmungam quando estão com fome.

– Bem, eu também faço isso.

– Eles cheiram mal... às vezes.

– Idem.

Balancei a cabeça. Ele estava tornando as coisas fáceis demais para mim. Muito mais fáceis do que eu merecia.

– Eles fazem muito barulho – falei, e era meu argumento final.

– Ally, você toca piano e trompete. Você faz um bocado de barulho. Como um bebê pode ser pior? Eu posso lidar com o barulho.

Eu deveria ter rido, porque as palavras dele foram muito bem-humoradas. Em vez disso, desatei a chorar. Ele não me abraçou nem tentou me consolar, mas pegou algumas toalhas de papel e me entregou. Enxuguei os olhos e estava quase sorrindo quando olhei agradecida para ele.

– Hormônios – desculpei-me. – Eu preciso avisá-lo. Eu vou chorar... muito.

– Sabe, para alguém que está tentando me convencer a aceitar uma coisa, você parece abordar a questão de uma forma muito estranha.

– Eu só queria que você soubesse no que vai se meter se eu ficar.

Joe assentiu de forma solene.

– Registrei tudo que você disse. Considere-me advertido.

Nesse momento ele estendeu a mão para mim, tocando meu ombro e me dando tapinhas, como se eu fosse uma criança agitada.

– Mas você não precisa ir embora – falou, e hesitou por um momento ao completar: – Eu não *quero* que você vá.

Por um segundo algo brilhou em seus olhos, mas desapareceu antes que eu pudesse identificar o que era. Houve um breve momento de estranheza, um dos primeiros, acho, entre nós, então ele olhou para o relógio. Tínhamos ultrapassado e muito o tempo que eu previra.

– Preciso ir. Podemos conversar um pouco mais hoje à noite, mas não tenho nenhum problema em mantermos as coisas como estão.

Ele já estava quase saindo da cozinha, seguindo para o corredor, quando fiz a última pergunta, sobre a questão que me deixara mais curiosa:

– Joe, se ninguém lhe contou e eu ainda não pareço grávida, como você descobriu?

Ele parou no vão da porta e se virou.

– Não foi apenas uma coisa. Você estava enjoando de manhã quando nos conhecemos, depois decidiu não voltar para a universidade e, depois, veio a urgência em sair da casa dos seus pais. Todas essas coisas juntas me deixaram desconfiado. Depois, é claro, veio a pista decisiva.

– Pista? Que pista?

– Hã, bem... Seus peitos... Eles ficaram maiores – murmurou, antes de se apressar em direção à porta da frente. Foi a primeira vez que eu o vi corar.

Olhei para os meus seios e ainda ria bem depois de sua van partir.

CAPÍTULO 11

Charlotte

– Eu não compreendo.

O Dr. Beardsworth parecia cansado. Acho que, qualquer que fosse o seu tempo de carreira, ser tirado da cama no meio da noite nunca ficava mais fácil. Ainda mais difícil era transmitir aos parentes o tipo de notícia que ele acabava de me dar. Havia compaixão e calma em seu rosto enquanto me permitia absorver a informação. Mas eu não estava nem perto de aceitar o terrível diagnóstico. Ainda buscava uma saída.

– Mas com certeza *tem* que haver alguma opção... Uma ponte de safena, um marca-passo ou algo assim?

Eu atirava termos médicos desesperadamente em sua direção sem a menor ideia do que os procedimentos significavam. Imaginei que o cardiologista vivesse aquilo com frequência, porque em nenhum momento me disse que eu talvez precisasse de algo mais que dez anos de *Grey's Anatomy* para sugerir algo.

– Quando lidamos com uma doença coronária ou uma angina grave, a ponte de safena pode ser a solução. Mas no caso do seu marido, o *próprio* coração está muito danificado. Até a implantação de um desfibrilador dentro do peito só serviria para nos dar um pouco mais de tempo; não seria uma cura. Infelizmente, a única solução de fato é a que expus.

– Mas um *transplante de coração*... – falei, as palavras num sussurro abafado, como se enunciá-las mais alto pudesse invocar alguma maldição, o que era ridículo: afinal, a situação já não era a pior possível? – David é tão jovem. E saudável.

– E esses são fatores importantíssimos a favor de seu marido. Temos todos os motivos para esperar um resultado extremamente satisfatório num caso como o dele.

Balancei a cabeça, ainda tentando absorver o espantoso diagnóstico.

– E se ele *não* fizer o transplante? O que acontece?

O Dr. Beardsworth não falou nada, mas seus olhos disseram tudo. Senti o choro subir, rasgando minha garganta, decidido a escapar. Em silêncio, o médico deslizou uma caixa de lenços de papel em minha direção.

– Mas o *coração* dele...

Minha voz sumiu. Para o cardiologista, o coração era apenas uma bomba, um órgão, e um órgão que, no caso de David, falharia a qualquer momento. Mas, para mim, só de falar em retirá-lo me dava a sensação de que a própria essência do homem que eu amava sairia com ele. Por mais que eu tentasse, não conseguia separar os dois.

– É só... que é uma coisa tão complexa para se entender... – expliquei, de trás de um bolo de lenços de papel.

– Eu compreendo perfeitamente – assegurou ele. – É muito para assimilar. Mas, a cada ano, duzentos pacientes são submetidos a um transplante neste país. Do ponto de vista cirúrgico, o procedimento não é tão complicado quanto a senhora talvez imagine. O difícil, depois de termos avaliado a adequação de David como candidato, será esperar o coração de um doador.

– Ele... ele sabe?

O médico fez que sim, sério.

– Mesmo doente, seu marido tem um entendimento claro da situação. Ele perguntou se um transplante seria uma opção e eu não vi motivo para não responder.

– Como ele reagiu?

– Tão bem quanto qualquer pessoa reagiria – respondeu o Dr. Beardsworth, com um sorriso triste. – É muito para digerir. Para *vocês dois*.

Senti a pontada ácida das lágrimas diante de sua compaixão. Fechei os olhos até elas desaparecerem. Eu precisava manter a compostura, agora mais do que nunca.

– Muitos dos exames necessários já foram feitos; os demais serão realizados quanto antes. Mas a minha recomendação imediata é que o coloquemos na lista de urgência médica, o que deverá lhe dar prioridade caso um coração fique disponível. Até que isso aconteça, ele terá que permanecer no hospital.

– Ele não pode voltar para casa? De jeito nenhum?

Até para os meus próprios ouvidos, minha voz soou tão perdida quanto a de uma criança.

– Eu sinto muito, mas não, Sra. Williams. Ele está debilitado demais.

– Posso vê-lo agora?

– É claro – disse o médico, levantando-se e esperando enquanto eu lutava para fazer o mesmo.

Quase perdi os últimos farrapos de compostura quando ele pousou uma das mãos no meu braço num gesto gentil ao me conduzir para fora da sala.

– Eu sinto muitíssimo por não poder lhe oferecer mais no momento. Mas, por favor, seja forte e pense positivo. É importante manter David estável, emocional e fisicamente, enquanto aguardamos.

Que alguém morra, completei em silêncio, sentindo o peso das palavras caírem sobre mim como uma rocha. A batalha de David seria agarrar-se à própria vida até que alguém perdesse a sua.

Demorei um instante para me recompor antes de abrir a porta do quarto. Respirei fundo algumas vezes no vão da porta, como se fosse um mergulhador se preparando para pular em águas escuras e desconhecidas. Minha expressão já era serena quando entrei. David estava consciente, os olhos grudados na porta, na expectativa. Estivera à minha espera.

Fraquejei só por um segundo ao perceber a expressão triste de desculpas em seus olhos enquanto eu me aproximava. Seus lábios eram familiares sob os meus, mas não havia a menor energia em seu beijo. Endireitei o corpo e me sentei o mais perto que pude, tomando cuidado para não me embolar nos tubos que lhe forneciam oxigênio.

– Como está indo com o médico bonitão? – zombou ele, ofegante.

Como sempre, aproveitei sua deixa. Fiz uma pequena careta e franzi o nariz.

– Eu o troquei por um especialista mais experiente.

– Sério? Você acha uma boa troca? Ele parece um pouco velho para você.

– Gosto dos mais velhos. Não correm tanto quando a gente vai atrás deles.

David tentou rir, mas o esforço o fez arquejar, e isso levou os aparelhos à sua volta a exibirem picos nas telas e biparem advertências, fazendo a enfermeira

franzir a testa para mim em sinal de reprovação.

Isso nos fez ficar sérios.

– Sinto muito, Charlie. Não era para ser assim.

– As coisas são o que são – constatei, triste.

Segurei sua mão com força e baixei a cabeça para beijar os nós de seus dedos.

– Mas, se você continuar a me matar de susto dessa maneira, então é bom me avisar logo, porque talvez eu precise me divorciar de você.

A enfermeira fez uma cara horrorizada, mas David se limitou a dar um sorriso.

– Não vai nada. Até que a morte nos separe, lembra? Eu só não achei que fosse cumprir com a minha parte do combinado tão cedo assim.

A fúria me inundou, não contra ele, mas contra a vida, o destino ou seja lá o que estivesse lhe roubando a vontade de lutar.

– Não ouse falar assim. Ninguém aqui vai deixar ninguém.

Os lindos olhos azuis de David estavam cheios de dor, não pelo que estava passando, mas pelo que fazia comigo.

– Só quero que você fique bem, Charlotte. Aconteça o que acontecer.

– Nada vai acontecer – refutei, obstinada. – Você vai ficar bem aqui até lhe arranjarem um coração novo, um que seja bem forte, depois pode passar os próximos sessenta e tantos anos me pedindo desculpas por me assustar dessa forma.

Agarrei a mão dele.

– Isso é um desvio de trajeto, um obstáculo que vamos ter que saltar para depois retomarmos o caminho certo. Não quero mais ouvir essa conversa de morte ou de separação. Você me deve uma viagem a Nova York e eu tenho toda a intenção de cobrá-la.

David balançou a cabeça, o cabelo cheio e escuro produzindo um som áspero contra os travesseiros bem engomados.

– Então você sabia, é? Eu devia ter imaginado que não adiantava querer guardar segredo de você.

Tentei sorrir, mas de alguma forma a leveza não se refletiu nos meus olhos.

– Está bem – continuou David e fez um juramento sobre o qual nós dois sabíamos que ele não tinha o menor controle: – Chega de paradas cardíacas, eu

prometo. Chega de seguir em direção à luz.

– Foi assim? – perguntei, hesitante, apavorada em ouvi-lo falar, até mesmo de brincadeira, sobre quanto eu havia chegado perto de perdê-lo.

– Não, meu amor. Não foi nada assim. Não teve luz brilhante nem túnel. Só escuridão.

– Que coisa mais decepcionante – falei, tentando soar tão irreverente quanto ele, mas sem conseguir de fato. – Eu sempre imaginei que haveria alguma espécie de comitê de boas-vindas, com todo mundo que amamos à nossa espera.

Os olhos de David estavam cheios de ternura quando encontraram os meus.

– Todo mundo que *eu* sempre amei neste mundo está bem aqui neste hospital – disse ele, baixinho.

Suas palavras eram mais verdadeiras do que ele imaginava e a culpa do que eu agora escondia dele me atingiu como um golpe. Ele percebeu em meu rosto. Eu devia ter sabido que perceberia.

– Charlotte, o que foi? Qual é o problema?

Respirei fundo, temendo o que estava prestes a dizer, mas sabendo que não tinha escolha. O tempo para segredos tinha acabado.

– David, tem uma coisa que eu preciso lhe contar...

Ally

Eles entraram lado a lado pelas portas de vaivém, como se precisassem daquele contato físico para enfrentar a situação. Eu só me ausentara por alguns minutos; usara as escadas para ir até a máquina de bebidas que vira no andar de baixo. Voltava pelo corredor quando ergui os olhos e vi os pais de Joe em pé na entrada da ala médica, em choque como sobreviventes de uma explosão. Pareciam perdidos, amedrontados e, o que foi assustador, muito mais velhos que da última vez que eu os vira. Saí correndo em sua direção, e o barulho das minhas botas voando pelo piso de linóleo os fez se virarem para mim.

– Ally! – exclamou Frank, a voz falhando de uma forma que eu nunca tinha ouvido.

Atirei os braços em volta da entidade única que eram os meus sogros e eles se agarraram a mim. Kaye chorava. Percebi pelos tremores que agitavam seus

ombros curvados. Ela passara a vida toda convencida de que algo pavoroso aconteceria com alguém que amava e não havia absolutamente a menor satisfação em ver essa previsão se tornar real.

– Calma, calma – consolou o pai de Joe, enfiando a mão livre no bolso para pegar um lenço.

Foi então que notei, com certo estranhamento, que os pais de Joe estavam de mãos dadas, os dedos de tal maneira entrelaçados que os nós dos dedos ficavam brancos.

– Eu não esperava que chegassem tão rápido – falei, dirigindo o meu comentário a Frank e permitindo a Kaye um momento de privacidade para secar o rosto onde as lágrimas haviam criado minúsculos riachos pelas camadas de pó e blush.

– O motorista que você nos mandou era dos bons. Deu conta do trabalho sem a menor dificuldade. Atravessou a tempestade e os bancos de neve como se eles nem estivessem lá. Eu mesmo não teria conseguido chegar aqui mais rápido.

Enviei um obrigada silencioso para Max, que devia agora estar sobrevoando algum ponto do Atlântico para ficar ao meu lado. Os pequenos pedaços do meu mundo se juntavam como um quebra-cabeças. Mesmo que uma peça imensamente importante ainda faltasse.

– Como ele está? Como está o nosso menino? – perguntou Kaye, ansiosa.

– Não houve mudança nenhuma, eu sinto dizer. Ele ainda não acordou.

Kaye deixou escapar um pequeno gemido e meu olhar preocupado voou para Frank. Percebi a determinação implacável na mandíbula de meu sogro, em contraste com o brilho excessivo em seus olhos. Tive um momento de puro pânico. Talvez eu devesse ter minimizado a gravidade do estado de saúde de Joe. Os dois eram idosos e haviam estado doentes fazia pouco tempo. Para ser sincera, eu não tinha certeza se qualquer um dos dois tinha forças para lidar com a situação.

– Eu quero vê-lo – disse Kaye. – Vão nos deixar vê-lo, não vão?

– É claro que sim – assegurei, passando o braço pelos ombros dela e trazendo-a para mais perto de mim.

Kaye sempre fora pequena e delicada, mas quando se tornara tão frágil? Tive a sensação de estar segurando um monte de ossos embrulhados e mantidos de pé apenas pela lã grossa do casaco.

Comecei a conduzir os dois em direção ao quarto de Joe.

– Preciso avisar a vocês que o ligaram a um bocado de aparelhos.

Os olhos de Kaye se arregalaram de medo. Beijei sua bochecha e senti o mesmo perfume de lírio-do-vale que ela usava desde que a conheci.

– Fico repetindo para mim mesma que cada um desses aparelhos assustadores está lá para ajudá-lo – sussurrei junto de seus cachos curtos e grisalhos. – Estão fazendo tudo que podem por ele. Joe está recebendo os melhores cuidados.

Kaye assentiu com vigor, não confiando na própria voz, enquanto ao seu lado Frank respondeu num tom atipicamente rouco:

– Isso é bom. É como tem que ser. É o que precisamos ouvir.

Embora eu tivesse tentado prepará-los, não acho que minhas palavras tenham conseguido vencer o pânico que os tragara desde que receberam minha ligação. Eles seriam capazes de lidar com o que os aguardava do outro lado da porta? Algum pai ou mãe seria? A única coisa pior do que ver Joe naquela situação seria ver *Jake* em seu lugar.

Quando a porta se abriu, vi a reação dos dois. Foi como uma onda de choque após uma explosão. Eles cambalearam para trás e se agarraram um ao outro, seus rostos exibindo expressões idênticas de medo e desespero.

Para minha surpresa, foi Kaye quem se recuperou primeiro.

– Ah, Joe... – disse ela, suspirando, as rugas do rosto suavizando-se.

Ela pareceu hesitar um instante, então tomei seu braço e fomos juntas até a cama. A mulher que o amara desde o instante em que ele entrara no mundo e a mulher que o amara no instante em que ele entrara em seu mundo.

Kaye estendeu a mão para segurar a dele da forma que devia ter feito mil vezes quando era pequeno, quando ele sentira medo, se metera em alguma encrenca ou se perdera. Nessa noite, ele se encontrava em todas essas situações, e vi força e determinação luzirem nos olhos da mãe enquanto observavam o único filho. Havia um núcleo central de força, uma costura feita a ferro, que percorria o interior da mulher que criara o homem que eu amava, e não acho que eu tivesse percebido isso antes. Com a mão livre, ela começou a ajeitar as cobertas já bem esticadas da cama, dando-lhes rápidos puxões e alisando um vinco imperceptível no travesseiro. Fez uma pausa com a mão ao lado de sua cabeça antes de afagar o cabelo cheio e castanho-claro, e pareceu que três

décadas haviam deslizado por nós e eu estava testemunhando um inesquecível ritual noturno. De repente, fui dominada pela necessidade de tocar o cabelo do meu próprio filho. Joe e Jake eram a minha referência. Sem eles, eu me sentia perdida, sozinha, à deriva.

Do pé da cama de ferro, ouvi Frank pigarrear diversas vezes antes de assoar o nariz discretamente.

– Você já sabe... já sabe o que aconteceu, Ally? Como ele foi parar na água?

Eu assenti, com tristeza.

– Um menino tinha caído no lago congelado. Joe o resgatou, depois voltou para salvar o cachorro.

Frank balançou a cabeça, o rosto um misto de orgulho e desespero. Estendeu a mão e deu um tapinha canhestro na perna de Joe por cima da manta do hospital.

– Ah, filho...

Quando olhou para mim outra vez, chorava baixinho.

– Achei mesmo que tivesse sido alguma coisa assim. Que estivesse sendo corajoso e altruísta. Que estivesse ajudando alguém em apuros.

– Ele não sabe ser de outro jeito – falei, com orgulho. – Você o criou bem, Frank. Vocês dois criaram.

Os pais de Joe se entreolharam e subitamente tive a sensação de estar me intrometendo numa coisa que só pertencia aos três.

– Olha, só permitem duas visitas de cada vez, então por que vocês dois não passam algum tempo com Joe e eu aguardo na sala de espera? Fica mais adiante neste corredor.

Não creio que nenhum dos dois tenha me ouvido sair. Quando olhei para trás, Frank estava de pé ao lado da esposa, o braço ao redor do seu ombro, enquanto fitavam o homem que significava tudo no mundo para eles, tentando convencê-lo a voltar para nós.

Charlotte

Vi Ally desaparecer na direção do quarto do marido com um casal idoso que imaginei serem os pais de Joe, pois, anos antes, eu vira suas fotos de família, e

aquele casal não se parecia com seus pais. Por um instante eu invejei a rede familiar e o apoio que ela recebia. Saber que Veronica estaria ali nas próximas 24 horas, sem dúvida na intenção de fiscalizar cada decisão relacionada ao tratamento de David, não me dava nenhum consolo. Nem mesmo a indomável Sra. Williams seria capaz de melhorar o estado de saúde do filho. Se David ia se recuperar ou não estava agora em mãos muito mais poderosas do que as de minha sogra, embora eu duvidasse muito que ela fosse capaz de aceitar isso.

Eu não imaginei que Ally voltaria para a sala de espera e, por sua expressão quando abriu a porta, ficou claro que ela tampouco esperava me encontrar ali.

– Eu... pensei que você estivesse com o cardiologista.

Ally me pareceu cansada, esgotada. A noite fora longa e penosa, de forma logo eu tinha certeza de que não estava com uma aparência melhor do que a dela. Olhei para o relógio em meu pulso. Amanheceria dali a poucas horas. O hospital logo passaria a seu ritmo diurno. Equipes de limpeza empurrando carrinhos com esfregões, auxiliares trazendo o café da manhã dos pacientes. As equipes chegando para trabalhar, papeando sobre a programação da noite anterior na TV, as festas de fim de ano que se aproximavam e as últimas fofocas das celebridades. Entretanto, Ally e eu estávamos presas em um mundo diferente. Um mundo onde a normalidade agora continha desfibriladores, máscaras de oxigênio e equipamentos de suporte à vida. Um mundo onde maridos que deviam envelhecer ao nosso lado podiam de repente partir, da noite para o dia. Um mundo no qual os limites entre amigo e inimigo haviam se tornado indistintos.

– Eu estava. Depois fui ver David.

Havia temor no olhar de Ally, que fez uma pausa antes de perguntar baixinho:

– Como ele está?

Ally tinha todo o direito de perguntar aquilo, e não somente por causa da conexão que agora a ligaria ao meu marido pelo resto de nossas vidas.

– Vai precisar de uma cirurgia – respondi.

Era só o que eu estava preparada para compartilhar no momento. Ela já tinha coisas demais que me pertenciam.

– Ah. Vai ser hoje?

– Só se tivermos muita sorte – repliquei de forma amarga, chocada com

minha resposta.

Desviei o olhar para esconder a culpa ao me dar conta de quão rápido as coisas que achamos saber sobre nós mesmos podem mudar. Agora, em vez de tristeza, a morte de um desconhecido poderia me trazer esperança.

Fez-se um longo silêncio e eu me perguntei por mais quanto tempo continuaríamos a evitar o assunto que pairava no ar entre nós duas.

– Você contou a ele, não contou?

As palavras de Ally foram mais uma declaração resignada do que uma pergunta. Eu quis sentir raiva, eu tinha o *direito* de sentir, mas não tinha a energia necessária para isso.

– Sobre o seu filho? Sobre Jake? Não, não contei.

O rosto de Ally estampava a expressão de uma criança que havia ganhado todos os presentes de Natal de uma só vez.

– Não vai contar a ele?

Deixei escapar um suspiro profundo e balancei a cabeça.

– Não, não vou – fiz uma pausa e meus olhos cruzaram com os dela. – Você conta.

O resto de cor que aquela noite ainda não havia tirado de seu rosto se esvaiu.

– Mas não vai contar a ele por enquanto – falei. – Ele ainda não está forte o bastante. Não quero que saiba nada sobre o filho dele antes da cirurgia.

Percebi a expressão de desafio em seus olhos diante das palavras “filho dele”. Estava lá, junto com o alívio pela trégua temporária.

– Então você não contou a ele que estivemos juntas aqui a noite toda? – perguntou Ally, com cuidado.

Havia esperança em suas feições. Não durou muito.

– Ah, não. Isso eu contei. Ele sabe que você está aqui.

Fechei os olhos por um longo segundo, recordando a expressão de David quando lhe contei que, inacreditavelmente, sua ex-namorada estava naquele mesmíssimo hospital. Tinha sido preciso que eu retornasse ao nosso passado para compreender que os laços que o mantinham atados a ela ainda existiam. Pois eles haviam brotado da terra e me jogado no chão como um arame esticado no caminho para que eu tropeçasse.

Ally

"Nervosa" não chegava nem perto de me definir. Até mesmo "apavorada" ficava aquém do que eu sentia, parada diante da porta do quarto de David, os punhos cerrados, preparando para entrar ali e voltar direto ao passado. É claro que eu podia ter dito "não". Podia ter dito a Charlotte que não tinha a menor vontade de rever David, quanto mais de falar com ele, mas então eu estaria mentindo não só para ela, como para mim mesma.

Ainda não tinha certeza de que havia compreendido o raciocínio dela perfeitamente.

– A não ser que passem Joe para outra enfermaria, é inevitável que David a veja aqui mais cedo ou mais tarde – dissera Charlotte. – Só quero garantir que nada nesse encontro possa perturbá-lo.

– O que você quer dizer é que vai *administrar* a situação? – eu conferira.

Charlotte ficara surpresa por isso me parecer tão estranho. Mas, na verdade, eu achava a situação toda estranha. Se eu iria querer alguma das ex-namoradas de Joe na cabeceira da sua cama? Não, é claro que não. A não ser que eu achasse que isso pudesse ajudá-lo de alguma forma. Se isso fosse uma opção, eu teria convidado, satisfeita, o próprio diabo para se sentar ao lado dele.

– O cardiologista disse que era importante manter David estável. Assim, a única coisa que estou tentando fazer é evitar que ele tenha surpresas... *inesperadas*... antes de estar forte o suficiente para lidar com elas.

Eu havia percebido que ela substituíra a palavra "indesejáveis" por "inesperadas", mas eu preferira deixar pra lá.

– Mas lembre-se: não pode haver a menor menção a Jake. Ainda não – alertara ela.

Com essa parte eu não tivera o menor problema em concordar.

– Entre – respondeu uma enfermeira, o que me desorientou por um instante.

Minha mão estava úmida de suor e escorregou um pouco na maçaneta quando a girei para entrar no quarto. A coisa mais positiva na qual consegui pensar foi que David estava com uma aparência um pouco melhor do que da última vez que o vira. Mas, considerando-se que alguém fazia massagem cardíaca nele na ocasião, isso não queria dizer muita coisa.

Meus passos vacilaram, detendo-me à porta por tempo suficiente para que eu

pudesse virar e sair correndo. Suponho que tenha sido essa a razão de minha mão permanecer nela, mantendo-a aberta.

– Ally.

Uma palavra, só uma, e todos os anos desapareceram. A porta escorregou da minha mão e eu caminhei em direção à sua cama.

– Visualizei este momento tantas vezes... Achei ter pensado em todas as situações possíveis... mas nunca imaginei que seria assim.

Meus olhos se encheram de lágrimas, porque as suas palavras eram minhas também.

– Você não mudou nada – disse ele, numa paródia ruim da voz que eu recordava.

Sorri ligeiramente, mas não disse o que me ocorreu: “Você é igual a Jake, o garotinho que você nem conhece.”

– Como está se sentindo, David?

– Preciso admitir que já tive dias melhores.

Ele inclinou a cabeça em direção à cadeira vazia ao lado de sua cama.

– Quer se sentar? – ofereceu.

Soou tão exausto ao dizer isso que a enfermeira deixou de lado o que fazia e se voltou para o seu paciente, fazendo a leitura de cada um dos vários equipamentos aos quais David estava ligado.

– Precisa lembrar que não deve se cansar, Sr. Williams – advertiu ela.

Então me acomodei rapidamente na cadeira, sentindo que a bronca fora dirigida a mim. Eu não queria ser responsável por piorar seu estado.

– Não vou demorar muito – falei. – Preciso voltar...

– Para o seu marido – completou David. – Joe? É esse o nome dele, não é?

Era muito esquisito ouvir o nome dele nos lábios de David.

– Sim, Joe – respondi, ciente de que meu rosto e minha voz mudavam, tornando-se mais suaves e relaxados quando eu falava dele.

E não era só por causa da situação atual. Sempre fora assim, desde que eu me lembrava.

Vi algo de surpreendente cruzar o rosto de David quando ele reconheceu a expressão no meu, e levei um instante ou dois para me dar conta de que aquela devia ser a mesma expressão que eu um dia tivera ao falar dele.

– Soube que ele foi um herói e tanto. As enfermeiras falaram dele a noite

toda.

Ouvi-lo falar de Joe, mesmo com admiração, me deixou agitada e na defensiva. Havia ali uma fusão e uma sobreposição do passado com o presente, um paradoxo com o qual eu não sabia lidar. Deve haver um bom motivo pelo qual as pessoas perdem contato com o seu primeiro amor, porque, se as sensações tumultuadas e contraditórias que batalhavam dentro de mim fossem algum parâmetro, aquele era um jogo perigoso demais para se jogar.

– Ele está melhorando? – indagou David, e vi preocupação genuína em seus olhos.

Desviei o olhar, como se faz quando se olha direto para o sol. Os olhos de David eram a única coisa inalterada e vibrante em seu rosto. Continuavam intocados pela doença, e preferi não correr o risco de encará-los mais uma vez.

– Não sei – respondi com tristeza. – Ainda não. Todos apenas parecem estar à espera de... de alguma coisa. Na verdade, ninguém nos falou muita coisa.

– Eu sinto muito – disse ele. E parecia sincero.

David fez uma pequena pausa, esperando até a enfermeira deixar o quarto após lhe assegurar de que alguém retornaria em breve.

– Ele é bom para você? É um bom marido?

Com relação a isso, pelo menos, eu podia soar positiva.

– É, sim. O melhor. Ele é maravilhoso.

Os olhos de David se fecharam por um longo instante, tão longo que eu me perguntei se teria adormecido no meio da conversa. Quando os abriu outra vez, havia doçura neles.

– Que bom. Eu fico contente por você estar feliz. Você merece isso.

Eu não parava de mexer as mãos, desconfortável, notando que, inconscientemente, estivera rodando a aliança no dedo enquanto conversávamos, como se de alguma forma isso trouxesse Joe para dentro do quarto conosco.

Por mais doente que estivesse, a capacidade de observação de David permanecia aguçada. Ele sorriu de leve, indicando as minhas mãos, e então as imobilizei.

– Filhos? – indagou ele, dando continuidade à conversa.

Ainda bem que não era eu que estava ligada ao monitor cardíaco, porque a leitura teria fugido a qualquer padrão de normalidade.

– Só um. Um garotinho.

David fez que sim, distraído, e eu soube naquele momento, sem a menor sombra de dúvida, que Charlotte não lhe contara nada. Eu esperava que Jake, que se considerava maduro demais para ainda ser chamado de “garotinho”, me perdoasse pelo termo, que eu sabia que o fazia soar muito mais novo.

Ficamos os dois em silêncio, cada um à sua própria maneira tentando encontrar um caminho em meio a um campo minado de assuntos que nenhum dos dois queria abordar. David deu o primeiro passo hesitante:

– Faz tanto tempo desde a última vez que a vi, desde...

– Desde a noite do baile – completei.

Ele fez que sim.

– Você e Charlotte... Correu tudo bem esta noite, com vocês se encontrando dessa forma?

– Bem, eu não bati nela de novo, se é isso que está me perguntando.

Ele se surpreendeu com a minha resposta, mas em seguida começou a rir. As leituras dos seus monitores mudaram de suaves zigue-zagues para algo que parecia uma cadeia de montanhas. Olhei para a porta fechada esperando que uma equipe médica irrompesse no quarto.

Sem pensar, tomei sua mão.

– Você está bem? – perguntei, os olhos dardejando até os monitores, que eu não sabia ler, antes de retornarem ao seu rosto.

Ele havia rido com tanta vontade que uma lágrima solitária escapara do canto do olho. O ímpeto de esticar a mão e enxugá-la foi irresistível e inquietante.

Seus dedos se fecharam ao redor dos meus e a sensação foi tão diferente da mão de Joe e, no entanto, tão dolorosamente familiar que senti um abismo se abrir dentro de mim. O passado e o presente não tinham o menor direito de estarem no mesmo lugar. No entanto, estavam.

– Eu amo a Charlotte, sabe? Muito.

Não era um pedido de desculpas. David não me devia isso.

– Eu sei que ama. Dá para ver. Talvez eu tenha percebido antes mesmo de você.

O sorriso dele saiu torto.

– Ela tem medo de você, sabia? Faz a maior pose de durona, mas no fundo tem medo de eu ainda sentir alguma coisa por você.

E lá estava. O momento no qual a pergunta “E sente?” surgia, esperando para

ser pronunciada. Mas não seria eu quem a faria. Eu não podia nem queria.

– Seria muito esquisito se eu lhe pedisse para cuidar dela se... se alguma coisa acontecer comigo?

– Seria. Seria, sim – respondi, chocada que ele me pedisse uma coisa dessas. – Vocês dois devem ter família e amigos para isso, não? Devo ser a última pessoa no mundo a quem Charlotte recorreria.

– A família dela é tão afetuosa e acolhedora quanto a minha – disse David, sem precisar explicar mais nada. – Meu irmão é o único com quem ela se dá bem, mas ele mora na Austrália. E quanto a amigos, bem... digamos que temos um monte de conhecidos.

Eu não estava acostumada a ter compaixão por Charlotte e não soube como lidar com esse sentimento. Sua situação era muito diferente da minha. Então mudei de assunto.

– Além do mais, você logo vai sair daqui, não vai? Charlotte me disse que vai fazer uma cirurgia, certo?

Algo nos olhos de David me inquietou. Levei um instante para identificar a impressão. Parecia-se um pouco com derrota.

– Talvez. Quem sabe. Não tem nada certo; é só um jogo de espera.

Seus olhos buscaram os meus e, dessa vez, não desviei o olhar.

– Engraçado, eu sempre achei que *você* tivesse partido o meu coração e, no fim das contas, fui eu que fiz isso sozinho.

– Eu sinto muito, Sra. Williams, vou ter que pedir que...

Uma enfermeira que estivera cuidando de Joe mais cedo hesitou, confusa, quando entrou e me viu segurando a mão do único outro paciente da UTI. O que *não* era meu marido.

– Ah, me desculpem – disse ela, a voz sumindo ao olhar para nossas mãos e, em seguida, para trás, pelo corredor, em direção ao quarto de Joe.

Ficou tão comicamente perplexa ao encontrar a mulher errada à cabeceira de David que dirigiu o resto dos comentários à prancheta que se encontrava em suas mãos.

– Precisamos preparar o Sr. Williams para mais alguns exames pedidos pelo Dr. Beardsworth, então eu sinto muito, mas vou ter que pedir que a senhora se despeça.

Ela recuou, e saiu, ainda parecendo confusa.

David sorriu.

– Quer apostar quanto que ela foi correndo até o final do corredor para ver se Charlotte está sentada à cabeceira de Joe, segurando a mão dele?

Eu quis rir, no entanto, mais do que isso, senti vontade de chorar. Talvez tivesse alguma coisa a ver com a enfermeira mandar que eu me despedisse de David. Talvez fosse por enfim admitir que isso já havia sido feito muitos anos antes.

– Por favor, melhore – pedi, ficando de pé e apertando a mão dele uma última vez antes de colocá-la de volta sobre o colchão.

– Vou tentar – garantiu-me David.

– Não morra – falei, tentando fazê-lo sorrir com um pouco de humor negro e estragando tudo ao soar como quem está prestes a chorar.

– Vou fazer tudo para isso não acontecer – prometeu ele. – Cuide de Charlotte – pediu de novo quando cheguei à porta.

Eu me virei para olhá-lo uma última vez, antes de repetir suas palavras.

– Vou tentar.

~

Meu telefone vibrou enquanto eu voltava pelo corredor. Olhei pelo vidro para quarto de Joe e vi que seus pais continuavam com ele, então tirei o celular do bolso e me dirigi às escadas para atender a ligação. A palavra CASA surgiu iluminada na tela.

– Jake, meu amorzinho, é você? – perguntei, em pânico, olhando para o relógio da parede e vendo que só passava um pouco das seis.

Alice não ligaria a àquela hora a não ser que alguma coisa estivesse errada. Mas Jake talvez ligasse.

– Não, Ally, é a mamãe – disse a voz tranquilizadora.

Sua presença em minha casa não fazia o menor sentido, a menos que Alice a tivesse chamado numa emergência.

– Tudo bem com Jake? Aconteceu alguma coisa?

– Jake está bem – acalmou-me.

Ouvir seu tom de voz familiar e apaziguador me fez chegar o mais perto de desmoronar que eu havia estado a noite toda. Até esse momento, eu não tinha me

dado conta de quanto precisava dela ao meu lado.

– Eu não consegui dormir... bem, não só eu, seu pai, também – disse ela, sua voz também soando um pouco mais rouca do que de costume. – Aí desistimos. Entramos no carro e viemos para a sua casa. Mandei sua vizinha para casa, para que pudesse dormir um pouco. A pobre mulher passou a noite toda acordada, sentada numa cadeira diante do quarto de Jake, para o caso de ele acordar e precisar dela.

Isso era tão típico de Alice que um pequeno sorriso de gratidão encontrou uma forma de invadir os meus lábios.

– Então, me diga como estão as coisas, minha querida. Novidades sobre Joe?

– Nada – respondi, com tristeza. – Nenhuma mudança ainda.

– Ah! – disse minha mãe, invocando mil alarmes com aquela pequena exclamação.

De repente não era uma mãe do outro lado da linha. Era uma experiente ex-enfermeira, uma que passara muitos anos trabalhando em unidades de tratamento intensivo.

– Isso é ruim, não é? – questionei, ansiosa. – Não estão me dando nenhuma informação. Ficam falando em esperar, em dar tempo para as coisas acontecerem. Mas o que é que não estão me contando? Mãe, a senhora precisa me contar.

– Ally, acalme-se. Os médicos podem lhe falar bem mais que eu sobre o estado de saúde de Joe, e faz muito tempo que trabalhei numa UTI. Não vá entrar em pânico.

Esse conselho específico me chegava com umas doze horas de atraso.

– Jake já acordou? Como ele está? Já perguntou pelo pai? O que acha que devemos dizer a ele? A senhora e o papai podem ficar aí em casa com ele hoje? Porque acho melhor ele não ir à escola hoje, o que acha?

As palavras foram rolando da minha boca como rochas num desmoronamento. Se *eu* conseguia perceber a tensão e a ansiedade na minha voz, então com certeza absoluta minha mãe também podia.

E percebeu.

– Ally, respire e desacelere.

Tentei fazer o que ela me instruíra; mas meu pânico era como um cavalo que passara tanto tempo preso que agora não queria voltar a ser controlado.

– Jake está bem. Está com o seu pai agora. Estão fazendo torradas para o nosso café antes de sairmos.

– Saírem? Aonde vocês vão?

– Para o hospital. Jake está preocupado e precisa ver o pai. Precisa ver você também.

– Ah, mamãe, não sei se é uma boa ideia. Nem sei se permitem visitas de crianças nesta enfermaria. E, se Jake vir Joe desse jeito, vai ficar muito assustado.

– Ally – começou minha mãe, sua voz serena e paciente –, ele *já* está assustado. Apavorado, na verdade. É um garotinho inteligente, e sua imaginação está a toda. Por mais assustador que você possa achar que será para ele, é importante que ele veja com os próprios olhos. Vai ajudá-lo a processar tudo.

De repente, tive a exata sensação de estar conversando com uma enfermeira experiente em vez de com uma avó amorosa.

– Mas ele só tem 7 anos. E se for demais para ele? Joe está em coma, mãe, está ligado a um monte de aparelhos. Nem consegue respirar sozinho ainda.

Foi surpreendente que ela tenha conseguido decifrar o fim da frase, pois as palavras se perderam em meio a soluços abafados.

– Acho que é exatamente por isso que ele *precisa* estar aí, que *todos nós* precisamos. Por Jake, por você e também por Joe. E não se preocupe com as regras de visitação. Num caso como este, é importante permitir que as crianças visitem seus pais, caso queiram.

Era difícil saber o que me assustava mais: a insistência de minha mãe para que nossa família se juntasse ou ouvi-la se referir ao seu amado genro como “um caso como este”. A necessidade de proteger o filho de qualquer coisa é inerente a qualquer mãe. E quando só proteger não é o bastante, a tarefa da mãe passa a ser tentar prepará-lo para o pior. Eu vinha fazendo isso. Assim como, me dei conta, minha mãe.

– Daqui a quanto tempo vocês conseguem chegar?

~

Passei por Frank na porta que levava à UTI. Ele secava os olhos com as costas das mãos e não notou que eu fazia o mesmo enquanto me dirigia outra vez

ao quarto de Joe.

– Vou só pegar um chá para nós – explicou ele, com a voz rouca. – A enfermeira disse que podemos usar a cantina dos funcionários.

Eu fiz que sim, reconhecendo sua necessidade de fazer alguma coisa, qualquer coisa.

– Todos nos sentiremos melhores com uma xícara de chá.

Frank assentiu, como se confirmando as próprias palavras. Por mais que eu quisesse acreditar nos poderes curativos do chá, sabia que só havia uma coisa no mundo que faria com que eu me sentisse melhor. E não era chá.

– Sim, bem, três xícaras, então – falou ele.

Eu me afastara dois passos quando parei e, voltando-me, pedi:

– Pensando melhor, Frank, será que pode trazer quatro?

Kaye ergueu os olhos com um sorriso triste quando entrei outra vez no quarto.

– Como você está? – perguntei, pousando a mão em suas costas.

A mãe de Joe deu de ombros, num gesto cansado, os ossos frágeis ondulando sob da minha mão. Os olhos estavam fixos no rosto do filho quando ela respondeu:

– Eu não sei, Ally. Melhor do que Frank, eu acho. Ele não está lidando muito bem com isso. Ele é como Joe, precisa fazer alguma coisa, ajudar de alguma forma. É difícil para ele ter que só assistir e esperar.

– Acabei de falar com os meus pais. Estão a caminho e vão trazer Jake.

A outra avó de Jake se virou para mim, os olhos suavizando-se de amor.

– Que bom. Bom para Jake e bom para todos nós.

Deixei escapar um suspiro, fui até o outro lado da cama e me abaixei para dar um beijo na bochecha de Joe. Ela me pareceu mais morna do que havia me parecido durante toda a noite. Isso só podia ser um sinal encorajador, não? Seria a primeira indicação de melhora pela qual os médicos vinham esperando?

– Ouviu, Joe? Jakey está vindo para cá. Não vai querer estar dormindo quando ele chegar aqui, vai? Acorde agora, meu amor. Por favor, acorde.

– Talvez quando ele ouvir a vozinha do filho...

Kaye parecia lutar para acreditar nas próprias palavras. Estendi a mão por cima da cama e apertei a dela.

– Ele faria qualquer coisa por aquele menino – disse minha sogra. – Se alguma coisa neste mundo vai conseguir alcançá-lo, é Jake.

Charlotte

Aceitei com gratidão o chá que ela me entregou. A notícia... bem, isso eu já não aceitei tão bem.

– Aqui? Você acha uma boa ideia? Para ele, eu quero dizer.

Ally se irritou, e não pude culpá-la por isso. Afinal de contas, o que eu sabia sobre crianças? Nada. Absolutamente nada.

– Imagino que, sendo mãe dele, eu seja a pessoa mais capacitada a avaliar isso.

Mordi o lábio para não soltar todas as réplicas que mandariam às favas a nossa trégua atual, pois a maioria delas teria questionado a sua capacidade de determinar o que devia – ou não – ser contado ou mantido em segredo.

– Ele precisa ver o pai. *Joe* – acrescentou ela, enfatizando o nome e deixando de lado qualquer sutileza. – Não se preocupe – continuou. – Não tenho a menor intenção de deixar David vê-lo ou mesmo saber que ele está aqui.

Assenti. Não ia começar uma discussão, embora estivesse, sim, preocupada. Porque se Jake se parecesse tanto com David quanto a fotografia levava a crer, Ally estava se enganando se achava que conseguiria manter a paternidade dele em segredo. Por algum motivo, eu não achava que ela houvesse considerado isso.

– Bem, eu só achei que você devia saber. Só isso.

– Obrigada por me contar.

Esperei até que ela chegasse à porta antes de encontrar coragem para lhe fazer a pergunta que vinha me corroendo desde o momento em que ela entrara no quarto do meu marido.

– Como foram as coisas... com David, eu quero dizer? Foi tudo bem?

Ela se virou devagar e me olhou por um bom tempo, como se repassasse a conversa na cabeça. Um pequeno vinco surgiu entre suas sobrancelhas, e parte

de mim ficou morta de vontade de saber o que ele tinha lhe dito, mas o restante ficou amedrontado demais para perguntar. Será que ele tinha falado o que sentia por ela? O que sempre sentira? Olhei à minha volta, pela sala de espera, à luz desoladora do começo da manhã. Era um lugar infernal para alguém descobrir que é “a outra” dentro do próprio casamento.

– Foi tudo bem. Ele está bem... não fisicamente, digo. Essa cirurgia de que ele precisa, tive a impressão de que é grave. É?

Não havia sentido em mentir. Ela poderia facilmente entreouvir um membro da equipe médica falar a respeito.

– Sim. Muito grave.

Ally pareceu chocada e me dei conta de que David devia ter minimizado a gravidade de sua doença. Para protegê-la? Bem provável. Hábitos antigos eram sempre os mais difíceis de romper.

CAPÍTULO 12

Ally

Ele tinha cheiro de manteiga de amendoim, torrada e infância. Respirei fundo para sentir seu perfume, absorvendo-o como se fosse viciada nele.

– Mãe, você está me amassando – queixou-se ele.

Relutantemente, eu o soltei. Abaixei-me para que nossos olhos ficassem na mesma altura.

– Desculpe, meu anjo, é que estou feliz em vê-lo, só isso.

Ele sorriu, então pareceu se lembrar de onde estava, pois o sorriso vacilou um pouco.

– Quando a vovó disse que o vovô e eu tínhamos que esperar aqui, eu achei que você fosse descer com o papai.

O vento era intenso e, embora houvesse parado de nevar, continuava frio demais para estarmos num parquinho. Mas, quando minha mãe sugerira que seria melhor para Jake se eu o encontrasse ali em vez de dentro do hospital, não a questionei.

– Achei que podia ser uma surpresa, que o papai tinha ficado bom.

Expirei de forma lenta e pesada, erguendo a cabeça para encarar meu pai, que se postara atrás do neto como se para protegê-lo. Por onde começar? Como alguém podia preparar uma criança para uma situação como aquela? Estava tudo errado de tantas maneiras... Eu também não estava preparada.

– Ah, meu querido, o papai ainda não melhorou muito.

Meu pai me olhou e a compaixão em seu rosto quase rompeu as estruturas que me mantinham de pé.

– Ele... Ele ainda está dormindo.

– Ainda? – guinchou meu filho de 7 anos no parquinho vazio. – Mas já ficou de dia. Ele *sempre* é o primeiro a acordar, antes de todo mundo. Ele está

dormindo desde *ontem*?

Eu fiz que sim e observei-o enquanto processava a informação. Embora fosse muito jovem, Jake se dava conta de que o que eu acabara de dizer era algo que fugia à normalidade.

– Sim, está. Sabe, ele fez uma coisa muito corajosa ontem e ajudou um garotinho em perigo. Só que isso o machucou, porque ele entrou numa água muito fria. Então o corpo dele caiu num sono muito, muito, muito profundo.

– Para poder ficar bom? – perguntou Jake, oferecendo a única solução que sua cabecinha foi capaz de encontrar.

Eu hesitei por um segundo a mais do que devia. Não acho que Jake tenha notado, mas meu pai, sim, pois respondeu por mim:

– Isso mesmo, meu rapaz. Você entendeu direitinho.

Desviei o olhar, temendo que aqueles perspicazes olhos azuis percebessem o que os meus escondiam. Concentrei a atenção no escorrega coberto de neve, fitando-o com tanta intensidade que meus olhos começaram a lacrimejar. Pelo menos foi isso que esperei que Jake pensasse.

Por fim, respirei fundo, buscando me recompor, e me levantei, tomando as mãos de Jake, protegidas por luvas grossas.

– A vovó explicou que tem um monte de máquinas engraçadas no quarto do papai?

Jake assentiu. Pela primeira e única vez em sua vida, demonstrava estar ansioso para sair do parquinho.

– Eu já sei disso tudo, mamãe. A vovó disse que ele parece um astronauta num foguete. Como se fosse viajar pelo espaço até outra galáxia.

Fiz uma silenciosa prece de agradecimento à minha mãe, pela sua capacidade de desmistificar uma UTI para uma criança, e a *Star Wars*, por transformá-la em algo que Jake pudesse compreender.

Não havia mais nada a dizer. Nenhum outra preparação tornaria mais fácil o que estava por vir.

– Então, vamos ver o seu pai?

Jake fez que sim, animado. Ficou saltitando, ansioso, enquanto aguardávamos na faixa de pedestres para entrar no hospital.

Houve muita coisa para assimilar no momento em que chegamos ao quarto de Joe. Em primeiro lugar, os pais dele e minha mãe já não estavam lá, mas aguardando no corredor. Dois médicos examinavam Joe, seus rostos inexpressivos como os de jogadores de pôquer. As fitas haviam sido removidas das pálpebras de Joe e os clínicos se alternaram, cuidadosamente erguendo uma delas de cada vez e apontando uma luz direto nos olhos de meu marido. A enfermeira lhes disse alguma coisa e eles se viraram para o vidro, vendo Jake, que ainda cumprimentava os outros avós, sem se dar conta de que já havíamos chegado ao quarto do pai.

Não gostei das expressões no rosto dos médicos quando trocaram um aceno de cabeça. Mais do que isso, não gostei da expressão da minha mãe, que estivera observando pela parede de vidro enquanto Joe era examinado.

– Sra. Taylor? – chamou o mais alto dos médicos ao sair do quarto de Joe.

Tanto eu quanto a mulher que carregava esse título havia muito mais tempo olhamos apreensivas para os clínicos.

– Sim, sou eu – respondi.

– Voltaremos daqui a pouco para reexaminar o seu marido e esperamos ter mais informações para dar à senhora e à sua família.

Mais protelação. Mais tempo sem me dizerem nada. Se não fosse por Jake puxando minha mão com impaciência, eu os teria desafiado, exigindo respostas imediatas. Mas, naquele momento, minhas prioridades eram outras.

– Papai! – gritou Jake, libertando-se da minha mão e voando para o quarto igual a um galgo numa pista de corrida.

Quase chegando à cama, parou de forma tão brusca que os tênis de solado plástico guincharam no piso. Os olhos azuis se arregalaram quando ele olhou para Joe, em seguida para os tubos, fios e aparelhos, e então para a máquina que parecia um fole e que vinha realizando a tarefa da qual os pulmões haviam se esquecido temporariamente.

Nenhum dos adultos falou nada à medida que fomos entrando no quarto também. Observamos meu filho estudar um objeto estranho e alienígena de cada vez, tentando assimilar o que nenhuma criança jamais deveria ter que ver. Angustiada por não saber se agira certo ao seguir o conselho de minha mãe, virei-me para ela. O leve gesto afirmativo que fez com a cabeça não demonstrava a menor insegurança. Acho que ela já havia assistido àquilo tudo

antes.

– Viu, Jake? – disse ela, com todo o cuidado, pousando a mão em seu ombro. – Exatamente como lhe falei. É como a *Enterprise* ou a *Millennium Falcon.*

Ele concordou com um aceno de cabeça, e nunca ficara tão impressionada com minha própria mãe. Jake tinha a avó mais bacana do mundo.

Ele se aproximou da cama com passinhos minúsculos. Muito hesitante, estendeu o braço e pousou a mão sobre o amontoado formado pelo pé de Joe sob o cobertor. Sua mãozinha segurou o tornozelo do pai e o sacudiu com delicadeza, para a frente e para trás.

– Sacode a perna, papai – sussurrou ele, citando as palavras que Joe usava para acordá-lo todas as manhãs. – Está na hora de levantar.

Ele repetiu o gesto diversas vezes, murmurando as palavras bem baixinho, como se fosse uma prece. Por fim, Jake ergueu a cabeça e olhou para o rosto das pessoas que mais o amavam no mundo antes de se deter no meu.

– Não funcionou. Pensei que ele só estivesse esperando por isso.

Ele avistou seu bichinho de pelúcia, ainda sentado como uma sentinela ao pé da cama. Numa rara exibição de raiva, meu filho empurrou o brinquedo, derrubando-o no chão.

– Simba, seu burro! – resmungou, com repulsa.

Mordi o lábio, porque foi a única forma que encontrei de impedir que o choro escapasse.

Jake agarrou a manta firmemente presa na cama, e enfiou os dedos na sua trama. Antes que pudéssemos detê-lo, ele se lançou colchão acima, escalando-o em direção a Joe.

– Jake... – falei baixinho, mas minha voz foi abafada pela reprimenda da enfermeira.

– Lamento, mas crianças não podem...

Minha mãe passou na frente da enfermeira, que se aproximava da cama para tirar meu filho do lado do pai.

– Está tudo bem – disse ela com firmeza para a mulher mais jovem.

Virando-se para a cama, minha mãe ergueu e reposicionou a parafernália médica para permitir que o neto chegasse ao pai.

– Ele só quer abraçá-lo. Vou me certificar de que não mexa em nada.

A enfermeira vacilou, mas minha mãe a olhou nos olhos com enorme

gravidade. A mulher a encarou também, e juro que alguma conversa não verbal ocorreu entre elas, uma que só as duas compreenderam.

– Bem, não vejo mal nenhum nisso.

Meu pai abraçou a esposa e vi o orgulho em seus olhos antes que os dois se voltassem para Jake, que abrira espaço por entre os obstáculos e se aninhava no corpo imóvel de Joe. Ele deitou a cabeça no peito do pai, que subia e descia em perfeita sincronia com o respirador.

– Papai, eu sei que você é igual a um super-herói por ajudar aquele outro menino, mas eu queria muito, muito que o pai dele é que tivesse entrado na água em vez de você. Não é justo você ter se machucado só porque foi ajudar.

Nosso filho ergueu os olhos para mim e passou o braço por cima do corpo de Joe, agarrando-se a ele como um mexilhão a uma rocha. Então se esticou para cochichar:

– Eu também preciso da sua ajuda, pai. Não sei dar aquele laço especial no meu cadarço. – A voz ficou ainda mais baixinha: – E a gente está fazendo aquele presente de Natal para a mamãe e você sabe que eu não vou saber acabar sozinho.

Com todo o cuidado, inclinei o corpo por cima da cama e abracei os dois homens que eram tudo o que eu já tinha desejado e precisado na vida. Kaye começou a chorar baixinho e Frank a conduziu com gentileza para fora do quarto, mas eu não me virei. Continuei abraçada às pessoas que eu amava, rezando para que não fosse a última vez que estaríamos unidos daquela forma.

Charlotte

Eu tinha acabado de sair do banheiro feminino, onde fora borrifar um pouco de água fria revigorante e muito necessária no rosto, quando ouvi a voz de uma criança. Por um único e covarde segundo, me passou pela cabeça voltar para o lugar de onde eu acabara de sair. Mas, antes que eu pudesse fazer isso, eles dobraram a esquina e lá estava Ally segurando a mão do filho que deveria ter sido meu. Em carne e osso, a semelhança com o pai biológico era ainda mais espantosa. Eram o mesmo rosto, os mesmos olhos, o mesmo *tudo* que eu vira em inúmeros retratos profissionais tirados de David quando criança e que

enfeitavam as paredes da casa de seus pais. Talvez também houvesse álbuns em algum lugar, recheados de fotos de família mais relaxadas e divertidas em vez das posadas; lembranças misturadas de Natais, aniversários e férias, embora, conhecendo a mãe de David, eu de alguma forma duvidasse disso.

Pensar em Veronica me trouxe um pânico angustiante. Eu não tinha a menor ideia de sua localização precisa ou mesmo se já chegara ao país, mas era certo que ela se encontrava a caminho. E eu não tinha como prever a reação dela se – ou quando – visse o rosto do filho reproduzido nos menores detalhes no daquela criança. Eu me surpreendi com o inesperado desejo de proteger o menino desse encontro. Ainda mais surpreendente foi o desejo de proteger Ally também.

– Mas *por que* eu tenho que ir ao zoológico com o vovô? Quero ficar aqui até o papai acordar.

Havia um leve traço de choro por trás do apelo do menino.

– Meu amor, você sabe que o papai talvez durma por... bem, por mais um bom tempo. E você só vai ficar chateado e inquieto se passar o dia todo sentado neste hospital chato. Além disso, se for ao zoológico com o vovô, pense só em todas as coisas interessantes e maravilhosas que vai ter para contar para o papai quando você voltar mais tarde. E o vovô disse que está superanimado para ir. Ele não vai a um zoológico desde que eu era pequena, e ia ser uma pena decepcioná-lo.

Gostei da maneira como Ally conversava com o filho. Não impunha sua autoridade, apenas argumentava. Será que eu saberia fazer isso? Não, é claro que não. Eu não teria nem ideia. Era capaz de negociar um acordo de centenas de milhares de libras, de revisar um contrato com pente-fino, mas não tinha a menor ideia de como conversar com uma criança de 7 anos. Algo que estava prestes a ficar patente, eu me dei conta, assim que os dois pararam à minha frente.

– Charlotte – disse Ally.

A voz foi comedida e controlada, embora eu tenha percebido a advertência em seus olhos e a forma inconsciente de se posicionar diante do garotinho. Eu vira essa manobra inúmeras vezes, mas geralmente aparecia apenas em documentários sobre a vida selvagem. Era a clássica atitude de uma mãe protegendo o filhote, outra coisa sobre a qual eu não sabia nada.

Tentei sorrir e parecer relaxada, mas acho que falhei. Senti o coração martelando no peito e foi um verdadeiro choque me dar conta de quanto eu

estava nervosa.

– Olá. Você deve ser Jake – falei, demonstrando uma falsa alegria.

Estendi a mão para o filho de 7 anos de meu marido.

Jake olhou com curiosidade para ela por alguns instantes, então seus olhos se voltaram para a mãe, questionadores. Fitei minha própria mão, ainda estendida à espera do cumprimento. Ridícula. Completamente ridícula. Não era de espantar que o menino parecesse perplexo. Quem cumprimenta uma criança daquela idade com um aperto de mão, como se acabasse de conhecê-la numa sala de reunião? Uma mulher despreparada para ser mãe, é isso.

Para ser justa, Ally fez o possível para não me deixar passar por idiota.

– Jake – encorajou, com gentileza, fazendo sinal com a cabeça em direção à minha mão estendida. – Você sabe o que fazer.

Era uma mãozinha muito pequena e macia.

– Quem é essa, mamãe? – sussurrou Jake, como se eu talvez não pudesse ouvi-lo naquele corredor que, a não ser por nós três, estava deserto.

– Esta é Charlotte, uma amiga da faculdade – explicou Ally.

Também preciso reconhecer: ela nem hesitou diante da palavra “amiga”.

– Ela está aqui para ver o papai? Para desejar melhoras para ele?

Os olhos de Ally buscaram os meus e eu li neles a súplica implícita.

– Não, Jake. Eu não sabia que seu pai estava neste hospital. Estou aqui porque meu marido também ficou doente.

Jake se mostrou surpreso diante da coincidência. Sua expressão foi uma réplica em miniatura tão perfeita da que eu vira inúmeras vezes no rosto de David que deixei escapar um pequeno arquejo.

– Ele não se machucou tentando salvar ninguém, né?

Balancei a cabeça com tristeza.

– Não. Nada disso. É que ele está... doente do coração.

Será que aquilo era uma simplificação exagerada demais para uma criança da idade dele ou bastaria para que entendesse? Eu tateava às cegas naquela conversa.

– Ah! – exclamou o menino, pensativo. – Que triste. Espero que ele fique bom logo, aí ele pode ir para o quarto do meu pai e eles vão poder ficar conversando.

Ally e eu trocamos um olhar idêntico.

– Ora, quem sabe – concordei.

Ally colocou uma das mãos no ombro de Jake.

– Agora vamos, Jake, a esta altura o vovô já deve ter pegado o carro. Está na hora de irmos.

– Eu vou ver um monte de bichos no zoológico hoje – informou-me Jake, trivialmente. – Meu avô vai me levar, mas eu queria muito que meu pai viesse também.

Senti uma dor profunda.

– Tenho certeza de que o seu pai daria qualquer coisa para levar você ao zoológico.

Ouvi Ally respirar fundo ao ouvir minhas palavras. Então me agachei e fiquei olho no olho com o filho dela, oscilando um pouco por causa dos sapatos de salto alto e solado vermelho, pelos quais eu pagara caro demais. Mais um exemplo da minha inaptidão para a maternidade. Que mãe usaria sapatos assim, tão pouco práticos?

– Foi um prazer conhecer você, Jake. Espero um dia vê-lo outra vez.

Ally não disse nada, mas o olhar que me lançou enquanto conduzia o filho para o lance de escada foi uma curiosa mistura de apreensão e gratidão.

Ally

Eu me apaixonei por Joe através de Jake e por causa de Jake. Não porque eu precisasse de um pai para o meu filho. Se eu só estivesse atrás disso, saberia aonde ir. Não, na verdade Jake lançou uma luz sobre Joe, ou sobre o homem que ele era, o homem com o qual eu queria passar o resto da vida. Eu teria enxergado isso por conta própria, mais cedo ou mais tarde, mas, por causa de Jake, vi antes e com mais clareza.

Estava lá mesmo antes de nosso filho nascer. Ainda me lembro do primeiro vislumbre que tive do meu futuro. Foi no dia em que Joe me deu uma carona até a loja de artigos para bebês, para eu dar uma olhada em carrinhos. O veículo usado que eu comprara estava na oficina, um local em que ele parecia passar mais tempo do que comigo.

– Não tem problema, estou indo para o banco de qualquer maneira –

assegurou Joe, retirando um monte de cédulas de um envelope lacrado e colocando-as na carteira.

Nas últimas semanas, ele vinha trabalhando todas as noites e me surpreendi com quanto a casa ficava vazia sem ele. Era como se tudo desbotasse na sua ausência e ficasse com uma coloração sépia e sem graça até o seu retorno. Descartei esse pensamento. Devia ser só mais um aspecto peculiar da gravidez, ao lado da azia e da necessidade de ir ao banheiro ao menos três vezes por noite.

Joe parou na frente da loja e, enquanto eu pegava minha bolsa, vi seus olhos seguirem um casal que chegou de mãos dadas e passou pelas portas automáticas do estabelecimento. Endireitei o corpo no banco e notei uma ligeira ruga em sua testa, que se aprofundou enquanto ele observava um segundo casal de pé na calçada, seus rostos colados na vitrine de berços *vintage*.

– Bem, obrigada pela carona. Não sei quanto tempo vou levar, então volto de ônibus.

Esperei que ele partisse de imediato, mas, em vez disso, seu corpo longilíneo saltou de dentro da van e deu a volta até a porta do carona.

– Joe, sério, você não precisa entrar comigo – protestei, quando ele estendeu a mão para me ajudar a sair do carro.

Estava ficando difícil fazer qualquer movimento gracioso, dados o tamanho da minha barriga e a inesperada perda de meu centro de gravidade. Sofás e carros baixos eram, sem sombra de dúvida, as maiores dificuldades.

– Sei que você não *precisa* da minha ajuda – disse ele, com um leve tom de deboche dirigido, eu tinha certeza, ao que ele percebia como uma tendência exagerada à minha independência. – Mas o banco vai ficar aberto por pelo menos mais uma hora e eu não estou com pressa. Vou ficar aqui perto da porta até você terminar.

Só que não ficou. Eu o deixei à minha espera na frente da loja enquanto uma vendedora me conduzia até a seção de carrinhos dobráveis de preços mais modestos. Dava para perceber os olhos de Joe grudados em nós enquanto nos afastávamos, e me senti subitamente feia e desajeitada ao lado da vendedora bonitinha, com seu rabo de cavalo louro (*por que elas são sempre louras?*) e jeans que, ao contrário do meu, *não* tinha cós de elástico. Não era de espantar que Joe não desviasse os olhos, pensei, observando-o por cima do ombro. Ele sorria, mas eu não sabia qual de nós duas era a destinatária do sorriso. Ela,

imaginei.

Vinte minutos depois, eu ainda não estava nem perto de fechar a compra. Começara a avaliar se não seria melhor procurar no jornal local um carrinho de segunda mão, quando ergui os olhos e vi Joe agachado ao lado de um dos carrinhos mais caros da loja, correndo as mãos pela armação e testando as rodas, girando-as antes de tirá-lo do mostruário e empurrá-lo pelo corredor acarpetado. Assentiu para si mesmo, recolocou-o no estrado e realizou o mesmo procedimento com o outro modelo exposto.

Fui até ele.

– Hum... Joe, o que você está fazendo? – perguntei, olhando em seguida para o relógio. – E você já não deveria ter saído para ir ao banco?

– Só um minuto – respondeu Joe, sem pressa. – Só quero fazer um test drive com alguns destes daqui.

Que ligação é essa que os homens têm com coisas que possuem rodas?

– Para mim, este é melhor – afirmou Joe, fazendo um aceno com a cabeça em direção ao carrinho luxuoso que ele ainda segurava.

Ver suas mãos imensas e hábeis fechadas em torno dos punhos do carrinho provocou uma sensação estranha em mim. Ou será que tinha sido o preço que eu vira na etiqueta? Alguém devia ter se enganado e colocado um zero a mais ali, porque, do contrário, aquela coisa custaria mais do que o meu carro.

– É, bem, que ótimo, mas eu não preciso de um tão sofisticado – afirmei, um pouco na defensiva. – É tão moderno que deve até tocar música.

– Se faz música, me parece perfeito para você – brincou.

Eu fiz um sinal com a cabeça em direção aos carrinhos dobráveis que estivera olhando.

– Um daqueles ali já está bom.

Joe empurrou o carrinho de volta para o lugar.

– É claro. O que você preferir. De qualquer maneira, vou até o banco e volto daqui a uns vinte minutos.

Levei menos da metade desse tempo para tomar a decisão, mas, quando cheguei ao balcão para fazer o pedido, a assistente se mostrou surpresa.

– Desculpe. Eu não tinha me dado conta de que a senhora ia comprar *dois*.

– Como?

– Dois. Dois carrinhos.

– Não. Só este aqui – corrigi com um sorriso confuso.

– Mas e o outro que seu marido já pagou?

Ela me confundira com outra cliente. Bonita ela até podia ser, mas não era muito observadora, pensei. No entanto, quando olhei à minha volta, percebi que agora eu era a única compradora na loja.

– Eu... não entendi. Eu não tenho marido.

Um rubor irritantemente atraente inundou as suas bochechas.

– Desculpe. O seu companheiro, eu quero dizer. Ele já pagou o Bugaboo Deluxe. Vai levar este, também?

Eu confrontara Joe, é claro. Mas ele fora insistente. Quando protestei mais um pouco, chegou a afirmar que era mais um investimento do que um presente, porque as rodas dos carrinhos que eu estivera olhando teriam deixado marcas no seu piso recém-reformado. De alguma forma, fez parecer que gastar num carrinho para o meu bebê tudo o que havia ganhado no trabalho extra não era mais do que uma medida preventiva sensata para lhe poupar futuros consertos. Mas ele não me enganou. Nem por um minuto.

Enquanto eu voltava às pressas para a cabeceira de Joe, outras recordações me acompanhavam também apressadas, todas me cutucando de forma leve porém insistente, ansiosas para não serem esquecidas.

Como a do dia em que atravessei o jardim até o espaçoso anexo que Joe usava como oficina e o encontrei trabalhando não nas portas de um armário sob medida, mas, sim, num berço de balanço entalhado. Ele dera um pulo – quase com culpa – quando abri a porta de leve, o barulho da minha entrada abafado pela lixadeira elétrica que ele passava nas grades.

Ver aquele homem, que não tinha a menor ligação ou responsabilidade com o meu filho, concentrado em lhe fazer um lindo berço artesanal, me fez cair em prantos. Joe desligou a lixadeira e se levantou.

– Ally, o que foi? Qual é o problema?

Eu não conseguia falar, só indicara o movelzinho minúsculo que, em menos de dois meses, embalaria o meu bebê.

– Olhe, se você não gostar, se quiser comprar uma coisa mais moderna, não vou ficar ofendido. É só que vi os da loja outro dia e pensei...

A voz dele foi sumindo enquanto eu atravessava a distância que nos separava para abraçá-lo. Seus braços me envolveram com facilidade, apesar do tamanho da barriga.

– Eu adorei – funguei em sua camisa, que cheirava a aparas de madeira, sabão em pó e... a ele. – É perfeito.

Mas, de todas as recordações clamando para serem ouvidas, uma tinha a voz mais alta. Era a de quando me dei conta de que os sentimentos que tinha por Joe haviam se desviado muito da amizade inicial que nos aproximara. Tinham se passado meses do nascimento de Jake, e eu já tirara o berço do meu quarto e o acomodara no quartinho que ficava no andar de baixo. Joe e eu tínhamos passado vários fins de semana decorando aquele cômodo. Havíamos pintado três paredes de azul-claro, com nuvens fofas que pareciam marshmallows, e na quarta Joe criara um lindo mural de conto de fadas. Eu me lembro do olhar estranho que minha mãe me deu depois de vê-lo pronto. “O que foi?”, eu perguntara. Ela só balançara a cabeça, embora houvesse um discreto sorriso em seus lábios, como se soubesse de um segredo que ainda não podia compartilhar.

A babá eletrônica crepitara no meio da noite ao primeiro choramingo de Jake e eu saíra da cama, cambaleando sonolenta ao enfiar os braços no roupão. Desci as escadas descalça e nem acendi a luz do corredor, para não acordar Joe, pois seu quarto ficava de frente para o de Jake. Mas ele já acordara. Enquanto eu percorria as tábuas de madeira com passos leves, vi Joe, de costas para a porta, segurando meu filho carinhosamente nos braços. Vestido apenas com a calça do pijama, era difícil não olhar o desenho dos músculos atravessando as costas e braços enquanto ele embalava o meu filho com a mais infinita doçura para que ele voltasse a dormir. Enquanto acalmava o bebê, sua voz era grave e sussurrante na escuridão, além de muito terna.

Algo aconteceu naquele momento, quando vi meu filhinho, com seus cabelo

muito escuro e os brilhantes olhos azuis, fitando o rosto do homem que sorria para ele com tanto carinho. Baixinho, com uma voz que jamais lhe garantiria uma vaga num coral, ouvi Joe cantarolar a cantiga de ninar de Brahms com a qual eu acalentava Jake toda noite. E aquele foi o momento, ali na escuridão do corredor, oculta por trás da pesada porta de carvalho, *aquele* foi o momento em que me apaixonei por ele.

Fizemos turnos alternados para nos sentarmos ao lado de Joe durante toda a manhã, embora cada momento que passava longe dele me deixasse olhando o relógio em desespero, querendo que o tempo voasse para eu voltar logo para o seu lado. Acima do barulho da UTI que despertava, quase dava para ouvir o som áspero da areia escoando por entre meus dedos numa ampulheta que eu não podia conter.

Quando Frank e Kaye voltaram para a sala de espera mais cedo do que o esperado no meio da manhã, eu já estava de pé, pronta para assumir o assento que acabava de vagar. Frank me deteve pousando a mão coberta por manchas senis em meu braço. Havia um alarmante tremor em seu toque e fiquei preocupada com essa nova ocorrência. Era minha função tomar conta dos dois até que Joe pudesse assumir esse papel outra vez. Era o que ele esperaria de mim, e eu fazia com boa vontade.

– Os médicos estão com ele de novo. Pediram que esperássemos aqui. Disseram que viriam nos ver quando terminassem.

Ouvi um leve farfalhar atrás de mim e soube, sem precisar olhar, que minha mãe ajeitara o corpo na poltrona.

Ficamos sentados em silêncio. Aguardando. A mesa estava cheia de copos descartáveis vazios manchados de café, além de sanduíches embrulhados em celofane que ninguém tinha fome para abrir, muito menos para comer. Eu dera um a Charlotte quando ela passara pela sala de espera. Ela o olhara por um bom tempo como se tivesse esquecido o que era comida ou fome. Então sorrira distraidamente e enfiara o embrulho na bolsa elegante, onde eu podia quase garantir que continuava intocado.

Às dez horas, dezessete minutos e vinte segundos, meu mundo mudou.

A porta da sala de espera se abriu e os dois médicos que reconheci como os que haviam examinado Joe mais cedo pararam no vão.

– Sra. Taylor, podemos conversar com a senhora?

Lembro-me de ter esperado que entrassem na sala, mas, em vez disso, o mais novo dos dois olhou para mim e tudo o que eu não queria ver estava escrito em seus olhos.

– Venha conosco, por favor. Vai ser mais fácil conversarmos num local um pouco mais silencioso, com mais privacidade – sugeriu ele, no momento em que um auxiliar de enfermagem passava trovejando, empurrando um carrinho abarrotado de roupas para a lavanderia.

– Meus sogros, pais de Joe, podem ir junto?

De quem era aquela voz? Certamente não parecia a minha.

– É claro – confirmou o médico, sorrindo de forma amável para o casal idoso.

Nós os seguimos, uma tríade hesitante em estado de choque, feridos antes mesmo de a explosão ocorrer.

– Mas Joe... – falou Kaye, agarrando minha mão, os dedos frágeis mas fortes. – Joe está sozinho. Não podemos ir *todos* e deixá-lo sozinho. Alguém devia ficar com ele. E se ele acordar e não estivermos lá?

– Eu fico com Joe, Kaye – ofereceu-se minha mãe, solícita.

Embora não fosse grande a diferença de idade entre elas, naquele momento a voz de minha mãe a fez parecer décadas mais jovem que minha sogra. Mas, quando seguimos os médicos para fora da UTI, virei-me para olhar para minha mãe com gratidão e vi que ela chorava baixinho enquanto se dirigia ao quarto de Joe. Então compreendi o que estava por vir. Senti em cada fibra do meu corpo.

Eu não saberia dizer que aparência tinha a sala para a qual nos levaram. Não tenho ideia de por que acharam que aquele seria um local melhor. As poltronas mais confortáveis serviriam para amortecer o golpe do que nos diriam? Os médicos se apresentaram, mas não tenho a menor lembrança de seus nomes. Eles nos ofereceram água de uma jarra colocada numa mesinha baixa, mas todos recusamos. Duvido que qualquer um de nós tivesse sido capaz de segurar um copo sem derramá-lo. Ainda assim, um dos médicos serviu água nos três copos. O jorro foi mais uma torturante espera, embora só devesse ter levado alguns segundos.

A espera era uma agonia, piorada pelo fato de eu já saber o que nos diriam. Lembro que olhei para o teto e imaginei uma guilhotina invisível pronta para cair. Eu precisava que me falassem. Que me falassem imediatamente. Para acabar com aquela terrível indefinição.

– Sra. Taylor, nós sentimos imensamente, mas tememos não ter boas notícias.

– Nãããão!

A palavra foi um gemido angustiado e, por um terrível momento, achei que tivesse saído de mim, mas não tinha. O som viera da mãe de Joe, curvada em sua cadeira, os braços finos como gravetos abraçando o corpo, como se ela pudesse protegê-lo de um golpe que nenhuma mulher da sua idade deveria ter que sofrer. Frank saiu de sua cadeira e foi até a mulher, aninhando o rosto dela, os dedos nodosos acariciando seus cachos grisalhos.

Os médicos foram gentis. Estava claro que já haviam feito isso muitas vezes. Deram-nos a notícia em pequenas porções, nos concedendo tempo para absorver suas palavras. Mas eu me senti como um lutador de boxe num ringue, indefesa contra um adversário que me esmurrava com golpes incansáveis.

– Mas ele ainda está *respirando*. Estávamos com ele ainda há pouco. Nosso menino ainda está respirando. Eu vi.

O médico inclinou o corpo para a frente e pousou a mão no ombro de Frank.

– São as máquinas que estão respirando por ele, mantendo o coração, fazendo o sangue circular pelo corpo. Quando tiramos Joe dos aparelhos há pouco, ele não conseguiu respirar sozinho.

– Mas ele só precisa de tempo. Precisa de mais tempo para melhorar. A gente ouve falar dessas coisas o tempo todo. Passam no noticiário. Saem em todos os jornais. Gente que passa anos e anos em coma e aí, um dia, simplesmente acorda. E fica bem – insistiu Frank, a voz falha. – Perfeitamente bem.

Eu não podia ajudá-lo e sabia que os pais de Joe não tinham assimilado tudo o que os médicos tinham nos dito com tanto cuidado. Não tinham conseguido, porque a realidade era horrível demais.

– Por favor, podem nos explicar mais uma vez? Esses exames... Esses testes de tronco encefálico que fizeram. E se estiverem errados?

Os médicos me olharam, balançando a cabeça com tristeza.

– Nós dois examinamos Joe de forma independente duas vezes e,

infelizmente, nossas constatações são conclusivas. Não há nenhuma atividade cerebral perceptível. Mas voltaremos a examiná-lo se vocês desejarem, embora eu não queira lhes dar falsas esperanças. Seu marido não mostra sinais de vida recuperável.

Charlotte

Eu não esperava que conhecer o filho de Ally me afetasse tanto. Precisei de cada um dos cinco minutos que permaneci na escada deserta antes de retornar para David. Precisei ter certeza de que podia confiar em mim para não entrar no quarto dele correndo e deixar escapulir algo ridículo, como: "Você não vai acreditar, mas acabei de conhecer o filho que você nunca soube que tinha." Mas, quando vi quanto meu marido parecia doente, tive certeza de que não havia o menor risco de que eu dissesse qualquer coisa que pudesse lhe causar um único momento de estresse ou ansiedade que fosse. *Quando estiver melhor, quando estiver mais forte, só então eu conto*, prometi a mim mesma, falando com firmeza acima da voz que perguntava baixinho: *E se ele não melhorar? E se você o perder... e se ele nunca souber que uma parte dele irá sobreviver?*

Pressionei as pontas dos dedos contra as pálpebras fechadas, como se para afastar a imagem do garotinho que tinha os olhos do meu marido, gravada no fundo da minha retina.

– Dia ruim no trabalho? – perguntou David, a mão puxando a máscara de oxigênio do rosto para falar.

Com cuidado, reposicionei a máscara, meus dedos se demorando em seu cabelo cheio e escuro.

– Pode-se dizer que sim.

– Você devia ir para casa descansar um pouco – disse David com um arquejo. – Parece cansada.

– Você devia parar de falar bobagem – retruquei. – Eu vou quando você for.

Meu coração se apertou quando seus olhos encontraram os meus, o amor neles ameaçando me fazer perder o controle.

– Como foi que tive tanta sorte em encontrar você?

Eu estava enchendo a jarra d’água de David na enfermaria principal quando notei Ally e os sogros sendo conduzidos para fora da UTI por dois médicos. Meu coração acelerou e o sabor acre da bile subiu pela minha garganta. Havia algo naquela procissão triste que era impossível de ignorar: estava nos ombros encurvados de Ally e na forma com que ela segurava o braço da mulher idosa que se encontrava ao seu lado. Parecia quase inconcebível que eu pudesse me importar tanto com o que acontecia com ela. Mas eu me importava.

As enfermeiras que conversavam na recepção estavam de costas para mim. Não era minha intenção escutar o que diziam e elas certamente não tinham ideia de que eu me encontrava ali, ou jamais teriam falado de forma tão franca. Quando suas palavras chegaram a mim, qualquer outro som da enfermaria me sumiu por completo.

– Ele tem um filho, sabia? A coisa mais bonitinha. Não deve ter mais do que 8 anos.

Não falavam de David, eu tinha quase certeza, mesmo assim meus passos foram ficando arrastados, mantendo-me perto o suficiente para escutá-las.

– Ah, é mesmo? Mas que coisa horrível.

O quê?, eu queria perguntar. *O que é horrível?* Porém, sabia que era mais provável que descobrisse mais se ficasse calada do que fazendo perguntas.

– Já contaram para a família?

– Estão contando agora.

Meus dedos se fecharam com força ao redor da alça de plástico branco da jarra e o líquido se inclinou perigosamente. Um pequeno filete de água escorreu pelo bico e se derramou por cima da minha mão, pingando no chão, mas mal notei.

– O que vai acontecer agora?

– O de sempre.

– Meu Deus, que coisa mais triste. Faz a gente querer ir para casa e abraçar a família, não é?

– Toda vez. Toda santa vez.

Lágrimas inesperadas e escaldantes surgiram dos meus olhos em silêncio à medida que o sentido daquelas palavras ficava claro. Deixei que rolassem. Foram escorrendo pelo meu rosto e caindo como pingos de chuva sobre a água derramada aos meus pés.

Ally

– Voltaremos para conversar com vocês daqui a pouco – disse um dos médicos.

Eu me coloquei de pé, mas fui obrigada a firmar o corpo no encosto de uma cadeira, pois a sala toda girou à minha volta. Vi os pais de Joe passarem por mim, unidos num abraço de dor intensa; vi os médicos de jaleco branco, seus traços um borrão de compaixão; vi a porta e me dirigi a ela, trôpega. Eu tinha que sair dali. Tinha que ir.

Aquilo era o que eu mais temera, o que vinha me apavorando a cada segundo desde que os policiais bateram à nossa porta. De alguma forma, eu deveria ter me preparado. No entanto, o choque de saber que meu pior pesadelo estava prestes a se tornar realidade foi um fardo quase pesado demais para carregar.

Um buraco se abrira dentro de mim, um fosso enorme e profundo no lugar que pertencia a Joe. Por mais que eu tentasse, por mais que eu o amasse, não ia ser capaz de preencher esse espaço ou de impedir que meu marido partisse. Eu ia perdê-lo – eu já o perdera, se era verdade o que tinham dito.

– Posso vê-lo agora? – indaguei, a voz trêmula. – Preciso muito vê-lo. Ainda posso fazer isso, não posso?

– Sim, é claro. Vou acompanhá-la de volta.

Cheguei à porta antes que ele me alcançasse. Passei por ela e voltei pelo corredor, cambaleando e correndo ao mesmo tempo. Frank e Kaye foram temporariamente esquecidos, apagados dos meus pensamentos pelo desejo urgente de retornar para Joe. Enquanto eu ainda podia.

Então me choquei com uma pessoa alta na entrada da UTI. Era uma muralha imóvel de massa muscular vestida com um casaco de lã escura e puxando uma

elegante maleta de rodinhas. Seus braços me envolveram e eu notei, distraída, que o casaco estava úmido. Devia estar nevando outra vez.

– Ally. Ally, devagar, sou eu.

Atirei os braços em torno de seu pescoço, o perfume caro disfarçando mal o aroma persistente de várias xícaras de café, ou o cheiro de um homem que viajara metade do mundo para estar comigo.

– Max, ah, Max... Você chegou. Graças a Deus está aqui.

– Como o Joe está? Como ele está reagindo?

Minha boca estava encostada em seu ombro e eu a abri para falar, mas, em vez de palavras, foi um ruído que escapou dela, o grito de um animal ferido.

Max arquejou e seus braços me apertaram.

– É tarde demais? Eu cheguei tarde demais?

– Não houve nenhuma mudança desde que trouxeram Joe para cá – respondi, desolada.

Houve um instante de alívio no rosto de meu velho amigo. Ele não compreendera o significado das minhas palavras.

– E não vai haver. É o que acabam de me falar. Então, não, você não chegou tarde demais. Ainda há tempo para vê-lo... e dizer adeus.

~

Entramos juntos no quarto de Joe e minha mãe deu um pulo da poltrona e foi me abraçar. Embalou-me com delicadeza, e eu me agarrei a ela de uma maneira que não fazia havia décadas. Não havia necessidade de lhe contar o que os médicos tinham dito. Ela já sabia, antes mesmo de mim.

– Eu sinto muito, Ally. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo.

– Será que podemos pedir outra opinião? Existe um especialista em algum lugar? Em qualquer lugar? Não precisa ser aqui. Podemos trazê-lo de outro país se for preciso.

Havia um sorriso triste no rosto de minha mãe quando se virou para o homem que conhecia desde pequeno.

– Olá, Max. Que bom vê-lo outra vez. Obrigada por ter vindo. Ally precisa de você.

Eu quis me afastar dela naquele instante e corrigi-la. Não era de Max que eu

precisava, era de Joe. *Eu* precisava dele, *Jake* precisava dele, *os pais* precisavam dele. Mas nada disso fazia diferença, porque todos íamos perdê-lo de qualquer forma. As pessoas que mais amavam e precisavam de Joe logo teriam que tomar a decisão mais difícil de suas vidas e desligar os aparelhos que o mantinham vivo.

Deixaram que ficássemos com Joe, nós cinco, e a suspensão da regra de "duas visitas de cada vez" sublinhou de forma definitiva que nosso tempo se esgotava. Os pais de Joe se sentaram de um dos lados da cama do hospital e eu me sentei do outro, a mão do meu marido apertada dentro da minha, como deveria ser pelos próximos cinquenta anos. Max foi o amigo perfeito e providenciou tudo de que precisávamos, sem dar o menor sinal de exaustão. E, nos momentos em que não havia tarefas de que cuidar, ele se postava atrás da minha cadeira como uma sentinela, a mão pousada no meu ombro, apenas para me lembrar de que estava ali, se eu precisasse. Isso ajudou. Um pouco.

Os médicos realizaram seu terceiro e último exame um pouco antes do meio-dia, e não acho que qualquer um de nós tenha se surpreendido com o resultado.

– Sentimos imensamente... – começaram, juntando-se ao nosso triste grupo na sala de espera.

– Já foi feito tudo que podia ser feito? – perguntou Max no silêncio absoluto que se seguiu às palavras dos médicos. – Não quero parecer deselegante, mas se for questão de dinheiro ou...

Os médicos não pareceram se ofender. Deviam estar acostumados com as últimas e desesperadas tentativas de parentes e amigos.

– O estado de saúde do Sr. Taylor era muito grave quando ele chegou aqui. Fizemos todos os esforços possíveis para reanimá-lo.

O médico se virou na cadeira que ocupara ao meu lado e pousou a mão sobre a minha com gentileza. Sua voz ficou mais branda.

– Nós nos empenhamos muito para salvá-lo, porque sabemos por que ele veio parar aqui. Um garotinho está vivo hoje por causa da coragem do seu marido. Nós realmente não queríamos perder essa batalha, vocês precisam saber.

Minha garganta foi se contraindo até fechar, impedindo que qualquer palavra

saísse. Assenti com vigor em meio às lágrimas.

– Sei que é um momento difícil para a família, mas há decisões que precisam tomar agora.

Meus olhos buscaram os meus sogros, que se viam diante da perda do único filho. Em seus rostos, em tudo o que lhes dizia respeito, a *injustiça* daquela situação ficava patente. Eles eram idosos. Deviam ir primeiro. Nenhum pai ou mãe *jamais* devia ver um filho partir.

– Com a sua permissão – continuou o médico –, alguém do hospital virá conversar com vocês daqui a pouco. Alguém de outra equipe.

Sentada ao meu lado, minha mãe passou um braço ao redor dos meus ombros e me puxou para si. Eu me dei conta de que, mais uma vez, ela sabia o que iria acontecer.

– Um membro da equipe de transplantes gostaria de se reunir com vocês – falou o médico e fez uma pausa antes de concluir: – A senhora está ciente de que seu marido carregava um cartão de doador na carteira, imagino...

~

A resistência àquela ideia veio de quem eu não esperava. A aprovação, também.

– Não dá para acreditar, caramba! Me desculpe, Ally, mas eles parecem urubus. Pelo amor de Deus, Joe ainda nem se foi e eles já querem falar com você sobre... sobre isso! – explodiu Max quando os médicos saíram.

– Eles têm que fazer assim, filho – replicou Frank, baixinho.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto e ele nada fez para secá-las.

– É a única forma de dar certo. Precisam manter tudo... funcionando... até... até... o último instante.

Sua mão buscou a de Kaye às cegas e a encontrou.

– Não sei – comecei, sentindo o peso de uma decisão impossível, que eu jamais deveria ter que tomar, partindo meu coração já destroçado. – Acho que não vou conseguir dar permissão para...

Engoli em seco com dificuldade, tentando encontrar as palavras.

– Quero dizer, sim, eu sei que ele carregava um cartão, mas...

– Era o que ele queria.

Ouvir essas palavras da mulher que trouxera Joe ao mundo foi um choque. Kaye buscou dentro da bolsa um lenço bordado, que usou para tentar secar os olhos, então se virou para o marido.

– Desde pequeno, não muito mais velho do que Jake é hoje. Era o que ele dizia que queria. Desde Eric. Teve que esperar até ficar mais velho, é claro, mas ele nunca esqueceu, nunca.

Fragmentos de uma conversa antiga começaram a retornar à minha mente, rodopiando e revirando em meio a milhares de outras recordações.

– O tio dele – lembrei-me de repente, enquanto os detalhes iam se cristalizando.

Frank sorriu, embora as lágrimas não dessem a menor trégua. Eu me perguntei se algum dia dariam.

– Então ele lhe contou? Falou do meu irmão mais velho, Eric? Eric passou a vida inteira doente, mas piorou quando Joe era pequeno. Meu irmão nunca se casou, nunca formou uma família, mas adorava o nosso filho, e o sentimento era recíproco. Eric fez um transplante de rim quando Joe tinha mais ou menos 8 anos; isso salvou sua vida. Depois disso, Joe sempre disse que, se alguma coisa acontecesse com ele, queria ser doador. Foi um bocado insistente a esse respeito, eu me lembro.

Frank se virou para a mulher e, quase com a mesma nitidez que eles, pude ver a imagem de seu filho pequeno e muito compenetrado reluzindo em suas lembranças. Não era difícil, pois seria a mesma atitude que eu esperaria do nosso próprio menino.

Frank fechou os olhos e, apesar de tudo, senti quanto lhe custou dizer suas palavras seguintes.

– Ally, você é a esposa dele e tem que tomar a própria decisão. Mas, no que diz respeito à mãe dele e a mim – ele se virou para Kaye e ela assentiu –, bem, nós gostaríamos de honrar o desejo de Joe. Que algum bem saia dessa terrível tragédia. Deixe-o fazer o que fez durante toda a sua vida maravilhosa e impressionante. Deixe Joe ajudar alguém.

~

A mulher da equipe de transplantes tinha a fala mansa, era respeitosa e

solidária. No entanto, reunir-me com ela foi – sem dúvida – uma das piores coisas que fiz na vida. Ela explicou o procedimento em detalhes e nos contou quantas pessoas se beneficiariam da generosidade de Joe (palavras dela). Até oito vidas poderiam ser salvas se eu dissesse “sim”, ela me informou com toda a delicadeza. De forma que seriam nove mortes sem sentido se eu dissesse “não”, eu me dei conta, com tristeza, incluindo-se aí a de Joe. Mas não era só uma questão de matemática, eu sabia.

Max foi o único que me acompanhou a essa reunião. Os pais de Joe, apesar de toda a coragem, recusaram muito serenamente quando os chamei. Meu amigo Max segurou firme a minha mão o tempo todo e fiquei grata pelas perguntas que lhe ocorreram, porque eu já havia ultrapassado meu limite de resistência e ainda havia muita coisa a ser decidida. Quando a enfermeira sacou uma imensa pilha de documentos que necessitavam da minha assinatura, sei que Max percebeu que enrijeci.

– Quando precisam da nossa resposta? – perguntou ele. – Podemos ter um ou dois dias para pensar?

Os olhos da mulher continham imensa compaixão quando ela balançou a cabeça, pesarosa.

– Lamento não haver outra forma melhor de dizer isto, porém, quanto mais cedo chegarem a uma decisão, melhor será, não só para os receptores dos órgãos, mas também para vocês e sua família. É óbvio que ninguém quer forçá-los a tomar uma decisão com a qual não se sintam confortáveis, só que os bons resultados que esperamos alcançar com a doação diminuem dramaticamente quanto mais longa for a espera. O tempo está correndo contra nós e, como sempre, há um número maior de pessoas aguardando um transplante do que de doadores compatíveis. Na verdade, nesta ala mesmo temos um paciente que precisa encontrar um doador para sobreviver.

Fiquei paralisada ao ouvir essas palavras. Olhei com espanto para Max, que de início não compreendeu minha expressão e ficou confuso, até que a ficha caiu e a confusão se transformou em incredulidade.

– Aqui, na UTI? Outro paciente nesta enfermaria precisa de um transplante?

A enfermeira pareceu surpresa com minha pergunta, ou talvez tivesse sido a expressão de terror em meus olhos.

– Não está falando de David, está? David Williams?

A mulher agora se mostrava claramente desconfortável.

– Eu sinto muito, Sra. Taylor, mas não posso discutir o estado de saúde de outro paciente com a senhora. Foi insensível da minha parte mencionar isso e eu peço desculpas.

Não dei ouvidos ao pedido de desculpas. A mulher *só podia* estar se referindo a David. Não havia pacientes na UTI além dele e de Joe. *David* era a pessoa que precisava desesperadamente que uma pobre família enlutada – *não a nossa* – tomasse a decisão de deixar que uma parte vital deles – *o coração dele, meu Deus do céu, estávamos falando do coração dele* – fizesse algo de incrível depois que seu ente querido partisse. Mas não Joe, nunca Joe. Seria pedir demais de qualquer pessoa.

Em algum lugar, muito longe, ouvi Max fazer à enfermeira a pergunta exata que eu jamais teria conseguido expressar:

– Está querendo dizer que o coração de Joe poderia ser doado para o outro paciente desta enfermaria, para David Williams?

A enfermeira demorou um instante para responder e tenho certeza de que pôde sentir a intensidade de dois pares de olhos focados nela enquanto falava:

– Não. Não, é claro que não. Muitos fatores precisam ser levados em consideração quando órgãos são disponibilizados. Em primeiro lugar, e primordialmente, consideramos aqueles pacientes que precisam de um transplante com mais urgência, mas muitas outras coisas precisam ser iguais, ou muito compatíveis, para garantirem um transplante de órgão bem-sucedido: grupo sanguíneo, idade e peso, todos esses fatores são levados em consideração.

A enfermeira sorriu de forma amável.

– As chances de dois pacientes estarem internados numa mesma enfermaria e um deles ser compatível para um transplante com um órgão do outro, bem... bem, a probabilidade de uma coisa dessas acontecer é ínfima.

Ínfima, pensei, enquanto pegava os folhetos que a enfermeira me dera e permitia que Max me conduzisse para fora da sala. Até que ponto seria tão ínfima? Comparável à probabilidade de ter o primeiro homem pelo qual você se apaixonou e o homem que você ama agora internados doentes no mesmo hospital, na mesma noite? Probabilidades ridículas, que desafiavam qualquer lógica, eram algo que eu já aprendera a aceitar.

CAPÍTULO 13

Charlotte

Entrei na sala de espera e estaquei. Não imaginara que houvesse ninguém ali, muito menos Ally. Se eu estivesse na situação dela, passaria cada minuto na cabeceira de meu marido, não sentada nessa salinha, debruçada sobre formulários e folhetos. Só que ela não estava sozinha; eu me dei conta disso quando um movimento no canto da sala chamou minha atenção. Havia um homem em pé ali. Era alto e elegante, do corte de cabelo estiloso às botas de couro inquestionavelmente caras. Parecia um pouco deslocado, como se tivesse sido arrancado de um ambiente bem mais colorido e exótico e atirado dentro desse hospital cinza e sem graça.

Ele se virou. Não diria que sua expressão foi acolhedora.

Voltei-me para a outra ocupante da sala. Ally havia feito uma pausa, a caneta ainda presa entre os dedos. O rosto estava úmido e os olhos pareciam derrotados.

– Ally, eu... eu...

Eu não tinha a menor ideia do que dizer. Na verdade, tive medo de chegar perto dela, daquela dor crua e exposta, porque sabia que poderia muito bem ser eu naquela posição, que eu ainda podia passar por aquilo. Dei um passo em sua direção, ciente de que o homem misterioso do canto da sala fizera o mesmo.

– Eu soube da notícia horrível... sobre Joe. Sinto muito.

Ela não perguntou quem havia me contado, duvido que ligasse para isso. Estendi a mão, hesitante, e ela pairou por um segundo no espaço entre nós duas antes que eu a pousasse em seu ombro. Dava para sentir os olhos do homem me esquadrinhando como um laser. Quem era ele?

Quando me aproximei um pouco mais, Ally empurrou para o outro lado da mesinha os papéis que viera assinando. Mas era tarde demais. Mesmo de cabeça para baixo, consegui ler o cabeçalho do formulário. As palavras DOAÇÃO DE

ÓRGÃO pareceram saltar da página em minha direção e meu coração deu um pulo. De repente fiquei muito ciente da necessidade de caminhar com cuidado por aquele terreno.

– Como você está?

Havia tanta dor em seus olhos que foi difícil encará-los. Era como olhar para um eclipse; se você o fita por tempo demais, acaba machucado.

– Nada bem – admitiu ela.

– Se houver qualquer coisa que eu possa fazer...

– Já temos tudo encaminhado. Obrigado – interrompeu o homem, com um ligeiro sotaque, aproximando-se ainda mais de Ally.

– Bem, se precisar que eu faça qualquer coisa...

Ally balançou a cabeça, e o homem se aproximou e colocou a mão em seu ombro, no lugar exato onde a minha estivera havia pouco.

– Como está Jake? – perguntei. – Isso tudo deve ser muito difícil para ele.

Foi a coisa errada a dizer, percebi de imediato pela contração da boca de Ally e pelo pequeno sibilo de seu acompanhante.

– Ally e a família dela vão tomar conta de Jake muito bem. Não precisa se preocupar com meu afilhado.

Algo em suas palavras me disse que aquele homem, quem quer que fosse, sabia tudo sobre a ligação de David com Jake.

Fiquei em silêncio por um longo instante, reorganizando os pensamentos. Eu precisava conversar com Ally. Precisava lhe perguntar uma coisa e tinha quase certeza de que não ia conseguir com aquele sujeito tomando conta dela feito um guarda-costas. Eu estava contente que ela tivesse o apoio de tanta gente, considerando a maneira terrível que as coisas haviam corrido, mas a presença daquele homem não facilitava o que eu queria fazer – não, o que eu *tinha* que fazer.

– Ally, sei que isso é um verdadeiro pesadelo para você. Mas será que poderíamos dar uma palavrinha? – Fiz uma pequena pausa. – A sós – completei.

Ally ergueu a cabeça. Parecia que até esse movimento era um esforço para ela e, por um instante, eu me perguntei se aquele seria o momento certo. Mas se não fosse agora, quando seria? *Nunca* haveria um momento certo para aquela conversa. Isso simplesmente não existia.

– O que quer que você tenha para dizer a Ally, pode dizer na minha frente,

Charlotte.

Eu engasguei. Bem, ele com certeza conhecia tanto da nossa história quanto eu suspeitara. Vi a expressão em seus olhos e me dei conta de que ele sabia de outra coisa também: do que eu estava prestes a perguntar a ela.

– É um assunto pessoal. Particular – insisti, tentando me manter em pé na areia movediça na qual eu me encontrava.

– Eu sinto muito. Acabei de viajar quase 6 mil quilômetros para ficar com Ally. Não vou deixá-la sozinha agora. Ou você fala na minha frente ou não diz nada.

Seu tom deixava claro qual das duas opções esperava que eu escolhesse.

Mas não seria assim. Ele era duro na queda, dava para perceber, só que eu também era. E o assunto era importante demais para permitir que ele me silenciasse. Sentei-me na cadeira em frente à de Ally. Precisava que ela visse meu rosto quando eu fizesse aquela pergunta, tanto quanto eu precisava ver o dela.

Aguardei por vários minutos até que ela erguesse o olhar para mim. Acho que ela precisava daquele tempo. Olhei para ela, olhei para ela *de verdade,* antes que dissesse o que precisava. Ela era a mulher que ele amara primeiro. Fora ela que tivera o coração dele antes de eu alcançá-lo. Fora ela que o partira. Ela continuava viva numa parte dele que eu jamais fora capaz de tocar. Ele achava que eu não sabia disso, mas é claro que sabia. Que mulher não saberia? Eu passara anos incomodada pela morena bonita à minha frente. Eu me ressentira, tivera medo dela, às vezes até ódio. E se o caminho dos dois voltasse a se cruzar? Será que o amor que eu sabia que ele tinha por mim seria forte o bastante para segurá-lo? Ou será que os laços que um dia o uniram a ela provariam ser ainda mais resistentes? Será que os sentimentos dele eram correspondidos, que ela ainda pensava nele? Será que se perguntava... *e se*? Será que ainda o amava? Eu passara anos tomada pelo pavor de que a resposta para todas essas perguntas fosse sim. Meu propósito maior na vida, aquilo por que eu rezava, dependia de que a resposta dela fosse sim.

Ally

Era um cômodo claro e alegre. As paredes eram cobertas de murais pintados com cores vibrantes. Havia brinquedos por todos os lados, transbordando de caixas coloridas empilhadas em cada canto, e no chão viam-se pufes macios e cubos em tons vivos que serviam de bancos.

Eu pisquei, esperando que as lâmpadas fluorescentes parassem de tremeluzir, antes de entrarmos na sala de recreação. A enfermeira olhou ao redor por um instante, então se virou para mim:

– Acha que serve?

Varri a sala com os olhos, imaginando como devia ser durante o dia: cheia de crianças pequenas e valentes da enfermaria vizinha, que, apesar dos curativos, dos gessos ou dos soros pendurados, superavam a dor e iam ali para brincar. Eu não podia pensar num lugar mais adequado para o que faria.

Virei-me para a enfermeira.

– Sim. Vai ser perfeito. Obrigada pela sugestão.

– Eu posso ficar, se quiser, se achar que ajuda – ofereceu-se ela mais uma vez, gentil.

Balancei a cabeça devagar.

– Acho que vai ser mais fácil para Jake se só as pessoas que ele conhece e ama estiverem aqui – explicou Max, com toda a educação, então suavizou a rejeição com um breve sorriso. – Não me leve a mal.

– De modo algum.

A enfermeira consultou seu relógio.

– Bem, é melhor eu voltar para a UTI. Sabem onde me encontrar se precisarem.

Ela fez uma pausa no vão da porta e olhou outra vez para Max e para mim, tão tristes, parados naquela sala alegre. Havia compaixão em seus olhos.

– Boa sorte – disse, com gentileza.

Meu pai havia telefonado; estava voltando do zoológico e trazendo um menino muito cansado e agitado. Um menino que logo veria seu mundo ruir. Aquilo me dava vontade de sair correndo, de fugir daquela tarefa pavorosa. Mas eu não podia. Eu devia a Joe e ao filho que ele criara como se fosse seu fazer aquilo da melhor maneira possível. Eu me sentara à cabeceira de Joe tentando estender as últimas horas que tínhamos juntos para preencher uma vida inteira de lembranças. Queria ser capaz de me inspirar em sua força. Joe teria encontrado

uma forma de diminuir a crueldade do golpe, saberia que palavras usar. Mas, para mim, elas permaneciam dolorosamente fugidias. Eu não tinha a menor ideia do que dizer ao meu próprio filho. Talvez tivesse sido um pouco mais fácil se minha cabeça não estivesse ainda tão tumultuada por causa da conversa horrorosa que eu tivera com Charlotte. Embora várias horas já tivessem se passado, a cena continuava se repetindo dentro de mim, como uma náusea que nunca passava.

– Como pode me pedir uma coisa dessas? – eu questionara, a voz tremendo de incredulidade.

– E como poderia não pedir?

– Você não tem compaixão? Não tem a menor sensibilidade? Não vê quanto é cruel até mesmo sugerir uma coisa dessas?

Àquela altura, ela estava chorando. Nós duas estávamos.

– Me perdoe, Ally, mas eu estou lutando para manter vivo o homem que amo. Você faria o mesmo se a situação estivesse invertida.

Será? Eu achava que não.

– De qualquer forma – eu começara, indicando a pilha de papéis sobre a mesa à minha frente –, não é assim que a coisa funciona. São os computadores que decidem para onde... vão as... doações. Existe um registro, uma lista de prioridades.

– Eu sei de tudo isso – respondera Charlotte.

Então eu me dera conta de que aquilo não era um pedido feito no calor do momento. Ela havia pesquisado.

– Nos Estados Unidos é possível solicitar que os órgãos do ente querido sejam doados para uma determinada pessoa.

– Bem, não estamos nos Estados Unidos, certo? – rebatera Max, a voz gélida.

Era a primeira vez que ele falava desde que Charlotte fizera seu pedido ultrajante. Ela lhe lançara um olhar rápido e desdenhoso antes de voltar a atenção para mim.

– Admito que isso é raro, até mesmo lá. Mas andei pesquisando o assunto, passei a manhã toda na internet.

Aposto que sim, pensei, amarga.

– O parente mais próximo pode fazer um pedido como esse, até mesmo no

Reino Unido. Você pode pedir que David seja considerado para receber o órgão e, se o estado de saúde dele for grave o bastante e ninguém tiver prioridade mais alta, tentarão cumprir seu desejo.

– Mas esse não é o meu desejo! – eu gritara, desesperada. – É o seu. Nada disso é o que eu quero.

Minha respiração ficara irregular. A cada vez que eu inspirava, precisava lutar para encher o pulmão o bastante para prosseguir:

– Eu não quero escolher para onde os órgãos de Joe irão; não quero saber. Deixe que os médicos decidam. É assim que deve ser.

– Nada disso *deveria ser assim*. Você não deveria perder Joe, não dessa forma – dissera Charlotte, e havia uma dor genuína em sua voz. – E eu não deveria perder David. Eu não posso ajudá-lo. Não posso salvá-lo. Mas *você* pode.

– Não me peça para fazer isso, Charlotte. É mais do que se deve pedir a alguém.

Ela parecera perdida ao ver todas as suas abordagens, todos os seus argumentos desarmados.

– Não estou pedindo por mim. Estou pedindo por David. Se ele algum dia significou alguma coisa para você...

Nesse momento Max fizera um barulho, como o ribombar grave de um trovão, em sinal de alerta.

– E quanto ao Jake? – ela emendara. – Você já pensou nele? Será que ele merece perder *dois* pais numa única noite?

– E nós terminamos aqui – interrompera Max, furioso, posicionando-se entre nós duas como um árbitro. – Muito bem, Charlotte, já chega. Você já disse o que queria dizer. E acho, sinceramente, que você devia ir embora agora, antes que eu faça ou fale alguma coisa da qual não vou me orgulhar.

~

Contar a Jake acabou comigo. Eu sabia que seria assim. Ele passou correndo pelas portas de vaivém envidraçadas da sala de recreação, com meu pai alguns metros atrás. Os olhos de Jake varreram a sala, me encontraram, então viram o vulto alto de um homem de pé num canto.

– Papai! – gritou.

Max se virou e eu vi a alegria do rosto de meu filho sumir e reaparecer em seguida, assim que reconheceu quem me acompanhava.

– Tio Max!

Jake voou para ele feito um torpedo em miniatura e Max o tomou nos braços de uma maneira que nenhuma outra criança de 7 anos toleraria. Em algum momento no meio do abraço, no meio das exclamações de alegria, a estranheza daquilo tudo alcançou meu filho tão observador. Max o colocou de volta no chão, mas os olhos de Jake não deixaram seu rosto.

– Por que está aqui? A mamãe não disse que você vinha. Nós sempre sabemos quando você vem nos visitar.

Os olhos de Max buscaram os meus por cima da cabeleira cheia e escura de Jake. Lentamente, meu filho se virou para mim.

– É por causa do papai? O tio Max veio porque o papai está preso naquele monte de máquinas?

Ele me viu hesitar, me viu engolir em seco antes de responder:

– Isso, meu amor. O tio Max veio porque a mamãe contou a ele como o papai estava doente e ele quis ficar com a gente. Para nos ajudar.

– Ajudar? Por que a gente precisa de ajuda? O papai só vai dormir mais um pouco, depois ele acorda. E aí vai ficar bom outra vez. É isso, não é?

Jake se virou para meu pai, de pé à porta, o rosto angustiado. Sem encontrar resposta, voltou-se para o padrinho com menos certeza na voz:

– É isso?

Max parecia sentir uma dor física. Finalmente, Jake olhou para mim.

– Mamãe... Mamãe, o papai está *muito* doente?

Esse era o momento que nenhum pai ou mãe, nem em seu pior pesadelo, estava preparado para enfrentar. Eu abri os braços e Jake se enfiou neles. Eu queria segurá-lo próximo de mim e protegê-lo, no entanto eu mesma estava prestes a lhe causar uma enorme dor.

– Jakey, o papai se machucou bem mais do que a gente achava.

– Ele está dormindo.

Uma faca me atravessou por inteiro.

– Era o que a gente achava. Era o que a gente *esperava*. Mas, no fim...

Minha voz se embargou e eu não podia permitir que isso acontecesse. Mordi

o lábio com tanta força que senti o gosto do sangue. Max deu um passo em nossa direção, mas balancei a cabeça e ele parou onde estava. Aquela tarefa era minha. Só minha.

– No fim, os médicos descobriram que o papai ficou muito machucado. Lá dentro do corpo dele.

– Ele só está dormindo, você vai ver.

Foi a segunda facada.

– Não está não, meu anjo. Eu queria que estivesse, mas não está. O papai foi muito corajoso e entrou na água gelada para salvar aquele garotinho. E agora você também precisa ser muito corajoso.

Fez-se um silêncio longo e horrível. Jake o rompeu primeiro:

– O papai não vai acordar, não é?

Com a visão periférica, vi tanto Max quanto meu pai vindo em nossa direção. Existe uma necessidade de união quando algo tenebroso se aproxima. Mas, às vezes, não importa quantas pessoas amadas estejam ao nosso lado, o golpe derruba você.

– Não, Jake. Não vai.

~

Nós nos despedimos daqueles que amamos milhares de vezes durante a nossa vida: a cada vez que saem pela porta de casa, a cada vez que desligamos o telefone, a cada aceno de adeus. Só não sabemos qual dessas despedidas será a derradeira. *Não é* para sabermos. Só que, no nosso caso, sabíamos.

– Esta noite? – perguntou Kaye, num ínfimo sussurro. – Vai ser esta noite?

Meus braços a enlaçaram e eu senti os tremores percorrerem seu corpo inteiro.

– Acho que é assim que precisa ser feito... para ele poder ajudar o maior número possível de pessoas.

Era a única forma de eu conseguir pensar naquilo: não no que seria tirado de nós, mas no que Joe daria a outras pessoas.

O restante das horas daquele dia passou num terrível estado de limbo para mim. Enquanto isso, pessoas eram contatadas, famílias que haviam perdido as esperanças recebiam avisos para comparecerem a algum hospital e mudar o seu

futuro. O nosso já se transformara a ponto de ficar irreconhecível.

No fim da tarde, Frank me fizera um sinal discreto para que eu saísse do quarto e pudéssemos conversar. Desembaracei os meus dedos dos de Joe com dolorosa relutância. Cada instante passado longe dele era um momento perdido, um momento que jamais seria recuperado.

Meu sogro parecia ter envelhecido pelo menos uma década no decorrer do dia. Sua pele estava mais acinzentada, os olhos mais cansados, até mesmo a voz parecia mais fraca.

– Kaye e eu conversamos e... acho que não vamos poder ficar aqui até... até o fim. Acho que Kaye não é forte o bastante para passar por isso.

Eu tomei as mãos de Frank e as apertei com delicadeza. Sua pele estava quente e seca, como finas folhas de papel de seda amassadas. Fiquei preocupada com a fragilidade dele. Kaye não seria a única a desabar se eles ficassem. Os dois desabariam.

– Eu compreendo, Frank. Compreendo de verdade. Fiquem o tempo que acharem melhor. Joe não ia querer vocês dois sofrendo desse jeito.

Os pais de Joe se despediram do filho sozinhos. Minha mãe e meu pai tinham levado Jake à cantina, para lhe comprarem algo – que eu duvidava que ele fosse comer. Max e eu seguimos para a sala de espera, que, por sorte, estava vazia, porque no momento minha vontade de ver Charlotte devia ser comparável ao apetite do meu filho.

– Acha que eles vão ficar bem, os pais de Joe? – perguntou Max, segurando firme a minha mão.

Balancei a cabeça com pesar.

– Sinceramente, não sei.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao imaginar Kaye se debruçando sobre a cama de hospital para dar um beijo de despedida no filho. Uma dor aguda penetrou o meu coração quando me dei conta de que, antes do fim da noite, eu faria o mesmo.

– O carro já está lá embaixo à espera deles. Vai levá-los para casa ou para onde quiserem ir, quando estiverem prontos.

– Obrigada, Max – falei, apertando seus dedos com um pouco mais de força. – Não sei como teria passado por isso sem você.

Seu sorriso foi gentil. Ele ergueu a mão e afastou uma mecha de cabelo dos

meus olhos.

– Você é forte, Ally. Mais forte do que pensa. Vai conseguir enfrentar isso e ajudar Jake a fazer o mesmo. E, quando tropeçar, quando tudo ficar difícil demais, nós estaremos ao seu lado para colocá-la de pé outra vez.

Pousei a cabeça em seu ombro, ciente de que, apesar das suas garantias, eu deveria fazer sozinha minha jornada até essa vida nova e não desejada. Uma discreta batida à porta me fez erguer os olhos. A enfermeira da equipe de doação de órgãos se aproximou com uma expressão de desculpas por estar nos incomodando. Mas o que ela fora nos dizer me incomodou ainda mais:

– Eu só queria avisar que o centro cirúrgico está reservado para as nove da noite de hoje.

Foi impossível não olhar para o relógio e fazer as tenebrosas contas na cabeça. Restavam menos de duas horas a Joe.

Kaye e Frank deixaram a UTI discretamente e fiquei aliviada por já terem ido embora quando minha mãe saiu do elevador abraçando Jake. Ver os adultos em quem confiava, os alicerces de sua vida, tão perdidos e machucados só teria servido para assustá-lo ainda mais. Nenhuma criança deveria presenciar as pessoas que ama se debaterem, impotentes, num mar de desconsolo. A necessidade de ser forte para nosso filho era a única coisa que ainda me mantinha de pé.

– Onde está o papai? – perguntei, esquadrinhando o elevador vazio atrás dos dois.

Minha mãe baixou os olhos para Jake antes de responder:

– Deu uma saidinha rápida. Precisou ir comprar uma coisa.

Não questionei a estranheza daquilo, porque minha cabeça estava em outro lugar. Muito lentamente, eu me agachei e coloquei as mãos nos ombros de Jake.

– A vovó Kaye e o vovô Frank voltaram para casa, Jake. Eles se despediram do papai e eu acho que está na hora de você fazer o mesmo.

Da posição em que eu me encontrava, abaixada, ergui os olhos para minha mãe.

– Depois a vovó e o vovô podem levar você para casa.

– Não.

Eu não esperava uma recusa tão decidida de um menino tão pequeno. Mas, dessa vez, não poderia haver negociação, eu não poderia ceder. O trauma de ver

Joe ser levado até o centro cirúrgico permaneceria como uma aterradora lembrança para mim, porém não para ele. Eu faria qualquer coisa para poupá-lo disso.

– Jake, eu sei que é difícil para você. Sei quanto isso dói, porque também dói em mim. Mas você vai ter que ser o menino mais obediente e corajoso do mundo e fazer o que papai e eu queremos, está bem?

Seus olhos fitaram os meus diante da minha inclusão proposital de Joe em meu pedido. Baixei a voz até transformá-la num sussurro:

– O papai não ia querer que você passasse a noite toda aqui. Ele fica triste quando você fica aborrecido. Por favor, Jakey – implorei.

Jake assentiu devagar. Os olhos azuis brilhantes estavam cheios de lágrimas pelo homem que fizera um trabalho tão maravilhoso sendo seu pai.

– Sei que preciso me despedir do papai; a vovó me explicou. Eu sei, mãe.

Lancei à minha mãe um olhar de pura gratidão.

– Mas ainda não dá. Tenho que esperar o vovô.

Fiquei de pé e tomei a mão de Jake na minha. Talvez ele precisasse da força de todos nós para ajudá-lo. Eu não podia tirar isso dele, não quando ele já estava perdendo tanta coisa.

– Está bem, então. Podemos esperar um pouco.

Vinte minutos depois, meu pai atravessou a porta do quarto de Joe. Seu cabelo e o pesado casaco de inverno estavam salpicados de flocos de neve já se dissolvendo e ele estava ligeiramente sem fôlego. Na mão, trazia uma pequena bolsa de compras de uma conhecida loja de departamentos. Jake saiu do meu colo e foi correndo ao seu encontro.

– Você achou?

Meu pai despenteou seu cabelo escuro num gesto carinhoso e lhe entregou a sacola.

– Achei, sim, Jake. Mas tive que ir a três lojas diferentes. Ainda bem que estão todas abertas até mais tarde por causa das compras de Natal.

– Obrigado, vovô – disse Jake baixinho, a mão mergulhando na sacola.

Olhei para Max e percebi sua expressão confusa, que devia ser igual à minha.

– O que tem aí?

Meus lábios se entreabriram de surpresa enquanto Jake tirava o item da

sacola. Não precisei ler o título do livro que ele pegara. Reconheci-o pelas cores brilhantes da ilustração da capa e por causa das inúmeras vezes que o vira nas mãos fortes de Joe. Eu tinha visto aquele livro – uma edição mais antiga, com orelhas nos cantos das páginas – na manhã do dia anterior. Estava na mesa de cabeceira de Jake, esperando ser apanhado mais uma vez para o tão amado ritual da história para dormir. Embora nós dois nos alternássemos como narradores, aquele livro em especial, o preferido de Jake, só podia ser lido por Joe.

Jake se aproximou da cama com o livro enfiado debaixo do braço.

– Ainda temos um capítulo para ler – declarou ele.

Acho que eu era a única pessoa próxima dele o bastante para perceber o ligeiro tremor em seu queixo.

– E eu não queria que o papai fosse... fosse a lugar nenhum... sem ouvir o final da história.

Olhei para os outros adultos ali com uma tristeza desoladora. Como explicar aquilo a uma criança? Eu achei que tivesse feito isso, achei que ele tivesse entendido, mas, pelo visto, não.

– Jake – comecei, com todo o cuidado –, o papai não vai poder ler a história para você, meu amor. Eu sei que ele ia querer muito ler, se pudesse. É só que ele não pode... Ele não consegue acordar.

Jake pressionou o livro contra o peito como se fosse uma couraça protegendo-o de algum perigo.

– Eu sei, mamãe. Eu entendo. É por isso que *eu* vou ler para ele. Só desta vez. Vai ajudar o papai a dormir melhor.

Fiquei em silêncio. Era o máximo que eu podia fazer para não soluçar alto enquanto Jake, mais uma vez, subia na cama do pai. Ele acomodou seu corpinho e passou o braço em torno do ombro de Joe, espelhando a maneira que o pai sempre o puxava para perto quando lia para ele. Um som baixinho de choro se ouvia acima do respirador que enchia os pulmões de Joe. Ergui os olhos para ver quem chorava e percebi que éramos todos nós. Até mesmo as duas enfermeiras discretamente postadas em um dos cantos do quarto tinham lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Muito bem, onde estávamos, então? – disse Jake, copiando as palavras que ouvira mil vezes de nós dois.

Folheou o livro até chegar ao capítulo final, não lido.

Jake era um garotinho inteligente, sempre fora, mas o livro era avançado até mesmo para ele. Naquela noite, porém, as palavras compridas e por vezes complicadas não foram capazes de detê-lo. Correndo os dedos sob as linhas de cada página, ele ia lendo, tropeçando aqui e ali em alguma palavra, mas soletrando, muito decidido, as que não lhe eram familiares. Não o ajudei, nem mesmo quando vacilava, porque sabia que aquilo era algo que ele precisava fazer. Eu me dei conta, então, que muitos anos depois, quando ele próprio fosse adulto, Jake sempre recordaria a noite em que lera essa história para o pai.

Os olhos de Jake, ao contrário dos nossos, permaneceram secos durante todo o tempo em que leu. Foi só quando murmurou “Fim” e fechou o livro lentamente que começou a chorar. Com enorme ternura, inclinou o corpo e beijou a bochecha de Joe, deixando a boca se demorar ali uma última vez.

– Eu te amo, papai – sussurrou no ouvido de Joe. – Durma bem. Bons sonhos.

Estava repetindo as palavras que Joe lhe dizia todas as noites. Eu prendi a respiração, esperando para ver se ele as completaria.

– Vejo você quando o sol brilhar outra vez – disse ele, a voz parecendo perdida e, pela primeira vez, ser mesmo de uma criança.

Então desceu da cama e buscou os meus braços.

– Agora eu quero ir para casa – confessou com a cabeça enterrada em meu pescoço.

Minha mãe já estava de pé, recolhendo os casacos. Mantive o rosto de Jake encostado no meu corpo, embalando-o como não fazia havia anos, enquanto meus pais se despediam de Joe com um beijo. Depois ambos estenderam a mão para meu filho e eu o virei com todo o cuidado em sua direção.

Ele caminhou até a porta entre os avós, a cabecinha baixa. Ergueu-a mais uma vez, olhou para trás e se desvencilhou de repente das mãos dos dois, voltando correndo para o quarto. De início eu não compreendi o que ele fazia ao se ajoelhar procurando algo desesperadamente embaixo da cama.

– Jake? O que está fazendo? Não pode...

Parei de falar quando ele surgiu de baixo da cama de metal trazendo o adorado bichinho de pelúcia com o qual dormia à noite. Eu me esquecera por completo de que Jake o derrubara mais cedo, na hora da raiva. Ele limpou os pequenos pontos de sujeira do rosto do leão, olhou fundo nos olhos de plástico,

então estendeu o boneco em minha direção.

– O papai pode levar o Simba? Será que os médicos deixam o Simba ir com ele?

– Você não acha que talvez vá sentir falta do Simba?

Jake fez um não vagaroso com a cabeça.

– Eu tenho você e a vovó e o vovô e o tio Max. Mas o papai não vai ter ninguém com ele. Quero que ele fique com o Simba, para não se sentir sozinho.

Tomei o brinquedo da mão estendida de Jake só quando percebi quanto aquele sacrifício era importante para ele.

– Não se preocupe. Vou falar com os médicos – prometi.

~

Eu poderia ter mil anos para me despedir de Joe e, mesmo assim, não seria suficiente. Para nos dar alguma privacidade, Max se sentara numa poltrona na outra extremidade do quarto. Era o mais longe de mim que ele se dispunha a ir. Fingia ler uma revista, fingia não estar me observando com o rosto marcado pela preocupação. Talvez ele até tivesse conseguido me enganar se a revista que segurava não tivesse ficado de cabeça para baixo o tempo todo.

Quando ouvi o ruído de passos entrando no quarto, nem precisei me virar para saber que a enfermeira chegara.

– Sra. Taylor?

Eu me virei na cadeira lentamente. O rosto dela era tão franco e expressivo que as palavras foram redundantes. Eu sabia muito bem o que ela fora fazer ali.

– Sra. Taylor, Ally, eu só queria lhe avisar que a equipe de transplante já chegou. Daqui a pouco vamos precisar transferir Joe lá para cima.

Foi quando entrei em pânico. Eu sabia que o momento se aproximava, é claro que sim. Mas ainda era tão cedo... Nós ainda deveríamos ter décadas inteiras juntos... Meu coração já galopante acelerou ainda mais, como se tentasse nos transportar para longe dali, para algum lugar onde nada disso pudesse nos atingir. Só que esse lugar não existia.

– Você acha que... – tentei falar, e minha voz saiu rouca, como se as palavras estivessem enferrujadas dentro de mim. – Seria possível eu falar com o cirurgião? O que vai operar Joe?

As sobrancelhas da enfermeira se ergueram de leve, deixando nítida sua preocupação.

– Há alguma coisa com a qual *eu* possa ajudá-la? Talvez eu não tenha explicado tudo de forma clara o bastante.

– Não – assegurei-lhe. – Eu compreendo tudo que vai acontecer. Só preciso conversar com ele antes de começar. Tudo bem?

Eu me perguntei se aquele pedido era algo incomum. Percebi pelos olhos dela que sim. No entanto, ela hesitou só por um instante antes de assentir.

– É claro. Vou ver o que posso fazer.

Voltou dali a minutos.

– Se puder me seguir, o Dr. Bertram poderá atendê-la agora.

Eu me levantei e olhei aflita para Joe.

– Ele ainda estará aqui quando a senhora voltar – garantiu-me.

Não me lembro de nada do trajeto até o andar que abrigava o centro cirúrgico. Não me lembro de ter caminhado pelo corredor vazio em direção ao homem alto aguardando pacientemente ao lado de portas de vaivém.

Ele estendeu a mão para mim quando nos aproximamos.

– Sra. Taylor, meu nome é Sydney Bertram e eu serei o cirurgião de Joe. Soube que queria conversar comigo.

Gostei dele de cara, o que me surpreendeu, dadas as circunstâncias. Gostei, em especial, por ele citar Joe pelo nome. Como se fosse um paciente que ainda precisasse de seus cuidados.

– Obrigada por me receber – comecei.

Ele dispensou minha gratidão com um aceno casual. Seus dedos eram longos e elegantes. *Dedos de músico,* pensei. Então me lembrei do trabalho que aqueles dedos logo realizariam e comecei a chorar.

– Tem alguma coisa que gostaria de me perguntar, Sra. Taylor?

Balancei a cabeça e lutei para me recompor. O que eu tinha a dizer era importante demais para eu permitir que se perdesse em meio a lágrimas.

– Eu queria lhe contar a respeito de Joe. Do tipo de homem que ele é. Antes que comecem, eu gostaria que soubessem que ele é muito mais do que uma pessoa que carregava um cartão de doador. Queria que soubessem que ele é engraçado, muito engraçado, rimos juntos o tempo todo. E que ele é gentil e atencioso, não só com a família, mas com todo mundo. Não conheço uma única

pessoa que não goste dele. Ele é um homem maravilhoso de verdade, e é tudo para os pais, para o filho e... para mim.

Hospitais são lugares movimentados. Os centros cirúrgicos precisam ser reservados com antecedência e as cirurgias são agendadas. Eu sabia perfeitamente bem que, em alguma outra parte do prédio, profissionais da área médica aguardavam para começar o seu trabalho. Lá fora, na noite escura e coberta de neve, havia ambulâncias, talvez até mesmo helicópteros, cuja tarefa só teria início quando o trabalho desse cirurgião terminasse. Mas nem um só traço de impaciência surgiu em seu rosto enquanto ele permanecia ali na minha frente, a cabeça ligeiramente inclinada, ouvindo enquanto eu tentava resumir em poucos minutos tudo o que levara oito anos para aprender e amar sobre o homem que agora passava aos seus cuidados. Quando terminei, havia gentileza e simpatia em seus olhos.

– Sra. Taylor, seu marido parece ser um homem que eu teria muita honra em conhecer. Eu lhe dou a minha palavra que, enquanto Joe estiver conosco, minha equipe e eu o trataremos com mais do que mero respeito, mas também com admiração e gratidão. Joe foi um homem corajoso enquanto viveu, mas o que ele está fazendo agora, o que está deixando para trás, é ainda mais valente e corajoso. Assim como a senhora é.

Balancei a cabeça, mas suas palavras me fizeram ter certeza de que eu falara por Joe com toda a eloquência da qual era capaz. Eu contara quem era meu marido. Procurei na bolsa um lenço de papel e senti a ponta afiada de um estojo plástico cutucar meus dedos. A pergunta subiu aos meus lábios sem que eu ao menos me desse conta.

– Soube que às vezes tocam música nas cirurgias. Vocês fazem isso?

O Dr. Bertram inclinou a cabeça.

– Por acaso, sim. Eu prefiro peças clássicas, principalmente Debussy.

Tirei da bolsa o estojo fino e achatado. A última vez que o vira fora 36 horas antes, quando o tirara do aparelho de CD do carro e o substituíra por algo da minha preferência. A capa brilhou sob a luz fluorescente: um violão, um fardo de palha e um chapéu de caubói abandonado.

– Seria possível tocar isto quando estiverem... quando... durante...?

– Será um prazer – respondeu ele, pegando o CD das minhas mãos.

– A faixa quatro é a preferida dele.

– Eu me certificarei de que esteja tocando.

Estendi a mão para o homem que eu sabia que nunca mais voltaria a ver, cujo rosto eu jamais esqueceria.

– Muito obrigada por vir falar comigo.

– Nós é que temos que agradecer à senhora e ao seu marido pelo que estão fazendo.

Suas palavras punham, sutilmente, um fim em nosso encontro.

– Eu preciso ir, a não ser que haja mais alguma coisa que deseje dizer ou perguntar, Sra. Taylor...

A frase pareceu pairar no ar rarefeito e antisséptico do corredor por um momento muito longo.

– Não, Dr. Bertram. Não há mais nada.

Então dei meia-volta e me afastei.

Três coisas me chocaram quando retornei à UTI. A primeira foi o pequeno grupo de pessoas com CENTRO CIRÚRGICO escrito nas costas de seus uniformes verdes. Aguardavam um pouco além do posto de enfermagem, mas não fora de vista. Eram o cortejo final de Joe.

O segundo choque foi ouvir a voz de Max, rouca e debilitada, enquanto tinha sua última conversa, dessa vez unilateral, com o homem que ele permitira depô-lo do posto de meu melhor amigo.

– Financeiramente, nem pense em se preocupar. Nem por um segundo. Está tudo providenciado, certo?

Max deixou escapar um suspiro profundo.

– Com relação a todo o resto, a única coisa que posso lhe prometer é que estarei à disposição deles. Sempre. Fique à vontade para me acertar com um raio se eu não fizer as coisas bem do jeito que você quer.

Caminhei em silêncio até meu amigo e pousei uma das mãos em seu ombro. Ele se sobressaltou com o meu toque.

– Não devia chegar sorrateira assim.

– Por quê? Porque é ruim a gente ouvir quanto alguém nos ama?

Minha mão saiu de seu ombro para pousar em seu rosto. Olhei em seus

olhos, que estavam muito mais vermelhos do que quando eu deixara o quarto.

– Porque eu já sabia – falei, dando-lhe um beijo suave na testa.

– Devia ter chegado um ou dois minutos antes, para me ouvir prometer a ele que vou levar Jake a Nashville assim que ele tiver idade suficiente.

De algum lugar distante, um sorriso breve e triste veio se formar em meus lábios.

– Joe iria gostar.

Fez-se um longo momento de silêncio, que Max interrompeu:

– Você disse o que queria ao cirurgião?

Meneei a cabeça com tristeza.

– Disse – respondi, respirando fundo para me controlar. – Agora eu queria ficar sozinha com Joe um pouco.

Max ficou de pé, meio atrapalhado, chocando-se com a cadeira e com a borda da cama ao tentar atravessar o quarto e chegar à porta. Ao se virar na entrada, entendi por que havia tropeçado. Seus olhos tinham sido cegados pelas lágrimas.

– Faça uma jornada segura, grandão.

E então veio o último choque, quando notei que, depois de um dia de lágrimas, meus olhos estavam secos. Não que eu tivesse ficado insensível à dor, mas algo maior sutilmente empurrava as sensações ruins para escanteio. Demorei um pouco para me dar conta do que era: amor. Eu amava Joe demais para tornar nosso último momento juntos algo cheio de tristeza e sofrimento. Nós não éramos assim. Seria errado macular os nossos últimos instantes dessa forma.

Bem devagar, ergui a mão de meu marido e rocei a ponta de seus dedos pelos contornos do meu rosto. Com minha mão livre, fiz o mesmo no rosto dele. Tive a sensação de que, dessa forma, unia nossas almas de maneira sagrada. Gravava a lembrança em nós dois... para podermos nos encontrar outra vez.

Fechei os olhos e um caleidoscópio de recordações passou girando: nosso primeiro beijo; a primeira vez que ele lentamente me despiu; como suas mãos – normalmente tão fortes e confiantes – tremiam quando as pousara em mim, como se eu fosse feita do mais delicado cristal, belo mas frágil. As imagens foram passando e eu mais uma vez vi a expressão em seus olhos quando eu me entregara a ele. A paixão pegando os dois de surpresa. Ainda era assim... ou

melhor, tinha sido sempre assim.

O carinho dos meus dedos chegou à sua boca. Ignorei o tubo plástico, escolhendo enxergar apenas o sorriso que só pertencera a mim. Curvei-me para beijar seus lábios, ainda tão rosados, ainda tão mornos. Eles permaneceram imóveis, mas, no meu coração e na minha mente, retribuíam o meu beijo, seus braços me puxando para um abraço forte que me unia ao seu corpo.

– Não é aqui que termina, Joe. Não para nós.

Meus lábios roçaram os dele enquanto eu dava voz à promessa que, onde quer que Joe estivesse, eu sabia que ele ouviria.

– Eu o verei outra vez.

E P Í L O G O

O táxi parou diante do impressionante edifício de apartamentos. Ally se inclinou para a frente e olhou para cima, na direção do último andar. As vidraças das janelas da cobertura cintilavam sob o luminoso sol de junho.

– Chegamos – disse ela ao seu companheiro de viagem, cuja cabeça estava curvada, concentrada no aparelho em suas mãos.

Ele ergueu os olhos, guardou o aparelho no bolso e sorriu para ela. Esperaram até que o táxi se afastasse, então caminharam de mãos dadas em direção aos elaborados portões de ferro forjado da entrada. Uma câmera de segurança acordou com um zumbido enquanto Ally procurava o sobrenome familiar no teclado do interfone. Quando estendeu a mão para pressionar o botão mais alto, seu dedo tremia um pouco, e não foi nenhuma surpresa que ele percebesse. Ultimamente ele a observava bem de perto.

– Está se sentindo bem? Está nervosa? – perguntou ele.

Ela fez que não com a cabeça, mas depois lembrou que haviam prometido sempre dizer a verdade um ao outro.

– Bem, um pouco, talvez.

– A gente não precisa entrar – assegurou ele.

Por um único segundo ela considerou as palavras dele, antes de menear a cabeça de novo.

– Sim, precisamos.

~

Charlotte andava de um lado para outro. Na última meia hora, ela fora e voltara até as portas duplas de vidro no hall de entrada pelo menos dez vezes. Chegara mesmo a pressionar a orelha contra o teclado prateado embutido na parede, perguntando-se se perceberia caso estivesse com defeito. Seus saltos

estalaram no piso de mármore reluzente quando ela seguiu até uma mesa com um vaso alto de orquídeas cor de creme e seu celular. Ela verificou a tela, ainda esperando ver uma mensagem de última hora de Ally cancelando o encontro. Não havia nada.

Poderia culpar Ally se ela desse alguma desculpa para não aparecer? Honestamente, não. Apesar dos muitos telefonemas entre as duas ao longo dos últimos seis meses, essa seria a primeira vez que ela encontraria Ally desde aquela noite terrível no hospital, em dezembro. Tantas coisas haviam acontecido desde então... Charlotte não era mais a mesma pessoa e, pelo que ela podia ver, tampouco Ally. O que não era nem um pouco surpreendente. O que as duas haviam passado teria mudado qualquer um.

A nova Charlotte era mais tranquila do que a antiga, mais tolerante e menos exigente. Agora ela saía do trabalho na hora certa e se certificava de que os funcionários fizessem o mesmo. Quando se chega tão perto da beira de um precipício a ponto de sentir o vento açoitando o rosto, é preciso reconhecer que é hora de mudar. A maior surpresa – tanto para ela quanto para Ally – tinha sido a amizade inesperada que se estabelecera entre elas. Nascera de forma sutil e, quando as duas se deram conta, lá estava, delicada mas já incrivelmente forte.

A tela no interfone ganhou vida e Charlotte viu a imagem de seus visitantes exibida na parede. A respiração ficou presa na garganta. Abriu o portão para eles e acompanhou seu progresso no monitor enquanto cruzavam o pequeno pátio e subiam os degraus em direção à entrada principal do prédio. Hesitou por um momento. Quando pressionasse o botão seguinte, estaria fazendo muito mais do que permitir a entrada de Ally em seu prédio; ela estaria lhe dando entrada em sua vida. Era o que ela queria? Seria capaz de lidar com isso? Charlotte fechou por um instante os olhos tão bem maquiados. Então apertou o botão.

~

– Que elegante! – observou Ally, quando entraram no edifício e as portas reluzentes do elevador de bronze se abriram à sua frente.

Seu companheiro deu de ombros. Ally não ficou nem um pouco surpresa por ele não parecer impressionado.

O elevador não tinha botões. Era programado para saber qual dos moradores

tinha dado entrada ao visitante e para qual apartamento ele se dirigia. Cada andar abrigava apenas uma residência.

A subida até o décimo andar, a cobertura, era curta demais para que Ally tivesse chance de mudar de ideia, mas longa o suficiente para que ela questionasse se aquela tinha sido uma boa ideia. O elevador parou de maneira quase imperceptível; as portas deslizaram, e lá estava Charlotte.

As duas mulheres hesitaram por um momento antes de se decidirem por um abraço. O gesto foi um pouco desajeitado, porém isso era bastante compreensível. Os olhos de Charlotte se desviaram para a pessoa ao lado de Ally. Ele era mais alto do que ela se lembrava, vestido casualmente com camisa e jeans. Se estava nervoso ou desconfiado em relação àquele encontro, disfarçou bem seus sentimentos.

Aquela era sua casa, seu território, mas Charlotte de repente se sentiu insegura e desconfortável. Passara o dia todo se preparando para aquele momento. A geladeira transbordava com a abundância de coisas que ela comprara. Havia pães artesanais e diversas opções de bolos na cozinha. Também havia vinho na adega elétrica e opções variadas de refrigerantes. Ela não tinha ideia do que servir ou do que comprar – então tinha comprado tudo.

Um movimento chamou a atenção de Ally. O apartamento era enorme e a imensa sala de estar se abria para uma espetacular varanda que abrangia toda a largura do cômodo. As portas de vidro que levavam à área externa estavam abertas e um homem alto de cabelo escuro veio em direção a elas. A mão de Ally foi subitamente agarrada pelo garoto ao lado dela.

– Por favor, entrem – convidou Charlotte.

Se ela disse mais alguma coisa, Ally não ouviu. Não conseguia escutar nada além dos estrondosos batimentos de seu coração. De repente, ela foi assolada por dúvidas em relação a tudo aquilo. Teria sido uma péssima ideia? Seria cedo demais para fazerem isso?

David entrou na sala. Ele parecia forte e saudável. Aquele não era o mesmo homem que Ally vira pela última vez no hospital: frágil, ofegante e ligado a uma profusão de máquinas. Esse homem parecia cheio de vida. Por um único segundo, Ally se perguntou se deveria se ressentir.

– Olá, Ally – disse David, gentil. – Estou muito feliz que você tenha decidido vir hoje. Obrigado.

Ally assentiu em resposta.

– E você deve ser Jake – disse David, olhando o filho pela primeira vez.

Não houve nenhuma mão estendida nem braços abertos. Por mero instinto, ele já devia saber que nenhuma das saudações teria sido apropriada. A voz de David parecia calma, mas, para as mulheres na sala, que o conheciam tão bem, tudo o que sentia encontrava-se em seus olhos.

Jake deu um pequeno passo à frente e olhou seu pai biológico por um longo momento.

– Você se parece comigo – disse com tranquilidade.

O sorriso de David foi dolorosamente familiar para Ally. Ela o conhecia de seu passado, assim como porque era o sorriso de seu filho.

– Não – replicou David com naturalidade. – Você é muito mais bonito.

– Ally, por favor, sente-se – insistiu Charlotte.

Ally queria ficar o mais perto possível de Jake, mas Charlotte praticamente a carregou até um sofá confortável e fundo com um estofamento de couro muito macio.

– Vou buscar uma almofada para você – disse Charlotte, correndo até outro cômodo.

Sua ansiedade em deixar sua convidada confortável vinha surtindo o efeito contrário.

Para um homem não familiarizado com crianças, David parecia entender bem como não as sufocar de atenção. Ele se voltou para a ex-namorada.

– Como vai, Ally? Você parece muito bem.

Ally deu uma risadinha autodepreciativa, mas ele insistiu:

– É verdade, Ally. Acho que nunca a vi mais bonita.

Charlotte voltou à sala, trazendo uma pequena almofada nos braços. Seus passos hesitaram por um breve momento ao ouvir as palavras de David, e uma tristeza fugaz nublou o sorriso que ela havia colado no rosto.

– Concordo – acrescentou ela. – Você está radiante.

Ally mordeu o lábio, ciente de quanto devia ser difícil para a outra dizer isso. Charlotte deslizou a almofada atrás de suas costas e Ally sorriu com gratidão enquanto pousava as mãos na barriga volumosa. Como se soubesse que aquele era um momento importante, o bebê dentro dela, a filha de Joe, chutou com força o ponto em que a palma de Ally se apoiava. Charlotte viu o movimento

através do tecido do vestido de Ally e, embora seu rosto mostrasse surpresa, não havia nenhuma inveja lá.

– Você também parece ótimo – disse Ally a David.

– Eu *estou* ótimo – confirmou ele. – Melhor do que poderia imaginar.

Ele fez uma pausa, como se não tivesse certeza se devia ou não completar a frase.

– Graças a você – decidiu-se por fim.

Ally fechou os olhos, lutando contra a ferroada das lágrimas, e o elegante apartamento em que se encontrava desapareceu de sua mente, dando lugar a um corredor de hospital, numa longa noite de dezembro que unira irrevogavelmente suas vidas. Ela ouviu o eco da voz do cirurgião: “Eu preciso ir, a não ser que haja mais alguma coisa que deseje dizer ou perguntar, Sra. Taylor...” Ela dissera não. Chegara a dar meia dúzia de passos, afastando-se, antes de fazer meia-volta, como sempre soubera que aconteceria. “Ouvi dizer que é possível pedir que a doação seja feita a alguém que escolhermos. Se isso existe mesmo, há um homem lá embaixo, na UTI. Seu nome é David Williams...”

O Dr. Bertram não tinha dado nenhuma garantia naquele momento. Limitara-se a dizer que ia examinar a questão. Mas, enquanto Ally chorava nos braços de Max no trajeto de táxi do hospital para casa, David já era preparado para a cirurgia.

~

David sentou-se em uma banqueta de vime na varanda e, depois de um aceno de cabeça de sua mãe encorajando-o, Jake o acompanhou.

– Não sei como devo chamar você – disse o menino, por fim.

– “David” me parece bom – respondeu seu pai.

O menino, que estivera estudando atentamente os próprios tênis, levantou a cabeça com alívio no olhar.

– Ah, então está bem. Eu... Eu fiquei pensando se você ia querer “papai” ou “pai”, ou alguma coisa assim.

David lançou um olhar rápido para Ally, e em seus olhos havia carinho. Ele se inclinou, aproximando-se um pouco mais do filho.

– Eu não sou seu pai, Jake. E eu nunca, jamais, vou tentar fingir que sou,

nem tentar tomar o lugar dele. O nome do seu pai era Joe, e ele era um cara muito bacana, e eu lamento muito não poder tê-lo conhecido. Sei quanto você deve sentir falta dele.

Jake assentiu com veemência enquanto os tênis chamavam sua atenção mais uma vez.

– Mas ele não desapareceu, sabe? Não mesmo. Uma parte dele vai viver para sempre.

Jake ergueu os olhos, a compreensão surgindo ali. Ele levantou a mão e apontou para o peito de David.

– Você quer dizer aí?

O sorriso de David foi triste quando balançou a cabeça devagar.

– Não. Quero dizer aí – explicou, apontando para o peito de Jake.

Fez uma pausa e olhou mais uma vez para Ally, cujo rosto era uma mistura de surpresa e admiração.

– Sei que você tem idade suficiente para entender que somos parentes. Talvez você até saiba que sou o que chamam de seu "pai biológico". Mas seu pai de verdade era Joe Taylor. Foi ele quem trocou suas fraldas quando você era pequeno, fez você melhorar quando estava doente e pegou você no colo quando você caiu e esfolou os joelhos.

– Ele fez todo o trabalho sujo – confirmou Jake.

David riu.

– Sim, mas também teve as coisas boas. Ele brincou com você, os dois se divertiram juntos, e ele ajudou a fazer de você este garoto inteligente, bacana e incrível que você é. E é assim que ele continua a viver – concluiu David em voz baixa. – Porque ele continua vivo em você.

Ally não tinha a menor ideia se as palavras de David tinham sido ensaiadas ou se eram apenas reflexo dos sentimentos dele, ditas de improviso. Não importava. Ele tinha tocado a nota certa.

– Não quero ser seu pai – repetiu David. – Porque você ainda tem um homem incrível que merece manter esse título, mesmo não estando aqui. Mas o que eu gostaria muito de ser – admitiu ele, inclinando-se um pouco mais para Jake enquanto falava – é seu amigo. Se você deixar.

– Acho que isso seria bom – concordou Jake, olhando para Ally e sendo recompensado com um sorriso orgulhoso, embora lacrimoso.

Jake mordeu o lábio, nervoso, enquanto travava uma luta interna, tentando decidir se devia ou não fazer uma pergunta.

– Eu posso... posso ver? A cicatriz da sua operação?

– Ah, Jake, eu não acho que... – começou Ally, tentando se levantar do sofá cujo estofamento macio quase a engolia.

– Tudo bem – disse David em voz baixa.

Ele olhou para Charlotte e, depois, para Ally, tranquilizando-as.

– Não me importo.

Ele se levantou e levou as mãos à fileira de botões da camisa. Seus dedos bronzeados e fortes foram soltando cada um, expondo centímetro a centímetro seu torso musculoso. Ele não tirou a camisa, apenas a abriu o suficiente para que a linha fina no centro do peito ficasse visível. O pelo macio e escuro que cobria sua pele e descia não havia crescido sobre a longa linha vermelha, embora a pele parecesse bem cicatrizada.

Jake também se levantou e parou diante dele, os olhos fixos na cicatriz.

– Posso tocar?

David assentiu. Ally e Charlotte trocaram um olhar. Por reflexo, Ally levou uma das mãos à barriga, mas a outra se dirigiu à mulher ao seu lado. Charlotte a segurou com firmeza.

David facilitou para Jake, abaixando-se diante dele. A mão do menino atravessou a pequena distância que os separava. Hesitante, ele colocou o dedo indicador no alto da cicatriz vermelha e o deslizou até embaixo.

– Dói?

David negou com a cabeça.

– Agora não. É um bom coração. Muito forte.

Jake assentiu, como se isso fosse algo que ele sempre soubera. Ele correu o dedo mais uma vez pela linha, quase com reverência. Sob a ponta de seus dedos jovens, o coração ali dentro batia forte.

– Oi, pai. Sou eu – sussurrou.

Muito gentilmente, David cobriu a pequena mão de Jake com a sua.

– Ele ouviu você, Jake, eu sei que ouviu.

Não era uma família convencional. Sem dúvida não era comum. Mas, quando os três adultos se entreolharam, cada um deles reconheceu exatamente o que eram: uma família. Durante anos suas vidas haviam sido atadas pelo destino e pela sorte de maneiras que às vezes lhes pareceram impossíveis. Mas, de alguma forma, cada momento tramado pelo acaso os levara até ali, para essas pessoas e esse futuro.

A G R A D E C I M E N T O S

Descobri que, quando você digita “Fim” ao terminar de escrever uma história, não é de fato o fim. Na verdade, é o começo. Porque é aí que alguns indivíduos muito talentosos entram em ação e transformam suas palavras no livro que você sempre imaginou que seria. Gostaria de agradecer à minha maravilhosa editora, Jo Dickinson, e a todos da dedicada e entusiasmada equipe da Simon & Schuster por sua calorosa recepção e por ajudarem a criar algo muito especial.

Também tenho muita sorte por ter não uma, mas *duas* agentes extraordinárias, sem as quais nenhuma das coisas incríveis que me aconteceram nos últimos dois anos teria ocorrido. Como sempre, Kate Burke e Diane Banks, vocês são mais do que excepcionais.

Lembro-me dos tempos de escola (e estamos falando de *muito* tempo atrás), quando meu professor aconselhava: “Só escreva sobre o que você sabe.” Talvez esse seja um bom conselho, só que eu não o segui à risca! Mas busquei especialistas que poderiam preencher as (muitas) lacunas do meu conhecimento e que foram pacientes em me explicar o que eu precisava saber. Eu os escutei com atenção antes de escrever. Ainda assim, se entendi algo errado, por favor, aceitem minhas desculpas, porque os erros são só meus, não deles. (É por isso que me deixam escrever livros, mas você não vai me querer como médica!)

Assim, Hazel e Mark, obrigada por não serem apenas os amigos mais incríveis do mundo, mas também por responderem as minhas numerosas perguntas. A ajuda de ambos com todas as coisas relacionadas a esqui, avalanches, coberturas luxuosas e doenças do coração foi inestimável. (Ainda assim, vocês nunca vão me ver esquiando!)

Obrigada a Rachel Boyd por me ajudar com as questões médicas e por me apontar a direção certa. Tenho certeza de que você terá uma carreira de sucesso na medicina, sobretudo porque não ri quando alguém lhe pergunta algo totalmente ridículo.

Uma de minhas cenas favoritas deste livro é a do rinque de patinação no Rockefeller Center, em Nova York. Quando minha grande amiga Kim me contou a história de sua filha, Faye, e o namorado, Ben, que ficaram noivos ali durante uma viagem de Natal, eu soube que teria que "pegar emprestada" sua história para Charlotte e David. Obrigada a ambos por me permitirem compartilhar seu momento romântico com todos. E, sim, é *possível* mesmo reservar um horário para pedir alguém em casamento lá.

Falando de um tema mais sério: eu não teria sido capaz de contar bem esta história sem a ajuda da central de transplantes do Reino Unido. Seu site foi meu ponto de referência diário e me deu um breve vislumbre de suas notáveis realizações. Gostaria de agradecer particularmente a uma enfermeira especializada muito paciente e bem-informada, que conversou muito comigo sobre transplante e doação de órgãos, porque – mais do que qualquer coisa – eu queria abordar essa questão da forma correta. Tenho grande admiração por todos os dedicados profissionais envolvidos nessas cirurgias que salvam tantas vidas e, mais ainda, pelas corajosas famílias que doam os órgãos de seus entes queridos. Não tenho vergonha de admitir que me vi aos prantos diversas vezes enquanto lia seus relatos tão comoventes.

Sempre agradeço a toda a minha família por seu amor e apoio, mas, desta vez, gostaria de destacar meu filho Luke por sua ajuda. Como Ally, ele se formou em música e também toca piano e trompete (e também foi músico substituto algumas vezes na Moonlighters). Os talentos de Ally foram criados como uma espécie de homenagem a Luke, o único membro de nossa família que leva jeito para música. Enquanto eu escrevia o livro, meu filho me ajudou com diversas dúvidas estranhas, mas, provavelmente, nenhuma o surpreendeu tanto quanto "Se você fosse mulher e musicista, o que gostaria de ouvir quando estivesse dando à luz?". Para essa, a resposta foi um e-mail de duas palavras: "O quê??!!!"

Não posso me despedir sem agradecer a Ralph, Kimberley e Luke por serem meus maiores fãs e críticos mais sinceros. Vocês me encorajaram quando eram os únicos que liam o que eu escrevia. E continuam a me encorajar todos os dias. Vocês são, simplesmente, os melhores.

SOBRE A AUTORA

DANI ATKINS nasceu e foi criada em Cockfosters, Londres. Sempre trabalhou muito e somente quando seus dois filhos cresceram e saíram de casa ela começou a se dedicar ao sonho de ser escritora. *Nossa música* chegou ao primeiro lugar na lista de e-books da Amazon e foi considerado um dos melhores romances de 2016 no iBooks. Dani é também autora de *Uma curva no tempo* e *A história de nós dois*, ambos publicados pela Editora Arqueiro.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Informações sobre a Arqueiro